

FAYE KELLERMAN

AUTORA
*BEST SELLER DO
THE NEW YORK TIMES*

GUN GAMES

HarperCollins



**FAYE
KELLERMAN**

GUN GAMES



Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

Gun Games

Título original: Gun Games

© 2012, Plot Line, Inc.

© 2017, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.

Publicado originalmente por HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Tradutora: Fátima Tomás da Silva

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização de HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Imagem da capa: Dreamstime.com

ISBN: 978-84-9139-146-3

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Página de título

Créditos

Sumário

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Para Jonathan

Capítulo 1

Antecipou o problema assim que entraram pela porta.

Dirigiam-se para ele: eram cinco, três rapazes, duas raparigas, e todos deviam ser mais velhos do que ele, mas, provavelmente, ainda estavam no secundário. Os rapazes tinham alguns músculos, mas não demasiados, o que significava que conseguiria lidar com eles individualmente. Em grupo, não teria a mínima hipótese. Além disso, Gabe não ia procurar uma luta. Da última vez que acontecera, magoara a mão temporariamente. Tivera sorte. Talvez voltasse a tê-la. Se não, tinha de ser inteligente.

Levantou os óculos na ponta do nariz e continuou a olhar para o livro até o grupo se aproximar. Mesmo nesse momento, não levantou o olhar. Não ia acontecer-lhe nada dentro de um Starbucks... Olhou para a página que tinha à frente e a mente trabalhou a mil à hora.

— Estás no meu lugar — avisou um dos rapazes.

O pai enfatizava sempre que, se alguma vez tentassem atacá-lo, o melhor era lidar com o líder. Porque, com o líder fora de combate, os outros caíam como peças de dominó. Gabe contou até cinco antes de levantar o olhar. O tipo que falara era o maior dos três.

— Desculpa? — perguntou Gabe.

— Disse que estás no meu lugar. — E, para enfatizar as palavras, afastou o casaco e deixou que Gabe visse a pistola que tinha na cintura das calças, possivelmente um dos piores lugares para guardar uma arma sem cinto. Havia apenas duas pessoas no mundo de quem Gabe aguentava tolices e não estava à frente de nenhuma delas. Ceder seria um erro. Por outro lado, enfrentá-los também seria um erro. Por sorte, o tipo deu-lhe a solução perfeita.

Gabe levantou o dedo indicador.

— Importas-te? — Lentamente e com cuidado, afastou o casaco do rapaz com o dedo e ficou a olhar para a pistola. — Uma *Beretta 92FS* com punho personalizado. — Fez uma pausa. — Não é má. — Soltou o casaco. — Sabes que a empresa acabou de lançar um novo modelo? A 96A ou uma coisa

dessas. É tal como a série 92, mas tem maior capacidade de tambor.

Gabe levantou-se. Frente a frente, era cerca de cinco centímetros mais alto do que o da pistola, mas não tencionava gabar-se da diferença de altura. Deu um passo para trás para que ambos tivessem espaço.

— Eu gosto das de cano longo... como a *Cheetah* 87. Para começar, é de confiança. Além disso, é uma daquelas pistolas ambidestras. Eu sou destro, mas tenho muita força na esquerda. Sabes... Nunca se sabe qual será a melhor mão para usar.

Entreolharam-se fixamente e Gabe concentrou-se no tipo da pistola. Para ele, era como se os outros quatro não existissem. Então, com um movimento rápido e fluido, afastou-se para um lado e estendeu a mão para lhe oferecer o seu lugar magnanimamente.

— Por favor...

Passaram uns segundos enquanto um esperava que o outro pestanejasse.

— Senta-te — convidou o rapaz, finalmente.

— Tu primeiro.

Continuavam a entreolhar-se e, depois, sentaram-se ao mesmo tempo. O rapaz da pistola ocupou a poltrona de couro em que Gabe estivera sentado antes. Não parou de olhar para a cara dele, sem baixar a guarda, nem mesmo por um instante. O rapaz teria cerca de um metro e setenta e cinco e pesaria oitenta quilos, tinha o peito desenvolvido e os braços fortes. Tinha o cabelo castanho por debaixo das orelhas, os olhos azuis e o queixo marcado. Por baixo do casaco de couro, usava uma *t-shirt* cinzenta e tinha umas calças de ganga pretas e justas. Era um rapaz bonito e, provavelmente, tinha imensas admiradoras.

— Onde aprendeste tanto sobre pistolas? — perguntou o rapaz.

— Com o meu pai — respondeu Gabe, encolhendo os ombros.

— O que é que ele faz?

— O meu pai? — Ao dizer aquilo, Gabe sorriu. — Eh... De facto, é um proxeneta. — Fez-se o silêncio que esperava. — Tem bordéis no Nevada.

O outro ficou a olhar para ele com um respeito renovado.

— Excelente!

— Parece melhor do que é — declarou Gabe. — O meu pai é um homem desagradável, um verdadeiro canalha. Também tem um milhão de pistolas e sabe como usar todas e cada uma delas. Dou-me bem com ele porque não o zango. Além disso, já não vivemos juntos.

— Vives com a tua mãe?

— Não. Ela está na Índia. Desapareceu com o amante e deixou-me ao cuidado de uns completos desconhecidos...

— Estás a brincar?

— Oxalá estivesse a brincar. — Gabe riu-se. — O ano passado foi um verdadeiro pesadelo — esfregou as mãos. — Mas, no fim, correu tudo bem. Gosto do lugar onde estou. O meu pai de acolhimento é inspetor-coordenador da polícia. As pessoas esperariam que fosse muito severo, mas, comparado com o meu pai biológico, esse homem é um santo. — Olhou para o relógio. Eram quase seis da tarde e estava prestes a anoitecer. — Tenho de ir. — Levantou-se e o outro rapaz fez o mesmo.

— Como te chamas? — perguntou o outro.

— Chris — mentiu Gabe. — E tu?

— Dylan. — Chocaram o punho. — Em que escola estás?

— Estudo em casa — respondeu Gabe. — Já quase acabei, graças a Deus. Bom, foi um prazer conhecer-te, Dylan. Talvez te veja no campo de tiro.

Virou as costas ao grupo e afastou-se lentamente. Teve de fazer um esforço para não olhar para trás.

Uma vez lá fora, começou a correr a toda a velocidade.

Rina estava a arranjar as rosas quando o rapaz entrou, ofegante e com a cara vermelha.

— Estás bem? — perguntou.

— Não estou em forma. — Gabe tentou respirar com normalidade. Tentou sorrir para a mãe temporária, mas não lhe saiu com muita naturalidade. Sabia que Rina estava a estudá-lo, a olhar para ele fixamente com os seus olhos azuis. Usava uma camisola cor-de-rosa que condizia com as flores. Tentou procurar alguma coisa pouco importante para dizer. — Que bonitas. São do jardim?

— Do Trader Joe's. As rosas do jardim só começarão a florescer dentro de alguns meses — ficou a olhar para o rapaz e viu que os seus olhos verdes cor de esmeralda brilhavam por trás dos óculos. Passava-se alguma coisa. — Porque vieste a correr?

— Tento manter-me em forma — respondeu Gabe. — Tenho de fazer alguma coisa para ganhar energia.

— Acho que alguém capaz de praticar durante seis horas por dia tem muita energia.

— Diz isso ao meu coração.

— Senta-te. Vou buscar-te alguma coisa para beber.

— Eu posso ir. — Gabe foi à cozinha. Quando regressou, trazia uma garrafa de água. Rina ainda olhava para ele com desconfiança. Para a distrair, pegou no jornal da mesa da sala de jantar. A fotografia da capa mostrava um rapaz e o título dizia que Gregory Hesse, de quinze anos, se suicidara com um tiro na cabeça. Tinha a cara redonda e os olhos grandes e parecia ter menos de quinze anos. Gabe começou a ler o artigo com atenção.

— Que triste, não é? — comentou Rina, olhando por cima do seu ombro. — Perguntamo-nos o que raio poderia ser tão horrível para esse pobre rapaz estar disposto a pôr fim a tudo.

Havia muitas razões para perder a esperança. No ano anterior, ele passara por todas elas.

— Às vezes, a vida é difícil.

Rina tirou-lhe o jornal, virou-o e olhou para ele nos olhos seriamente.

— Parecias aborrecido quando entraste.

— Estou bem — conseguiu sorrir. — A sério.

— O que se passou? O teu pai ligou-te ou algo assim?

— Não. Estamos bem. — Quando Rina olhou para ele com ceticismo, acrescentou: — A sério. Não falei com ele desde que voltámos de Paris. Trocámos algumas mensagens. Perguntou-me como estava e disse-lhe que estava bem. Estamos bem. Acho que gosta muito mais de mim agora que a minha mãe não está cá.

Bebeu um gole de água e olhou para outro lado.

— Disse-te que a minha mãe me enviou uma mensagem há uma semana?

— Não, não me disseste.

— Devo ter-me esquecido.

— Claro...

— A sério. Não era grande coisa. Quase não lhe respondi porque não reconheci o nome que aparecia no ecrã.

— Está bem?

— Parece que sim — encolheu os ombros. — Perguntou como estava. — Por trás dos óculos, os seus olhos olhavam para o vazio. — Disse-lhe que estava bem e que não se preocupasse... Que estava a correr tudo bem.

Depois, desliguei. — Voltou a encolher os ombros. — Não me apetecia conversar. Para dizer a verdade, preferia que não entrasse em contacto comigo. É assim tão terrível?

— Não. É compreensível — replicou Rina, com um suspiro. — Têm de voltar a construir vínculos antes de conseguires confiar...

— Isso não vai acontecer. Não é que tenha alguma coisa contra ela. Desejo-lhe o melhor. Só que não quero falar com ela.

— Parece-me justo. Mas tenta manter a mente aberta. Quando voltar a entrar em contacto contigo, talvez possas conceder-lhe mais alguns segundos do teu tempo. Não por ela, mas por ti.

— Se voltar a entrar em contacto comigo.

— Vai fazê-lo, Gabriel. Sabes que sim.

— Eu não sei nada. Tenho a certeza de que estará ocupada com o bebé e essas coisas.

— Um filho não substitui outro...

— Obrigado pelo discurso, Rina, mas a verdade é que não importa. Mal penso nela. — Ainda que, na verdade, não conseguisse parar de pensar nela. — O bebé precisa muito mais dela do que eu — sorriu e acariciou-lhe a cabeça. — Além disso, tenho uma substituta maravilhosa aqui mesmo.

— A tua mãe continua a ser a tua mãe. E, algum dia, vais perceber. Mas muito obrigada pelas tuas palavras.

Gabe devolveu a atenção ao artigo do jornal.

— Ena, o rapaz era da zona.

— Sim, é verdade.

— Conheces a família?

— Não.

— E... O tenente investiga casos assim?

— Só se o médico forense não achar que foi um suicídio.

— E como é que o médico forense pode sabê-lo?

— A verdade é que não sei. Tens de perguntar ao Peter quando voltar.

— Quando voltará?

— Em algum momento entre agora e o amanhecer. Queres ir ao supermercado comprar alguma coisa para o jantar?

Os olhos de Gabe iluminaram-se.

— Posso conduzir?

— Podes, sim. Já que vamos lá, podíamos comprar uma sandes para o

inspetor. Se não lhe levar comida, não come.

Gabe pousou o jornal.

— Posso tomar banho primeiro? Estou um pouco suado.

— Claro.

Gabe sabia que Rina continuava a avaliá-lo. Ao contrário do pai, ele não era um mentiroso hábil.

— Preocupas-te demasiado — observou. — Estou bem.

— Acredito em ti. — Rina acariciou-lhe o cabelo, húmido pelo suor. — Vai tomar banho. São quase sete e estou cheia de fome.

— A quem o dizes... — Gabe sorriu para si. Acabara de usar uma das expressões favoritas do inspetor-coordenador. Estava há quase um ano com os Decker e certas coisas tinham começado a contagiá-lo. Apercebeu-se dos rugidos da fome. O seu estômago tivera de se acalmar para o cérebro receber a mensagem de que não comia desde o pequeno-almoço e estava cheio de fome.

Os nervos não lhe tiravam o apetite, mas as pistolas afetavam o seu sistema digestivo.

Não como o pai.

Não havia uma arma de fogo de que Chris Donatti não gostasse.

Capítulo 2

Desde que o caso Hammerling aparecera no programa de televisão *Fugitive*, Decker não fizera outra coisa senão receber chamadas e quase todas levavam a becos sem saída. Mesmo assim, tinha por costume seguir qualquer pista, por muito absurda que pudesse ser. Um assassino em série andava à solta e não podiam ignorar nada. A pista atual procedia do deserto do Novo México, numa pequena vila situada entre Roswell — conhecida pelos seus avistamentos de ovnis — e Carlsbad, conhecida pela sua rede de grutas subterrâneas. Um lugar no meio do nada era sempre uma boa opção para se esconder. Além disso, essa região era a caminho da Ciudad Juárez, no México, onde, segundo algumas estimativas, se tinham cometido mais de vinte mil assassinatos na década passada. A maioria das vítimas participava em guerras de drogas. Mas também havia uma ampla minoria de assassinatos de mulheres jovens, possivelmente cerca de cinco mil, chamados feminicídios, cujas vítimas iam desde os doze aos vinte e cinco anos e, aparentemente, não tinham relação umas com as outras. A afeição dos mexicanos pela violência seria uma cobertura muito conveniente para alguém como Garth Hammerling, se conseguisse não acabar morto também.

Decker passou os dedos pelo cabelo, que conservava alguns reflexos vermelhos entre o cinzento e o branco. Hannah dizia que os reflexos pareciam muito *punk*. Sorriu ao pensar na filha mais nova. Estava a passar o ano em Israel e, depois daquilo, começaria a universidade em Barnard. Os seus filhos iam desde os trinta e tal anos até aos dezoito e ele ainda não experimentara a síndrome do ninho vazio, graças a duas pessoas com muitos problemas que, sem se aperceber, tinham pedido ajuda a Rina e a ele para criar o seu filho. Mas Gabriel era um bom miúdo. Não era um estorvo, embora fosse uma presença.

Atualmente, Rina estava a ensinar o rapaz, que tinha quinze anos, a conduzir.

«Pensava que já tinha deixado isto para trás», comentara ela. «Fazemos planos e Deus ri-se de nós.»

A boa notícia era que os netos, Aaron e Akiva, filhos da filha mais velha, Cindy, tinham quase três meses. Tinham-se adiantado três semanas e nasceram com dois quilos, seiscentos e vinte e três gramas e dois quilos, setecentos e cinquenta gramas, respetivamente. Para o fim da gravidez, Cindy engordara quase vinte e sete quilos. Mas, sendo atlética e fazendo exercício quase todos os dias, perdera esses quilos e mais. Agora, estava de baixa por maternidade no seu trabalho de inspetora no distrito de Hollywood. Tencionava regressar assim que encontrasse uma boa ama. Enquanto isso, Rina e a ex-mulher, Jan, encarregavam-se deles com muito prazer. Os bebés davam muito mais trabalho do que Gabe.

Decker alisou o bigode enquanto estudava a mensagem telefónica.

A pista fora proporcionada pela Polícia do estado do Novo México. Era a quarta vez que viam Garth Hammerling no Novo México e Decker começava a pensar que talvez tivesse planos. Marcou o código da área 505 e, depois de uma série de esperas e desvios, passaram a chamada para a CIS — a Secção de Investigações Criminais — na Divisão 4. O investigador encarregado daquele caso chamava-se Romulus Poe.

— Conheço o tipo que ligou para o programa — disse Poe a Decker. — Tem um hotel em Indian Springs localizado a cerca de sessenta e cinco quilómetros a sul de Roswell. O tipo é o que podíamos chamar uma personagem indígena. Vê e ouve coisas que escapam aos simples mortais. Mas isso não significa que esteja completamente louco. Eu estou aqui há doze anos. Antes disso, passei dez anos nos Homicídios no centro de Las Vegas. Conheci muitas pessoas estranhas. O deserto não é um lugar para covardes.

— Como se chama o tipo? — perguntou Decker.

— Elmo Turret.

— Qual é a sua história?

— Diz que viu um homem que se parecia com o da fotografia de Hammerling que tiraram no *Fugitive*. O Elmo diz que o viu há alguns dias a cerca de quinze quilómetros do hotel dele. Eu estou a acabar uma rusga da brigada antidroga. Passei a tarde numa plantação de marijuana. Assim que acabar com os donos do terreno, passarei pela zona com a minha mota e verei se encontro alguma veracidade na história.

— Ligue-me de qualquer forma. É o quarto aviso que recebo do Novo México.

— Não me surpreende. Alguma vez lá esteve?
— Só em Santa Fé.
— Isso é outro país, civilizado, na sua maior parte. Mas aqui... Bom, o que posso dizer? Isto é o Oeste Selvagem.

A papelada demorou mais uma hora e, às sete e meia da tarde, Decker estava prestes a ir para casa quando a sua inspetora-chefe favorita, a sargento Marge Dunn, bateu à ombreira da porta aberta. Media cerca de um metro e setenta e sete, tinha os ombros largos e o corpo bem definido. Vestia-se para o inverno em Los Angeles, com umas calças castanhas e uma camisola de caxemira de cor torrada. O cabelo loiro — mais loiro com cada ano que passava —, estava apanhado numa trança.

— Senta-te — convidou Decker.

— Tenho uma mulher lá fora que quer falar contigo — avisou Marge. — De facto, queria falar com o capitão Strapp, mas, como já se foi embora, conformou-se com o próximo da lista.

— Quem é?

— Chama-se Wendy Hesse e disse-me que são assuntos pessoais. Em vez de insistir, pensei que seria mais fácil deixá-la falar contigo.

Decker olhou para o relógio.

— Claro, manda-a entrar enquanto vou buscar uma chávena de café.

Quando regressou, Marge já estava a fazer com que a mulher misteriosa entrasse. A pele dela tinha um tom acinzentado e pouco saudável e os olhos azuis, embora secos naquele momento, pareciam ter chorado muito. Tinha o cabelo cortado à tigela, de cor castanha-escura e com as raízes brancas. Era uma mulher de complexão larga e devia ter quarenta e muitos anos. Usava um fato de treino preto e ténis.

— Tenente Decker — começou Marge —, esta é a senhora Hesse.

Decker pousou a chávena de café na mesa.

— Quer alguma coisa para beber?

A mulher abanou a cabeça sem levantar o olhar do seu colo e murmurou alguma coisa.

— Desculpe? — perguntou Decker.

Então, levantou a cabeça de repente.

— Não... Obrigada.

— Como posso ajudá-la?

Wendy Hesse olhou para Marge, que disse:

— Vou buscar café. Tem a certeza de que não quer um pouco de água, senhora Hesse?

A mulher rejeitou a segunda oferta. Quando Marge se foi embora, Decker inquiriu:

— Como posso ajudá-la, senhora Hesse?

— Tenho de falar com a polícia. — Cruzou as mãos, uma por cima da outra, e olhou para o colo. — Não sei por onde começar.

— Simplesmente, diga-me o que tem em mente — encorajou-a Decker.

— O meu filho... — os olhos humedeceram. — Dizem que se... que se suicidou. Mas eu... não acredito.

Decker observou-a num contexto diferente.

— É a mãe do Gregory Hesse.

Ela assentiu e as lágrimas começaram a cair-lhe pelas faces.

— Lamento muito, senhora Hesse — ofereceu-lhe um lenço. — Não consigo imaginar como se sente agora. — Quando a mulher começou a soluçar abertamente, Decker levantou-se e pôs-lhe uma mão no ombro. — Deixe-me trazer-lhe um copo de água.

— Talvez seja uma boa ideia — acedeu, assentindo.

Decker encontrou-se com Marge junto da cafeteira.

— É a mãe do Gregory Hesse, o adolescente do jornal que dizem que se suicidou. — Marge ficou com os olhos esbugalhados. — Há alguém dos Homicídios que tenha estado na cena ontem?

— Eu estava no tribunal — redarguiu Marge. Depois, fez uma pausa. — O Oliver estava lá.

— Falou-te disso?

— Na verdade, não. Ficou deprimido. Notava-se na cara. Mas não disse nada sobre a morte parecer suspeita.

Decker encheu um copo de água.

— A senhora Hesse tem as suas dúvidas sobre o suicídio. Importas-te de ficar? Quero que mais alguém a ouça.

— É claro.

Ambos regressaram ao seu escritório.

— Pedi ajuda à sargento Dunn — disse Decker à senhora Hesse. — Trabalha com o Scott Oliver, que esteve em sua casa ontem à tarde.

— Lamento muito a sua perda, senhora Hesse — replicou Marge.

A mulher voltou a chorar.

— Havia... havia muitos policiais na casa — murmurou.

— O inspetor Oliver estava à paisana. Não me lembro do que vestia ontem. Tem cinquenta e...

— Sim — confirmou a mulher, limpando os olhos. — Lembro-me dele. É espantoso... Está tudo impreciso... como num pesadelo.

Decker assentiu.

— Continuo a pensar que... vou acordar — mordeu o lábio. — Está a matar-me. — As lágrimas caíam novamente, mais depressa do que ela conseguia limpá-las. — O que podem fazer por mim é descobrir o que aconteceu realmente.

— Está bem. — Decker fez uma pausa. — Diga-me, em que é que não acredita na morte do seu filho?

As lágrimas caíam sobre as suas mãos cruzadas.

— O Gregory não disparou contra si próprio. Nunca usou uma pistola! Odiava-as. Toda a nossa família odeia a violência em todas as suas formas!

Decker tirou um bloco.

— Fale-me do seu rapaz.

— Não era um suicida. Nem sequer estava deprimido. O Gregory tinha amigos e era um bom estudante. Tinha muitos passatempos. Nunca, nem remotamente, insinuou alguma coisa sobre o suicídio.

— Sentiu alguma mudança nele nos últimos meses?

— Nada.

— Talvez estivesse mal-humorado? — sugeriu Marge.

— Não! — exclamou a mulher, com determinação.

— Dormia mais? — perguntou Decker. — Comia mais? Comia menos?

O suspiro de Wendy denotava exasperação.

— Era o mesmo rapaz de sempre... pensativo... não falava muito. Mas isso não significa que estivesse deprimido, sabe?

— Claro que não — concordou Decker. — Lamento perguntar-lhe isto, senhora Hesse, mas alguma vez tomou drogas?

— Nunca!

— Fale-me um pouco dos passatempos do Gregory. Alguma atividade extracurricular?

A mulher pareceu perturbada.

— Eh... Sei que tentou entrar na equipa de debate — fez-se silêncio. — Fê-lo muito bem. Disseram-lhe para voltar no ano que vem, quando houvesse vaga.

O que significava que não conseguira entrar.

— O que mais? — perguntou Decker.

— Estava no clube de matemática. Tinha muito jeito.

— O que fazia aos fins de semana?

— Estava com os amigos. Ia ao cinema. Estudava. Para além das disciplinas do secundário, estudava num curso de preparação universitária.

— Fale-me dos amigos dele.

A mulher cruzou os braços por cima do peito generoso.

— Talvez o Gregory não fosse dos rapazes mais “populares”. — Fez o símbolo das aspas com os dedos ao dizer populares. — Mas, certamente, não era um marginalizado.

— Tenho a certeza de que não. E os amigos?

— Os seus amigos eram... Dava-se bem com todos.

— Pode ser mais específica? Tinha algum melhor amigo?

— O Joey Reinhart. Eram amigos desde a primária.

— Mais algum? — perguntou Marge.

— Tinha amigos — repetia a senhora Hesse, incessantemente.

Decker focou o assunto de outro modo.

— Se o Gregory tivesse de encaixar numa categoria dentro do secundário, em qual seria?

— O que quer dizer?

— Mencionou os populares. Há outros grupos: os desportistas, os *skaters*, os deslocados, os estudiosos, os rebeldes, os cérebros, os filósofos, os da moda, os góticos, os vampiros, os marginais, os artistas... — Decker encolheu os ombros.

A mulher cerrou os dentes.

— O Gregory tinha todo o tipo de amigos — declarou, finalmente. — Alguns tinham problemas.

— Que tipo de problemas?

— Sabe como é...

— Para nós, problemas costumam ser sexo, drogas ou álcool — explicou Marge.

— Não, isso não. — Wendy retorceu as mãos. — Alguns dos amigos dele

demoraram um pouco a amadurecer. Um deles, o Kevin Stanger... Metiam-se tanto com ele que teve de ir para uma escola privada do outro lado da colina.

— Perseguiam-no? — perguntou Decker. — Com perseguição refiro-me a agressões físicas.

— A única coisa que sei é que se mudou para outra escola.

— Quando aconteceu isso? — perguntou Marge.

— Há cerca de seis meses. — A mulher olhou para baixo. — Mas o Gregory não era assim. Não, senhor. Se se tivessem metido com o Gregory, eu teria descoberto. Faria alguma coisa a respeito disso. Garanto-lhe.

Talvez tivesse sido por isso que Gregory não lhe dissera.

— Alguma vez chegou a casa com golpes ou hematomas que não conseguiu explicar? — perguntou Decker.

— Não! Porque não acredita em mim?

— Acredito em si — contradisse Decker. — Mas tenho de lhe fazer certas perguntas, senhora Hesse. Quer uma investigação competente, não quer?

A mulher ficou calada. Depois, disse:

— Pode chamar-me Wendy.

— Como queira — concedeu Decker.

— Alguma namorada? — perguntou Marge.

— Que eu saiba, não.

— Saía aos fins de semana?

— Normalmente, os amigos e ele iam para casa uns dos outros. O Joey é o único com idade para conduzir. — Os olhos de Wendy humedeceram. — O meu filho nunca o fará — começou a soluçar. Decker e Marge esperaram que a pobre mulher recuperasse a voz. — Algumas vezes... — limpou os olhos —, quando fui buscá-lo... vi algumas raparigas — voltou a enxugar as lágrimas. — Perguntei ao Gregory por elas. Disse-me que eram amigas da Tina.

— Quem é a Tina? — perguntou Marge.

— Oh... perdão. A Tina é a irmã mais nova do Joey. O Frank, o meu filho mais novo, e ela estão no mesmo ano.

— O Joey e o Gregory estavam na mesma escola?

— Bell e Wakefield. Em Lauffner Ranch.

— Conheço-a — replicou Decker.

A Bell e Wakefield era uma escola preparatória exclusiva de North Valley,

com oito hectares de terreno, um campo de futebol moderno, campo de jogos de basquetebol interior, estúdio de cinema e laboratório informático digno da NASA. Ganhava prémios em desportos, arte dramática e ciências, nessa ordem. Muitos atletas profissionais e atores viviam na zona e os seus filhos costumavam estudar nessa escola.

— Cerca de mil e quinhentos estudantes?

— Não sei o número exato, mas é uma escola grande — concordou Wendy. — Têm muito espaço para encontrar o seu lugar especial.

«E, se não encontrarmos o nosso lugar, temos muito espaço para nos perdermos», pensou Decker.

— O Joey é um pouco palerma — replicou Wendy. — Mede cerca de um metro e setenta e pesa quarenta e cinco quilos. Usa uns óculos grandes e tem orelhas de abano. Não digo isto só para ser má, mas só para vos dizer que há muitos outros rapazes que poderiam ter perseguido antes do Gregory.

— Tem uma fotografia dele? — perguntou Decker.

Wendy rebuscou na mala e tirou a fotografia da primária. Nela, aparecia um menino com cara infantil, olhos azuis e bochechas rosadas. Faltavam anos para a puberdade e o secundário nunca tratava bem esses rapazes.

— Posso ficar com ela? — perguntou Decker.

Wendy assentiu.

Ele fechou o bloco.

— O que queres que faça pelo teu filho, Wendy? — perguntou, tratando-a por tu.

— Descobrir o que se passou realmente. — Tinha lágrimas nos olhos.

— A médica forense declarou que a morte do teu filho foi um suicídio — recordou-lhe Decker.

Wendy estava decidida.

— Não me importo com o que a médica forense disse, o meu filho não se suicidou.

— Pode ter sido um disparo accidental?

— Não — insistiu Wendy. — O Gregory odiava pistolas.

— E como acha que morreu? — perguntou Marge.

Wendy olhou para os inspetores enquanto retorcia as mãos. Não respondeu à pergunta.

— Se não foi uma morte accidental causada por ele próprio e se não foi um suicídio intencionado, isso deixa-nos com o homicídio, accidental ou

intencionado.

Wendy mordeu o lábio e assentiu.

— Achas que alguém assassinou o teu filho?

Wendy demorou vários segundos a conseguir falar.

— Sim.

Decker tentou ser o mais amável possível.

— Porquê?

— Porque sei que não se suicidou.

— Portanto, achas que a médica forense ignorou alguma coisa ou... — Wendy ficou calada. — Não me importo de ir à escola e de falar com alguns amigos e colegas do Gregory. Mas a médica forense não mudará a sua declaração, a não ser que encontremos algo extraordinário. Algo que contradiga diretamente o suicídio. Normalmente, é o médico forense que vem ter connosco porque suspeita que houve algo estranho.

— Mesmo que fosse... o que vocês dizem. — Wendy limpou os olhos com os dedos. — Não tenho... ideia... do que aconteceu — mais lágrimas. — Se o fez... não sei porquê. Não tenho ideia! Não podia ser assim tão tola.

— Não tem nada a ver com a inteligência.

— Tem filhos, senhor?

— Sim.

— E a inspetora? — Virou-se para Marge.

— Tenho uma filha.

— E o que pensariam se chegassem a casa um dia e descobrissem que o vosso filho se suicidou?

— Não sei — admitiu Decker.

— Não consigo imaginar — acrescentou Marge, com lágrimas nos olhos.

— Então, digam-me uma coisa — continuou Wendy. — Como se sentiriam se soubessem que não havia nenhuma razão para o vosso filho fazer isso? Não estava deprimido, não estava de mau humor, não tomava drogas, não bebia, não era um marginalizado, tinha amigos e nunca tinha empunhado uma pistola. Nem sequer sei onde arranjou a pistola! — começou a soluçar. — E ninguém me diz nada!

Decker deixou que chorasse e passou-lhe a caixa de lenços de papel.

— O que quer que façamos, senhora Hesse? — perguntou Marge.

— Wen... dy — pediu ela, entre soluços. — Descubram o que aconteceu — estava a suplicar com o olhar. — Sei que, provavelmente, isto não é um

assunto policial, mas não sei a quem pedir ajuda.

Silêncio.

— Contrato um detetive privado? Pelo menos, ele poderia descobrir onde o Gregory arranhou a pistola.

— Onde está a pistola? — perguntou Decker.

— A polícia levou-a — replicou Wendy.

— Então, deve estar no armário das provas — concluiu Marge. — Também está nos arquivos.

— Vamos procurá-la e descobrir de onde saiu — decidiu Decker e virou-se para Wendy. — Deixa-me começar com a pistola e trabalharemos a partir daí.

— Obrigada! — Wendy começou a chorar novamente. — Obrigada por acreditar em mim... ou, pelo menos, por pensar no que disse.

— Estamos aqui para ajudar — afirmou Marge.

Decker assentiu com a cabeça. Provavelmente, a mulher estava em fase de negação. Mas, às vezes, mesmo nessas circunstâncias, os pais conheciam melhor os filhos do que ninguém.

Capítulo 3

Sentado no sofá da sala, Decker abriu uma lata de salsaparrilha e desfrutou da presença da esposa e do gosto da carne curada.

— Obrigado por comprares o jantar.

— Se soubesse que estavas prestes a chegar, teríamos esperado no centro comercial.

— É melhor assim — deu a mão a Rina. Tomara banho antes de jantar e trocara o fato pelo fato de treino. — Onde está o rapaz?

— A praticar.

— Como está?

— Parece que está bem. Sabias que a Terry entrou em contacto com ele?

— Não, mas estava destinado a acontecer mais cedo ou mais tarde. Quando foi?

— Há uma semana. — Rina resumiu a conversa. — Obviamente, afetou-o. Esta noite, durante o jantar, parecia ausente. Cada vez que se sente incomodado, começa a falar dos próximos concursos. Paradoxalmente, os concursos acalmam-no. Alugar um piano é muito mais barato do que pagar uma terapia.

O piano estava na garagem, o único lugar onde tinham espaço suficiente. Gabe partilhava o seu estúdio de música com o *Porsche* de Decker, o seu banco de trabalho, as suas ferramentas e a zona de jardinagem de Rina. Tinham insonorizado o lugar porque o rapaz praticava a horas muito estranhas. Mas, dado que estudava em casa e praticamente acabara o secundário, deixavam-no ter o seu próprio ritmo. Nem sequer tinha dezasseis anos e já entrara na Juilliard e em Harvard. Mesmo que eles fossem os seus tutores legais — coisa que não eram —, não havia nenhuma educação para dar. Chegado a esse ponto, só lhe davam comida, teto e um pouco de companhia.

— Conta-me como foi o teu dia — pediu Rina.

— Bastante rotineiro, exceto na última meia hora. — Decker resumiu a conversa com Wendy Hesse.

— Pobre mulher!

— Deve estar a sofrer muito se prefere o homicídio ao suicídio.

— Foi isso que a médica forense declarou? Suicídio?

Decker assentiu.

— Então... simplesmente, não quer acreditar.

— Certo. Normalmente, os sinais estão presentes, mas os pais olham para o outro lado. Sinceramente, acho que a Wendy está perplexa. — Decker alisou o bigode. — Lembras-te de quando nos conhecemos? Insistias em enviar as crianças para uma escola judia e eu pensei que estavas louca. A julgar pelo que pagámos pela matrícula, podíamos tê-los enviado para a Lawrence ou a Bell e Wakefield, não para uma escola num edifício em ruínas com um só andar que não tem biblioteca nem sala de computadores.

— Muitas pessoas teriam concordado — redarguiu Rina, com um sorriso.

— Mas tenho de dizer que quase todos os rapazes que conhecemos são simpáticos. Certo, eu vejo o pior das escolas secundárias, mas não acho que esses lugares promovam atitudes saudáveis. Por outro lado, tu fizeste o correto.

— A escola, embora desorganizada e sem muitos recursos, é um lugar acolhedor. Obrigado por mo dizeres.

Decker recostou-se no sofá.

— Falaste com algum dos miúdos hoje?

— Claro que sim. Os miúdos estão ocupados como de costume. Estive no Skype com a Hannah esta manhã. Ia para a cama. Provavelmente, levanta-se dentro de algumas horas.

— Sinto a falta dela. — Decker parecia triste. — Talvez ligue à Cindy. Para ver o que está a fazer.

Rina sorriu.

— Os netos são sempre o antídoto para tudo.

— Queres ir visitá-los?

— Devias perguntar à Cindy primeiro.

— Sim, suponho que tenha de o fazer. — Decker fez uma chamada e, quando desligou, sorria. — Convidou-me para ir.

— Então, vamos.

— E o Gabe?

— Vou dizer-lhe que vamos — redarguiu Rina. — Gosta da Cindy e do Koby, mas tenho a impressão de que dirá que não. Hoje, estava estranho.

Talvez tenha a ver com a mãe. Em qualquer caso, quando fica assim, retrai-se.

Decker refletiu sobre aquelas palavras.

— Devia falar com ele?

— Vai dizer-te que está tudo bem.

— Não quero que se sinta como um estranho — replicou Decker. — Mas eu não faço grande coisa para o ajudar a sentir-se como um membro da família. Ia sentir-me muito culpado se chegasse a casa um dia e o encontrasse como o Gregory Hesse.

Rina assentiu.

— Acho que a música é e sempre foi a sua salvação.

— E isso é suficiente?

— Não sei. Só posso dizer-te que tem uma vida normal. Apanha o autocarro duas vezes por semana para ir às aulas na universidade, preencheu todas as candidaturas para a universidade sozinho, embora me tenha oferecido para o ajudar, foi sozinho às entrevistas e audições, embora me tenha oferecido para ir com ele, e reservou os seus voos e os seus quartos de hotel, embora me tenha oferecido para o fazer. Já o admitiram em Harvard e na Juilliard. Parece-me que não estaria a planear o seu futuro se pensasse que não o tem. — Rina fez uma pausa. — Se queres fazer alguma coisa por ele, leva-o a conduzir. Isso entusiasma-o.

— Está bem. Levo-o no domingo.

— Adora o teu *Porsche*.

— Não vamos abusar com os detalhes. Uma coisa é ser emocionalmente sensível. O *Porsche* é outra coisa.

O Coffee Bean era a cerca de três quilómetros do Starbucks onde Gabe encontrara Dylan e os seus amigos e, com sorte, seria fora da zona deles. Embora também não esperasse encontrar mais ninguém às seis da manhã. O estabelecimento estava vazio e isso parecia-lhe bem. Escolhera uma poltrona de couro na parte de trás, depois de comprar um *bagel* e um café grande, para além do *New York Times*. Quando vivia na Costa Este, costumava ler o *Post*. Era-lhe estranho ler um jornal intelectual quando a única coisa que desejava fazer era ler dados curiosos ou a revista *Page Six* para saber quem ia para a cama com quem.

O café ficava a cerca de quinze minutos da paragem de autocarro para a Universidade da Califórnia do Sul. Às terças e quintas-feiras tinha aulas com Nicholas Mark e, embora só tivesse aulas às onze, decidira começar o dia cedo. Dormira mal na noite anterior. Não parava de ouvir a voz da mãe na sua mente...

Untou o creme de queijo no *bagel* e começou a ler as notícias, que eram ainda mais deprimentes do que a sua vida atual. Alguns minutos mais tarde, sentiu a presença de uns olhos e levantou o olhar.

Uma rapariga com o uniforme da escola judia. Não era de estranhar, dado que o estabelecimento era a dois minutos da escola. Devia ter amortecedores nos pés, pois não ouvira nada até estar mesmo à frente dele, agarrada à mochila como se fosse uma armadura.

— Olá! — cumprimentou, com um sorriso tímido.

— Olá! — cumprimentou ele. Ao olhar melhor para ela, apercebeu-se de que, provavelmente, era mais velha do que pensara ao princípio. Tinha a pele torrada, o queixo pequeno e pontiagudo, os lábios carnudos e os olhos grandes e pretos, por baixo de umas sobrancelhas pretas cuidadosamente arqueadas e pintadas. O seu cabelo também era preto e muito comprido, apanhado numa trança. Era bonita, embora o seu corpo não parecesse grande coisa — duas bolas de gelado a modo de seios e nenhuma curva à vista. — Precisas de alguma coisa?

— Importas-te que me sente?

Ele era o único cliente do estabelecimento. Encolheu os ombros.

— Não, senta-te.

Mas ela não se sentou.

— Ouvi-te tocar no ano passado — esclareceu. — A minha irmã mais velha estava na turma da Hannah. Foste... — colou a mochila ao peito. — Fantástico!

— Muito obrigado — agradeceu Gabe.

— Quero dizer que foste...

Não acabou a frase. Fez-se silêncio. Um silêncio incómodo.

— Obrigado. Agradeço-te. — Gabe levantou o seu café, bebeu um gole e voltou a olhar para o jornal.

— Gostas de ópera? — perguntou ela, de repente.

Gabe pousou o jornal.

— De facto, gosto.

— A sério? — A rapariga esbugalhou os olhos. — Ena, que bom. Então, pelo menos, não se perderão. — Baixou a mochila e começou a rebuscar nela até encontrar o que procurava: um envelope. Ofereceu-o a Gabe. — Aqui tens.

Gabe ficou a olhar para ela durante uns segundos, depois, aceitou o envelope e abriu-o. Bilhetes para *La Traviata* naquele domingo no Centro de Música. Primeira fila no camarote.

— Que bons lugares...

— Eu sei. Custaram-me muito dinheiro. A Alyssa Danielli faz de Violetta. É maravilhosa, portanto, de certeza que será ótimo.

— E por que não vais?

— Ia com a minha irmã, mas abandonou-me. Eu não consigo competir com uma festa na piscina e o atraente Michael Shoomer.

— E porque não procuras outra pessoa com quem ir?

— Ninguém da minha idade vai querer passar a tarde de domingo na ópera.

— E a tua mãe?

— Está ocupada. De todos os modos, não lhe interessa. A minha irmã só acedeu a ir porque lhe disse que lhe limparia o quarto. Portanto, suponho que já não tenha de o fazer. — Parecia magoada. — Podes ficar com eles. Vai com a tua namorada.

— Não tenho namorada.

— Bom, leva um amigo.

— Não tenho amigos. Mas... sem dúvida, usarei um dos bilhetes se tencionas deitá-los fora. Tens a certeza?

— Absoluta.

— Então, muito obrigado — devolveu-lhe o envelope com apenas um bilhete.

— De nada. — A rapariga suspirou com força.

Gabe tentou sorrir forçadamente.

— Queres ir comigo?

A rapariga entusiasmou-se.

— Tens carro?

— Não. Só tenho quinze anos. Mas podemos ir de autocarro.

— De autocarro? — perguntou a rapariga, com um ar de horror.

— Sim, de autocarro. É assim que as pessoas que não têm acesso a um

carro se deslocam. — A pele da rapariga pareceu-lhe mais escura e Gabe apontou para uma cadeira. — Porque não te sentas? Já começa a doer-me o pescoço de olhar para ti... Embora não muito.

— Eu sei. Sou uma anã. — A rapariga sentou-se e olhou por cima do seu ombro, depois falou em voz baixa, como se estivessem a conspirar. — Sabes chegar ao Centro de Música de autocarro?

— É verdade.

— Onde se apanha o autocarro?

— Numa paragem de autocarro.

Ela mordeu o lábio.

— Deves pensar que sou idiota.

— Não, mas, provavelmente, és uma mimada que vai de boleia para todo o lado.

Em vez de se ofender, a rapariga assentiu.

— Levam-me para todo o lado, menos para onde realmente desejo ir — suspirou. — Adoro a Alyssa Danielli. A voz dela é tão... pura.

Gabe recostou-se na poltrona e observou-a com franqueza. Admirava a paixão em qualquer forma, mas a música clássica era algo com que se identificava.

— Se tens tanta vontade de ir à ópera, vai.

— Não é assim tão fácil.

— Porquê?

— Tu não entendes a cultura persa.

— Há algo nos genes persas que faz com que não gostem da ópera?

— O meu pai quer que seja médica.

— Tenho a certeza de que há médicos que adoram ópera — deu uma trinca ao *bagel*. — Queres café ou alguma coisa?

— Vou eu — afastou-se, mas deixou a mochila. Poucos minutos mais tarde, regressou com alguma coisa com espuma. Uma camada de suor cobria-lhe a testa. — As pessoas estão a começar a chegar.

— Ainda bem. Assim o lugar não terá de fechar.

— Refiro-me a ser... — Olhou para o relógio e bebeu um gole de café. — É perigoso apanhar o autocarro?

— Eu não o faria de madrugada, mas isto é uma *matiné*. — Gabe esfregou o pescoço. — Se vais continuar a falar comigo, podes sentar-te, por favor?

A rapariga sentou-se.

— Olha... — começou ele. — E se te der as indicações para ir de autocarro? Se estiveres na paragem do autocarro, iremos juntos. Se não, posso comprar-te um CD e escrever-te uma crítica.

Ela suspirou.

— Talvez possamos ir de táxi.

— Um táxi custa vinte vezes mais.

— Eu pago.

Gabe ficou a olhar para ela. Quem era?

— Não digo que sou pobre. Eu posso pagar o táxi se decidires vir. Caso contrário, irei de autocarro.

— O que te parece isto? — perguntou a rapariga. — Tu pagas o táxi se eu for e, se não for, devolvo-te o dinheiro.

Gabe abanou a cabeça.

— Isto é cada vez mais complicado.

— Por favor — suplicou ela.

— Está bem. — Gabe revirou os olhos. — Devolves-me o dinheiro do táxi se não apareceres... O que não faz sentido porque tenho de ir buscar-te de todos os modos e, nessa altura, já saberás se vens ou não.

Ela esbugalhou ainda mais os olhos.

— Não podes ir buscar-me a casa. Encontramo-nos a alguns quarteirões de lá.

— Sim... — Gabe entendeu finalmente. — Vais às escondidas dos teus pais.

— Mais ou menos.

— Meu Deus, também não é como se fosses a uma *rave*; é uma maldita ópera. — Ao ver que ela não dizia nada, acrescentou: — Não é apenas a ópera. É ir comigo à ópera. Porque não sou judeu.

Ela ficou a olhar para ele.

— Não és judeu?

— Não. Sou católico.

— Oh, meu Deus! O meu pai matava-me só por sair com um rapaz branco. — Inclinou-se para a frente e falou em voz baixa. — O que fazias numa escola judia se não és judeu?

— É uma longa história — fez uma pausa. — Isto não é boa ideia. Não quero ser responsável por te meter numa confusão. Queres que te devolva o bilhete?

— Não, claro que não. Se não o usares, será um desperdício — voltou a suspirar. — Quero dizer, é apenas uma ópera, não é?

— Sim, é apenas uma ópera. Não é um encontro. — Gabe voltou a estudar o seu rosto. — Quantos anos tens?

— Catorze.

— Parece que tens dez.

— Muito obrigada — troçou ela. Obviamente, era algo que lhe diziam muitas vezes.

— Pareces jovem, mas és muito bonita — elogiou Gabe, para a envergonhar, mas falava a sério. — Isto é o que vou fazer. Vou dar-te o meu número de telemóvel e podes ligar-me ou mandar mensagem se quiseres ir — esperou um momento. — Tens telemóvel, não tens?

— É claro.

— Portanto, os persas podem ter telemóveis.

— Claro!

— Aponta o meu número de telemóvel. Sabes como me chamo?

— Gabriel Whitman.

— Excelente! — Deu o seu número à rapariga. — Agora, vou apontar o teu. Mas, para isso, preciso de saber o teu nome primeiro.

— Yasmine Nourmand. Pronunciado Jaz-miin - soletrou-o. — soletrou-o e, depois, deu-lhe o seu número.

— É um nome muito exótico. Como se chama a tua irmã mais velha?

— Tenho três irmãs mais velhas.

— A que estava na turma da Hannah.

— Essa é a Sage. As minhas outras irmãs são a Rosemary e a Daisy. Yasmine é jasmim em hebreu — olhou para o relógio. — Tenho de ir. As aulas começam às sete e meia.

— Lembro-me disso. O que fazias aqui tão cedo?

— Às vezes, venho cedo para ouvir os meus CD — tirou seis óperas: duas de Verdi, duas de Rossini e duas de Mozart. — Amo muito os meus pais. E as minhas irmãs. São maravilhosos e tudo isso. E também gosto do *pop* normal. Mas, às vezes, quando ouço a minha música, de que mais ninguém parece gostar, prefiro estar sozinha.

Os seus olhos pareciam distantes.

— O meu sonho é ver uma ópera ao vivo. E ouvir alguém tão bom como a Alyssa Danielli. — Levantou a mochila. — Obrigada por te ofereceres para ir

comigo.

— Foi um prazer.

— E obrigada por não te rires de mim.

— Fi-lo um pouco.

— Sim, é verdade. — Despediu-se com a mão e foi-se embora.

Ele devolveu a atenção ao jornal, sabendo que aquilo era um erro. Mas, ao falar com ela, apercebera-se de como estava sozinho.

Yasmine despertara o leão adormecido.

Raparigas.

Capítulo 4

Os relatórios das autópsias de feridas de bala autoinfligidas eram sempre horripilantes. O dano causado por uma arma a escassa distância era horrendo. Os detalhes eram ainda mais difíceis de ler quando as vítimas eram jovens como Gregory Hesse. Marge olhou para o longo relatório policial, assim como o relatório da médica forense, e não encontrou nada fora do comum. Estavam presentes todos os indícios do suicídio: uma única bala na cabeça, marcas de queimaduras na têmpora, a posição do corpo em relação à arma, que jazia na mão direita do rapaz. Levantou-se da secretária e bateu na porta aberta de Decker.

— Queres ver o relatório do Gregory Hesse?

— Sim, seria fantástico. — Fez-lhe um gesto para que entrasse. Marge usava uma camisola fina de malha castanha e umas calças pretas; um traje muito mais confortável do que o fato cinzento de Decker. Naquele dia, usava uma camisola preta, portanto, pelo menos, não tinha de usar gravata. O capitão olhara para ele de cima a baixo e perguntara se fingia ser uma estrela de Hollywood. — Há alguma coisa que deva saber?

Marge sentou-se e deixou os papéis na mesa.

— É tudo bastante deprimente.

— E a pistola?

— Os relatórios dizem que era uma *Ruger LCP 9 mm*.

— Uma pistola pequena — concluiu Decker.

— Uma pistola pequena, uma pistola de mulher. Seja o que for, cumpriu a sua função. O Oliver disse-me que era um modelo da *Ruger* antigo.

— De quando?

— Acho que não me disse. Vai tirá-la do armário de provas hoje. — Fez uma pausa. — Se tudo reforçar a história do suicídio, o que fazemos depois?

— Bom, posso ligar à senhora Hesse e dizer que não há nada para investigar. Ou posso ligar-lhe e dizer-lhe que falarei com alguns dos amigos e professores do Gregory para tentar encontrar pistas do que aconteceu.

Marge assentiu.

— O que pensas? — perguntou Decker.

— Sei que vive na comunidade para a qual nós trabalhamos. Portanto, somos empregados dela num sentido amplo. Mas é realmente o nosso trabalho fazer uma autópsia psicológica? Não é que me importe de o fazer, mas não quero envolver-me em terrenos que não nos são familiares.

— Entendo-te, mas deixa-me explicar-te isto assim. Quando fazemos uma investigação, tentamos encontrar o motivo por trás de cada crime. Tecnicamente, o suicídio é um crime.

— Suponho que todos os crimes começam com uma arma — concedeu Marge. — Verei o que o Oliver consegue dizer-me sobre isso.

— Podes arranjar-me alguns números de telefone? — Reviu as suas notas. — O do Joey Reinhart e o do Kevin Stanger. Provavelmente, consegues arranjá-los se ligares para a Bell e Wakefield. Não quero entrar em contacto com a Wendy Hesse até termos alguma coisa para lhe dizer.

— Talvez colaborem mais na escola se acrescentar um toque pessoal. — Marge olhou para o relógio. Eram onze horas. — Posso ir agora mesmo.

— Claro. E, já que vais lá, tenta ver como é o lugar.

Oliver bateu à porta e entrou.

— Tenho informação sobre a *Ruger* usada no suicídio. A pistola foi roubada à doutora Olivia Garden que, segundo os nossos computadores, é uma dermatologista de sessenta e cinco anos que trabalha em Sylmar.

Decker assinalou para a cadeira situada junto de Marge e Oliver sentou-se. Scott, sempre um cavalheiro, usava uma camisa preta e gravata da mesma cor, calças cinzentas e um casaco. Usava mocassins de couro pretos.

— Entraste em contacto com a médica?

— Falei com a secretária. A médica estava com um paciente. A pausa para o almoço é do meio-dia e meia às duas. Vou passar por lá e tentar falar com ela. Talvez o Gregory Hesse seja paciente dela. Já sabes, os adolescentes e a acne. Talvez lha tenha roubado da mesa.

— A pistola foi roubada há seis anos — explicou Marge. — Nessa altura, o Gregory teria oito ou nove anos.

— Certo — redarguiu Oliver. — Provavelmente, passou de mão em mão.

— Só lhe roubaram a pistola ou fazia parte de um saque maior?

— Não sei. Simplesmente, introduzi o número de série e lá estava.

— Onde aconteceu o roubo?

— No consultório dela — respondeu Oliver.

— No consultório. Interessante. — Decker pensou nisso durante uns segundos. — Talvez tenha tido problemas anteriormente com roubos por assuntos de drogas e tenha pensado que precisava de proteção.

— Pergunto-lhe quando falar com ela.

— Está bem. E descobre também quem sabia da pistola e quem tinha acesso a ela.

— Entendido. — Oliver levantou-se e olhou para Marge. — Queres vir comigo?

— Vou contigo se tu vieres comigo à Bell e Wakefield. O tenente quer uns números de telefone. Essas coisas são mais fáceis de conseguir se aparecermos pessoalmente.

— E, já que estão lá — começou Decker —, consigam o horário das aulas do Gregory Hesse. Mais adiante, talvez queiramos falar com os professores dele.

— Claro, irei contigo — disse Oliver a Marge. Depois, olhou para Decker. — Vamos realmente investigar o caso do Gregory Hesse? Quero dizer, tudo aponta para o rapaz se ter suicidado. Caso fechado.

— Um rapaz de quinze anos suicida-se com uma pequena pistola roubada, há seis anos, do consultório de uma médica. Sinto certa curiosidade. Por enquanto, digamos que o caso continua aberto.

O barulho do telemóvel interrompeu a concentração de Gabe... O que não o incomodou muito, porque, na verdade, não estava a tocar muito bem.

Alguns dias era excelente, outros dias, não.

Esquecera-se de desligar o telemóvel. Ainda não entendia porque tinha um. Ultimamente, poucas pessoas lhe ligavam: os Decker, o seu professor de piano, que normalmente lhe mudava as horas das aulas, e o pai, que falava com ele durante trinta segundos. Para os poucos minutos que o usava por mês, não compensava manter a linha ativa, a não ser que fosse mais caro cancelar o serviço do que mantê-lo.

Era uma mensagem de um número da zona que Gabe não reconheceu: «Vou contigo no domingo.»

Era da rapariga persa. Yasmine. O sorriso que se desenhara nos seus lábios foi involuntário. Pensara muito nela nos dois últimos dias. Não pensara de propósito, como quando pensava em alguma coisa para a manter fresca na

memória, como da última vez que vira a mãe. Contudo, não era assim... Yasmine, simplesmente, aparecia na sua mente de vez em quando.

Os seus polegares voaram por cima do teclado do telemóvel.

«Incrível. Onde nos encontramos?»

Yasmine enviou-lhe uma morada para se encontrar com ela no táxi.

«Fica a três quarteirões da minha casa. A que horas?»

A ópera começava às três. De táxi, não demorariam tanto como de autocarro, mas, mesmo assim, queria chegar com tempo, porque odiava a falta de pontualidade.

«Às 13h?»

«Não posso sair tão cedo. Às 14h?»

«Demasiado justo. 13h30 no máximo.»

«OK.»

Houve uma pausa.

«Estarei lá às 13h30.»

Ele respondeu: «Mal posso esperar. *Ciao*.»

«*Ciao*.»

Pousou o telemóvel. Depois, voltou a apitar.

«Obrigada.»

Gabe voltou a sorrir. «De nada.»

Daquela vez, desligou o telemóvel e continuou a tocar. Deixou de lado a Sonata de Mozart n.º 11 em Lá maior e, em vez disso, escolheu Chopin — a polaca em Dó menor, op. 26, n.º 1, primeiro movimento — *allegro appassionato*.

O seu estado de espírito naquele momento era bastante *appassionato*.

Os cartazes que pendiam dos edifícios de dois andares anunciavam que a Bell e Wakefield estava a celebrar trinta anos de excelência. Fora construída quando Marge era uma inspetora novata na Divisão de Foothill com Decker. A arquitetura da escola mantinha-se bem, pois era de estilo clássico: californiano com janelas amplas de vidro chumbado, portas com ombreiras de madeira lavradas, paredes de estuque e telhados de telhas vermelhas. As instalações tinham sido construídas em hectares de prados verdes e à sombra de sicómoros, eucaliptos e carvalhos da Califórnia. Além disso, incluíam uma biblioteca, uma sala de computadores e um edifício para o claustro e

contavam com um campo de futebol, vários campos de jogos de ténis e basquetebol e uma piscina exterior. Os carros situados no estacionamento de estudantes e convidados incluíam compactos e muitos jipes, desde *Toyotas* até *Range Rovers*. O claustro tinha um estacionamento próprio.

Marge e Oliver chegaram às 11h30. O edifício da administração era o maior de todos, tanto em tamanho como em altura, e estava cheio de atividade. As paredes estavam cheias de material: trabalhos de fim de trimestre com notas excelentes, obras de arte de grande qualidade, artigos, panfletos às cores, anúncios, fotografias e uma caixa enorme cheia de queixas. O escritório das admissões ocupava o primeiro andar. A maior sala de todas parecia um banco, com uma fila de estudantes de pé de um lado do balcão e os empregados da escola sentados do outro lado. Atrás deles, havia um espaço amplo e aberto, cheio de secretárias com computadores. Os trabalhadores escreviam incessantemente nos teclados.

Os dois inspetores esperaram na fila e, quando chegaram ao balcão, Marge mostrou o seu distintivo e perguntou a uma mulher se podia falar com alguém da administração por causa de um assunto pessoal. Cinco minutos mais tarde, acompanharam-nos até ao escritório do vice-diretor. Disseram-lhes que o doutor Martin Punsche os receberia em breve. O seu escritório era pequeno, uma secretária com computador, quatro cadeiras, uma estante e pouco mais. Mas tinha uma janela que dava para os prados.

Punsche apareceu com a mão estendida e deu-lhes as boas-vindas à Bell e Wakefield. Rondava os cinquenta e tantos anos, tinha os ombros largos e o nariz partido e era careca. Com uma *t-shirt* branca e um apito pendurado ao pescoço, poderia ter sido o treinador de futebol. Em vez disso, usava uma camisa azul, uma gravata dourada e umas calças cinzentas.

— A Maggie disse-me que era um assunto pessoal — começou a dizer Punsche. — Espero que não haja problemas. A escola passou uns dias difíceis. Sentem-se.

Os inspetores sentaram-se.

— Dias difíceis? — perguntou Marge.

— Saberão que um dos nossos estudantes teve um destino terrível há alguns dias.

— O Gregory Hesse — redarguiu Oliver. — É por isso que estamos aqui.

— Imaginava. Foi algo terrível, terrível. Já celebrámos uma assembleia escolar. Encorajámos os nossos estudantes a falar disso. Também contactei

com vários psicólogos e médicos para que venham falar da prevenção do suicídio. Os nossos presidentes de estudantes, Stance O'Brien e Cameron Cole, montaram uma linha telefónica para alunos. Uma dúzia do último ano ofereceu-se para falar com os do primeiro ano durante o almoço. Estou orgulhoso da mobilização dos nossos estudantes.

Marge ficou a olhar para ele. O pobre miúdo suicidara-se com um tiro na cabeça e aquele homem estava a gabar-se do espírito escolar. Seria capaz de desligar em algum momento?

Punsche pôs as mãos em cima da mesa.

— Bom... E como posso ajudar-vos?

Oliver esticou a gravata.

— Continuamos a tentar perceber alguns detalhes do caso.

— Que tipo de detalhes?

— Coisas que ainda não encaixam.

— Talvez encaixem mais tarde — esclareceu Marge —, mas, agora, estamos a investigar algumas coisas em nome da Wendy Hesse.

Oliver encolheu os ombros.

— Para começar, precisamos de alguns números de telefone.

— Refere-se a números de telefone dos nossos estudantes? — Quando Marge assentiu, Punsche disse: — Saberão que não posso facilitar os números sem perguntar aos pais.

— Estamos interessados no Joey Reinhart, o melhor amigo do Gregory Hesse — explicou Marge. — Podemos pedir o número à Wendy Hesse, visto que foi ela que nos falou do Joey, mas o inspetor-coordenador não queria incomodá-la. Sei que entenderá.

Punsche acariciou o queixo.

— Porque é que a Wendy Hesse entrou em contacto com vocês?

— Como o meu parceiro lhe disse, há coisas que não encaixam. Levamos qualquer crime muito a sério e o suicídio é um crime.

— É um crime no sentido mais técnico da palavra.

— O Departamento de Polícia de Los Angeles é assim — replicou Oliver. — Somos muito técnicos.

— Também descobrimos algumas coisas interessantes sobre outro amigo do Gregory. Um rapaz chamado Kevin Stanger. Saiu da Bell e Wakefield há cerca de seis meses, no começo do seu segundo ano. Presumo que conservarão a morada e o número de telefone.

— Kevin Stanger — o homem voltou a acariciar o queixo. — Lamento. Não reconheço o nome.

— Talvez não o conheça, portanto, vou dizer-lhe o que sabemos. O Kevin Stanger foi para outra escola porque era assediado.

Punsche abanou a cabeça.

— Se o incomodassem aqui, eu teria descoberto.

— Não descobriu — disse Oliver. — Mas isso não significa que não tenha acontecido.

— Olhem, eu não sei tudo, mas sei muitas coisas. Se soubéssemos que estavam a incomodar um estudante, abordaríamos a situação o mais depressa possível. Aqui, não toleramos esse tipo de tolices.

— Portanto, não há assédio aqui?

— Há irmandades. Embora a escola se destaque pelos seus sucessos académicos, desportivos e teatrais, continua a ser uma escola cheia de adolescentes. Há rapazes populares e tenho a certeza de que não serão benévolo com todos. Haverá rapazes que se sentem marginalizados. Mas isso não é assédio.

Marge tentou outra perspetiva.

— Tenho a certeza de que gosta dos seus estudantes. Agora, apenas queremos dois números de telefone. Bolas, só queremos consolar um pouco a Wendy e conseguir alguns detalhes. Ajude-nos com isso.

— Suponho que possa dar-vos os números — concedeu Punsche. — Talvez o do Kevin Stanger demore um pouco mais, porque já não é aluno e não estará no computador.

— Não importa — replicou Oliver. — Esperaremos.

— Se pudesse dar-nos o horário das aulas do Gregory, seria de muita utilidade — acrescentou Marge.

— Não terão vindo até aqui só por uns números de telefone e um horário de aulas — supôs Punsche.

— A verdade é que sim — confirmou Marge. — De todos os modos, estávamos na zona. Mas, já que estamos aqui, se houver alguma coisa que possa dizer-nos sobre o Gregory Hesse que possa ser de ajuda, por favor, sinta-se à vontade para falar.

— O que fazia, com quem se relacionava, a que clubes pertencia... o que o zangava — explicou Oliver.

— Isto é embaraçoso, mas vou dizer-vos na mesma. — As faces de

Punsche tinham corado. — Eu não conhecia realmente o rapaz. Nunca tive motivos para... me relacionar com ele. Normalmente, encarrego-me dos problemas e dos rapazes problemáticos. Que eu saiba, o Gregory encaixava bem.

— Essa opinião baseia-se em alguma coisa em concreto ou na ausência de problemas?

O vice-diretor começou com evasivas.

— Tenho a certeza de que poderia tê-lo conhecido melhor. Mas, quando aconteceu tudo, eu não... não sabia que tinha problemas.

— Dado que não o conhecia bem, talvez saiba de alguém que o conhecesse.

Punsche parecia incomodado.

— Tentem algum dos professores. Vou dar-vos o horário das aulas. E, se fosse a vocês, limitar-me-ia a seguir a lista.

Capítulo 5

— Eu também me suicidaria se tivesse de estar no liceu nove horas por dia, cinco dias por semana — Oliver estava a ver o horário das aulas. — O que aconteceu ao processo criativo?

— É por isso que Hollywood só faz *remakes* de filmes antigos. — Marge ia ao volante. Tinham acabado na Bell e Wakefield à uma e dirigiam-se para o consultório da doutora Olivia Garden em Sylmar. — Falta-lhes engenho. E nem sequer falo de refazer os clássicos. Refiro-me a séries dos anos sessenta ou aos *Anjos de Charlie*. Coisas populares.

— Nisso, não estou de acordo. — Oliver parecia melancólico. — O filme *Os Anjos de Charlie* tinha coisas positivas.

Marge sorriu.

— Pedi ao Lee Wang para levar a *Ruger* para o departamento de balística e descobrir se foi usada noutros crimes.

— Como achas que o Hesse a encontrou?

— Não tenho ideia. — Nesse momento, o telemóvel de Marge tocou. — Podes atender por mim?

— Podias usar o sistema de mãos livres.

— Para que todos ouvissem as minhas conversas pessoais? Não, obrigada.

— Que suscetível... — Oliver rebuscou na mala dela e atendeu. — Inspetor Oliver.

Do outro lado da linha, ouviu-se uma voz hesitante de mulher.

— Estou a retribuir a chamada à sargento Dunn.

— Agora, está a conduzir. Com quem estou a falar?

— Sou a Nora Stanger.

— Ah, obrigado por ligar, senhora Stanger. Sou o inspetor Scott Oliver, o parceiro da sargento Dunn. Estamos a rever alguns detalhes sobre o suicídio trágico do Gregory Hesse e questionávamo-nos se poderíamos falar consigo. Segundo sei, o seu filho Kevin era amigo dele.

— Há muito tempo que os rapazes não se viam.

— Sim, sei que o Kevin saiu da Bell e Wakefield. Esperava que a

experiência dele pudesse dar um pouco de sentido ao que aconteceu. A Wendy Hesse, a mãe do Gregory, está a sofrer e qualquer resposta que possamos dar-lhe seria de ajuda.

A voz da mulher era sinistra.

— Pobre mulher!

— Não entende o que aconteceu. E nós não sabemos grande coisa sobre a Bell e Wakefield. Na administração, como é lógico, protegem a escola. Talvez possa dar-nos alguns dados. A minha parceira e eu temos liberdade de horários. Quando lhe dá jeito?

— Tenho de... tenho de falar com o Kevin. Na idade dele, não posso tomar decisões por ele.

— Já tem o número da sargento Dunn. Vou dar-lhe também o meu — Oliver recitou alguns dígitos. — Diga-me quando lhe der jeito. E obrigado por retribuir a chamada.

— De nada — respondeu Nora, antes de desligar.

Oliver voltou a guardar o telemóvel na mala de Marge.

— Tem de perguntar ao Kevin.

Marge assentiu.

— O que achaste do Punsche?

— Um falso e um artista das mentiras — replicou Marge. — Mas acredito nele quando diz que não sabia de nada sobre os problemas do Kevin Stanger.

— Devia saber que o rapaz foi para outra escola.

— Talvez soubesse isso, mas talvez não soubesse o porquê. Se o rapaz fosse assediado, acho que a escola teria reagido.

— Talvez. — Oliver pensou nisso por um instante. — Interrogo-me o que a Nora Stanger saberá sobre os problemas do filho.

— O suficiente para o tirar da escola — indicou Marge. — A pessoa com quem realmente temos de falar é o Kevin. É ele que pode dar-nos nomes.

A doutora Olivia Garden e o doutor Gary Pellman, da Sociedade Dermatológica dos Estados Unidos, formavam uma corporação médica. O consultório era num centro comercial de um só andar que partilhava o estacionamento com uma loja de dónutes, uma loja de sandes e uma lavandaria. Marge encontrou um lugar de estacionamento na rua e pôs moedas no parquímetro.

Uma vez dentro do consultório, Oliver bateu à porta de vidro. A mulher situada do outro lado tinha sessenta e tantos anos, o cabelo curto e grisalho, a cara redonda e os olhos castanhos. Não estava maquilhada, mas a pele parecia suave. Era uma boa publicidade para a clínica. Usava uma bata branca e tinha um estetoscópio ao pescoço.

— A clínica está oficialmente fechada até às duas, mas talvez possa ajudar.

— Procuramos a doutora Garden — esclareceu Marge.

— Encontraram-na. — Marge mostrou-lhe o distintivo e a médica disse: — Venham por aqui — abriu a porta. — Vamos para o meu escritório. Estou a acabar de almoçar.

— Lamentamos interrompê-la — desculpou-se Marge.

— Não há problema — fê-los entrar para o seu escritório pessoal. — Aproximem uma cadeira — sentou-se atrás da sua mesa e comeu uma trinca da sandes. — De que se trata?

— Há cerca de seis anos, denunciou o roubo de uma pistola — explicou Oliver. — Uma *Ruger 9 mm*.

— Encontraram-na?

— Sim, é verdade. Foi usada recentemente no suicídio de um rapaz de quinze anos.

Olivia Garden ficou com a boca aberta.

— O dos jornais?

— Esse mesmo. Chamava-se Gregory Hesse. Conhecia-o ou à sua família?

— Não. — A médica abanou a cabeça. — Oh, meu Deus! Como é que esse pobre rapaz conseguiu a minha pistola?

— É por isso que estamos aqui — indicou Oliver. — Queremos fazer-lhe algumas perguntas sobre o roubo.

Marge tirou um bloco.

— Conforme pensamos, a pistola foi roubada do seu consultório.

— Sim, foi assim, há muito tempo...

— Só roubaram a pistola ou fazia parte de um saque maior?

— Não. Acho que foi apenas a pistola.

— Porque tinha uma pistola no consultório? — perguntou Oliver.

Houve uma pausa.

— Se bem me lembro — começou a médica —, tinha havido uma onda de roubos em clínicas da zona. A polícia nunca prendeu ninguém, mas reunimo-nos com a patrulha de segurança do bairro e pensámos que seria algum

vagabundo à procura de drogas. A questão é que a gota de água para mim foi quando uma enfermeira, que ficou a trabalhar até tarde, levou um golpe na cabeça e teve de ir para o hospital. No fim, acabou por ficar bem, mas eu assustei-me. O meu marido sugeriu que comprasse uma pistola porque, às vezes, trabalho até tarde.

— E há quanto tempo tinha a pistola quando lha roubaram? — perguntou Oliver.

— Não muito. Diria que uns seis meses.

— Comprou outra pistola?

— Não — deu outra trinca à sandes. — Depois do roubo, não quis contribuir para o amplo arsenal de armas do mercado negro. Supus que estaria melhor com um taco de basebol. Mas, por sorte, nunca chegou a acontecer nada. Os roubos cessaram e pensámos que o ladrão tinha ido procurar pastos mais verdes.

— Apercebeu-se imediatamente de que a pistola tinha sido roubada? — perguntou Marge.

— Boa pergunta. Guardava-a numa caixa com cadeado na última gaveta da mesa e não a abria com frequência. Quando descobri, poderiam tê-la roubado há meses.

— Quem sabia que tinha uma pistola? — perguntou Oliver.

— Ninguém, senão a minha família. Nunca contei aos meus empregados. Não queria assustar ninguém.

— E os seus filhos?

— Os meus filhos têm trinta e nove e quarenta e quatro anos. Estão fora de casa há anos. Não lhes teria falado da arma. Teriam ficado preocupados comigo. Não somos uma família de armas. Mas, naquela época, sentia-me vulnerável.

— É possível que algum dos seus empregados lha tenha roubado? — perguntou Oliver. A médica pareceu cética. — Tinha problemas com alguma das pessoas que trabalham para si?

Ela abanou a cabeça.

— Trabalhei com as mesmas pessoas durante anos. Acho que a última vez que tive de despedir alguém foi há dez anos. Não era alguém que conhecesse. Era um desconhecido, tenho a certeza.

— Eu diria que isso seria verdade se a pistola tivesse feito parte de um saque maior. Mas como é que o ladrão encontrou a arma e não levou mais

nada?

A médica não respondeu e acabou de comer a sandes.

— O que vão fazer com a pistola?

— Agora, é uma prova.

— Podem ficar com ela. Eu já não a quero, sobretudo, depois do que me contaram. — Mastigou uma cenoura e, depois, olhou para o relógio. — Tenho de fazer umas chamadas antes de voltar a abrir a clínica. Espero que não se importem.

Os inspetores levantaram-se.

— Obrigada por nos dedicar o seu tempo — agradeceu Marge. — Devo dizer, doutora Garden, que tem uma pele linda. Tem algum segredo especial?

— Não posso contar-lhe os meus segredos mais prezados — redarguiu a mulher, com um sorriso amplo. — Mas vou dar-lhe uma pista de uma das minhas armas secretas. Começa por «B» e acaba com «X». E, se não adivinhar, talvez precise de se atualizar.

— Diz que comprou a pistola para estar protegida e que, seis meses depois, descobriu que tinha sido roubada — explicou Marge. Oliver e ela estavam no escritório de Decker. Eram quatro da tarde. — Tem a certeza de que mais ninguém sabia da arma, exceto a família.

— O Lee sabe alguma coisa do departamento de balística? — perguntou Oliver.

— Se foi assim, ainda não me ligou — respondeu Decker.

— Não consigo acreditar que uma pistola roubada tenha estado a dar voltas por aí durante seis anos sem ser usada para algum ato criminoso.

— O mais importante é como a pistola chegou às mãos do Gregory Hesse — redarguiu Marge.

— E continuamos sem saber. A senhora Stanger não voltou a ligar. Não sei se o fará. Parecia reticente a falar. — Oliver olhou para Decker. — Talvez cedesse se alguém com mais autoridade lhe ligasse.

— O Gregory e o filho dela eram muito unidos?

— Não sei — disse Marge.

— Mas sabemos que o Gregory e o Joey Reinhart eram bons amigos. Talvez possamos concentrar-nos nele.

— Deixámos mensagens no atendedor de chamadas da casa e no telemóvel

do Joey. Mas não retribuiu a chamada.

— Quando deixaram a mensagem?

— Há duas horas.

— Dá-me a morada. — Decker levantou-se. — Passo por lá a caminho de casa.

Decker tinha sempre as suas reservas quanto a trabalhar numa sexta-feira à noite. E, com aquele caso, não havia nenhuma urgência imediata, só o desejo de ajudar uma mulher angustiada. Não existia justificação real para estar estacionado à frente da casa de Joey Reinhart quando devia estar em casa para o *sabbat*. Consolava-se pensando que eram apenas seis da tarde. Prometera a Rina que chegaria antes das sete. Estava prestes a sair do carro quando um adolescente magro saiu da casa, abanando as chaves do carro. Ia curvado e usava um casaco e umas calças de ganga. Abriu a porta do condutor de um *Ford Escort* azul, entrou e começou a fazer marcha-atrás.

Uma das luzes traseiras do veículo estava fundida.

Perfeito.

Decker pôs o motor a trabalhar e seguiu-o durante vários quarteirões até o rapaz chegar à rua principal. Um minuto mais tarde, Decker tirou a luz vermelha e pô-la no tejadilho do seu carro. O rapaz desviou-se para a berma imediatamente. Quando Decker se aproximou do *Escort*, o rapaz abriu a janela e olhou para ele com medo.

— Mostras-me a tua carta de condução?

As mãos do rapaz tremiam quando lhe entregou a carteira.

— O que fiz?

Decker tirou o bilhete de identidade e devolveu-lhe a carteira.

Joey Harmon Reinhart. Um metro e oitenta, sessenta e oito quilos («quando as galinhas tiverem dentes», pensou Decker), olhos castanhos e cabelo castanho. Segundo a sua data de nascimento, tinha dezasseis anos e três meses. Decker olhou para o bilhete de identidade e indicou-lhe que saísse do carro e fosse para a calçada.

O rapaz obedeceu. Estava tão nervoso que quase perdeu a força nas pernas.

— O farol traseiro esquerdo está fundido.

— Não sabia. Vou arranjá-lo imediatamente.

Decker ficou a olhar para ele.

— Sabes, Joey? Se alguém te mandar parar num carro sem se identificar, não saias. Fica no teu carro com as portas trancadas e pede uma identificação. Independentemente de quão beligerante se mostrar o tipo do outro lado. Um agente real não se ofenderia. Sair do carro antes de saber o que está a acontecer é uma estupidez.

O pobre rapaz limitou-se a assentir com a cabeça.

Decker tirou a carteira e mostrou-lhe o distintivo e a identificação.

— Até isto poderia ser falso. Portanto, o passo seguinte é usar o teu telemóvel e perguntar o meu nome ao Departamento de Polícia de Los Angeles. Porque eu poderia ser qualquer um, está bem?

O rapaz voltou a assentir.

— Quem dizes que sou?

O rapaz leu a identificação.

— Inspetor-coordenador Peter Decker.

— Então, liga para o Departamento de Polícia e consegue o número do meu distintivo.

— Quer que faça isso agora?

— Não te incomodes — replicou Decker, com um sorriso. — Sou inspetor-coordenador da polícia — olhou para o bilhete de identidade rapaz. — Onde vais?

— Combinei encontrar-me com alguns dos meus amigos.

Decker deu-lhe o bilhete de identidade.

— Vou deixar-te ir com um aviso, mas arranja isto o quanto antes.

— Sim, senhor. Agora mesmo. Quero dizer, amanhã de manhã. Acho que todas as oficinas estão fechadas...

— Mas arranja-o. — Decker fixou-se nos olhos assustados do miúdo. — Sabes, Joey? Reconheço o teu nome.

— A sério?

— Sim. Eras amigo do Gregory Hesse, não eras? — O rapaz não respondeu. — Um dos meus inspetores deixou-te uma mensagem sobre o Gregory Hesse. Não retribuíste a chamada. A tua mãe e o teu pai também não. Há alguma razão para isso?

O rapaz começou a tremer a sério. Mesmo na escuridão, Decker via a sua cara pálida. A última coisa que queria era que um adolescente se queixasse aos pais de brutalidade policial.

— Não te preocupes com isso — tranquilizou-o Decker. — Voltarei a ligar

aos teus pais.

— Não, não, não o faça! — rogou-lhe o jovem. — Eu ia ligar, mas já era sexta-feira à tarde e pensei que não haveria ninguém.

— A polícia trabalha aos fins de semana.

— Sim, claro. Eu sei. Que estupidez. — Bateu com a cabeça na mão. — O Greg era o meu melhor amigo. Podemos falar disso. Agora não. Não é um bom momento, ou seja, um bom lugar. Quero dizer que não é um bom momento nem um bom lugar.

— Diz-me uma hora que seja boa para ti e para os teus pais — pediu Decker.

— Preferia não envolver os meus pais nisto.

— Por alguma razão em concreto?

— Já sabe como são estas coisas... Sabem coisas, mas não sabem tudo.

Decker ficou a olhar para a cara do adolescente.

— Joey, achas que o Greg se suicidou?

O rapaz humedeceu os lábios.

— Não sei.

— O Greg estava triste ultimamente?

— Triste não. Diferente.

— Consegues definir «diferente»?

— Distraído. Alguma coisa lhe rondava pela cabeça.

— Sabes o que era?

— Não me ocorre nada.

— E se falarmos no domingo? — sugeriu Decker. — Assim, não interferirá com os teus trabalhos de casa. Queres vir à esquadra?

— Está bem. Pode ser às onze? Não... Perdão — voltou a bater com a mão na cabeça. — Não estou bem. Nesse dia, é o funeral do Greg. Vai demorar algum tempo. Pode ser no sábado?

— Não me dá jeito. E no domingo à tarde? Às quatro ou às cinco?

— Pode ser às cinco.

Decker entregou o cartão ao rapaz.

— Se vires que não consegues, telefona para este número. Onde é o funeral?

— Na igreja presbiteriana de Tanner Road.

— Vou passar por lá. — Decker rabiscou alguma coisa no bloco. — Toma — deu um pedaço de papel ao rapaz. — Isto é para o farol traseiro, para o

caso de te mandarem parar. Diz que te deixo ir com um aviso e que o arranjarás no fim de semana.

— Obrigado, senhor. — O adolescente olhou para Decker, mas não disse nada.

— O que pensas?

— Eh... Sabia o meu nome por acaso ou estava a seguir-me?

— Tens o farol partido, Joey — respondeu Decker, com um sorriso. — A cavalo dado não se olha o dente.

Capítulo 6

Do banco traseiro de um táxi que cheirava a tabaco, Gabe enviou-lhe uma mensagem à 13h23.

«Estou aqui.»

Yasmine respondeu um minuto mais tarde: «Estou uns minutos atrasada. Já não demoro.»

Uns minutos transformaram-se em cinco. Gabe, compulsivo e pontual, ficava especialmente nervoso quando tinha de esperar.

Quando era criança, estava sempre à espera: que a mãe acabasse as aulas, que acabasse os trabalhos de casa, que lhe fizesse o jantar, que lhe lesse e que o aconchegasse na cama. A mãe estava sempre ocupada.

Os cinco minutos transformaram-se em dez e, depois, em quinze. À 13h45, voltou a escrever a Yasmine.

«Está a fazer-se tarde.»

«Desculpa. Estou a chegar.»

Vendo-o em perspetiva, percebia que a mãe tivera de trabalhar muito. Dedicava cada minuto livre do seu tempo à sua educação ou a chegar ao fim de mês. Ele nunca sabia quando dormia, porque estava sempre levantada quando acordava ou se deitava. Quando estava na infantil, viviam num estúdio minúsculo em Chicago quase sem aquecimento no inverno. Recordava perfeitamente estar esmagado por baixo de um monte de mantas quando dormia. Não suportava o peso. Fazia-o sentir-se como se alguém estivesse em cima dele. Mas, se tirasse uma ou duas mantas, congelava. Mal recordava o calor do corpo da mãe quando se deitava na cama que partilhavam, pois, esses momentos, ficavam perdidos na névoa do sono e da infância.

Chris só aparecera em cena quando ele tinha cinco anos.

Não importava o que sentia pelo pai agora, porque Gabe agradecia a intervenção de Chris. Assim que aparecera, tinham-se mudado para um apartamento de dois quartos e a vida tornara-se suportável. Não só tinham mais comida, mas comida melhor — frango, frutas e legumes e até biscoitos

—, a anos-luz da sua dieta anterior à base de leite, pão branco, manteiga de amendoim e macarrão.

No fundo da sua mente, recordava ter comido muitos talharins antes de então. Às vezes, comia talharins durante dias. Quase sempre, a mãe acompanhava-o, mas havia vezes em que simplesmente lhe dava de comer e ficava a olhar para ele. Mesmo com dois ou três anos, percebia que a mãe não comia com ele. Recordava que pensava que talvez ela tivesse fome e ele devesse partilhar a comida. Mas também tinha muita fome. E, quase sem se aperceber, já comera a tigela inteira e bebera o leite todo. E a mãe dava-lhe um beijo na cabeça e dizia-lhe que era um bom rapaz. E, nessas noites, não a via comer nada, só bebia café.

Suspirou.

Depois de desaparecer da sua vida durante quase um ano, entrara em contacto com ele. E ele ignorara-a. De repente, sentia-se envergonhado e, quando se sentia culpado, ficava de mau humor.

Onde raio estava a maldita rapariga? Fora má ideia. Estava cada vez mais tenso.

Depois do aparecimento de Chris, nunca mais voltaram a passar fome. Tinham aquecimento, tinham ar condicionado e ele tinha o maior luxo de todos: um piano.

Chris levava-o a Paris há seis semanas para festejar o Ano Novo. Estar com o pai era sempre como estar com um barril de pólvora com a mecha muito comprida. Gabe fora educado, mantivera-se calado e, por uma vez, o pai decidira comportar-se. Na verdade, tinham-se divertido bastante.

Embora também não tivessem passado muito tempo juntos. Normalmente, Chris dormia toda a manhã enquanto ele percorria a cidade, dando longos passeios sozinho, captando a arquitetura icónica com a máquina fotográfica. Costumavam encontrar-se à tarde, visitavam algum museu e saíam para jantar ou iam a um concerto. Depois, Gabe regressava ao seu quarto enquanto o pai procurava mulheres.

Para as testar, uma a uma. A idade de consentimento sexual era menor em França e Chris aproveitava-se dessa lei mais liberal, seduzindo raparigas por que, nos Estados Unidos, teria ido para a prisão. Em total, devia ter ido para a cama com umas quinze raparigas em dez dias. Ele dizia que estava a testar a mercadoria. Havia um acordo tácito segundo o qual Gabe podia ficar com a que quisesse, mas isso teria trazido complicações. Portanto, fechava-se no seu

quarto de hotel todas as noites e via a oferta ampla de pornografia da Internet francesa.

No fim, Chris só ofereceu trabalho a uma rapariga. Era uma rapariga de dezanove anos linda, mas drogada. Comprara-lhe um bilhete na classe económica, na linha área mais barata que encontrara, enquanto Gabe e ele, acompanhados por Talia, a atual namorada de Chris, voltavam para casa em primeira classe com a Air France.

— Quais são as probabilidades de acabar a trabalhar para ti? — perguntou Gabe.

— Cinquenta por cento.

A rapariga aparecera duas semanas mais tarde. Isso dizia muito do encanto de Chris.

Quando o relógio de Gabe deu as duas, irritou-se realmente. Já gastara vinte dólares à espera e a rapariga ainda não aparecera. Disse ao taxista para esperar um pouco mais, saiu do táxi e escreveu enquanto andava pela calçada.

«Onde estás?»

«Perdão.»

Merda! Iam chegar atrasados. Não suportava chegar atrasado. Cerrou os dentes com raiva. Finalmente, às 14h20, viu-a a chegar a correr. Se não estivesse tão furioso, ter-se-ia rido, porque era cómica. Corria, com a cara vermelha, nos seus saltos, usando um vestido preto minúsculo, que ficava justo, e uma camisola preta com a gola de pele. Tinha o cabelo apanhado com um estilo elegante, como se fosse a um baile de gala. Segurava uma mala de noite com contas. E ele? Ele usava uma camisa de ganga por cima de uma *t-shirt* preta de algodão, uns calças caqui e uns ténis.

Cumprimentou-o com a mão.

Ele não retribuiu o cumprimento.

Quando chegou ao táxi, disse:

— Lamento muito...

— É muito tarde. Vamos sair daqui.

Ela entrou primeiro e, depois, ele entrou e fechou a porta com força.

Com muita força.

— Vamos, vamos, vamos — gritou para o taxista, um russo que falava

com muito sotaque. — Siga pela 405 para a 101 este que liga à 134. Continue por aí até à 5 sul e, depois, siga a 110 sul. Saia na primeira.

— Está bem.

— Temos de chegar em meia hora.

— Isso é impossível!

— Faça-o e farei com que valha a pena o esforço.

— O senhor é que manda.

O taxista carregou no acelerador e eles ficaram colados ao banco com a força. Yasmine deixou escapar um grito abafado, mas ele ignorou-a. Ficou sentado, furioso e com os braços cruzados.

— Lamento — repetiu Yasmine.

Ele não respondeu. Depois, perguntou:

— Porque demoraste tanto?

— Disse à minha mãe que devolvi os bilhetes. Portanto, tive de esperar que a minha mãe e as minhas irmãs fossem às compras e à festa do Michael Shoomer. Depois, tive de me arranjar.

«Arranjar-te para quê?»

Gabe ficou a olhar para ela. Usava muita maquilhagem, *collants* e pérolas, como se fosse a uma festa de graduação. Até essas raparigas pareciam estúpidas. Parecia que se mascarara com a roupa da mãe. Ele desviou o olhar.

Ela brincou com o colar, nervosa.

— Lamento muito.

— Não me importo — redarguiu ele. — Eu já vi ópera. Embora odeie chegar atrasado. Todos olham para nós e temos de passar por cima das pessoas. É uma falta de respeito para os intérpretes.

Yasmine tinha a cara vermelha e continuava a ofegar. Ficou a olhar para ele em silêncio. Quando voltou a falar, parecia angustiada.

— Estou demasiado formal.

Gabe não disse nada e continuou furioso. Ela virou-se e ficou a olhar pela janela do táxi.

Havia pouco trânsito. Ainda tinham tempo.

— A ópera atrai todo o tipo de pessoas — declarou ele, finalmente. — As pessoas vestem-se de muitas maneiras, desde casacos e gravatas até calças de ganga. Não te preocupes com isso.

Ela continuou a olhar pela janela.

Continuaram outros cinco minutos em silêncio. De repente, Gabe relaxou.

Que sentido tinha zangar-se? Aquele era o terreno do seu pai.

— Estás bonita — elogiou.

Ela ia dizer qualquer coisa, mas mudou de opinião.

— A sério, Yasmine — insistiu Gabe. — Estás muito bonita.

Yasmine olhou para ele pela primeira vez. Tinha o rímel um pouco borrado.

— Lamento muito ter chegado atrasada. A minha família atrasa-se sempre. Devia ter-te avisado. Se querias que chegasse à uma, devias ter combinado para o meio-dia. Pensava que ir à ópera era algo bastante elegante.

— Às vezes, é. — Gabe dirigiu-se ao taxista. — Não pode ir mais depressa?

— Já vou a cento e cinco.

— Vá a cento e vinte. Não tem ninguém à frente.

— Paga-me a multa?

— Sim, pago a multa.

— O senhor é que manda.

O táxi voltou a ganhar velocidade. Gabe olhou para o relógio. Faltava cerca de meia hora e estavam a meia hora de caminho.

— Nada em Los Angeles é formal e muito menos uma *matiné*.

— Agora, já sei. Nunca fui à ópera. Nem sequer vi uma representação de nenhum tipo ao vivo.

— Os teus pais não acreditam na cultura?

— Têm cultura, mas não é cultura americana. No Irão, tenho a certeza de que o meu pai era muito culto. Só aprendeu inglês quando fez trinta anos. Porque haveria de ir ao teatro aqui? Não perceberia nada.

— Tens razão. Foi uma indelicadeza. Desculpa.

Ela brincou com as contas da mala de noite.

— Tenho um aspeto ridículo.

Ele tentou sorrir.

— Ninguém vai olhar para ti, porque teremos de abrir passo entre a escuridão quando chegarmos.

— Lamento que percas tudo.

— Não vamos perder tudo. Simplesmente, teremos de esperar até haver um interlúdio para que nos deixem sentar. Não me importo. Eu já vi a *La Traviata*.

— A sério?

— Sim, vi-a há quatro anos no Met.
— A sério? — Yasmine esbugalhou os olhos com espanto.
— Sim. Antes, vivia em Nova Iorque.
— Meu Deus! — recostou-se no banco e suspirou com os olhos fechados.
— Esse é o meu sonho.
— Viver em Nova Iorque?
— Não, ir ao Met. — Nesse momento, endireitou-se. — Quem fazia de Violetta?
— Deixa-me pensar. Já foi há algum tempo... Acho que foi a Celine Army.
— É fantástico! — Virou-se para ele, embora sem olhar para ele nos olhos.
— Mas a Alyssa Danielli é melhor.
— Eu não falo de melhor e pior. São diferentes.
— Bom, gosto mais da voz da Danielli. É mais doce.
— Nisso, dou-te a razão. — Ficou a olhar para o seu rosto maquilhado com o rímel borrado. — Como podes ter um ouvido tão bom se nunca foste a um concerto?
Ela encolheu os ombros.
— Sou uma extraterrestre.
Gabe conteve um sorriso.
— O Liszt costumava apresentar o Chopin dizendo que era de outro planeta, portanto, talvez não seja assim tão mau.
— Talvez... — Yasmine tirou um espelho e um batom da mala. Quando viu a cara, horrorizou-se. — Meu Deus! Pareço um monstro!
— Estás bem...
— Isto é vergonhoso... Parece que passei a noite a beber e a drogar-me. — Tirou um toalhete da mala e começou a limpar os olhos. Isso só serviu para o piorar. Começou a tremer-lhe o lábio inferior. — Meu Deus, é um desastre!
Começou a atacar a cara com o toalhete para tirar a maquilhagem. Com cada movimento, borrava mais a maquilhagem. Começaram a cair-lhe lágrimas pelas faces.
Gabe revirou os olhos.
— Para, para, para! — tirou-lhe o toalhete. — Acalma-te. Está tudo bem. Fica quieta. — Com cuidado, começou a tirar-lhe a maquilhagem da pele até ficar limpa. — Já está.
Ela olhou-se ao espelho com medo e não disse nada.

— Não sei porque quererias cobrir a cara com essa merda — comentou Gabe. — És muito mais bonita sem ela.

— Já te disse que as persas se arranjam para os eventos. Além disso, agora, pareço uma menina de dez anos.

— Mas uma menina bonita de dez anos.

Finalmente, sorriu e, depois, pintou os lábios.

— Obrigada por me aguentares.

Gabe encolheu os ombros.

— Já que estás a mudar coisas, devias usar o cabelo solto. Ninguém da nossa idade usa o cabelo assim a não ser que esteja num casamento.

Ela fez beicinho e começou a tirar os ganchos do cabelo.

— Precisas de ajuda? — perguntou ele.

— Acho que já fizeste o suficiente, obrigada...

— Vais arrancar o cabelo se continuares a puxar. — Aproximou-se de Yasmine, mas ela afastou-se. Ele revirou os olhos. — Fica quieta. Só tento ajudar-te, está bem?

De repente, ela parou e deixou cair os ombros, derrotada.

— Faz o que quiseres...

«Nunca digas isso a um homem.» Gabe conteve o sorriso.

— Tens muito cabelo.

— Vejo que não sabes nada sobre raparigas persas. Todas temos muito cabelo e grande parte dele em zonas não desejadas.

Ele deu uma gargalhada inesperada.

— Pensaste em dedicar-te à comédia?

— Alegra-me que aches graça.

— Fica quieta. — Gabe aproximou-se mais enquanto lhe tirava os ganchos do cabelo, um por um. O seu rosto estava a poucos centímetros. Conseguia saborear a sua respiração. Inalou o seu perfume. O seu vestido tinha o decote em «U» e deixava as clavículas a descoberto. Quando acabou de lhe tirar os ganchos, fingiu que lhe alisava o cabelo e deslizou os dedos por aquelas protuberâncias ósseas. Passou os dedos pelas madeixas compridas de cabelo, suave, preto e ondulado. Tirou-lhe algumas madeixas de baixo da camisola e acariciou a sua nuca.

E ali estava: aquele formigueiro tão familiar por dentro das calças. Não usava calças justas, mas era alto e, graças a Deus, era proporcionado. A única coisa que ela teria de fazer seria olhar para baixo para o ver. Por sorte, era

demasiado ingénua para se aperceber. Desperdiçar-se-ia, mas, pelo menos, era agradável excitar-se com algo que não fosse pornografia.

— Já está — deixou os canudos por cima dos ombros dela e recostou-se no banco. — Agora, estás bem.

— Sim, claro! — Yasmine desviou o olhar. Era-lhe difícil olhar para ele sem corar. Era o rapaz mais bonito que alguma vez vira.

Gabe olhou para o relógio e voltou a zangar-se. O que era bom, mas era difícil estar excitado e incomodado ao mesmo tempo. Começou a bater com o pé enquanto o táxi acelerava para o seu destino. Olhou para o relógio novamente quando se aproximavam do Centro de Música. Quando o táxi parou, faltavam apenas cinco minutos.

Estavam no lado do Teatro Ahmanson em vez do Dorothy Chandler Pavilion, onde se representava a ópera. Era mais rápido correr do que dar mais indicações ao taxista.

Gabe pagou cem dólares por uma viagem de sessenta e dois.

— Obrigado — abriu a porta de repente. — Vamos, vamos, vamos.

Começou a correr pela calçada, presumindo que ela o seguia. Mas, pouco depois, ao olhar por cima do ombro, viu que estava vinte passos atrás. O vestido ficava demasiado justo para lhe permitir um movimento amplo e os saltos eram demasiado altos para correr. Gabe parou, agarrou-lhe a mão e arrastou-a enquanto ouvia o barulho dos saltos.

— Que gorjeta deste ao taxista? — perguntou.

— Não sei. Quem se importa?

— Vou pagar a viagem a meias contigo, portanto, importa.

— Disse que pagaria, se viesses... embora tenhas chegado quarenta e cinco minutos atrasada.

Yasmine ofegava.

— Disse que pagaria a metade...

— Esquece! — continuou a puxá-la. — Vamos, vamos!

Chegaram à entrada às 15h04.

As luzes estavam a piscar pela última vez, indicando que o espetáculo estava prestes a começar. Pelos altifalantes, ouvia-se a orquestra a afinar.

Começou a subir os degraus aos saltos, de dois em dois, seguido por Yasmine, mas o peso dela desacelerava-o. Virou-se e viu qual era o programa. Ela tinha a boca aberta e olhava, perplexa, para o teto.

— Olha para o tamanho daqueles lustres!

— Sim e continuarão lá no intervalo. — Voltou a puxá-la. — Vamos!

Entraram quando as luzes se apagavam. Passou à frente do empregado e disse que sabia onde eram os lugares.

Passaram por cima das pessoas.

«Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe.»

Finalmente, encontraram os lugares.

— Desliga o teu telemóvel — disse a Yasmine.

— Claro.

Gabe recostou-se e respirou fundo, aliviado. Olhou para Yasmine, que parecia alheia à sua chegada tardia e ao seu comportamento indelicado. Assim que a orquestra começou com a abertura, ficou sentada a prestar atenção, com os joelhos muito juntos, as mãos agarradas à mala e o corpo ligeiramente inclinado para a frente, como se houvesse alguma coisa para ver, para além do pano de fundo de veludo.

Incrível!

Depois de respirar fundo várias vezes, fez virar os ombros e começou a relaxar. Estavam na primeira fila do camarote, portanto, gozava do luxo do espaço extra para esticar as pernas. Recostou-se, afastou as pernas e deixou cair as mãos no colo.

O joelho tocou no dela por acidente. Juntou as pernas imediatamente.

Ela olhou para ele na cara, esboçou um sorriso de orelha a orelha e articulou um «obrigada» silencioso, antes de voltar a olhar para o palco.

Ele arqueou as sobrancelhas e não pôde evitar sorrir também. Acomodou-se com os braços cruzados. Lentamente, as pernas começaram a abrir-se e voltou a tocar no joelho de Yasmine.

Daquela vez, deixou-o onde estava.

Capítulo 7

Como a esquadra estava tranquila, Decker tencionava adiantar parte da papelada da semana anterior, mas não conseguia concentrar-se. Não parava de pensar no funeral de Gregory Hesse. Tinham posto uma fotografia ampliada da cara do rapaz em cima do altar e os seus olhos jovens não podiam antecipar o desastre que se aproximava. Perante uma igreja abarrotada, o padre pronunciou um discurso sobre uma vida segada pelo mais profundo dos segredos do coração. Teve de parar várias vezes para recuperar. Depois, falaram familiares e amigos, que contaram as suas lembranças de um rapaz demasiado jovem para usar o pretérito.

A missa acabou ao meio-dia e a receção durou mais uma hora. Decker percebeu que muitos jovens assistiram. Depois de esperar pela sua vez para oferecer as condolências aos pais, supôs que fizera o correto ao ir ao funeral, porque Wendy Hesse lhe apertou a mão.

«Por favor, não se esqueça do meu filho.»

— Toc, toc. — Rina estava à porta com um saco de papel. — Serviço de quartos.

— Senta-te. — Decker sorriu. — O que me trouxeste?

— Sandes de carne assada em pão de centeio com rabanete picante e mostarda. Tenho uma reunião na escola dentro de vinte minutos. Enquanto isso, tencionava fazer o que faço melhor, quer dizer, alimentar-te.

— Fazes muitas coisas extremamente bem, incluindo alimentar-me.

Rina sentou-se.

— Estarás em casa às sete, não é?

— Sim, lá estarei. — Koby e Cindy iam jantar com os bebés. — Tens a certeza de que não preferes sair?

— Se saíssemos, nenhum de nós conseguiria comer. Portanto, cozinharei. Mesmo que ninguém coma, é mais barato do que sair.

— Ninguém cozinha tão bem como tu. O que vais fazer?

Falou-lhe da ementa: vitela assada com arroz *pilaf* e frutas desidratadas, feijão-verde, puré de batata-doce e, para a sobremesa, bolo de pêsego.

Decker sentiu água na boca, mesmo enquanto comia a sandes.

— Tenta chegar a tempo.

— Não tentarei, chegarei a tempo. Olha para este lugar. Sou o único louco que está aqui num domingo à tarde. Onde está o Gabe?

— Foi à ópera. Disse que estaria de volta para o jantar.

— Esse rapaz é um mistério, mas sabe reconhecer uma boa refeição.

— Como foi o funeral?

Decker fez um resumo.

— De facto, estou aqui para falar com o melhor amigo do Gregory. É um pouco estranho. Ou talvez o tenha deixado nervoso quando o mandei parar.

— Achas? — Quando Decker fez uma careta, ela acrescentou: — O que te parece estranho?

— Esconde coisas.

— Isso não é estranho, chama-se cautela.

— Desde quando és a advogada de defesa dele? — Nesse momento, ouviu-se o intercomunicador e a rececionista informou Decker de que Joey Reinhart lhe ligava na linha dois. — Olá, Joey, sou o inspetor-coordenador Decker.

— Eh, sou capaz de chegar um pouco mais cedo.

— Claro. A que horas?

— De facto, estou à frente da esquadra.

— Entra e sairei para te receber. — Decker desligou o telefone e levantou-se. — O rapaz chegou cedo.

— De todas as formas, tenho de ir. — Rina levantou-se e deu-lhe um beijo nos lábios. — Hoje, vão decidir se instalamos uma máquina de venda automática ou se montamos uma banca para vender a nossa própria comida.

— E qual é o dilema?

— Bom, se deixarmos que uma empresa de máquinas de venda automática nos traga a comida, poderia haver problemas com o *kashrut*. Mas o pró é que eles se encarregam de tudo e nos enviam uma conta. Além disso, não precisamos de ninguém para a administrar. Se vendermos a nossa própria comida, ganhamos mais dinheiro e o *kashrut* não é um problema. Mas, então, poderíamos ter problemas de responsabilidade e com o Departamento de Saúde e temos que encontrar alguém para gerir a banca. Sim, parece correto, mas este tipo de coisas influencia muito as crianças.

— Entendo. Desde que pusemos a máquina de *cappuccino* junto da dos doces, andam todos mais contentes.

— Aí o tens. — Rina sorriu. — Nunca subestimes o poder da cafeína e do açúcar.

Inclusive com uma camisola com capuz e umas calças de ganga largas, o rapaz continuava a ser um saco de ossos. Decker levou-o para uma sala de interrogatórios, deu-lhe um copo de água e um rebuçado.

— Já arranjei o farol — informou o rapaz.

— Fantástico!

— Obrigado por não me passar uma multa.

— Não tens de quê. Alegra-me que te tenhas encarregado disso. — Decker tirou um gravador portátil. — Importas-te que grave a conversa? É o procedimento habitual. Ninguém tem uma memória perfeita.

— Claro. Está à vontade.

Decker disse o nome da pessoa com quem estava a falar, a hora e a data.

— Obrigado por vir.

— Não tem de quê. — Joey entrelaçou os dedos compridos e encolheu os ombros. — O que posso dizer?

— A mãe do Gregory não sabe o que aconteceu. Não o esperava.

— A quem o diz...

— Tu também não o esperavas?

O rapaz pareceu triste.

— Não.

— Fala-me do Gregory Hesse — pediu Decker. — Como era?

— É difícil descrever uma pessoa que conhecemos há anos— replicou Joey, com escuridão no olhar. — O Greg era o Greg.

— O que faziam quando estavam juntos?

Joey voltou a encolher os ombros.

— Saíamos por aí... íamos ao cinema, jogávamos videojogos. Sempre nos demos bem. Ambos somos bastante inteligentes... nem imagina. Eu sou mais de ciências e matemática. O Greg também tinha jeito para a matemática, mas gostava de línguas. Gostava de ler e escrever. Costumava ajudar-me com os meus trabalhos. — Joey mordeu o lábio. — Era um rapaz inteligente.

— Têm outros amigos em comum?

— Sim, temos um grupo. — O Mikey, o Brandon, o Josh e o Beezel. Se queremos sobreviver à B e W, precisamos de amigos.

— E se não tiverem amigos?

— Estamos lixados. A B e W não é um lugar agradável. Mas, se não perdermos a cabeça, podemos sobreviver e obter uma boa formação.

— O que aconteceu ao Kevin Stanger?

— Oh, meu Deus, pobre Kev! — Abanou a cabeça. — A sobrevivência do mais forte, já sabe. O Kev não suportou.

— Porquê?

— Já sabe, nem todos os estudiosos são inteligentes. Esse era o problema do Kevin. Era estranho, mas não tinha um cérebro em que se apoiar. Isso transformou-o num alvo.

— Os rapazes batiam-lhe?

— Não, é mais subtil. Eles encurralavam-no. Vamos a andar e, de repente, há uma dúzia deles junto de nós, a bater-nos na cabeça, a tocar-nos e a pedir-nos dinheiro, que nós damos. Mas nem sequer depois disso param. Com o Kevin, era um dia atrás do outro.

— Não foi à administração para contar os seus problemas?

— Se fizesse isso, era pior. O melhor que se pode fazer é viver com isso e esperar que encontrem outra vítima. Passar por isso causa muita ansiedade, porque, por dentro, pensamos que, a qualquer momento, vão ser violentos.

— E quantos costumam ser?

— De cinco para cima. E, como realmente não nos magoam, a quem vamos queixar-nos? Trata-se de domínio. De quem é o chefe.

— Quem são?

— Imbecis — replicou Joey. — Seria uma estupidez dar nomes, porque, quando nos tornamos alvos, espalha-se a notícia e, então, somos o alvo de todos. Eu estou bem. Não se ofenda, mas não vou estragar tudo.

— Eles não saberiam quem é a fonte, Joey. Podíamos mantê-lo em privado.

— Procure outro. Em qualquer caso, não lhe seria de ajuda, porque o Greg não tinha problemas. Ele conseguia superá-lo. — Joey pareceu ficar perdido nos seus pensamentos. — Ambos damos aulas particulares, outra razão por que não vou dar nomes. Tenho de pagar o carro e a gasolina é cara. As aulas particulares dão-me dinheiro.

— Compreendo. Fala-me do Greg e das aulas dele.

— Não posso garanti-lo, mas acho que o Greg estava a fazer batota.

— Referes-te a escrever trabalhos para os alunos do último ano?

— Não. Não podia fazer uma coisa dessas. Era mais... preencher os vazios. As teses dos alunos do último ano têm um mínimo de trinta páginas. Isso é escrever muito para a maioria.

Decker assentiu.

— Isso não tem nada de mal. Quero dizer que quase todos os rapazes da B e W receberam aulas particulares durante anos, de professores profissionais, de preparadores para os exames de ingresso à universidade e de estudantes universitários. Todos sabem que, se entregarmos um trabalho de fim de trimestre na escola, cerca de quarenta milhões de pessoas o leram antes de ser entregue. A B e W tem uma política rígida de avaliação. Tem de render a um nível universitário, o que, para mim, nunca fez sentido. Para que precisamos do secundário se já estivermos ao nível universitário? Mas já sabe como é. A concorrência é feroz.

Decker coçou a cabeça. Os seus filhos já tinham deixado essa corrida de loucos para trás, mas recordava muito bem o *stress* de entrar nas melhores universidades do país. Gabe era o único adolescente que Decker conhecia que não ficava nervoso com a universidade. Portanto, basicamente, era preciso ser um génio da música para o fazer sem ansiedade.

— Se o Greg estava bem, Joey, porque achas que se suicidou?

Os olhos de Joey humedeceram.

— É um mistério.

— Disseste-me que, ultimamente, agia de maneira diferente.

O rapaz fez uma pausa.

— É que, nos dois últimos meses, se obcecou com a câmara de vídeo. Ao princípio, não importava, mas, depois, tornou-se incómodo ter uma câmara na cara enquanto comemos um cachorro.

— O que é que o Greg filmava?

— Dizia que só estava a documentar a vida do adolescente médio.

Decker pensou nisso por um momento.

— Quando o Greg começou a filmar, começou a distanciar-se de ti e do teu grupo? Começou a sair com outras pessoas?

— Que eu saiba, não. Quero dizer que não começou a sair com os boémios.

— Quem são os boémios?

— Oh, já sabe, artistas que se vestem de forma estranha e que são muito intelectuais. Estão sempre a dizer que a formação clássica não serve de nada e

que a verdadeira formação está nas ruas. O que significa que são estúpidos. Bolas, deem-me uma pausa! Qualquer pessoa que vá para a B e W é uma criança mimada. Quero dizer que nenhum desses supostos tipos duros duraria um único dia nas ruas.

— Quem são os tipos duros? — Joey fez um gesto com a mão para lhe tirar importância. — Perguntaste ao Greg porque começou a filmar?

— Dizia que era divertido... Que o fazia esquecer o aborrecimento do secundário — Joey ficou calado por uns segundos. — Não sei porquê, mas deu-me a impressão de que tinha a ver com uma rapariga.

— Perguntaste ao Greg por isso?

— Sim. Negou-o, disse que, se tivesse namorada, eu seria o primeiro a saber para mo esfregar na cara.

— As raparigas podem levar-nos em muitas direções — comentou Decker. — A tua teoria é uma hipótese ou estás a pensar em alguém em concreto?

— Revi as possibilidades mentalmente. Não me ocorre ninguém.

— E a tua irmã? — perguntou Decker.

— A minha irmã? — Pareceu estranhar. — Refere-se à Tina?

— Uma vez, a mãe foi buscá-lo a tua casa. Disse que havia raparigas lá e, quando perguntou ao Gregory, disse-lhe que eram amigas da tua irmã.

— A Tina é uma criança. — Quando Decker ficou em silêncio, Joey continuou. — Não... impossível. E, mesmo que seduzissem, coisa que eu nunca vi, ela não seria o motivo por que o Greg fez o que fez. Não conseguiria inspirar tanta paixão.

— E as amigas?

— Não estou a ver. — Joey abanou a cabeça. — Se quiser que pergunte, posso fazê-lo.

Decker pensou um pouco. Na verdade, não tinha uma boa razão para começar a interrogar um punhado de meninas de treze anos.

— Faz o que achares mais correto. — Olhou para Joey nos olhos. — Repete-me qual achas que pôde ser a causa do suicídio.

— Não sei, inspetor-coordenador, isso é a verdade.

— Achas que o Greg poderia ter começado a drogar-se?

— Não acho.

— Fumavam juntos?

Joey ficou vermelho.

— Às vezes, aos fins de semana, mas nada forte. Talvez um charro entre

quatro.

Decker assentiu.

— Achas que o Greg poderia ter ido mais além?

— O Greg não parecia perder o controlo com nada. — Ficou a olhar para a cara de Decker. — Numa autópsia, não se analisa o sangue em busca de drogas?

— Certamente, mas demora algumas semanas. Voltemos ao Greg e à possibilidade de haver uma rapariga. Sinto curiosidade por saber porque o consideras uma possibilidade.

O rapaz mexia os olhos, nervoso, de um lado para o outro.

— Cheirava melhor. — Bebeu um gole de água. — Já sabe, quando está frio e se acende o aquecimento. Um grupo de homens juntam-se, comem e, às vezes... — voltou a ficar vermelho. — Já sabe, veem coisas que não veriam com os pais. Cheira um pouco mal.

— Entendo — declarou Decker.

— O Greg sempre teve alguns quilos a mais. Suava muito. No mês passado, acho que começou a tomar banho com mais frequência. — Evitou olhar para ele nos olhos. — E, quando um homem começa a tomar banho com tanta frequência, parece-me que tem de haver uma rapariga envolvida. Além disso... — Fez uma longa pausa. — Como digo isto sem parecer um perverso? Víamos coisas. Acho que o Greg descobriu finalmente que tinha franga, já sabe ao que me refiro.

— Entendo. O Greg era viciado na pornografia?

— Todos somos viciados na pornografia. Somos adolescentes.

Decker pensou um pouco.

— Achas que gravava coisas que não devia gravar? Talvez gravasse as raparigas nos vestiários.

Joey olhou para ele com os olhos esbugalhados.

— Se foi assim, nunca me mostrou nada.

— Como achas que o Greg teria reagido se o tivessem apanhado a fazer uma coisa assim?

— Bom, para começar, teria sido expulso da escola.

Decker assentiu e pensou: «O que teria acontecido se um rapaz tranquilo e estudioso fosse apanhado a filmar uma rapariga popular nua? Que ataque teria feito? Tê-lo-ia envergonhado, humilhado, chantageado e ameaçado ir ao diretor? E, se o rapaz se vira a enfrentar uma possível expulsão... Quem

sabia o que poderia ter feito...»

Joey continuava a pensar na pergunta.

— Acho que me teria mostrado uma coisa dessas. Não é que esteja bem, mas os homens são assim.

— Alguma vez viste o que o Gregory tinha na câmara?

— Às vezes, mostrava-nos qualquer coisa, mas nunca vimos na totalidade.

— A mãe dele tem a câmara de filmar?

— Suponho que sim.

— Está bem, Joey. Com isto, temos algo para começar.

O rapaz assentiu.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Porque faz isto? — Joey parecia incomodado. — Se o Greg estava a fazer alguma coisa mal, porque quer desenterrá-la?

— É uma boa pergunta. Ao princípio, a mãe pediu-me para a ajudar a entender os motivos que levaram o filho a fazer uma coisa tão terrível. Mas, se for algo desagradável, vou ter de levar uma investigação a cabo.

— Sim, parece-me uma boa ideia. Embora não ache que estivesse a fazer alguma coisa de mal.

Decker ficou a olhar para a cara do rapaz. Parecia sincero.

— Achas que os teus amigos se importariam se falasse com eles?

— Não, não se importariam. Não sei o que lhe diriam. Provavelmente, conhecia melhor o Greg do que eles.

Decker entregou-lhe uma folha de papel e uma caneta.

— Podes escrever os seus nomes e os seus números de telefone?

— Claro.

Enquanto escrevia, Decker pensava no seu próximo movimento. Conseguir a câmara, conseguir o computador do rapaz e dar uma olhadela ao quarto. Joey tinha razão numa coisa. Até onde é que Wendy Hesse queria saber? Quando Joey lhe devolveu o papel, ele disse:

— Tenho outra pergunta importante. Tens ideia de onde Greg arranjou a pistola?

— Essa pistola em concreto não — redarguiu Joey. — Mas dir-lhe-ei uma coisa. Não é difícil conseguir armas na B e W. Conseguimos pistolas, álcool, droga, pornografia, boas notas e até os resultados dos exames.

— É fácil, eh? — perguntou Decker.

— É fácil, sim — confirmou Joey. — A única coisa que temos de fazer é pagar por isso.

Capítulo 8

Durante o dueto final — *gran dio...morir sì giovane* —, Gabe desviou o olhar para Yasmine, que levava as mãos à cara. Viam-se os seus olhos entre os dedos abertos e as lágrimas caíam pelas suas faces. Durante toda a representação, ele estivera concentrado no tom, no timbre da voz, na mistura de som e no volume. Mas a rapariga sentada junto dele soluçava porque Violetta estava prestes a sucumbir à tuberculose.

Quem estava a desfrutar mais da tarde?

Quando Yasmine pestanejou, uma nova corrente de lágrimas brotou dos seus olhos. Num gesto protetor, Gabe rodeou-a com o braço e ela, simplesmente, fundiu-se com ele e deixou que as suas lágrimas salgadas lhe molhassem a camisa. Quando Violetta morreu finalmente e o pano de fundo caiu, Yasmine endireitou-se, tirou um lenço da mala e limpou a cara. Os aplausos e saudações duraram mais cinco minutos e, depois, acenderam as luzes.

Eram cinco e meia da tarde quando saíram do edifício. O céu conservava o resplendor de um pôr do sol deslumbrante: cor-de-rosa, cor de laranja e púrpura. O chão estava húmido e o ar era fresco.

Yasmine abraçou-se. A sua voz era trémula.

— Como conseguimos um táxi?

— Não o faremos — declarou Gabe, olhando para o relógio. — Entre o chamarmos e chegar até aqui, é mais fácil apanhar o autocarro.

— Quanto tempo demoraremos a chegar a casa?

— Uma hora, no máximo.

— Disse à minha mãe que estaria em casa às seis.

— Isso não acontecerá, nem mesmo de táxi. Devemos apressar-nos. O autocarro passará dentro de cinco minutos e, se o perdermos, teremos de esperar meia hora — deu-lhe a mão e puxou-a. Chegaram um minuto antes de passar o autocarro. Ela saltava de um lado para o outro enquanto esfregava os braços. — Tens frio? — perguntou Gabe.

— Tenho sempre frio.

— Cá fora, está frio — esfregou-lhe os braços com as mãos.

Quando chegou o autocarro, ela disse:

— Lamento ter ficado sensível. Espero não te ter envergonhado.

— É teatro. Supostamente, tens de te comover. Os intérpretes vivem para as pessoas como tu.

Entraram no autocarro e ele pagou os bilhetes. O interior cheirava a rançoso, mas, pelo menos, estava calor. Gabe encontrou dois lugares vazios na parte traseira. Cedeu-lhe o lugar da janela e conformou-se com o corredor. Era melhor para esticar as pernas e, além disso, poderia protegê-la com o corpo se entrasse algum criminoso. Em Los Angeles, não existiam realmente os transportes públicos rápidos. Os autocarros eram o meio de transporte para os demasiado pobres ou demasiado jovens para ter carro. Yasmine tirou o seu telemóvel e começou a falar numa língua estrangeira, presumivelmente, persa. Desligou alguns minutos mais tarde.

— Está tudo bem?

— A minha amiga disse que me cobriria. Supostamente, estou em casa dela.

— Boa amiga. Porque não foste com ela à ópera?

— Teria vindo comigo, mas não teria gostado. Não é divertido ir com uma pessoa que está sempre a olhar para o relógio.

— Entendo-te.

— Muito obrigada por fazeres isto por mim.

— A verdade é que o prazer foi meu. Nunca tinha ouvido a Danielli ao vivo. Foi fantástico.

Yasmine levou a mão ao coração.

— Meu Deus, mudou-me completamente — respirou fundo e expirou. — Talvez isto soe mal, mas acho que o homem que fazia de Alfredo não lhe fazia justiça.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Sim, não acertou em algumas notas.

— E mesmo no fim... Meu Deus, não era vergonhoso? Ou seja, como pode cantar assim quando está a cantar com a Alyssa Danielli?

Gabe ficou a olhar para ela.

— Tens mesmo bom ouvido. A tua família gosta de música?

— A minha mãe cantava.

— Ópera?

— Não. Cantava em festas e coisas assim. Já não o faz.

— Porquê?

— Porque está casada. Ou seja, ainda canta, mas não de maneira profissional. — Yasmine ficou pensativa. — Tem uma voz linda.

Gabe assentiu.

— E os teus pais não te dão aulas de música?

— Oh, claro que sim. Todas recebemos aulas de piano. Mas não tenho muito jeito.

— Durante quanto tempo tocaste?

— Tecnicamente, continuo a tocar, mas sou um desastre. Não quero falar disso. E muito menos contigo.

Passaram uns minutos em silêncio. Gabe tirou uma barrita energética do bolso e, assim que o fez, Yasmine ficou a olhar para o aperitivo. Ele ofereceu-lha sem dizer nada.

— Tens outra? — perguntou ela.

— Fica com ela.

— Podemos partilhá-la.

— Fica com ela.

Ela aceitou a barrita e partiu-a ao meio.

Gabe manteve as mãos no colo.

— Não tenho fome, a sério.

— Então, porque a tiraste, se não querias comer?

— É uma força do hábito. Às vezes, preciso de um pouco de açúcar. — Ficou a olhar para a cara dela. — Pareces cansada. Comeste alguma coisa hoje, para além da *Coca-cola light* durante o intervalo?

— Bebi café. — Gabe revirou os olhos e ela acrescentou: — Não tinha tempo. — Deu uma dentada cuidadosa à barrita.

Gabe esperou uns segundos antes de falar.

— Gostas da música do piano?

— Claro que gosto. Gosto de como tocas. Não massacras a música, como eu.

Ele sorriu.

— Pergunto-to porque, no sábado que vem, à tarde, há um concerto na universidade. — Fez uma pausa. — Um momento. És *Shomer Sabbat*?

— Vamos à sinagoga de manhã, mas conduzimos e essas coisas. — Ficou a olhar para ele. — Para um católico, conheces umas expressões bastante

desconhecidas.

— A viver com os Decker, aprendi algumas coisas.

— Bom... — esquivou o seu olhar e mordeu o lábio. — O que dizias?

— Ah, sim. Que o pianista é um rapaz que conheço dos concursos. O Paul Chin. Estuda na Universidade do Sul da Califórnia e temos o mesmo professor de piano. É muito bom. Eu vou, de certeza. Se quiseres vir comigo, será um prazer levar-te.

— Adoraria ir. A que horas é?

— À mesma hora. Às três — ela não disse nada e começou a calcular algo desconhecido. — Porque não dizes aos teus pais que vais?

— Não me deixariam ir.

— Yasmine, não é um encontro...

— Eu sei.

— Obviamente, adoras a música clássica e é uma pena reprimi-lo.

— Os meus pais são muito antiquados. Sobretudo, o meu pai. Não me permite sair, ponto final, nem sequer com rapazes persas e judeus. — Fez uma pausa. — Sei que não é um encontro e que só estás a ser amável, mas... — Suspirou.

— Bom, a oferta continua de pé — redarguiu Gabe. — Se mudares de opinião, aparece na paragem do autocarro.

Ela assentiu, mas parecia triste.

— Acaba a barrita.

— Não tenho fome. — Ofereceu-lha outra vez.

— Come. Não sejas uma daquelas anoréxicas ridículas.

— Não sou anoréxica.

— Então, prova-me que me engano e come-a.

Yasmine deu outra trinca, sem muita vontade.

— Ouve, não te preocupes — declarou ele, dando-lhe uma cotovelada no braço. — Terás tempo para ir a mais concertos quando fores para a universidade. Além disso, provavelmente, é melhor não enganar os teus pais.

Ela não respondeu.

— O que é que o pianista vai tocar? — perguntou, ao fim de um instante.

— Saint-Saëns. Acho que a orquestra vai tocar alguns clássicos como a *Danse Macabre* e *Bacchanale* — pensou um pouco. — Quando era pequeno, vi *Sansão e Dalila*. O meu pai levou-me. Eu herdei o ouvido dele. A questão é que não foi como uma ópera no Met, mas uma dessas coisas experimentais

que os vanguardistas nova-iorquinos adoram fazer. E, quando chegou a vez da *Bacchanale*, a companhia começou a tirar a roupa até ficarem todos nus e começaram a simular... Tu sabes... — sorriu. — Meu Deus, acho que não ouvi uma só nota.

Ela riu-se.

— Quantos anos tinhas?

— Uns nove.

— E o que é que o teu pai fez?

— Não sei. Eu estava demasiado envergonhado para olhar para ele.

Yasmine voltou a rir-se.

— Portanto, herdaste o teu talento do teu pai?

— Sim, só que eu sou melhor do que ele e ambos sabemos. É divertido. O meu pai é um completo tirano. Nunca o contradisse em nada, exceto em questão de música. É o único campo em que posso dizer-lhe que se engana e ele ri-se ou dá-me a razão. É estranho.

— Provavelmente, estás a tornar o seu sonho realidade.

— Não, o meu pai gosta do que faz.

— O que faz?

Gabe demorou um pouco a responder.

— Tem bordéis. — Yasmine ficou sem palavras. — Bordéis. Sabes. Prostíbulos.

— Prostíbulos?

— Não sabes o que é um prostíbulo?

— Sei o que é uma prostituta — redarguiu, corada. — Não sabia que havia um lugar específico para elas.

— Come a barrita energética.

Yasmine deu outra dentada.

— E como funciona isso? Todas as prostitutas decidem viver juntas?

— Muda de assunto.

— Não. Tenho curiosidade.

— Um bordel é um lugar onde as prostitutas trabalham. Portanto, em vez de terem de sair para a rua para procurar homens, ficam num sítio e os homens vão ter com elas.

— Para ter sexo?

— Essa é a ideia.

— Portanto, o teu pai tem um grande hotel ou uma coisa dessas?

— Sim, uma coisa dessas.

— Ena! — esbugalhou os olhos. — E é legal?

— Em algumas zonas do Nevada, é.

— E as prostitutas pagam-lhe uma renda?

— É um pouco mais complicado — bateu no chão com o pé. — Yasmine, podes perguntar-me o que quiseses, mas agradeceria que isto ficasse entre nós. É um pouco vergonhoso.

Ela encolheu os ombros.

— O meu pai tem todo o tipo de propriedades. Tenho a certeza de que terá inquilinos desagradáveis.

— Está bem — respondeu Gabe, rindo-se.

— Mas não acho que tenha prostíbulos.

— De certeza que não. Não lhe pergutes.

— Não. Não seria boa ideia.

— Seria uma ideia muito má. — Gabe apontou para o resto da barrita energética. — Come.

Yasmine deu mais uma trinca.

— E o que tocará?

— O que tocará quem?

— O pianista do concerto de sábado.

— Ah, sim... — A conversa ia de um lado para o outro. — O Paul vai tocar um concerto para piano chamado *Africa, Fantasia*. Não é especialmente difícil, mas adoro. E gosto de mostrar o meu apoio.

— Nunca o ouvi.

— É bom. Há várias versões no YouTube.

— E... A que horas vais?

Gabe ficou a olhar para ela.

— O autocarro sai à uma. Assim, chegaremos à universidade por volta das duas e um quarto ou duas e meia.

Ela assentiu.

— Quanto custam os bilhetes?

— Não muito. Quinze ou vinte dólares. Eu compro-te um. Se vieres, muito bem. Se não, também não faz mal. Sem pressão. Mas, se quiseses vir, não podes atrasar-te. Não tenciono esperar.

— Entendido. — Yasmine recostou-se e fechou os olhos. — Este dia foi mágico... Simplesmente mágico.

— Fico feliz por teres gostado — disse Gabe. — Provavelmente, devias comprar alguma coisa à tua amiga por te encobrir.

— À Ariella? — Yasmine sorriu. — Eu encobri-a um milhão de vezes. Isto não é nada. Essa rapariga é uma mentirosa.

— Portanto, és a amiga boa?

Ela encolheu os ombros.

— Não há razões para te envergonhares — tranquilizou-a Gabe. — Vai correr tudo bem.

— Tenho a certeza de que, em algum lugar, há um rapaz judeu e persa de vinte e quatro anos à espera que eu cresça. — Ficou a olhar para ele. — As raparigas persas costumam casar-se com rapazes mais velhos. Nem sempre, mas essa é a tradição. A minha irmã mais velha está noiva de um rapaz de trinta e um anos. Ela tem vinte e três.

Gabe assentiu.

— Que interessante...

Fizeram o resto do trajeto em silêncio. Yasmine foi a dormir até acabar por adormecer com a cabeça apoiada no seu ombro. Tinha a cara orientada para cima e os lábios ligeiramente entreabertos. Gabe sentia a respiração quente dela na face. O cabelo fazia-lhe cócegas na cara.

Também estava cansado, mas não conseguia parar de olhar para ela a dormir.

Era realmente bonita. Uma pena.

Poucos minutos antes de chegarem à paragem, sacudiu-a suavemente para a acordar. Ela respirou fundo e expirou, endireitou-se e esfregou os olhos.

— Adormeci?

— Parece que sim. — Gabe levantou-se e carregou no botão para parar. Pouco depois, o autocarro parou. — Vamos.

Era uma noite sem lua, fria e escura.

— Devo-te o dinheiro do táxi.

— Não me deves nada.

— Insisto.

— Não vou aceitar. Vamos. Acompanho-te a casa... ou até a algumas casas antes da tua, suponho.

— Supostamente, estou em casa da Ariella.

— E onde vive?

— Ao virar da esquina, portanto, não há problema.

— Acompanho-te até casa dela. Ela está a ajudar-te, portanto, saberá da minha existência, não é?

— Mais ou menos.

— Isso parece mau.

— É misterioso. — Yasmine começou a andar... muito devagar. Não queria que a noite acabasse. — Obrigada novamente.

— De nada.

Andaram durante uns segundos sem dizer nada. O único som era o barulho dos saltos de Yasmine.

— Não, obrigada, a sério. — Ela parou. — Foi o dia mais especial e maravilhoso da minha vida. Nunca o esquecerei. — Pôs-se em bicos de pés e deu-lhe um beijo na face. Depois, começou a correr e desapareceu pela calçada. Os saltos bateram no chão até se ouvir uma porta a abrir-se e a fechar-se.

Então, ficou tudo em silêncio.

Gabe ficou parado durante uns segundos, depois, virou-se e começou a andar para casa, ainda a sentir o calor dos lábios de Yasmine na face.

Capítulo 9

Do ponto de vista de um inspetor, o suicídio era um crime estranho. Havia uma vítima, mas o criminoso tinha muitas caras: a depressão, a psicose, a humilhação, uma dívida avassaladora, a raiva ou a combinação trágica de angústia adolescente e armas de fogo. Reconstruir a mente de Gregory Hesse no momento do impacto era impossível. A única coisa que Decker procurava era um indício do porquê.

A semana posterior ao funeral de Hesse fora ocupada, a esquadra estava cheia de crimes de todo o tipo. Quase todos os seus inspetores estavam ocupados, tentando arranjar provas suficientes para deter criminosos que, atualmente, andavam soltos pelas ruas. Marge e Oliver não paravam de entrar e sair do tribunal, testemunhando em casos que tinham demorado mais de um ano a chegar a julgamento. Na quinta-feira à tarde, Decker recebeu uma chamada de Romulus Poe, da Polícia do Novo México.

— Parece que o seu assassino em série, Garth Hammerling, estava realmente na minha zona. Tentei reconstruir os seus movimentos, mas tenho lacunas. A última coisa que soube foi que tinha comprado equipamento de acampamento e que se dirigia para o bosque nacional situado a norte do Novo México. A zona coincide com a ponta sul das Montanhas Rochosas e é fácil desaparecer lá. E, nesta época, também é bastante fácil perder-se e morrer de frio. É preciso ter muitos conhecimentos de sobrevivência para superar o inverno, sobretudo, um como o que estamos a ter.

— Não sei nada sobre os conhecimentos de sobrevivência do Garth Hammerling — admitiu Decker. — Sei que acampou no passado.

— Acampar nas Montanhas Rochosas no inverno não é como ir a Yosemite no verão com ligações elétricas e casas de banho portáteis. É rigoroso e perigoso.

— Por sorte para o Hammerling, sabe matar — comentou Decker.

— Talvez tenho jeito para matar mulheres bêbadas. Um leão na montanha é outra história. E deixe-me dizer-lhe uma coisa, no inverno, têm fome. Eu próprio vivo sem me ligar à rede elétrica, estou há décadas assim. Mas nem

sequer eu acamparia no norte durante o inverno.

— Se sobrevoasse a zona de helicóptero, conseguiria ver alguma coisa?

— A zona está cheia de pinheiros, portanto, nem sequer no verão se vê muito de cima, exceto verde. Nesta época do ano, está tudo branco e, passados uns minutos, a neve cega-nos. Suponho que, se tivermos muita sorte, podemos ver fumo ou uma coisa dessas. É melhor esperar que volte para a civilização. Se não soubermos nada dele, podemos começar a procurar quando começar o degelo em março e tanto poderemos encontrar um corpo como uma pessoa viva. Vou avisar os guardas-florestais e ligo-lhe se encontrarmos alguma coisa. Se o Hammerling fosse inteligente, perceberia que está frio lá fora e voltaria para umas temperaturas mais quentes.

— Está bem. Mas não baixem a guarda. É muito perigoso.

— Entendido. Se souber alguma coisa sobre ele, será o primeiro a saber.

— Obrigado, inspetor Poe. Continuaremos em contacto. — Decker desligou o telefone quando Marge Dunn entrava no seu escritório.

— Acabei de ficar livre. Precisas de alguma coisa?

O relógio marcava as três e dez.

— De certeza que consigo pensar em alguma coisa. — Decker reviu os assuntos da sua lista de tarefas e viu que só restava Gregory Hesse. — Podes fazer-me um recado?

— Ir buscar a tua roupa à lavandaria ou lavar-te o carro?

— Nada do que tenho se lava a seco e o meu carro é um desastre. — Decker apontou para uma cadeira e Marge sentou-se. Naquele dia, usava calças castanhas e uma camisola cor-de-rosa. A cor ficava-lhe bem.

— Continuo à procura de um motivo para o suicídio do Gregory Hesse.

— E como está a correr isso?

— Ainda estou à espera do relatório toxicológico. Continuo a pensar que talvez o rapaz estivesse drogado, visto nenhum dos amigos entender o motivo — resumiu-lhe as suas conversas, sobretudo a do domingo anterior com Joey Reinhart. — Porque não vais a casa da Wendy Hesse e trazes o computador e a câmara de vídeo do Greg? Parece que essa era a sua paixão. E pergunta à senhora Hesse se podes dar uma olhadela ao quarto dele. O Joey Reinhart, o melhor amigo do Greg, insinuou que podia haver uma rapariga na vida do Greg.

— E se a encontrarmos?

— Perguntamos-lhe pela relação e se correu mal. Talvez essa tenha sido a

razão.

— Não queremos fazer com que ninguém se sinta culpado — comentou Marge.

— Não, claro que não. Devia estar muito mal para fazer uma coisa dessas. Quase todos os rapazes se esquecem das raparigas bastante depressa. Embora o seu cérebro esteja triste, as partes íntimas continuam a ser mísseis teleguiados. Mas há alguns tipos sensíveis que não veem o futuro para além de um coração partido. Descobrimos alguma coisa nova sobre a pistola?

— Levámo-la para o departamento de balística. Agora, temos de procurar casos em que houvesse balas de uma *Ruger 9 mm*. Demorará algum tempo.

— Achas que a pistola esteve parada durante cinco anos?

— Pode ter sido usada para outras coisas, mas talvez não saibamos. A sua obsessão com a câmara é intrigante. Talvez tenha filmado alguma coisa que não devia.

— Eu estava a pensar ao mesmo. — Deu-lhe a morada. — Espero que a Wendy Hesse queira cooperar. Não falei com ela desde o funeral.

— Não te ligou?

— Não e eu liguei-lhe várias vezes. Salta sempre para o atendedor de chamadas. Talvez tenha mudado de opinião sobre investigar a vida privada do Greg.

— E porque haveríamos de remexer tudo?

— Sabes como são as investigações. Ganham vida própria.

Gabe não soubera nada dela desde domingo à tarde. Yasmine mandara-lhe uma mensagem para lhe agradecer uma última vez e ele respondera dizendo que adoraria voltar a fazê-lo, o que era verdade. Mas, depois disso, nada.

Durante a semana, pensara em entrar em contacto com ela, mas para quê? Ou aparecia no sábado ou não. E, a julgar pela forma como as coisas estavam a correr, o mais provável era que não aparecesse. Aquilo afetava-o e afetava a sua maneira de tocar. Até o seu professor se apercebeu.

Sobretudo, o seu professor.

«Estás distraído.» Depois, Nick lançara-lhe um dos seus famosos olhares fulminantes. «Gabriel, és um bom pianista profissional. Serás sempre um bom pianista profissional. Mas, se queres ser fantástico, terás de estar concentrado no que fazes a cem por cento. Neste negócio, ser bom não é

suficiente.»

Pelo amor de Deus, tinha apenas quinze anos. Quase todos os rapazes da sua idade estavam a fumar erva ou a divertir-se com as raparigas. O que queria dele? Mas, em vez disso, Gabe disse a Nick que tinha razão e que se esforçaria mais.

«Não são as tuas mãos, Gabe, é o teu cérebro. Deixa que a música te chegue à cabeça.»

Gabe decidira aplicar esse conselho. Decidira mesmo esforçar-se. Além disso, Nick dera-lhe uns exercícios de composição de que, normalmente, gostava. Mas, em vez de fazer progressos no campo escolhido, estava sozinho em casa, sentado na cama às quatro da tarde, a ver o Facebook.

Chopin teria de esperar.

Distraído.

A sua conta de Facebook continuava ativa, mas as fotografias eram antigas. Havia algumas dele com os amigos, quando tinha amigos. Em algumas delas, aparecia com a mãe, quando tinha mãe. Havia uma fotografia antiga do pai, que curiosamente era o único que continuava presente na sua vida. Há mais de um ano que não respondia às mensagens de ninguém nem atualizava o seu estado. Navegava pelas páginas dos antigos amigos à procura de fotografias atuais. Os amigos tinham crescido e alguns dos mais morenos já tinham uma quantidade de barba considerável. Também começava a ter barba, mas era difícil de ver porque o cabelo era loiro.

Em qualquer caso, não estava muito interessado nos velhos amigos, era a nova amiga que chamava a sua atenção.

Pela quinta vez numa hora, entrou no perfil de Yasmine. Ela aceitara o seu pedido de amizade, mas o contacto não passara daí.

Ficou a ver as fotografias em que ela aparecia (linda), as três irmãs (lindas), a sua mãe (a beleza original), e o pai, que era careca, com a cara quadrada e parecia ter sessenta e muitos anos. Yasmine parecia-se com as irmãs (que, por sua vez, se pareciam com a mãe), só que ela ainda era uma criança, enquanto as outras três estavam mais perto de se tornar mulheres. Imaginou como amadureceria, desejou poder prová-la dois anos mais tarde. Não se importaria de a provar como era naquele momento. Continuou a olhar para a cara dela, desejando que nunca se tivesse aproximado. Até fora várias vezes ao Coffee Bean às seis da manhã durante a semana com a esperança de a encontrar, mas ela não aparecera.

Como último recurso, pensou em passear pelos arredores da escola dela e fazer-se de surpreendido quando a visse. Tinha uma desculpa legítima. Rina era professora lá. Mas desprezou a ideia, pois parecia-lhe que era quase como persegui-la.

Portanto, ficou a olhar para as mesmas doze fotografias que vira há alguns minutos.

Nesse momento, chegou uma mensagem pelo computador.

«Estás aí?»

O nome no ecrã era diferente do da última vez, mas suspeitava quem era.

«Mamã?»

Uma longa pausa.

«Como estás?»

Sentiu que o olhar se toldava e que não conseguia respirar.

«Estou bem.» A cabeça dava voltas. Nunca lhe falara da gravidez, a razão por que o abandonara. Decidiu mostrar-lhe que sabia. «Como está a minha irmã?»

Houve outra pausa. A mãe estava a demorar a responder. Que horas seriam na Índia? Deviam estar em plena madrugada.

«Está bem. O Chris contou-te?»

«Sim, foi ele que me contou», escreveu Gabe. «Mas o Decker também descobriu. Todos sabemos há algum tempo. Como se chama?»

Esperou que respondesse.

«Juleen.»

«Gosto. Adoraria conhecê-la algum dia.»

«Eu também gostaria que a conhecesses. Talvez não demore muito.»

O coração acelerou. O momento foi incómodo.

«Veremos o que acontece. Dá-lhe um beijo da minha parte. E não te preocupes demasiado com o Chris. Vi-o algumas vezes. Acho que já tem a cabeça noutras coisas.»

Outra pausa.

«Amo-te, Gabriel. Amo-te e tenho muitas saudades.»

O coração voltou a acelerar. Já não estava zangado. A raiva causada pelo abandono fora substituída por uma tristeza profunda. O piano parecia estar a chamar o seu nome.

«Eu também sinto a tua falta. Tenho de ir praticar, mamã. Não te preocupes comigo. Estou bem.»

Desligou o computador antes de ela conseguir responder e foi para a garagem, onde os Decker tinham montado o estúdio de piano. Eram pessoas maravilhosas, as melhores. Mas não tinham o seu sangue.

«Concentra-te, Gabe. Concentra-te.»

As subtilezas de Chopin nunca soaram tão bem.

Depois de bater à porta com firmeza e não obter resposta, Marge pôs o cartão na ranhura situada entre a porta e a ombreira. Estava prestes a virá-lo quando a porta se abriu e o cartão caiu ao chão.

Wendy Hesse tinha os olhos vermelhos, usava um fato de treino azul e meias, mas estava descalça.

Marge baixou-se para pegar no cartão.

— Lamento muito, senhora Hesse, acordei-a?

A sua expressão era de confusão.

— Que horas são?

— São quatro.

Wendy esfregou os olhos.

— Estava a ver televisão e devo ter adormecido. — Passaram vários segundos. — Quatro?

— Sim, senhora.

— Tenho de ir buscar os meus filhos à escola. — Levou uma mão à boca. — É sexta-feira?

— Quinta-feira.

— Oh... — ficou a olhar para a cara de Marge. — É-me familiar.

— Sou a inspetora-chefe Dunn, da polícia — entregou o cartão à mulher. — Questionava-me se poderia entrar.

— É claro.

Marge atravessou a soleira. Era um dia frio de fevereiro no vale, mas estava muito calor na casa. Há muito tempo que não corria ar fresco ali. O lugar estava arrumado, sobretudo, tendo em conta as circunstâncias. Wendy Hesse sentou-se num sofá vermelho e Marge sentou-se junto dela.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou Marge.

— Não, é que... — Pôs uma madeixa de cabelo atrás da orelha. — As pessoas foram amáveis. Alguns têm vergonha de se aproximar de mim, mas, em geral, foi... Ainda bem que tenho amigos. É mesmo quinta-feira?

— Sim.

— Quase duas semanas.

— Já entrou no quarto dele? — Quando Wendy abanou a cabeça, Marge acrescentou: — Seria possível dar-lhe uma olhadela? Ainda estamos à procura de uma razão... Todos nós. Seria de grande ajuda se pudesse levar o computador portátil do Gregory para examinar o seu conteúdo.

Wendy parecia nervosa.

— Talvez deva perguntar ao meu marido.

— Claro. — Marge esperou uns segundos. — Deu uma olhadela ao computador do Gregory?

Wendy abanou a cabeça.

— Sabe o nome de usuário e a palavra-passe?

— Sei o nome de usuário. Antes, sabia a palavra-passe, mas acho que a mudou.

— Podemos ir ao quarto e ver se a palavra-passe funciona? — Wendy roeu a unha do polegar. — Ou posso tirar o computador do quarto se ainda não estiver preparada para entrar.

— Devia falar disto com o meu marido.

— Como queira... — concedeu Marge. — Sei que está interessada em encontrar uma razão...

— Já não tenho assim tanta certeza — respirou fundo e expirou lentamente. — O que mudará isso? O meu filho não regressará. — As lágrimas começaram a cair-lhe pelas faces. — Talvez seja melhor deixá-lo passar.

— Como achar que é melhor... — Marge entregou o seu cartão à mulher e ela aceitou-o. — Ligue-me se mudar de opinião.

A mulher levantou-se e olhou para Marge com os olhos cheios de tristeza.

— Obrigada por vir.

— Não tem de quê. — Marge hesitou, mas decidiu fazer a pergunta de todos os modos. — Segundo sei, filmar com a câmara tornou-se o novo passatempo do Gregory. Queria fazer filmes?

— Era sempre o Gregory que filmava os eventos familiares.

— Portanto, estava interessado nisso há muito tempo.

Wendy ficou calada.

— É apenas curiosidade — tranquilizou-a Marge. — Ligue-me se precisar de alguma coisa.

Ao ver que a mulher não falava, Marge virou-se e saiu da casa.

Capítulo 10

Rina adorava a tranquilidade da manhã do *sabbat*, quando a vizinhança se livrava do barulho das obras e dos sopradores de folhas. Através da janela da cozinha, ouvia o canto dos pássaros. No ano anterior, uns pintassilgos tinham feito um ninho num dos seus arbustos. Todos os dias, ouvia os grasnidos dos pequenos várias vezes, quando os pais iam alimentá-los. A comida era primitiva e, com uma grande família, grande parte da sua vida desenrolava-se à volta do fogão.

Estava vestida desde as oito para ir à sinagoga, mas Peter estava a demorar-se. De modo que se sentou à mesa da cozinha para beber café e ler o jornal. Um momento raro de solidão que durou pouco. Gabe entrou com uma *t-shirt* preta de manga comprida, umas calças de ganga e uns ténis. Via os seus olhos verdes sonolentos por trás das lentes dos óculos.

— Olá! — cumprimentou.

— Que madrugador!

— Sim, queria pôr-me em dia com algumas coisas. Ganhar um pouco de tempo.

— Queres tomar o pequeno-almoço?

— Sim, seria bom. — O rapaz tirou uma chávena do armário e fez um café instantâneo. Sentia-se confortável para abrir a despensa e saquear o frigorífico sem pedir permissão. Preparou uma tigela de cereais e começou a comer.

— Hoje, vamos almoçar aqui, para o caso de estares interessado — informou Rina.

— Obrigado, mas vou sair — olhou para ela. — Um rapaz que conheço dá um concerto de piano na universidade. Queria ir mostrar-lhe o meu apoio.

— Que bonito. E é bom?

— É muito bom. — Gabe esboçou um sorriso matreiro. — Mas não tão bom como eu.

— Isso é óbvio — declarou ela, com outro sorriso. — Quando é o concerto?

— Às três. Mas, para chegar com tempo, tenho de apanhar o autocarro da uma, o que significa que tenho de sair daqui por volta do meio-dia e meia.

— Lamento não poder levar-te.

— Não faz mal. Não me importo de andar. Se não andasse até às paragens de autocarro, não faria exercício nenhum.

— Temos uma máquina de exercícios.

— Sim, a minha vida já é bastante ativa.

— Pobre Gabe — troçou Rina. — É difícil ser um génio.

Ele deu uma gargalhada.

— Gosto quando fazes isso. Significa que não te compadeces de mim.

— Tu, querido, és tudo, menos um objeto de compaixão. De facto, estás cheio de recursos. Devias emprestar alguns aos mais desafortunados. A que horas voltarás para casa?

— Não sei. Talvez vá jantar fora com o Paul. Suponho que dependerá de como o concerto correr.

— Liga e deixa uma mensagem no atendedor de chamadas. Não é que tenha de me preocupar com um rapaz independente como tu, mas sou mãe e preocupo-me quando não sei onde estás.

— Não faz mal. É bonito ter cuidados maternos de vez em quando.

A cozinha ficou em silêncio. Rina olhou para a cara dele.

— Voltou a entrar em contacto contigo?

— Sim. — Gabe afundou a colher nos cereais e afastou a tigela. — Descobri que a minha irmã se chama Juleen.

— Bonito nome. — Silêncio. — O que mais te disse?

— Não muito. Disse-lhe que o Chris sabe do bebé e que não devia preocupar-se demasiado com ele.

— Isso é verdade?

— Na sua maior parte. Quer dizer, ainda gosta dela. Disse-me que voltaria para ela, com bebé e tudo. Mas não vai persegui-la. Acho que gosta de ser um mártir para variar. Depois de tudo o que a fez sofrer, sente-se bem com o papel de marido ofendido.

— Eu tenho um tio e uma tia. Têm cerca de noventa anos. Durante quarenta anos, viveram em casas separadas e só se juntavam no *sabbat*. As pessoas questionavam-se se estavam separados ou divorciados. Não. Simplesmente, não queriam viver sempre juntos. Para eles, funcionou.

— Desde que eles estejam bem, eu estou bem. — Gabe limpou os óculos

na *t-shirt*. — Acho que quer que vá à Índia.

— Seria uma viagem interessante.

— Sim, talvez no futuro. — «Quando estiver pronto e, agora, não estou.» Voltou a pôr os óculos. — Devia pôr-me a caminho. O que fizeste para o almoço?

— Carne curada e peru.

— Meu Deus! Guardem-me um pouco.

— Vou separar um pouco e escondê-lo no frigorífico onde ninguém consiga encontrá-lo. — Rina deu-lhe um beijo no cocuruto. — Obrigada pelo elogio.

Gabe levantou-se e deu-lhe um abraço espontâneo. Depois, afastou-se, coibido. Sentiu calor na cara e soube que estava a corar.

— Obrigado, Rina. Não só acabei em casa de duas das pessoas mais amáveis do mundo, como cozinhas melhor do que qualquer pessoa que conheço.

— Será melhor acreditar nisso.

Ele deu uma gargalhada e dirigiu-se para a garagem, o único lugar onde se sentia completamente relaxado: o seu piano, a sua música, o seu refúgio. De vez em quando, quando não havia ninguém em casa, sentava-se ao volante do *Porsche* de Peter, punha a mão na alavanca, olhava através do para-brisas e imaginava-se numa estrada com um destino aleatório.

Chegou à paragem do autocarro às dez para a uma, mas não havia rasto de Yasmine.

Muito bem.

Sentou-se no banco, abriu o seu livro de composição e começou a reproduzir a peça na sua cabeça, a corrigir e a mudar coisas até chegar o autocarro à uma e cinco. Levantou-se e, quando as portas se abriram, entrou sem parar de pensar na música. Então, ouviu um grito ao longe.

— Espera.

Levantou a mão ao condutor, saiu do autocarro e viu-a a correr para lá. Estava a um quarteirão de distância e tinha o cabelo despenteado como a crina de um cavalo. O coração acelerou.

— Pode esperar um minuto? — perguntou ao condutor. — A minha amiga está a chegar.

— Tenho um horário e uma rota para cumprir.
— Por favor — pediu Gabe, tirando uma nota de dez.

O condutor rejeitou o dinheiro.

— Continuo a ter um horário. Vou contar até dez.

Gabe voltou a sair e fez-lhe gestos com o braço. Yasmine entrou quando o condutor chegou aos oito, mas estava completamente cansada e dobrada para a frente. Gabe pagou os bilhetes, a porta fechou-se atrás deles e o autocarro arrancou. Yasmine balançou para trás e Gabe agarrou-a antes de cair. Tinha a cara banhada em suor. Não ajudava o facto de ter um casaco cor-de-rosa. Pelo menos a roupa — calças de ganga e sapatos rasos — era mais apropriada do que da última vez.

Estava a ofegar... com a mão nas costas. Gabe conduziu-a até aos lugares livres e cedeu-lhe o lado da janela. Sentou-se junto dela e, durante os primeiros cinco minutos, a única coisa que fez foi ouvir os suspiros dela.

— Estás bem? — perguntou, finalmente.

Ela assentiu.

Gabe pensou em dizer qualquer coisa, mas, em vez disso, riu-se.

— Tive... de trocar... a roupa da sinagoga.

— Estás muito bem, Yasmine — elogiou ele. — Não queres tirar o casaco?

Ela assentiu e ele ajudou-a. Por baixo, usava uma camisola cor-de-rosa com gola em «U» que deixava as suas lindas clavículas a descoberto.

— Trouxe... comida — indicou ela e levantou a mala, ligeiramente mais pequena do que um saco de compras. — Tens fome?

Tinha. Há horas que digerira a tigela de cereais.

— O que trouxeste?

— Biscoitos... e fruta. — Continuava com a mão nas costas.

— Tens dores?

Yasmine assentiu e tirou uma maçã.

— Parece-te bem?

— Claro. — Gabe aceitou a fruta e ela tirou mais outra.

— Lamento... ter chegado atrasada.

Gabe deu uma trinca. A maçã era grande, succulenta e ácida.

— Não faz mal.

— Pelo menos, consegui.

— Por pouco. — Outra dentada. A coxa tocava na dela. — Quem vai encobrir-te hoje?

— A Ariella.

— Outra vez?

Ela assentiu e trincou a maçã.

— Reza para que continue a ser tua amiga. Conhece todos os teus segredos.

Yasmine esboçou um sorriso encantador.

— Meu Deus... — continuava a respirar com dificuldade, mas mais devagar. — Está muito entusiasmada com este assunto.

— O quê?

— Estou a enganar os meus pais para me encontrar contigo.

— Como se eu fosse um rapaz mau? — perguntou ele, com um sorriso.

— Um rapaz proibido. Pelo menos, espero que não sejas mau. Acho que a única coisa que excitaria mais a Ariella seria se fosses um vampiro.

Gabe riu-se e aproximou-se um pouco mais dela.

— Lamento defraudar-te.

Falava a toda a velocidade.

— É um pouco louca!

Aproximou-se mais.

— Não paro de lhe dizer que não é um encontro, que só estás a ser amável...

Até conseguia cheirar o seu suor...

— Que, simplesmente, temos interesses comuns...

O suor misturado com o seu perfume.

— Que não é nada romântico e que é apenas um concerto e...

Virou-se e olhou para ela.

— Não é para tanto...

Cara a cara, levantou-lhe o queixo com o indicador e tocou-lhe nos lábios com os dele. Ao ver que ela não resistia, voltou a fazê-lo. Fê-lo uma terceira vez, mas foi mais duradouro. Mordeu-lhe o lábio inferior e saboreou o sal da pele dela. Era doce, húmida, suave e aromática.

Meu Deus!

Recostou-se no banco com as mãos atrás da cabeça, fechou os olhos e sentiu a ereção a vibrar entre a perna e as calças de ganga.

— Lamento muito, Yasmine, distraí-me. — Virou-se para olhar para ela.
— O que dizias?

Ela não respondeu. Em vez disso, ficou sentada muito quieta, com a testa

coberta de suor, as mãos no colo e a olhar para baixo. Ainda segurava a maçã. Tinha a boca entreaberta e ofegava.

Gabe sabia que a apanhara de surpresa. Não era agradável, mas, pelo menos assim, ela sabia como ele se sentia. Deu-lhe uma cotovelada no braço suavemente. Yasmine levantou o olhar e ele arqueou as sobrancelhas. Ela voltou a olhar para baixo.

Talvez a tivesse interpretado mal. Talvez desejasse interpretá-la mal. Mesmo que o tivesse feito, não era lógico ficar tão assustada com alguns beijos castos nos lábios, mesmo que fosse o seu primeiro beijo.

Ela afastou as mãos muito devagar. Os dedos da mão direita deslizaram lentamente pela coxa até chegar à dele e deixou a mão apoiada a dez centímetros da zona de perigo.

O seu cérebro gritava «mais acima, querida.» Em vez disso, deu-lhe a mão, levou-a aos lábios e voltou a pôr os seus dedos entrelaçados na coxa, afastados da ereção. Relaxou e percebeu que ela também.

Continuaram em silêncio durante um momento, entreolhando-se de vez em quando e sem soltar as mãos. Finalmente, Yasmine guardou a maçã na mala e deixou escapar um suspiro.

— Rendo-me! — Com um movimento rápido, rodeou-lhe o pescoço com os braços, enredou os dedos no seu cabelo e beijou-o nos lábios.

Ena!

O tempo pareceu acelerar. Quente, suado e enjoado devido à excitação, Gabe não parava de se recordar que Yasmine era virgem e que estavam em público. Mas não conseguia evitá-lo. Continuaram a beijar-se sem parar e teve de fazer um grande esforço para não pôr as mãos por dentro da camisola dela. A boca era suave e quente, o hálito cheirava a maçãs, o perfume tinha um toque floral e o suor cheirava a humidade. Gabe estava hipnotizado. Tanto que quase não se apercebeu da paragem. Levantou-se com um salto no último momento e carregou no botão. O autocarro parou e eles cambalearam com a inércia. Sentia o calor na cara e sabia que estava vermelho como um tomate. Daquela vez, era ele que respirava com dificuldade.

— Vamos sair aqui.

Ela assentiu, pegou na mala e saíram do autocarro, esquivando os olhares reprovadores de algumas das mulheres mais velhas. Assim que o autocarro se afastou, ele rodeou-a com os braços e levantou-a do chão. Ela rodeou-lhe a cintura com as pernas. Levou-a assim durante um quarteirão, sem pararem de

se beijar enquanto andavam. Fê-lo várias vezes, até pensar que ia explodir. Voltou a pô-la no chão.

— Meu Deus! — exclamou. — Preciso de me acalmar.

Ela riu-se nervosamente. Gabe deu-lhe a mão e andaram em silêncio.

— Estás bem? — perguntou Yasmine, um minuto mais tarde.

— Não — admitiu ele. — Estou um pouco enjoado.

— Apetece-te um biscoito?

Ele agarrou-a pela cintura e virou-a.

— Apetece-me estar contigo — soltou-a, rodeou-lhe a cara com as mãos e beijou-a na boca. Olhou para o relógio e esbugalhou os olhos. — Meu Deus, temos dez minutos para atravessar o *campus*! — Deu-lhe a mão e começaram a andar a toda a velocidade.

— Compraste-me um bilhete?

— Claro que te comprei um bilhete. Esperava que viesses. Teria ajudado se me tivesses dito que talvez viesses.

— Só soube no último momento.

— Bom, pelo menos, podias ter-me enviado uma mensagem a dizer «talvez». Não sabia nada de ti.

— Bom, isso é porque eu também não sabia nada de ti.

— Do que estás a falar? — perguntou Gabe. — Pedi-te amizade no Facebook.

— E eu aceitei.

— Mas não falaste comigo.

— O rapaz fala primeiro.

Gabe revirou os olhos.

— Desde quando é que é uma regra?

— Não sei. Mas é a regra.

— Sabes que fui ao Coffee Bean procurar-te?

— Não sabia.

— Foi o que fiz. — Gabe estava ofendido. — Fui na terça-feira e na quinta-feira.

— Eu fui na segunda-feira e na quarta-feira — confessou Yasmine.

— Oh! — Baixou-lhe a mão e começou a correr. — Se me tivesses escrito, podíamos ter-nos encontrado. Não posso ligar-te.

— Porque raio haveria de presumir que querias encontrar-te comigo?

— Porque não haverias de o presumir? Convidei-te para o concerto.

— Pensei que só estavas a ser amável. Disseste que não era um encontro.
Gabe parou e sorriu.

— Menti-te.

Chegaram quando as luzes se apagavam... outra vez. A primeira metade do concerto correu bem, mas ele só se sentia consciente da presença de Yasmine, da mão agarrada à dele, que causava o movimento por baixo da sua cintura. Só quando Paul entrou no palco é que Gabe conseguiu relaxar e desfrutar da música. Quando o concerto acabou e as luzes se acenderam, estava mais tranquilo.

— Fez um bom trabalho.

— Gostaste?

— Sim. — Virou-se para ela. — O que te pareceu?

— Gostei muito da música. Acho que gosto de Saint-Saëns. Compõe com um tema comum ou voz ou como quer que se chame. Não é excessivo como alguns compositores.

— Bem observado. — Gabe olhou para a cara dela. Tinha vontade de a beijar, mas não queria excitar-se. Seria um passo em falso se cumprimentasse Paul com uma ereção. — Tenho de ir cumprimentá-lo. Importas-te?

— Claro que não.

Conduziu-a para os bastidores, onde Paul estava a falar com alguns dos colegas de turma e com uma jovem chamada Anna Benton, que Gabe conhecia bem de competições anteriores de piano. Anna tinha dezoito anos, o cabelo loiro, os olhos azuis e as pernas compridas. Como de costume, falava a toda a velocidade com quem quisesse ouvi-la. Paul e Gabe abraçaram-se.

— Excelente!

— Sim, correu bem.

— Fizeste um grande trabalho.

— Não foi mau — corrigiu Paul. — Obrigado por vires.

— Não tens de quê. — Yasmine estava escondida atrás dele. Gabe empurrou-a para a frente. — Esta é a minha amiga Yasmine.

— Olá! — cumprimentou Paul.

— Foste fantástico — sussurrou Yasmine.

Anna interveio e deu um abraço a Gabe e um beijo na boca.

— Ena, olá, Whitman, tens estado a viver numa gruta?

— Não passou assim tanto tempo...

— Não estiveste em Atlanta, nem em Paris, nem em Bruxelas... Estiveste

em Chicago? Não, também não estiveste em Chicago.

— No ano passado, tive alguns assuntos — declarou Gabe. — Irei a Budapeste.

— Para a competição juvenil de Liszt?

— Sim, Liszt. Mas não juvenil. Agora, sou adulto.

— Tens quinze anos? Merda! — Ficou a olhar para ele com raiva. — Quando raio fizeste quinze anos?

— Há sete meses...

— Merda! — exclamou Anna. — Merda! E tiveste de escolher Budapeste para fazer quinze anos? Merda!

— Primeiro, gritas comigo por não ir e, depois, quando te digo que vou...

— Sim. Vais competir contra mim. Merda!

— Talvez me engane.

— Porque haverias de te enganar? Tu nunca te enganas. E, agora que trabalhas com o Nicholas Mark, deves ser realmente bom.

— É realmente bom — confirmou Paul.

— Ena, fantástico! Fantástico! Merda!

— Eu também te adoro, Anna. — Yasmine voltou a esconder-se atrás dele. Gabe puxou-a até a pôr junto dele. — Esta é a minha amiga Yasmine.

— Olá! — Anna olhou para Yasmine de cima a baixo e voltou a olhar para Gabe. — Não é que não te adore, Gabriel. Adoro-te, mas odeio-te. Merda!

— Tens tempo para jantar, Whitman? — perguntou Paul.

Gabe olhou para Yasmine, que parecia deslocada. Entendia bem como se sentia.

— Não. Tenho de fazer umas coisas para o Nick.

— Nick, o imbecil.

— Não é tão imbecil como tu — disse Anna a Gabe.

— O Nick é fantástico, exceto quando não é. — Gabe virou-se para Paul. — Estarei no *campus* na terça-feira. Tens tempo para almoçar comigo?

— Acho que sim.

— Mando-te uma mensagem — prometeu Gabe. Depois, olhou para Anna. — Adeus, querida.

— Fecha a maldita boca!

— Eu também te adoro.

Abraçaram-se e Gabe tirou Yasmine do edifício. Andaram alguns minutos em silêncio.

— Acho que não gostou de mim — comentou Yasmine.

— Quem?

— A tua amiga Anna.

— A Anna fala sempre assim.

— Não. Estava a olhar para mim com receio.

— Não é verdade. Provavelmente, estava a examinar-te. É lésbica.

— É lésbica?

— Sim.

— Como pode ser? É linda!

— Porquê? As lésbicas não podem ser bonitas?

— Bom, podem, mas... Que desperdício!

— Falas como um homem. Eu gosto da Anna, mas é complicada. Nunca me senti atraído por ela, nem sequer antes de saber que era lésbica.

Mas Yasmine tinha a mente noutro lugar.

— Se eu fosse tão bonita...

Gabe esperou que continuasse.

Como podia explicar-lhe? Adorava a cultura dela. Gostava muito de ser persa. Mas, às vezes, era difícil ser uma minoria, na verdade, uma minoria dentro de uma minoria, porque quase todos os rapazes judeus que conhecia eram brancos. Sabia o que os pais desses rapazes diziam dos persas: que eram exclusivistas, que eram distantes, que eram miseráveis, que eram mentirosos e que não eram de confiança. Eram estereótipos. Além disso, se tivessem de fugir do seu país apenas com o que tinham vestido, também se mostrariam cautelosos. O pai era um homem maravilhoso e honesto. A mãe não era distante, mas era tímida. Era muito difícil ter de se justificar. Às vezes, seria agradável encaixar sem mais nem menos.

— Nada. Não importa.

Gabe deu-lhe um beijo terno na boca.

— Sabes o que é realmente sensual?

— O quê?

— Que uma rapariga apareça a tempo — troçou ele, com um sorriso. Agarrou-a pela mão e começou a correr para a paragem do autocarro. Chegaram ao mesmo tempo que o autocarro. Yasmine começou a andar para a parte de trás como da primeira vez, mas Gabe puxou-lhe o braço.

— Senta-te aqui. Fica com a janela.

— Está bem...

— Baixa a cabeça.

— O quê?

— Fá-lo. Não fales. — Gabe virou-se até a esconder quase por completo com o corpo. Duas paragens depois, um grupo de quatro membros de um gangue aproximou-se da parte de trás, empurrando-se uns aos outros. Quando chegaram à porta da saída, um deles viu Yasmine e esbugalhou os olhos.

Gabe tirou o seu crucifixo e dirigiu-se ao mestiço em espanhol. Não falava com fluidez, mas conseguia fazer-se entender. O tipo respondeu num tom sombrio. Segundos mais tarde, os rapazes foram-se embora. Gabe virou-se, recostou-se no banco e deixou escapar o ar.

— Esqueço-me sempre da zona em que estamos.

— De onde veio isso? — perguntou Yasmine.

— Uma rapariga tão bonita como tu é isco para tipos como esses.

— O que lhe disseste?

— Disse-lhe que era sacerdote e que tinham acabado de dar um tiro ao teu irmão. Que íamos ao hospital para lhe dar a extrema-unção. Ofereceu-me as suas condolências.

Yasmine ficou a olhar para ele.

— Acreditou que eras sacerdote?

— Parece que sim. — Gabe beijou o crucifixo e voltou a guardá-lo por baixo da camisa. — Era do meu avô, que o deu ao meu pai, que o deu à minha mãe e que, depois, mo deu a mim.

— Quando aprendeste a falar espanhol?

— O tenente deu-me aulas. Não falo como um nativo, mas suponho que isso me faça parecer mais convincente.

— Não consigo acreditar que pensaram que és sacerdote.

— É uma questão de atitude, Yasmine. Quando me vejo num apuro, tento pensar como o meu pai e, normalmente, corre bem.

— Há alguma coisa que não saibas fazer?

— Não sei traçar uma linha reta nem falar persa. — Passou-lhe o braço pelos ombros. — Não posso fazer nada quanto ao primeiro aspeto, mas talvez possas ajudar-me com o segundo.

— Porque queres aprender persa?

— Para que, quando falares com a Ariella ou com os teus pais, eu possa compreender-te — sorriu e, depois, disse: — A sério, gosto de aprender línguas.

— Posso ensinar-te persa. O que me dás em troca?

Gabe queria sorrir, mas conteve-se.

— Tenho a certeza de que, se pensar bem, conseguirei descobrir algumas coisas que posso ensinar-te.

— Como piano? — Abanou a cabeça. — Esquece. Sou um caso perdido.

Meu Deus, era tão ingénua que nem reconhecia uma insinuação. Mas beijava bem.

— Talvez não piano, mas, como costumam dizer, acho que poderíamos fazer música juntos.

Yasmine corou e virou a cabeça para a janela. Ele crescera com raparigas precoces. Aquela era como se fosse de outra época.

— Quando tento seduzir-te, não fiques nervosa. Gosto de ti, mas sei comportar-me, está bem?

Ela assentiu e sorriu.

— Não te comportes demasiado bem.

Gabe também sorriu e rodeou-lhe os ombros com o braço.

— As tuas palavras são música para os meus ouvidos.

Capítulo 11

Um fim de semana sem incidentes deu lugar a uma semana infernal, como se todos tivessem reservado as suas atividades criminosas para os dias da semana. Às quatro e meia da tarde de terça-feira, Decker estava finalmente pronto para almoçar quando Marge entrou no seu escritório com uma mala preta ao ombro e as chaves na mão.

— Vou visitar o Kevin Stanger — anunciou.

— Quem?

— O rapaz perseguido que saiu da Bell e Wakefield. O que não sei é porque me incomoda. Para começar, recebemos o relatório toxicológico do Gregory Hesse. Não aparece nenhuma das drogas habituais. Mas tinha 0,05 de álcool no sangue, o que, para um rapaz do seu tamanho, provavelmente, se traduz em algumas cervejas.

— Talvez estivesse a ganhar coragem para fazer o que fez.

— Talvez — concedeu Marge. — Mas o facto continua a ser que disparou e que não estava drogado ao ponto de não saber o que estava a fazer.

— Todos concordamos que foi um suicídio. A pergunta é: porquê.

— Uma pergunta a que talvez nunca consigamos responder, pois parece que a Wendy Hesse mudou de opinião. Não ligou desde que a visitei na quinta-feira passada. Ligou-te?

Decker abanou a cabeça.

— Talvez não devamos incomodar-nos em falar com o Kevin Stanger.

— O rapaz acedeu a falar connosco, Pete. A polícia pareceria idiota se lhe dissesse que não quer saber.

— Não estou muito ocupado agora. Queres companhia?

— Tens a certeza? Sei que estás ocupado.

Decker pegou no casaco.

— Tenho de sair. Estou aqui metido desde as seis e ainda não vi a luz do sol.

— Será melhor apressares-te. O sol põe-se depressa.

— Sim, até uma estrela inanimada sabe quando dizer «chega».

Só pela sua estatura, Kevin Stanger não parecia o tipo de rapaz que podiam assediar facilmente. Rondava um metro e setenta e cinco, setenta quilos e tinha os músculos das costas bastante desenvolvidos. A sua cara, no entanto, dizia outra coisa. Era redonda, com o queixo pouco definido e as faces cobertas de acne. Usava aparelho. Tinha o cabelo rebelde e os olhos castanhos, coroados por umas sobrancelhas espessas. Mesmo antes de os cumprimentar, a sua expressão já era derrotista.

O rapaz conduziu-os à sala e convidou-os a sentar-se no sofá. Depois, olhou pela janela e sentou-se com as pernas inquietas.

— Tem de ser rápido — declarou. — A minha mãe chegará às seis.

O relógio de Marge marcava as cinco e dez.

— Disseste-me que a tua mãe aprovava — indicou.

— Bom, mais ou menos. Não disse que não. — Kevin usava uma camisola e umas calças de pijama. Estava corado. — Não me sentia bem, portanto, decidi não ir às duas últimas aulas. Disse a uma das vice-diretoras, a senhora Holloway. Disse-me que podia vir para casa se a minha mãe deixasse. Portanto, fingi que ligava à minha mãe e, depois, disse à senhora Holloway que ela deixava. Ou seja, não sei se a minha mãe deixa, porque não lhe liguei. Porque queria falar com vocês e não queria pedir permissão. Às vezes, é melhor não envolver os pais.

Decker assentiu e perguntou:

— O que podes dizer-nos sobre o Greg?

— Era um bom rapaz.

— Ninguém parecia ter problemas com ele — comentou Marge.

— Sim. Eu achava que o Greg sabia defender-se sozinho. — Coçou a cabeça. — Ou talvez não. Se estava a passar por um mau bocado, oxalá mo tivesse dito. Nunca me disse nada.

— Podes falar-nos do que aconteceu contigo? — perguntou Decker.

— É difícil falar disso.

— Faz o que puderes — pediu Marge.

— Pensei que conseguia suportá-lo, mas, passado um ano, não aguentei mais. A minha mãe queria falar com a administração, mas eu disse que não. Continuamos a viver na mesma zona.

— O que te faziam?

— Não são as coisas físicas. — Kevin levantou o olhar. — Quero dizer, empurravam-me e coisas assim, mas isso não era o problema. Era a perseguição constante.

— O Joey Reinhart disse que te encurralavam. — Decker tirou o bloco.

— Sim, faziam-no. As raparigas eram piores do que os rapazes, porque as raparigas faziam coisas e, quando respondíamos, riam-se de nós.

Marge tirou um bloco.

— Se não for demasiado difícil para ti, podias entrar em detalhes?

— Bom, tocavam-me com mão e tentavam... Sabe... Excitar-me e, se reagisse, riam-se e chamavam-me coisas... — Levou as mãos à cara. — Mesmo assim, eu pensava que conseguia suportá-lo. Mas, quando começaram a encurralar-me fora da escola, assustei-me um pouco. Não há ninguém lá para ajudar.

— E o que faziam?

— Rodeavam-me... como uma manada de lobos. A gota de água foi quando um deles tirou uma pistola e me pôs nas calças. Eu... — Kevin mordeu o lábio. — Mijei-me. Então, soube que nunca mais regressaria.

— Quem o fez? — perguntou Decker.

— Não me lembro.

— Lembras-te, sim.

— Lembro-me de quem me encurralou, mas não recordo quem me pôs a pistola nas calças. Bloqueei.

— Quem estava no grupo? — perguntou Decker.

— Quer nomes?

— Sim, quero nomes.

— Sabem que, se comesçassem a interrogá-los, eu negaria tudo.

— Suponho que, se fosse um fanático, poderia ir à escola e começar a interrogá-los, porque o que descreveste é um assalto à mão armada — declarou Decker. — Mas não vou fazer isso porque o incidente aconteceu há meses e não és uma testemunha de confiança. Mas quero alguns nomes para os meus arquivos. Portanto, dá-me nomes.

— É uma hierarquia — explicou Kevin. — O líder dá as ordens e os outros levam-nas a cabo.

— Kevin — insistiu Decker —, quem estava lá quando usaram a pistola? Kevin olhou para o teto.

— Lembro-me de que o Kyle Kerkin estava lá.

— Quem mais? — perguntou Marge. — Dá-nos nomes.

— O Stance O'Brien, o Nate Asaroff, o JJ Little e o Jarrod Lovelace. Esse é o grupo dos chefes. O líder é um tipo chamado Dylan Lashay. Mas ele não estava lá nesse dia.

— O líder? — perguntou Marge. — Os chefes? Agem como a máfia?

— Sim. — Kevin assentiu. — A Máfia da B e W.

— Incrível! — exclamou Decker. — Fala-me do Dylan Lashay, o líder.

— Acho que foi aceite na Yale.

— Ena, que bom... — murmurou Decker.

— É irónico, não é? — inquiriu Kevin. — Tem tudo. Boas notas no exame de acesso e nas extracurriculares. É capitão da equipa de simulação das Nações Unidas, capitão da equipa de futebol, gere todas as peças da escola, fica com todas as raparigas e, como se a vida não fosse suficientemente injusta, é muito rico. O padrasto dele é o presidente de uma empresa petroléira. Tem tudo o que qualquer rapaz desejaria, portanto, tem de encontrar outras maneiras de se divertir.

— Na escola, estão ao corrente do grupo dele?

Kevin revirou os olhos.

— O Dylan é a estrela da B e W.

— E porque achas que o grupo te escolheu? — perguntou Marge.

— Não sei. Eu tentava passar despercebido... Como todos: o Greg, o Joey, o Mikey, o Brandon, o Josh e o Beezel. Mas eu era sempre o alvo. — Pareceu pensativo. — O Greg dava aulas particulares a alguns dos rapazes. Acho que era por isso que se salvava.

— Dava aulas ao Dylan?

— O Dylan era muito inteligente. Não acho que precisasse de muitas aulas. Mas bom, isso não vem ao caso.

— Porquê? — perguntou Marge.

— Porque não vos chamei por isso. — Fez uma pausa. — Fiz bem em chamar-vos?

— Claro, Kevin — confirmou Marge. — O que queres contar-nos?

— O Greg manteve o contacto... Ligava-me a cada duas semanas para saber como estava. A questão é que, há dois meses, me ligou, muito entusiasmado.

— Com o quê? — perguntou Marge.

Kevin inclinou-se para a frente.

— Muito bem, aqui vai. No ano passado, o Greg e eu estivemos nas aulas de jornalismo com o senhor Hinton. Era um professor muito aborrecido, mas também é o diretor do jornal da escola. O senhor Hinton estava obcecado com o jornalismo de investigação. Falou-nos muito sobre os anos do Nixon e do Woodward e Bernstein e um tipo chamado Garganta Irritada... Sabem do que falo?

— Sim — confirmou Marge. — É Garganta Profunda.

— Ah, sim, isso. A questão é que o senhor Hinton me matava de aborrecimento, mas o Greg adorava a história. Eu pensei que ia trabalhar no jornal. Mas, quando lhe perguntei a respeito disso no princípio do ano, disse que não lhe interessava. Depois, fui-me embora, porque o décimo ano estava a ser tal como o nono, mas pior. Portanto, surpreendi-me quando o Greg me ligou e me disse que tinha uma notícia que ia pôr a B e W de pernas para o ar.

— Continua — encorajou-o Decker.

— Portanto, perguntei-lhe do que se tratava e disse-me que não podia contar-me. Pediu-me para não contar a ninguém, nem sequer ao Joey Reinhart, que é o melhor amigo dele. E a única razão por que me contou foi porque eu já não estava na escola.

Marge e Decker esperaram que Kevin continuasse. Depois de uns segundos de silêncio, o rapaz foi direto à questão.

— Quando voltei a falar com o Greg, perguntei-lhe pela sua grande exclusiva. E repetiu que continuava sem poder dizer-me nada. Mas, sem dúvida, parecia menos entusiasmado do que da primeira vez, como se as coisas não estivessem a correr muito bem. E perguntei-lhe se estava bem e ele disse-me que estava fantástico. Mas havia algo estranho. Portanto, tentei surripiar informação, mas insistia que estava fantástico, mas que estava a trabalhar muito e que se sentia mais cansado do que de costume.

Kevin parou de falar.

— Foi só isso.

— E não te disse mais nada? — perguntou Marge.

— Não. Não sei mais nada senão o que acabei de vos contar. Mas pensei que seria melhor contar-vos, porque nunca se sabe que coisas são importantes. Portanto... já está.

— Não te deu nenhuma ideia do que estava a investigar? — perguntou Decker.

— Não. Contava-vos, se soubesse.

— Sabes se estava a investigar a história com mais alguém?

— Não chegámos a tanto. — O rapaz olhou para o relógio. — A minha mãe deve estar a chegar. Agradeceria se...

Decker levantou-se. Tanto Marge como ele deram os seus cartões a Kevin.

— Se te lembrares de mais alguma coisa, não hesites em ligar-nos.

— Assim farei. — Kevin levantou-se e abriu a porta. — Não é assim tão difícil de entender... O que o Greg fez. Algumas vezes, na B e W, pensei em fazer o mesmo. Só posso dizer que me alegro por não ter tido uma pistola por perto.

Decidiram ver-se às terças e quintas-feiras às seis da manhã porque Gabe tinha de acordar cedo de qualquer forma para apanhar o autocarro para a universidade.

A segunda-feira foi uma tortura para ele. Passaram o dia a trocar mensagens sem parar.

A terça-feira foi igualmente tortuosa, mas de um modo diferente. Combinaram beber café e falaram, o que era bom, mas não podiam tocar um no outro, exceto talvez dar a mão por baixo da mesa ou apertar a perna. Portanto, o espaço entre eles, apesar de ser de poucos centímetros, parecia quilométrico. Depois de ela ir para a escola, Gabe ficou frustrado e teve de aguentar um trajeto de uma hora de autocarro com a escória de Los Angeles.

A aula correu bem. Nick comentou que tocava com mais paixão. Também disse a Gabe que era hora de começar a fazer concertos.

«Falei com alguém para vir ouvir-te tocar. Tens de começar cedo. Já não és jovem.»

Um artista acabado aos quinze anos.

«Quem é ele?».

«Um agente muito conhecido. Encarrega-se de todos os festivais de verão de música de câmara. É uma maneira tão boa como qualquer outra para começar a soltar-te. Virá na quinta-feira. Quero-te na universidade às oito da manhã, descansado e alimentado. Entendido?»

«Entendido.»

Chegou a casa às seis da tarde, faminto e irritado. Não havia nada no frigorífico. Rina entrou na cozinha e viu-o a rebuscar nos armários.

— Não há grande coisa para comer — informou.

— Estou a ver.

— Vou encontrar-me com o Peter no supermercado — disse Rina. —
Queres vir?

— Estou cansado — respondeu Gabe.

— Eu trago-te alguma coisa.

— Estou cansado, mas tenho fome — acrescentou Gabe, depois de pensar
por alguns segundos. — Posso conduzir?

— Se não estiveres demasiado cansado, sim.

— Podemos levar o *Porsche*?

— Não.

Gabe fez uma careta.

— Está bem. Eu vou. Estou cheio de fome.

— Vamos. — Rina pegou na mala e tirou as chaves. — Quando comeste
pela última vez?

— Às dez da manhã.

— O inspetor comeu pela última vez às seis da manhã — informou Rina.

— Ter de aguentar dois homens famintos não é o meu ideal de diversão.

— Tentarei comportar-me.

— Não tenho muita esperança. — Atirou-lhe as chaves. — Mas, pelo
menos, são os dois bonitos.

Capítulo 12

A chave para lidar com homens famintos era dar-lhes de comer o mais depressa possível. De modo que Rina se viu num apuro quando entraram no centro comercial e Sohala Nourmand a cumprimentou. Devia aproximar-se e conversar durante uns minutos ou retribuir o cumprimento com a mão e arriscar-se a ser vista como mal-educada?

Claro, Rina tinha de se aproximar da mesa e cumprimentar. Sage fora colega de turma de Hannah e ambas eram boas amigas. Além disso, Daisy e Yasmine estudavam no secundário.

— Não o faças — resmungou Decker, em voz baixa. — Estou cheio de fome.

— Só um instante. — Lançou-lhe um olhar de aviso. «Comporta-te ou haverá consequências», queria dizer. Depois, aproximou-se de Sohala com um sorriso.

Gabe virara-se e tapara a cara com a mão com a esperança de manter o pânico sob controlo. Peter confundiu a sua reação com o mau humor causado pela fome. Passou-lhe um braço pelos ombros e disse:

— Certifica-te de que estás apaixonado antes de te casares.

Rina olhou para trás. Peter e Gabe seguiram-na e o marido não se incomodava em esconder o seu aborrecimento. Não importava. Bakshar, o pai da família Nourmand, também não parecia muito contente.

Rina deu um beijo na face de Sohala.

— Estás linda, como sempre.

— E tu estás ótima — elogiou Sohala.

As filhas dos Nourmand eram quatro, cada uma tão bonita como a anterior. Bakshar era bastante mais velho do que Sohala, sempre com uma expressão severa no rosto. Não podia ser fácil criar quatro filhas. Rina virou-se para Rosemary, a mais velha, e viu o anel que tinha no dedo.

— Quando é o grande dia?

— No dia dois de agosto.

— Quando o Aaron acabar o estágio — informou Sohala. Rosemary olhou

para a mãe com uma reprovação que ela ignorou. — Em Dermatologia.

Rina sorriu e disse:

— Parabéns, Rosie!

— Obrigada.

— Como está a Hannah? — perguntou Sage.

— Contenta com Israel.

— Claro.

— E o que estás a fazer?

— Estou na Faculdade Pierce.

— Isso é fantástico!

Sage encolheu os ombros.

— Não é mau. — Olhou para Gabe. — Parabéns para ti também.

— Para mim? — perguntou Gabe, que estava escondido atrás de Peter.

— Entraste em Harvard, não foi?

Yasmine lançou-lhe um olhar rápido que não se atreveu a interpretar, antes de devolver a atenção à sopa. Gabe soube que estava a corar.

— Oh, como sabes isso?

— A Hannah escreveu no Facebook.

O adolescente olhou para Rina com um ar de súplica.

— Vou pedir-lhe para o apagar — disse ela.

— Porquê? — perguntou Sohala. — Não é razão para te envergonhares.

Devias estar muito orgulhoso.

Com o coração a mil à hora, Gabe tentava por todos os meios manter a compostura. Arrastou os pés, sentindo-se como um imbecil.

— Eh... Entrei com batota.

Porque raios dissera isso?

— Batota? — perguntou Bakshar.

— Não é propriamente batota. — Sentia que lhe ardia a cara. — Quer dizer, tenho boas notas, mas entrei porque toco piano.

O pai pareceu reagir.

— A Yasmine toca piano.

— Não, papá — contradisse Daisy, de dezasseis anos. — Ele toca realmente piano.

A cara de Yasmine toldou-se. «Pobre rapariga», pensou Rina. Sohala e as raparigas eram uma família feliz, sempre sorridentes... Exceto a mais jovem. Yasmine tinha o peso do mundo sobre os seus ombros.

— Pai, tocou na graduação, lembraste? — inquiriu Sage.

— Ah... sim. — O pai olhou para Gabe com um respeito renovado. — Tocaste muito bem.

— Obrigado — agradeceu Gabe. «Posso ir para casa e morrer?»

— Yasmini, quando fores para a universidade, devias enviar-lhes um CD com a tua voz — sugeriu Rosemary e, depois, olhou para Gabe. — A admissão gosta dessas coisas, não é?

Gabe procurou o olhar de Yasmine para encontrar uma explicação, mas ela continuava a olhar para a sopa.

— Claro — confirmou ele. — Sim, gostam muito.

— A Yasmini tem uma voz linda — explicou Rosemary.

— Pelo menos, alguém herdou o talento da mãe — acrescentou Sage.

— Sim. Quando a Yasmine está em casa, percebemos — interveio Daisy. — Conseguimos ouvi-la da rua. Qual é essa nova ária que anda sempre a cantar?

Gabe observou o alvo do seu desejo com outros olhos.

— Cantas ópera?

— Não — negou, sem levantar o olhar.

— Como se chama a ária? — perguntou Daisy. — A última. Canta muitas. Tem um repertório e passa de uma para a outra.

Yasmine adquirira uma cor estranha, uma mistura de vermelho e castanho, uma espécie de mogno. Tinha os olhos fixos na mesa. Sohala deu uma palmadinha no braço da filha.

— Eu gosto de quando canta.

— Devias enviar-lhes um CD, Yasmini, a sério — insistiu Rosemary. — Quem canta ópera com a tua idade? És diferente. Vais chamar a atenção.

— A Yasmine não precisa de cantar para ir para a universidade — declarou o pai, com determinação. — Tem cabeça. Vai ser médica.

Decker já estava farto de conversa.

— Rina, temos de nos sentar ou não conseguiremos mesa.

— Querem jantar connosco? — perguntou Sohala.

O coração de Gabe acelerou.

— Obrigada — agradeceu Rina —, mas receio que tenha de me encarregar dos homens ou terão problemas. Gostei de vos ver. Bom jantar.

— Dá lembranças à Hannah da minha parte. Vem para a Páscoa judia?

— Certamente — confirmou Rina.

— Tenho de lhe ligar.

Decker agarrou o braço da esposa.

— Bom jantar — conduziu-a para a única mesa livre. O resto do local estava cheio de clientes. Os menus já estavam na mesa e Gabe usou-os para esconder a cara e fingir que lia as opções. Rugia-lhe o estômago de fome, mas tinha de se acalmar antes de conseguir comer alguma coisa.

— Entendo que tenhas de ser simpática — disse Decker a Rina. — Mas não é necessário teres um diálogo eterno quando sabes que estou cheio de fome.

— Queres alguma entrada? — perguntou Rina.

— Isso, ignora-me — queixou-se ele.

— Sopa?

— A minha opinião não conta para nada — resmungou Decker.

— Eu vou comer a sopa de repolho. Podemos partilhá-la — continuou Rina e virou-se para Gabe. — Queres uma entrada?

«Quero desaparecer daqui», pensou ele. Continuava com o menu à frente dos olhos.

— Vou comer almôndegas.

— Talvez também coma almôndegas — disse Decker.

— Parece-me uma ideia ótima — concluiu Rina.

— Estás tão contente...

— Alguém tem de estar — troçou Rina. — E não olhes assim para mim. Pelo menos, respondi que não quando nos convidaram para jantar com eles.

— Sob pena de morte.

— Peter, entendo a tua posição, mas, a sério, tens de comer antes de dizer mais uma palavra, está bem?

— Entendido.

— E tu também — disse Rina a Gabe. — Estás muito pálido. — O empregado de mesa aproximou-se e trouxe pão e *pickles*. — Vamos lavar as mãos.

Decker soprou, levantou-se da mesa e lavou as mãos ritualmente. Depois, benzeu o pão antes de se precipitar sobre a cesta. Pediram todos e, cinco minutos mais tarde, chegaram as entradas, que os homens devoraram num abrir e fechar de olhos. Gabe não comeu muito. Na verdade, nem sequer sabia o que estava a comer.

Rina virou-se para Gabe.

— Lamento que a Hannah tenha falado da tua vida privada.

— Não faz mal. — Estava mais nervoso do que antes de qualquer competição. — Não gosto de chamar a atenção. Não é que me incomode... Não tocaria se me incomodasse. Portanto, às vezes, gosto de chamar a atenção. Mas uma atenção é melhor do que outra... — sabia que estava a divagar. «Vai direto à questão, Gabe.» — Na quinta-feira, vou fazer uma audição para um agente.

— A sério? — perguntou Decker.

— Que emocionante — acrescentou Rina.

— Sim, o meu professor marcou uma audição com um homem que se encarrega dos festivais de verão de música de câmara. Espero conseguir um espaço em alguns dos programas menos cobiçados. Acho que seria divertido.

— Isso significa que te pagarão para tocar? — perguntou Decker.

— Sim, suponho que sim — confirmou Gabe.

— Muito bem.

Chegaram as sandes. Nesse momento, a família Nourmand levantou-se da mesa. Sohala despediu-se com a mão e Rina fez o mesmo.

Decker sorriu.

— Gosta de ti, sabes? — disse a Gabe.

O rapaz sentiu que corava.

— O quê?

Decker virou-se para Rina.

— Qual das raparigas era a espertinha que estava a fazer com que a irmã mais nova se sentisse incomodada?

— A Daisy — respondeu Rina. — É a terceira e, sim, é muito inteligente.

— Sim, gosta de ti — disse Decker a Gabe, apontando para ele com o dedo. — Não caias na armadilha.

— Estás muito chato — queixou-se Rina. — Não gozes.

— Não estou a brincar. Estou a dizer-lhe a verdade. — Olhou para Gabe. — O pai era capaz de te cortar cabeça. Depois, iria atrás de mim para me cortar a minha.

— Deixa-o em paz — insistiu Rina.

— É um homem amargurado.

— O Bakshar tem sessenta e muitos anos e quatro filhas e, agora, tem de pagar um casamento grande. Como te sentirias?

— Amargurado. — Decker mastigou a sandes. — Está boa.

Rina olhou para Gabe. Ele mal tocara na sandes.

— Já não tens fome?

— Acho que me enchi com as almôndegas — olhou para Decker, que já acabara o jantar. — Queres um pouco da minha, Peter?

— Se não vais comer.

— Fica com ela.

— Vês? É por isso que estás tão esquelético e eu estou gordo. — Decker viu que Gabe olhava para o relógio. — Tens de ir?

— Tenho de me preparar para a audição.

Decker pousou a sandes e pediu a conta. Olhou para o rapaz com uma preocupação súbita.

— Gabe, sentes-te confortável a trabalhar sendo tão jovem?

— Neste negócio, não sou assim tão jovem.

— Mas na vida real, és — de repente, Decker apercebeu-se de que estava a olhar para uma criança, com muito talento, muito inteligente, mas, mesmo assim, uma criança. — Falo a sério, Gabe. Sei que te preparaste para isto durante toda a tua vida. Mas certifica-te de que é o que desejas. Mantém a mente aberta.

Gabe assentiu.

— Falo a sério, filho. Só tu podes viver a tua vida.

O rapaz sorriu.

— Acho que é a primeira vez que alguém me diz para ter outras opções em conta, para além da música.

— Vês? Sou original — troçou Decker.

Gabe agarrou na sandes e deu uma trinca. De repente, recuperara o apetite.

— Queres que ta devolva? — perguntou Decker.

— Não, não importa. — Sentia-se bem. — De facto, gosto do que faço. Não me imagino a fazer outra coisa.

— Isso é o que eu gosto de ouvir. — Decker acabara de pagar a conta quando o telemóvel tocou. — É a Marge. Tenho de atender.

— Claro.

— Posso ligar-te dentro de um instante? — perguntou Decker. — Estou a acabar de jantar.

— Está bem — acedeu Marge. Estava séria.

— Dois minutos — prometeu Decker, antes de desligar.

Rina levantou-se e Gabe também o fez. Deu um beijo na face do marido.

— Vemo-nos em casa.

— Talvez.

— É uma daquelas chamadas?

— Acho que sim.

— Boa sorte. — Atirou as chaves a Gabe. — Sim, podes conduzir.

Decker acompanhou-os até ao *Volvo* de Rina e viu como Gabe tirava o carro de um espaço bastante estreito e se afastava com um movimento rápido. Como quase todos os rapazes, tinha um bom sentido de espaço. Hannah não parava de chocar com coisas: postes, arbustos, caixas do correio. Estaria a ser machista? Talvez, mas as suas ideias estavam demasiado enraizadas para se sentir mal com isso.

Decker retribuiu a chamada à sua inspetora-chefe favorita.

— O que se passa?

— Acabei de receber uma chamada de um dos agentes. Houve outro suicídio.

Isso chamou a sua atenção.

— Um dos amigos do Gregory?

— Não sei, mas era uma adolescente. A Myra Gelb, estudante do décimo primeiro ano na Bell e Wakefield.

— Meu Deus! — Decker pôs a chave no motor. — Qual é a morada?

Marge deu-lhe a informação.

— Isto é... horrível.

Decker pôs o carro a trabalhar e arrancou. Ligou o sistema de mãos livres.

— Vou a caminho. Chamaste o médico forense?

— Estão todos a caminho.

— Como foi?

— Um tiro na cabeça.

— Como o Gregory Hesse?

— Sim. Sinistramente parecido com o Gregory Hesse.

Capítulo 13

Havia dois carros de patrulha, um à frente do outro, a bloquear a rua ao trânsito. Uma ambulância encontrava-se a cerca de vinte metros. Decker correu para a cena, cumprimentou os dois agentes parados à frente da fita amarela e, depois, baixou-se para passar por baixo. O edifício de apartamentos era de estuque e madeira e cada apartamento tinha uma varanda que dava para a rua. A família Gelb vivia no segundo andar de um edifício de quatro andares.

Entrou pela porta e encontrou os paramédicos a ajudar uma mulher deitada num sofá. Usava umas calças cinzentas e uma blusa vermelha, com a manga direita arregaçada para poder medir a tensão. Junto dela, havia um homem de vinte e muitos anos, com calças de ganga e uma camisola da UCLA, a segurar-lhe a mão.

A sala de estar dava para uma sala de jantar e, depois, para a cozinha. Decker encontrou Marge apoiada na bancada, com o bloco aberto, embora não estivesse a escrever.

— Aconteceu no quarto dela — informou, em voz baixa.

— Quantos quartos há?

— Dois. Um para a filha, um para o filho. Ele estuda na UCLA, mas vive em casa. A mãe dorme na sala, num sofá-cama. — Marge parecia ter os olhos um pouco húmidos. — Vou mostrar-te onde aconteceu, se quiseres.

— Quem vigia a cena do crime?

— A Hosea Nederlander. Está à espera do médico forense.

— Depois, veremos o corpo. Primeiro, quero ver como está a família.

Regressaram à sala sem fazer barulho. Os paramédicos falavam em voz baixa entre eles. A mãe teria quarenta e muitos anos e os olhos vermelhos, mas secos. Estava sentada rigidamente enquanto um dos homens verificava os sinais vitais.

Uma paramédica chamada Lanie falava com o jovem.

— Continua com a pressão sanguínea muito alta. Precisa de vir connosco.

— Não vou a lado nenhum — insistiu a mulher. De repente, reparou em

Marge e em Decker. — São da polícia?

— Somos, sim. — Decker apresentou-se.

— Devia ir ao hospital — insistiu Lanie.

— Não quero ir!

— Mãe...

— Não. Não posso deixá-la sozinha! Não posso fazer isso!

— Eu fico aqui e tomo conta de tudo — prometeu o filho. — Mas não poderei fazer nada se tiver de me preocupar contigo.

— Não vou! — A mulher tinha a cara branca como um fantasma.

— Quer um pouco de água, senhora? — ofereceu Marge.

— Boa ideia — replicou o filho.

Marge foi à cozinha.

— Têm algum médico que possa chamar? — perguntou Decker.

— Mãe, ainda vais ao doutor Radcliff? — perguntou o filho.

A mulher não respondeu.

— Brian Radcliff — disse o jovem. — Não sei o número.

— Eu arranjo-o — ofereceu-se Decker. — Pode examinar a tua mãe no hospital.

— Não vou!

— Por favor, ligue-lhe — rogou o filho, com desespero no olhar.

— Talvez ele possa vir aqui — sugeriu Decker.

Marge regressou com um copo de água. Aproximou-o lentamente dos lábios da mulher. Decker fez uma chamada e, depois, regressou à sala.

— Chegará dentro de dez minutos.

— Obrigado — agradeceu o filho.

— Fica com ela, está bem? — pediu Decker a Marge.

— É claro.

— Posso falar contigo durante alguns minutos? — perguntou Decker ao rapaz.

O jovem seguiu-o até à cozinha.

— Para começar, lamento muito a morte da tua irmã.

— Obrigado. — O jovem limpou os olhos, brilhantes por causa das lágrimas.

— Desculpa, mas não sei o teu nome.

— Eric Gelb.

— A vítima era a tua irmã mais nova?

Eric assentiu.

— E o nome da tua mãe?

— Udonis.

— Gelb?

O rapaz assentiu.

— Divorciada? Viúva?

— Divorciada.

— E o teu pai?

— Morto.

— Lamento muito.

Ele encolheu os ombros.

— Estavas aqui quando aconteceu... O incidente com a tua irmã?

— Não.

— A tua mãe estava aqui?

— Estava no trabalho.

— Portanto, tu chegaste ou ela chegou...

— Eu encontrei-a... Encontrei a Myra — levou a mão à boca. — Já estava...

Decker assentiu.

— E o que fizeste?

— Liguei à minha mãe, mas não lhe disse o que tinha acontecido. Depois, chamei a polícia. — As lágrimas caíam-lhe pelas faces. — A polícia chegou antes da minha mãe. Impediram-na de entrar no quarto. Quando lhe disseram que a minha irmã tinha morrido, a minha mãe desmaiou. Portanto, chamei os paramédicos.

— E aconteceu tudo há meia hora?

— Talvez uma hora. Não tenho noção do tempo.

Decker assentiu.

— Estás disposto a responder a mais algumas perguntas?

Eric assentiu.

— Para começar, quantos anos tens?

— Vinte e quatro.

— Está bem. E estudas na UCLA?

— Sim. No segundo ano de Direito.

— Muito bem. São apenas a tua irmã e tu?

— Sim.

— E estavam muito unidos ou...

— Há uma diferença de idade. Eu não passo muito tempo em casa. Mas, quando nos víamos, dávamo-nos bem.

— São do mesmo pai e da mesma mãe?

— Sim. Os meus pais separaram-se e, depois, reconciliaram-se e tiveram a minha irmã. Mas, no fim, divorciaram-se quando eu tinha dezoito anos.

— Portanto, a Myra tinha dez anos?

— Sim. Pouco depois, o meu pai descobriu que tinha cancro. Morreu há dois anos. O meu pai e eu não éramos muito unidos, sem rancores, mas sem nada em comum. A Myra e o meu pai eram muito unidos. O divórcio foi muito difícil para ela. A morte do meu pai devastou-a.

— Depressão?

— Grave. Teve de se medicar.

— Continuava medicada?

— Acho que sim.

— A medicação ajudava?

— Não sei. Também ia ao psiquiatra.

— Sabes como se chama?

— A minha mãe sabe.

— A tua irmã tinha tentado suicidar-se anteriormente?

— Sim. Mesmo depois da morte do meu pai. Parecia que estava melhor...

— levantou as mãos.

— Estudava na Bell e Wakefield? — perguntou Decker.

Eric assentiu.

— Tinha uma bolsa. Ambos tínhamos bolsas.

— Como correu para ti?

— Para mim?

Decker assentiu.

— Não foi mau. Formaram-me bem.

— Socialmente?

— Não é o lugar mais caloroso do mundo, mas tinha amigos. Não tive problemas.

— E a tua irmã?

Eric soprou.

— Não sei. Nunca se queixou. Sei que tinha alguns amigos.

— Sabes os nomes?

— Só os próprios. Heddy... Ramona... — encolheu os ombros. — Só me lembro desses.

— Nos últimos dois meses, a tua irmã tinha mudado de alguma forma?

— Que eu saiba, não. Mas não estava muito em casa.

— A depressão dela pareceu piorar?

— Não... Na verdade, não.

— Sabes se a tua irmã tinha alguma atividade fora da escola?

— Pintava e desenhava — replicou Eric. — Era uma grande artista. Acho que fazia vinhetas para o jornal da escola.

— Mais alguma coisa?

— Talvez se interessasse por mais alguma coisa, mas não sei. Não passo muito tempo aqui. Foi um acaso que estivesse... — Os olhos dele humedeceram. — Estou nas aulas ou na biblioteca. Também faço estágio depois das aulas e aos fins de semana. Em geral, limito-me a dormir aqui. Disse à minha mãe para trocarmos de camas, porque eu já não preciso do meu quarto, mas é uma teimosa. Suponho que já tenha percebido.

Decker ouviu as vozes procedentes da outra sala. Marge espreitou.

— Chegou o médico.

— Está bem. — Decker virou-se para Eric. — Muito obrigado por responderes às minhas perguntas. E, novamente, lamento muito.

Eric assentiu e regressaram à sala juntos.

Radcliff tinha cinquenta e tantos anos e o cabelo grisalho. Usava uma camisola, uma camisa Oxford e umas calças de ganga. Deu uma palmadinha no ombro de Eric.

— Decidimos encontrar-nos no hospital.

— Muito obrigado — agradeceu Eric.

Marge desligou o telemóvel.

— Temos dois investigadores forenses lá em baixo. Talvez devamos esperar até a senhora Gelb ir para o hospital.

Decker acedeu e viu como sentavam Udonis Gelb numa cadeira de rodas.

— Informo-te do que acontecer, Eric — prometeu Radcliff. — Dás-me o teu número de telemóvel?

Eric deu-lho.

— Obrigado, doutor.

Assim que a mãe se foi embora, os dois investigadores forenses, Jamaica Carmichael e Austin Bodine, entraram no apartamento.

— Tenho de ver o que aconteceu — disse Decker a Eric. — Há muitas pessoas a entrar e a sair. Não tens de ficar.

— Prometi à minha mãe.

— Podes esperar na sala.

Eric assentiu.

Marge conduziu os investigadores até à cena do crime. Decker tirou o bloco. Era um quarto normal: paredes azuis, móveis brancos e uma colcha de seda branca manchada de sangue. A pistola, um revólver *Taurus* de 5,6 mm, ainda descansava por cima do edredão, mas o corpo estava no chão, aos pés da cama. Tinha a cara de lado por cima de um charco de sangue coagulado, um buraco negro que gotejava sangue que corria pela sua face e pelo seu crânio, coagulando no cabelo, curto e escuro. A mão direita tinha queimaduras da pólvora. Usava uma *t-shirt* cinzenta e umas calças de ganga escuras. Estava descalça.

— Mediste a trajetória? — perguntou Decker.

— Medi a trajetória da pistola para a mão e da pistola para a cabeça, mas a rapariga estava no chão quando entrei. Procurei, mas não encontrei a bala.

O investigador forense Austin Bodine virou a cabeça da rapariga com cuidado.

— Não encontrou nenhuma bala porque continua lá dentro. Não há buraco de saída.

Marge reviu as suas notas.

— Parece-me que estava sentada na beira da cama quando disparou. A pistola caiu na cama, mas ela acabou no chão. A colcha é de cetim... escorrega.

— Têm a certeza de que só ouve um tiro?

— Até agora, só o da cabeça. — Jamaica virou o corpo com cuidado até o pôr de costas. — Tudo o resto parece intacto.

Bodine abriu os sacos.

— Querem rever a roupa antes de a levarmos?

— Sim — confirmou Marge. Ambos os inspetores reviram a roupa à procura de objetos estranhos: cabelo, fibras, qualquer coisa que sugerisse a presença de outra pessoa no quarto. Havia salpicos de sangue por todo o lado. Parecia uma ferida de bala autoinfligida na cabeça, parecida com o caso de Gregory Hesse. Mas, pelo menos agora, tinham algumas respostas do porquê.

Quando Marge e Decker acabaram de rever a roupa, os investigadores

forenses começaram o processo árduo de embrulhar e transportar o corpo, pondo os restos mortais de Myra Gelb numa maca de aço, antes de a tirar pela porta. Eric estava sentado no sofá enquanto tudo isso acontecia, com a cabeça encurvada e as mãos no colo. O jovem demorou um instante a falar, mesmo depois da saída dos investigadores.

— E agora? — perguntou, finalmente.

— A minha parceira e eu gostaríamos de rever exaustivamente o quarto. Abrir gavetas, inspecionar o armário, procurar por baixo da cama... Tens algum problema com isso?

— Não.

— Tens ideia de onde a Myra arranjou a pistola?

Eric levantou a cabeça e ficou a olhar para ela.

— Essa é uma boa pergunta.

— Poderia ser da tua mãe? — sugeriu Decker.

— Duvido. Nunca me disse nada sobre isso.

— Podemos perguntar-lhe — disse Marge. — Vamos levar a pistola para nos certificarmos de que está tudo em ordem.

— Muito bem. — Eric estava pálido. — O que acontecerá depois de examinarem o quarto?

Decker deu-lhe um cartão.

— Depois de inspecionarmos a zona, podes ligar a esta mulher. Ela e o filho entrarão no quarto e tratarão de tudo o que for preciso limpar.

— Meu Deus, não tinha pensado nisso! — Voltou a levar as mãos à cabeça. — Suponho que não possa ligar à senhora da limpeza. — As lágrimas brotaram novamente.

— Tem de ser feito por um profissional. Há outras pessoas que se dedicam a isto, mas descobrimos que esta mulher é muito sensível.

Eric aceitou o cartão.

— Obrigado, sargento... tenente.

— Ela é sargento e eu sou tenente. — Decker e Marge entregaram-lhe os seus respetivos cartões. — Liga-nos se precisares de alguma coisa.

— E o corpo?

— Depois da autópsia, alguém te ligará para ires buscá-lo. — Decker entregou-lhe outro cartão. — Este é um contacto no Forest Lawn. Não sei se têm um cemitério, mas, pelo menos aqui, tens um nome. Também tenho o contacto de alguém que trata das cremações, se preferires isso. Quando o

médico forense acabar de examinar o corpo, os profissionais farão o resto.

Eric ficou com os cartões.

— Obrigado pelas indicações — levantou o olhar. — Estou totalmente perdido.

— Compreendemos — disse Marge. — Vamos voltar a entrar no quarto, se te parecer bem. Enquanto isso, há alguém a quem queiras que liguemos?

— Não quero estar com ninguém — redarguiu Eric. — Não desejaria isto ao meu pior inimigo.

Capítulo 14

O quarto era funcional: os pertences de Myra eram poucos. Era uma rapariga arrumada. As gavetas da secretária e as da roupa estavam organizadas e não muito cheias. Decker não conseguia pensar em muitos armários de mulher com espaço livre no interior. Myra tinha seis vestidos, quase idênticos em estilo — manga curta, decote em «V» e lisos. Tinha quatro saias, meia dúzia de camisolas e o mesmo número de *t-shirts* e de calças de ganga. O seu calçado consistia em ténis, uns sapatos pretos de salto e chinelos.

Não tinha muitos acessórios frívolos, como peluches, figurinhas de vidro ou joias em forma de coração. Também não havia nada rebelde. Não havia acessórios góticos, botas de combate, correntes ou sinais de cigarros ou marijuana. Não parecia gostar de desporto ou de teatro. Não havia nada que dissesse: a Myra era assim. Era uma rapariga psicologicamente empobrecida.

Os seus livros deviam proporcionar-lhe uma via de escape: a série do *Harry Potter* com capa dura, a série *Crepúsculo* com capa dura e *Gossip Girls* em edição de bolso. Não tinha nenhum CD, mas tinha um *iPod* e um telemóvel. Com uma mão enluvada, Decker reviu as últimas chamadas. Eram quase todas da mãe, mas havia várias de Heddy, Ramona e Lisa. Eric ligara-lhe para o telemóvel uma vez nas últimas semanas. Também havia vários números sem nome atribuído. Decker anotou os dígitos.

— Tens um anuário da Bell e Wakefield? — perguntou a Marge.

— Posso arranjar um.

— Eu gostaria de dar caras aos nomes. Nos casos da Heddy, da Ramona e da Lisa, gostaria de ter os apelidos — reviu alguns das mensagens de Myra: «Vemo-nos depois. Vou buscar-te às 5h.»

Demorariam muito a rever todas as mensagens. Decker pousou o telemóvel na mesa de cabeceira.

— Adoraria levá-lo, mas suponho que tenhamos de pedir permissão — olhou para Marge. — Dois estudantes da mesma escola suicidam-se em menos de um mês e meio. Ambos eram... marginalizados. O que te parece?

— Com frequência, são os marginalizados que se suicidam. Além disso, um deles era homem e, a outra, mulher, idades diferentes e cursos diferentes.

— E a mulher tinha um histórico de depressão — acrescentou Decker.

— Mas... — indicou Marge. — Continuam a ser dois estudantes da mesma escola em muito curto espaço de tempo. Consigo pensar numa espécie de clube de suicidas, num pacto suicida ou... Conheciam-se?

— Estava a pensar na pistola. De onde saiu? — Ficaram em silêncio. Até Decker falar. — Não vejo nenhum computador.

— Talvez tivessem um computador partilhado — sugeriu Marge. — Posso perguntar ao Eric.

— Se queremos rever os arquivos pessoais da Myra, precisaremos da permissão da senhora Gelb. — Decker passou as mãos pelo cabelo. — E, ao contrário da Wendy Hesse, ela não nos pediu ajuda — voltou a olhar para o armário. Num canto, havia duas caixas de mudanças de cartão. Tirou uma e abriu-a. — Olha para isto, Marge.

Centenas de desenhos — a caneta e a tinta, com lápis, ceras, aguarelas — em pedaços de papel branco, em papéis de rascunho com anúncios na outra face, uma dúzia de blocos de esboços e muitos guardanapos, jornais e *post-its*: tudo o que fosse feito de papel.

— Finalmente — disse Decker. — Encontrámos a verdadeira Myra Gelb.

— Era boa. — Marge tirou alguns dos desenhos de cima e observou-os com olho crítico. — Muito boa, de facto.

Havia caras, havia paisagens, havia tascas e muitas caricaturas e vinhetas. Começaram a rever o material um a um. Uma hora mais tarde, Decker estava a observar um desenho a caneta em que aparecia um tipo enorme a soprar na sanita. O rodapé dizia: «A produção artística do Dylan.» Mostrou o desenho a Marge.

— O Dylan Lashay? — Decker encolheu os ombros. — Seja quem for, a Myra não era uma admiradora. Amanhã, conseguirei um anuário.

Ao chegar a meia-noite, Marge endireitou-se e espreguiçou-se. Estava há quase seis horas no apartamento e passara a última hora no quarto. Ouviu passos. Eric bateu à ombreira da porta e Decker e ela saíram do quarto.

— O que se passa? — perguntou ela.

— O doutor Radcliff acabou de me ligar. Internaram a minha mãe. Tenho de ir ao hospital. Eu gostaria de parar por esta noite.

— Não há problema — concordou Decker. — Vamos fechar o quarto. Por

favor, não entres nele.

— Garanto-lhe que não será um problema.

— Voltaremos amanhã. Obrigado por nos deixares ficar até tão tarde.

— Não têm de quê. — Eric fez uma pausa. — O que procuram?

— Sei que a tua irmã estava deprimida. Mas tomava medicação e ia ao psiquiatra. Também era ativa. Desenhava muito — explicou Decker. — Achas que a tua mãe se importaria se levasse estas caixas para a esquadra para lhes dar uma olhadela?

— O que há lá dentro?

— Os desenhos da tua irmã.

— A minha mãe vai querer tê-los de volta.

— É claro — garantiu Decker. — Mas, deste modo, posso dar-lhes uma olhadela sem vos incomodar.

— Suponho que não haja problema. — Eric suspirou. — Claro, leve-os.

Marge agarrou numa caixa e Decker, na outra. Eram grandes, mas não eram pesadas. Eric fechou a porta e dirigiram-se para o elevador juntos. Quando chegaram ao andar de baixo, Eric saiu primeiro.

— Apresenta as nossas condolências à tua mãe — pediu Marge.

— Fá-lo-ei.

Decker levantou uma das caixas.

— Talvez isto seja um pouco estranho, Eric, mas vou perguntar de qualquer forma. Não encontrámos o computador da tua irmã. Não tinha?

— Tinha um Mac — replicou Eric. — Que estranho.

Marge levantou a caixa.

— Talvez o encontremos amanhã.

— É realmente estranho. Normalmente, está à vista.

— Achas que alguém pode tê-lo levado?

— Não sei quem. Mas, se não está lá... — fez uma pausa. — Não sei o que dizer.

— Às vezes, as pessoas oferecem coisas antes de agir — explicou Decker. Eric abanou a cabeça.

— Ela tinha poucas amigas. Pode perguntar-lhes.

— Está bem. Novamente, lamento a tua perda.

Mas Eric não pareceu ouvir.

— Acha que pode ter deixado um bilhete ou algo assim?

— Não sei com certeza — admitiu Decker. — Mas, se não procurarmos,

nunca saberemos.

Embora Yasmine tivesse dito que o rapaz tinha de escrever primeiro, Gabe esperava sempre que ela mandasse mensagem. Assim, sabia que tinha privacidade absoluta. O telemóvel apitou à meia-noite e meia. Ele estava na cama com as luzes apagadas, a descansar, a pensar nela e a excitar-se.

«Estás acordado?»

Gabe sentiu que o coração acelerava.

«Estava à tua espera.» Continuou a esperar sem esperar resposta. «Quase que nos apanhavam.»

«Meu Deus. Quase me deu um ataque.»

«Saíste-te bem. Eu fui um imbecil.»

«Não. Eu fui uma imbecil. Pelo menos, falaste.»

«Gaguejei, não falei. A tua irmã é uma megera.»

«A Daisy é assim. É difícil estar no décimo primeiro ano.»

Gabe sorriu. Provavelmente, Yasmine era uma daquelas pessoas amáveis que via sempre algo de bom em todos. «Só estou a proteger-te.»

«Obrigada.»

Gabe escreveu: «Certo. Alguém me escondeu alguma coisa.»

«Olha quem fala!» Yasmine escreveu mais uma linha. «Harvard!!!» Outra pausa. «Harvard!!!!»

Ele respondeu: «Talvez.»

«Talvez? Estás louco?»

«Há mais opções.»

«Por exemplo?»

«Conto-te depois.»

Uma longa pausa. Depois, ela escreveu: «Vais para a universidade no outono?»

Ele respondeu: «Sim. Talvez fique.»

Não, a sério, Gabe, se entraste em Harvard, tens de ir.»

«Talvez.» Pausa. «Quero ouvir-te a cantar.»

«Não.»

«Vá lá!»

«Não.»

«Covarde.»

«Não me importo com o que pensas...»

«Desde quando cantas ópera?»

«Não canto ópera.»

«Mentirosa.»

«Não.»

«OK. Não cantas ópera. E que ária cantavas quase sem parar, segundo a Daisy?»

«Nada.»

«Vá lá, Yasmine, para. Quero saber.»

«Vais rir-te.»

Gabe respondeu: «????»

Yasmine escreveu: «Promete-me que não te ris.»

«Claro que não.»

«Der Hölle Rache.»

Der Hölle Rache, a ária da vingança da *Flauta Mágica* de Mozart, cantada pela Rainha da Noite. Era uma peça musical icónica, uma das primeiras árias que as crianças ouviam quando começavam a estudar ópera. E, mesmo assim, era uma das peças mais difíceis de cantar.

Não era mau.

«LOL», escreveu Gabe para brincar com ela.

«Cala-te.»

«Não, a sério, é impressionante.»

«Como eu a canto, não.»

«Não acredito.»

«Devias.»

«És uma soprano de coloratura.»

«É o que dizem.»

«Quem? O teu professor de voz? Tens de ter um professor se cantas *Der Hölle Rache*.»

«Sim. O meu pai acha que vou a aulas de piano, mas, na verdade, vou a aulas de canto.»

«Descobre-se a verdade». Gabe escreveu: «Ah! Agora, tudo faz sentido. A tua mãe sabe?»

«Sim.»

«Mais alguém sabe?»

«Tu e a Ariella.»

«Ah, a Ariella. A guardiã dos segredos. Suponho que seja uma boa amiga.»

«É.»

Mentir devia ser o passatempo favorito da família Nourmand. Tal como o da sua própria família. Escreveu-lhe: «Não imagino tantas palavras a sair de um peito tão pequeno.»

«És horrível. Agora, nunca vou cantar para ti.»

«Não queria dizer isso.» Mas queria. Adorava brincar com ela.

«Odeio-te», escreveu Yasmine.

Gabe respondeu: «Que pena. Eu estou louco por ti.»

Houve uma longa pausa. Depois, ela escreveu: «Talvez não te odeie.»

Gabe respondeu: «Vamos beijar-nos e fazer as pazes.»

«Beijar-nos e acariciar-nos, queres dizer.»

«Isso também.» Uma pausa. «Não, a sério. Quando posso ouvir-te a cantar?»

«Nunca.»

Gabe escreveu: «Vem ter comigo no sábado. Os Decker vão sair para almoçar. Sairão às 10h, por isso podes vir às 11h. Eu acompanho-te ao piano.»

«Não posso. Tenho de ir à sinagoga. Já o perdi no sábado passado por tua causa.»

«Vá lá...»

«Gabe, não posso.»

«Porquê?»

«Verei o que posso fazer. Não prometo nada.»

«Vá lá, por favor.»

«Logo veremos.»

«Não quero causar-te problemas, mas tenho saudades.»

«Eu também.»

Acrescentou: «Muitas.»

Gabe escreveu: «Por favor, vem, Yasmine. Quero ver-te. Gosto muito de ti e também quero ouvir-te cantar. Se não vieres, será uma semana horrível.»

Houve uma longa pausa. «Não nos vemos na quinta-feira?»

«Não posso. Tenho de falar com o agente e estar na universidade às 8h.»

«Agente?»

«Sim. Os músicos precisam de agentes para trabalhar.»

«Arranjou-te trabalho?»

«Talvez. Procuram um pianista para os festivais de música de câmara no Wyoming, no Texas e no Oklahoma. Quarteto para piano de Mozart. Tenho de tocar para ele e tem de ser perfeito.»

«És sempre perfeito.»

«É por isso que gosto de ti. Podes vir na quarta-feira de manhã?»

«Não. Tenho exame de matemática.»

«Então, no sábado. Por favor.»

Houve uma longa pausa. «OK. Vou no sábado. Pensarei em alguma coisa.»

«Obrigada.» Depois, acrescentou: «Estou louco por ti.»

Ela respondeu: «Eu sinto o mesmo.»

Gabe escreveu: «Mil beijos.»

«Um milhão.»

«Já é tarde e tens aulas amanhã. Para a cama.»

Yasmine escreveu: «Sim. Fico muito contente quando falo contigo.»

«Eu sei. É difícil parar. Mas já passa da 1h. Tens de ir dormir. Vejo-te no sábado.»

«OK.»

«Boa-noite. Sonhos doces.»

«Serão, se sonhar contigo.»

Gabe escreveu: «És viciante. Não consigo parar de pensar em ti. Quero que o sábado chegue. Boa-noite, meu amor.»

Yasmine escreveu: «Boa-noite, meu anjo Gabriel.»

Desligou o telemóvel.

O coração acelerava no peito. Fechou os olhos e deixou que o seu cérebro e outras coisas funcionassem, imaginando o toque dos lábios dela e o sabor da pele.

Não demorou muito.

A segunda vez também não demorou muito.

Parecia-lhe um sacrílego fazê-lo depois de falar com ela. Era tão linda, tão pura, tão angélica. Mas não conseguia evitá-lo.

Era um homem. Tinha quinze anos. Era o filho de Chris Donatti.

Era o que era.

Capítulo 15

Na sexta-feira de manhã, o dia depois de Myra Gelb se suicidar, a Bell e Wakefield cancelou todas as aulas. As aulas de cálculo e composição avançada tinham sido substituídas por programas especiais a cada hora em ponto, começando às oito da manhã. Tinham programado três assembleias, que se celebrariam no auditório imenso, para além de seminários mais pequenos nas salas de aula. Os temas iam desde a perseguição até ao estabelecimento de relações saudáveis, passando pela depressão e pelo suicídio de adolescentes, com toda a informação impressa em panfletos com o emblema do leão da B e W em cor carmesim. Na capa, apareciam as fotografias de Gregory Hesse e Myra Gelb, com um *in memoriam* e a data do seu nascimento e da sua morte impressa por baixo.

Marge e Oliver estavam à espera no escritório do doutor Martin Punsche, sentados em cadeiras de costas duras enquanto viam as páginas do folheto. Eram dez da manhã e estavam há quinze minutos à espera. Oliver estava a ficar nervoso. Naquele dia, usava um casaco de camurça castanho, uma camisa preta e calças da mesma cor. Usava os mocassins resplandecentes. Marge usava uma das suas camisolas de caxemira favoritas. A boa roupa de malha era como usar uma manta: larga e suave. Aquelas camisolas em particular caíam-lhe até mais abaixo da cintura das calças, o que camuflava as imperfeições. Comprara a mesma roupa em seis cores diferentes. Naquele dia, escolhera o azul-claro.

Oliver bateu com os papéis na mão.

— Achas que esta merda psicológica ajuda?

— Quem sabe? — inquiriu Marge. — Os adolescentes estão noutra planeta. Só o destino e a dor os separa da autodestruição e, às vezes, nem sequer isso é suficiente.

Oliver observou as fotografias dos adolescentes falecidos.

— Portanto, passou um mês entre as duas mortes.

Marge assentiu.

— Seis semanas. Se foram dois suicídios aleatórios, é uma pena. Mas é

inevitável questionarmo-nos se está a acontecer alguma coisa estranha dentro da escola, como um clube de suicidas ou uma roleta russa.

— A roleta russa é coisa de homens brancos. Talvez o Gregory Hesse. Mas não a Myra Gelb. As duas vítimas têm mais em comum, para além de estarem na mesma escola?

Marge pensou nisso por um instante.

— Não eram marginalizados diretamente, mas também não faziam parte dos grupos populares, como a Máfia da B e W, um punhado de meninos ricos que fingem que são criminosos. Mas isso não significa que não possam magoar.

— Sim, os adolescentes com uma pistola não são bons para ninguém — declarou Oliver. — Portanto, a Myra sofria de depressão?

— Segundo o irmão, sim. Não sabemos se o Gregory também estava deprimido. Não parecem ter amigos em comum. Além disso, com mil e quinhentos estudantes na escola, é provável que nem sequer se conhecessem, sobretudo, porque ela era um ano mais velha.

— E professores em comum?

— Não sei — admitiu Marge. — Para dizer a verdade, quando a Wendy Hesse acabou com a nossa investigação, parámos a análise psicológica do Gregory Hesse. Mas, agora, com dois suicídios e com a perseguição do Kevin Stanger e a informação sobre a máfia, talvez valha a pena continuar a investigar. Há sempre grupos, mas isto pode ter chegado mais longe.

Nesse momento, Martin Punsche entrou como um tornado, com uma camisa branca e calças escuras. A cara dele acumulara várias rugas desde a última vez que os inspetores o tinham visto. O vice-diretor olhou para o relógio.

— Sei que estou atrasado. Não pude fazer nada. Foi... um inferno. Não há outra palavra para o descrever. Inferno. Isto é algo sem precedentes.

— Nunca tinham tido suicídios na B e W? — perguntou Oliver.

— Dois nos últimos oito anos e parecia-nos que era extraordinário. Só admitimos os alunos que são psicologicamente fortes. Claro, não podemos prever coisas como a morte e a doença ao longo dos quatro anos que os alunos passam aqui, mas tentamos enfrentar essas coisas imediatamente. Sabíamos que a Myra tinha problemas. Por razões legais, pedimos aos pais para nos informarem sobre a medicação que os filhos tomam. A mãe disse-nos que a Myra tinha tomado antidepressivos. Mas parecia estar bem.

— Qual é a sua definição de estar bem? — perguntou Oliver.

— As notas dela eram excelentes e tinha amigos. Os professores nunca me informaram de nada estranho.

— Quer sentar-se, senhor Punsche? — perguntou Marge.

Punsche apercebeu-se de que estava a dar voltas de um lado para o outro. Deixou-se cair na cadeira atrás da secretária.

— Só tenho um minuto antes do meu próximo seminário. O que posso fazer por vocês?

— Da última vez que falámos, disse que não conhecia muito bem o Gregory Hesse — recordou-lhe Oliver.

— Sim, isso era verdade. Depois, falei com alguns dos professores. O Gregory também não parecia ter problemas. Era um estudante excelente, não era rebelde nem associal. De facto, dava aulas particulares e eu não sabia. Não estava ao corrente. — Punsche ficou a olhar para os inspetores. — Nem sequer sei porque estão aqui. É maravilhoso que a polícia se interesse pelo bem-estar dos nossos jovens, mas não acho que este seja um assunto policial.

— Queremos certificar-nos de que estas mortes não fazem parte de um problema maior dentro da escola... que ambos os casos não estão relacionados.

Punsche passou a mão pela cabeça.

— Não vejo porquê. A Myra e o Gregory nem sequer estavam no mesmo ano.

— Isso não significa que não se conhecessem.

— Talvez tivessem alguma aula em comum — sugeriu Marge.

— Normalmente, o décimo e o décimo primeiro estão bastante afastados, mas há algumas aulas opcionais que podem ter-se em qualquer ano. Vamos ver... — Ligou o computador. — Abrirei a lista das aulas da Myra e a do Gregory...

— Nós ainda temos a lista das aulas do Gregory. — Marge tirou um pedaço de papel. — Conforme pensamos, interessava-se especialmente pelo jornalismo de investigação.

O doutor Punsche encolheu os ombros.

— Não sei.

— O Gregory trabalhava no jornal da escola? — perguntou Oliver.

— Não sei.

— E a Myra? — perguntou Marge. — Era boa artista e caricaturista.

— Isso também não sei. O professor de jornalismo e diretor do jornal é o Saul Hinton. Falem com ele. Está em aula... — Carregou em algumas teclas no computador e, depois, imprimiu o resultado. — O que dizia?

— O número da sala de aula do Saul Hinton.

— Vinte e seis ou vinte e sete. — Punsche tirou a lista da impressora e deu-a a Marge. — Aqui tem, as aulas da Myra Gelb.

Marge comparou-a brevemente com o horário de aulas de Gregory Hesse. As listas não pareciam cruzar-se e nenhum deles estudava jornalismo atualmente.

— Mais alguma coisa? — Punsche olhou para o relógio. — Tenho de ir.

— Mais uma coisa — pediu Oliver. — O que sabe sobre o Dylan Lashay? Punsche pareceu perturbado.

— O que é que o Dylan tem a ver com tudo isto?

— Conforme sabemos, é o líder de um grupo de rapazes que... bom, se comportam como uma espécie de máfia, o Dylan é o líder e tem um grupo de chefes.

— O quê? — Punsche mostrou um ar de incredulidade. — Nunca tinha ouvido algo tão ridículo. O Dylan é um dos nossos melhores estudantes, tira boas notas, faz desporto e é um ator magnífico. Aceitaram-no em Yale com antecedência.

— Está bem — replicou Marge. — E isso contradiz o que acabámos de lhe dizer porque...

— Bom, porque é absurdo! O Dylan não tem de fazer jogos para ser líder. É um líder.

— Ouvimos dizer que gosta demasiado de pistolas — comentou Oliver.

— Não sei do que está a falar! — exclamou Punsche. — E, além disso, não tenho por costume falar com a polícia sobre estudantes em concreto.

— Exceto para dizer que foi admitido em Yale — observou Marge.

— Acho que já acabámos! — Punsche levantou-se. — Embora tenham atravessado algumas barreiras, continuo a convidar-vos para falar com o senhor Hinton ou qualquer um dos nossos empregados na B e W. Não temos nada a esconder aqui, embora não saiba o que o senhor Hinton ou qualquer outro dos nossos empregados possa dizer-vos.

— Agradeço a sua franqueza — agradeceu Marge. Ouvia a gargalhada de Oliver na sua mente. — Nunca se sabe o que pode surgir, portanto, obrigada por nos dar liberdade com os vossos professores.

— Eu não disse isso! — Punsche abanou a cabeça como se estivesse a falar com dois estudantes problemáticos. — Olhem, inspetores, não tenciono dizer-vos como lidar com a vossa investigação, mas vou dar-vos um conselho amistoso. A escola viveu duas tragédias terríveis, dois suicídios. Não faz sentido andar por aí a farejar nos assuntos das pessoas.

— Quando diz «pessoas», refere-se ao Dylan Lashay? — perguntou Oliver.

— Os Lashay são pessoas maravilhosas e o Dylan não é uma exceção — defendeu-o Punsche. — Estão muito envolvidos na comunidade local e nos atos de beneficência, o que inclui o apoio à polícia local.

— É bom saber quem vamos pisar — comentou Oliver, com um sorriso.

Marge deu uma cotovelada ao parceiro.

— Temos trabalho para fazer, senhor Punsche. E tenho a certeza de que respeita o facto de levarmos o nosso trabalho muito a sério. Obrigada pela sua ajuda.

Oliver não acabara.

— Não sei se o seu conselho é realmente amistoso, senhor Punsche.

Marge deu-lhe um beliscão quando Oliver olhou para ela com ódio. Punsche não se apercebeu da interação.

— Eu só estou a dizer... O que fazem com isso é convosco...

Saul Hinton tinha quarenta e muitos anos, era alto, magro, com o nariz inchado e o cabelo grisalho penteado para esconder a careca. Com os braços compridos e o peito esticado, mexia-se como um daqueles bonecos insufláveis dos concessionários de carros.

A sala de aula estava vazia. Na parede da frente havia uma ardósia preta, outra branca e um ecrã plano de quarenta polegadas. Na tábua de cortiça, pendia o último número do jornal escolar, *As intrigas da B e W*, novamente estampado com o leão. Hinton convidou-os para se sentarem em qualquer uma das vinte carteiras, cada uma delas com várias saídas de rede para os portáteis.

— Na verdade, não servem para nada — admitiu o professor. — A escola pôs *wi-fi* há seis anos. As saídas só se usam em caso de emergência.

— E se os estudantes não tiverem o seu próprio portátil? — perguntou Oliver.

— A escola proporciona-lhes um — respondeu Hinton.

— Quanto custa a matrícula? — perguntou Marge.

— Quarenta mil por ano. Cerca de vinte por cento do nosso corpo estudantil tem bolsas — explicou Hinton. — A administração faz o possível para manter a qualidade e cingir-se ao orçamento. Infelizmente, para o conseguir, temos de rejeitar muitos estudantes magníficos. — Sentou-se na beira da mesa. — O que posso fazer por vocês? Não achei que estas mortes, por muito trágicas que tenham sido, fossem assunto da polícia.

— Tecnicamente, o suicídio é um crime — indicou Oliver.

— E isso é ridículo.

— Principalmente, senhor Hinton, viemos porque queremos ter a certeza de que os suicídios não fazem parte de um problema maior aqui, na Bell e Wakefield — explicou Marge.

Hinton olhou para ela fixamente com os seus olhos castanhos.

— Que problema maior?

— Lembra-se de um estudante chamado Kevin Stanger?

— É claro. Foi-se embora no começo do décimo ano.

— Sabe porquê? — perguntou Oliver.

— O inspetor sabe?

— Tinha problemas sociais — esclareceu Marge. — Foi o que o senhor ouviu dizer?

— Uma coisa dessas.

— Então, está um passo à frente do vice-diretor. O doutor Punsche diz que não sabia porque o Stanger se mudou para outra escola.

Hinton ficou calado.

— Ou talvez tenha mentido.

Hinton continuou em silêncio. Era uma técnica de interrogatório policial, para além de jornalismo.

— O que sabe do encurralamento? — perguntou Marge.

— Foi isso que o Kevin disse? — perguntou Hinton.

Respondia a uma pergunta com outra. Portanto, Oliver mudou de assunto.

— O Kevin disse-nos que o Greg Hesse e ele tinham mantido o contacto, mesmo depois de ele se ir embora. Também mencionou que o Hesse tinha desenvolvido interesse pelo jornalismo de investigação quando estudou consigo no nono ano.

— Sim, isso é verdade. O Greg sentia-se intrigado com o Watergate.

— E o Watergate inspirou o Greg a fazer investigações sozinho?

— Que eu saiba, não e, certamente, não foi encorajado por mim.

— O Kevin Stanger parece pensar que o Greg estava envolvido em algo estranho. O Hesse vivia colado à câmara de filmar. Além disso, dizia que estava a investigar alguma coisa que poria a Bell e Wakefield de pernas para o ar.

— Sabe do que o Stanger está a falar? — perguntou Oliver.

Hinton abanou lentamente a cabeça.

— Não, a verdade é que não. — Outra pausa. — Se puderem dizer-me mais alguma coisa... Talvez alguma coisa me seja familiar.

— O Stanger só sabe isso — admitiu Marge. — Questionávamo-nos se teria alguma coisa a ver com o jornal da escola.

— O Gregory não trabalhava para o jornal.

— Alguma vez escreveu uma coluna como colaborador, por exemplo?

Hinton mordeu o lábio inferior, levantou-se, dirigiu-se para a mesa e ligou o computador.

— Esperem um momento. — Procurou durante cinco minutos. — Escreveu uma coluna... só uma e no princípio do ano. — Observou o ecrã durante uns segundos e, depois, carregou no botão para imprimir. — Já me lembro. Eram conselhos para sobreviver ao nono ano. Humorístico, mas informativo.

Tirou a folha da impressora e deu-a a Oliver.

— Já me lembro. O Greg era muito bom escritor. Mas nunca se juntou ao jornal. Não sei porquê.

— Havia conflitos com outros estudantes? — perguntou Marge.

— Não me lembro.

— Quem é o estudante editor do jornal?

— Temos um editor do terceiro e outro do quarto ano.

Marge tirou o bloco.

— Pode dar-me os seus nomes?

— Posso dar-vos os nomes porque conseguiriam encontrá-los com facilidade. Mas ninguém vos dará permissão para falar com os estudantes sem os pais.

— Entendido — confirmou Marge.

— A aluna do terceiro ano é a Heddy Kramer e o do último ano é o Kyle Kerkin.

— Kyle Kerkin — disse Marge. — É amigo do Dylan Lashay, não é?
Hinton fez uma pausa.

— Porque me fazem perguntas irrelevantes?

— O nome do Lashay não para de aparecer quando falamos dos suicídios — comentou Oliver.

Marge mudou de assunto antes de Hinton conseguir responder.

— A Heddy Kramer era boa amiga da Myra Gelb. O Eric, o irmão da Myra, disse-nos isso. — Levantou um dedo. — Sabe? A Myra era uma artista excelente. E, se uma das amigas dela editava o jornal... Sabe se a Myra trabalhou alguma vez no jornal como artista?

— Não estava na equipa, mas colaborava como *freelancer*. Fazia vinhetas, acho eu.

— Talvez a Myra tenha conhecido o Gregory através do jornal — sugeriu Oliver.

Hinton abanou a cabeça.

— Não me parece. Nenhum dos dois colaborava de maneira regular.

— A Myra Gelb não gostava muito do Dylan Lashay — explicou Oliver.
— Desenhou algumas caricaturas depreciativas dele.

Hinton olhou para ele com raiva.

— Sabe? A polícia, tal como os jornalistas, devia ser imparcial quando faz uma entrevista. Para mim, está claro que têm um plano. Não sei o que o Dylan Lashay tem a ver com a vossa investigação e, francamente, não me importa. Acho que já acabámos.

— Foi exatamente o que o doutor Punsche disse quando não gostou das nossas perguntas — observou Oliver.

Marge levantou-se.

— Obrigada pelo seu tempo e pela sua ajuda.

— Não me parece que tenha ajudado — replicou Hinton.

— Às vezes, o que não se diz ajuda-nos mais do que o que se diz — comentou Oliver, em resposta.

Capítulo 16

— A pistola da Myra Gelb era roubada — informou Decker.

— Porque não me surpreende? — perguntou Oliver.

Marge e ele estavam no escritório do inspetor-coordenador. Ela estava de pé e ele, sentado à frente de Decker. Eram três da tarde.

— Há quanto tempo? — perguntou Marge.

— Um ano.

— A quem a roubaram?

— À Lisbeth e ao Ramon Holly. — Decker entregou a morada e o número de telefone a Oliver. — Vivem na zona. Liga-lhes e descobre os detalhes.

— Pensarei em alguma coisa — declarou Oliver, enquanto saía do escritório.

— O que se passa? — perguntou Decker a Marge.

— Temos alguns detalhes soltos sobre os dois estudantes, mas nada que possamos seguir. Além disso, acho que, na escola, não gostam de nós. Certamente, não tanto como do Dylan Lashay. — Resumiu o que acontecera de manhã. — A Myra e o Greg colaboraram com o jornal, mas continuamos sem ter nada que os relacione.

— A Heddy Kramer é a Heddy da agenda telefónica da Myra? — perguntou Decker.

— Sim. Além disso, é uma das editoras do jornal. — Marge encolheu os ombros. — Talvez tenha sido o contacto entre os dois jovens. O professor de jornalismo não se lembra de se terem conhecido, mas também não foi de muita ajuda, sobretudo, depois de mencionarmos o nome do Dylan Lashay.

— O Dylan, o chefe da máfia.

— Os seus pais devem ter feito uma doação à escola que não podiam rejeitar.

Decker sorriu.

— É possível que a Myra e o Greg se tenham conhecido através do jornal — continuou Marge. — Talvez tenham começado a falar sobre alguns assuntos desagradáveis que estavam a acontecer na escola. Nenhum dos dois

era um marginalizado, mas também não eram dos populares. — Fez uma pausa. — Ou talvez um suicídio seja apenas um suicídio.

— O que me intriga é que ambas as pistolas fossem roubadas. O caso do Gregory Hesse já é bastante confuso. Porque é que a Myra Gelb haveria de ter uma pistola roubada?

— Não sei — respondeu Marge. — Posso interrogar a Heddy Kramer, se quiseres.

Decker pensou durante um instante.

— A missa pela morte da Myra é amanhã às onze. Esperemos até isso acontecer antes de falares com a Heddy ou com qualquer outro amigo da Myra. O choque tem de passar antes de falarem coerentemente.

— Tentarei organizar alguma coisa para a semana que vem.

Nesse momento, Oliver regressou.

— Não há ninguém em casa dos Holly. Deixei uma mensagem.

— O funeral da Myra é amanhã — informou Marge. — Organizarei uma reunião com as amigas no princípio da próxima semana.

— Tenta falar com os Holly antes disso — pediu Decker. — Se não os localizares até sexta-feira, fá-lo durante o fim de semana.

Marge virou-se para Oliver.

— Eu estou livre este fim de semana. E tu?

— Já sabes o meu número, querida — troçou Oliver. — Liga-me quando quiseres.

Às seis e meia da manhã, Gabe estava sentado na paragem do autocarro, com a cabeça apoiada na mão, a amaldiçoar as horas e os pássaros cantores, cuja cacofonia lhe causava dores de cabeça. Sabia que a audição era importante para o seu futuro, mas tinha a mente noutro lugar e não estava concentrado. Se ia levantar-se àquela hora, pelo menos, devia passar tempo com Yasmine. Viam-se às segundas, terças e quintas-feiras de manhã (tinham juntado mais um dia) e aborrecia-o não poder vê-la naquele dia, mesmo que soubesse que Nick se esforçara muito para lhe arranjar a audição. Continuou a lamentar-se da situação, perdido no seu próprio mundo, portanto, mal se apercebeu da figura que passava à sua frente. Nem sequer ouviu a voz até estar mesmo em cima dele.

— Chris?

Gabe levantou o olhar.

A rapariga era linda: cabelo loiro e comprido, olhos azuis, alta e pernas compridas. Tinha os seios grandes e perfeitos, provavelmente operados, apesar de ser jovem. Com ou sem cirurgia, não importava. Era perfeita.

Estivera a pensar em Yasmine, portanto, demorou um instante a perceber que estava a dirigir-se a ele. Ia dizer-lhe que se enganara, mas, então, apercebeu-se de quem era.

— Lembras-te de mim? — Esboçou um sorriso radiante.

— Claro — replicou ele. — És uma das raparigas que estava com o Dylan. A rapariga sentou-se no banco junto dele.

— O Dylan é um imbecil.

Isso era verdade.

— Se é um imbecil, porque estás no grupo dele?

Ela inclinou a cabeça.

— Tem alguns... atributos escondidos.

Maldita porca oferecida.

— Ainda bem para o Dylan — troçou Gabe, rindo-se.

— Lamento que tenha sido um imbecil contigo — prosseguiu ela.

— Não importa.

— Ficou impressionado contigo. Apercebi-me.

Gabe encolheu os ombros para lhe tirar importância.

— Sabes muito sobre pistolas.

— O meu pai coleciona-as. — Furtivamente. Tecnicamente, tinha histórico policial. Embora nenhuma lei impedisse que um criminoso tivesse pistolas.

— Francamente, preferia que colecionasse carros ou guitarras, algo menos letal.

— É mesmo proxeneta?

— Sim.

— Ena... Isso é bastante... estranho.

— Não vou mentir. É estranho quando penso nisso. Portanto, não penso nisso. — Virou-se para ela. — O que fazes aqui tão cedo?

— Eu podia perguntar-te o mesmo.

— Tu primeiro.

A rapariga abriu a mala e mostrou-lhe um saco cheio de marijuana.

— Ah... É boa?

Olhou para a cara dele.

— Poderíamos descobrir juntos. Vivo a seis quarteirões daqui.

Gabe deu uma gargalhada.

— Tens uns pais muito liberais.

— Tenho pais viciados no trabalho que já se foram embora.

— Ah... — Olhou para a cara dela e percebeu. Conhecia bem aquele tipo de pessoas. Em Nova Iorque, havia sempre uma festa todas as sextas-feiras e sábados à noite para quem vivia nos círculos apropriados. E, sendo o filho de Chris Donatti, vivia sempre nos círculos apropriados. Embora fosse um ano mais novo porque se adiantara um ano, os outros aceitavam-no. Era o rapaz inteligente e com talento que sabia manter a boca fechada quando chegavam os problemas. E, como era alto e bonito, as raparigas mais velhas também o aceitavam.

Era sempre a mesma história. Entrava numa divisão, fumava e, em dez minutos, já tinha uma rapariga de volta dele. Contudo, não queria isso agora. Teria adorado ter sexo oral, mas não com aquela desconhecida, por muito bonita que fosse. Já imaginava o pai a chamar-lhe idiota. E talvez fosse. Porque, às vezes, tinha medo de estar tão obcecado por uma virgem esquelética de seios pequenos e grande personalidade. Não conseguia tirar Yasmine da cabeça. Não parava de a imaginar nua, o que era embaraçoso porque, ao fazê-lo, se excitava sempre.

Só de pensar nela durante alguns segundos, já começava a excitar-se. A loira estava a olhar para o sexo dele. Interpretou a protuberância inconfundível das suas calças como um sinal de interesse.

— Interpreto isso como um «sim»?

— Não posso! — Gabe levantou as mãos. — Combinei encontrar-me com o meu grupo. Temos uma audição num estúdio para uma empresa discográfica importante às oito da manhã e vão matar-me se chegar atrasado.

— São apenas sete e cinquenta.

— Demora-se um bom bocado de autocarro.

— Não tens carro? — perguntou ela.

— Não tenho carta de condução — respondeu ele. — Tenho quinze anos.

— A sério? — perguntou ela, perturbada.

— A sério. — Gabe encolheu os ombros. — Não te mentiria sobre isso.

Ela olhou para ele de cima a baixo.

— Porque não vais à escola?

— Acho que já to disse... ou talvez tenha contado ao Dylan. Estudo em

casa. É fantástico, porque isso dá-me muita flexibilidade para tocar com o meu grupo. E, dado que não conduzo e tenho de apanhar o autocarro, isso deixa-me tempo para fazer coisas.

Ela olhava para a cara dele.

— Poderíamos ir a pé até minha casa e poderia levar-te de carro para a tua audição — ofereceu-se.

— Não tens aulas?

— Isto é o que penso das aulas... — Levantou o dedo do meio. — Além disso, já me aceitaram na universidade.

— Onde?

— Reed... Anda, vamos fumar — insistiu ela. — Vai relaxar-te, Chris.

Não era uma rapariga que aceitasse um «não» com facilidade. Gabe pensava em como livrar-se dela sem a irritar.

— Estou um pouco nervoso com a audição. Não é o melhor momento.

Ela inclinou-se mais para ele e começou a massajar-lhe o pescoço. Tinha a mão fria.

— Tens a certeza de que não queres que te deseje boa sorte? De certeza que relaxarás.

— Talvez, mas... — Tentou parecer sincero. Para a afastar realmente, teria de a beijar ou uma coisa dessas, mas não lhe parecia bem. — És muito bonita. Certamente, sou um imbecil, mas conheço-me quando estou assim. Fica para outra altura, está bem?

— Tu é que perdes.

— Acredita em mim, eu sei.

Tirou-lhe a mão do pescoço.

— O que tocas?

Podia ter dito teclado, mas não lhe apetecia contar-lhe nada sobre si próprio. Dado que não tinha guitarra nem baixo, disse:

— Bateria.

Novamente, aquele sorriso.

— Eu gosto dos rapazes que sabem marcar o ritmo.

— Já sabes o que dizem. Os bateristas vivem a vida ao máximo... — Por sorte, o autocarro apareceu ao longe. — Ouve, não sei como te chamas.

— Cameron.

Gabe tirou o telemóvel e guardou o nome na lista de contactos.

— E o teu número?

Ela deu-lho. Quando lhe pediu o dele, Gabe mudou os dígitos. Desse modo, se alguma vez voltasse a encontrar-se com ela, poderia dizer-lhe que o escrevera mal se tentasse ligar-lhe.

— Tens apelido? — perguntou ela.

— Donatti. — E soletrou. Se introduzisse o seu nome no Google, encontraria referências sobre o pai e veria que dizia a verdade. Provavelmente, deduziria que era o seu filho. Gabe não lhe perguntou o apelido e ela também não lho deu.

O autocarro parou na paragem.

— Gostei de ter falado contigo, Cameron — redarguiu. — Vemo-nos depois.

Cameron inclinou a cabeça, mas os seus olhos tornaram-se tempestuosos.

— Continua a sonhar, menino.

— Suponho que mereça isso — declarou, levantando-se.

Olhou para ele de cima a baixo.

— Talvez te perdoe... Isso depende. A bola está do teu lado, Chris. — Fez uma pausa. — Suponho que saibas como lidar com as bolas.

Gabe obrigou-se a rir e apontou para a mala.

— Pensa em mim quando a experimentares. — Entrou no autocarro e pagou o bilhete.

Alegrou-se quando o veículo arrancou.

Apagou imediatamente o nome dela da agenda, sentou-se e esperou que o seu coração recuperasse o seu ritmo habitual. Poucos minutos mais tarde, o telemóvel ganhou vida.

«Estás aí?»

O seu sorriso foi imediato.

«Estou no autocarro para a universidade.»

«Boa sorte com o teste. Sei que serás fantástico.»

«Obrigado. Sinto-me seguro. Boa sorte para o teu exame.»

«Obrigada. Não me sinto tão segura como tu. Mas quem se sentiria assim?»

Gabe riu-se.

«Queres dizer que sou arrogante?»

«Digo que és demasiado perfeito para te preocupares.»

Se ela soubesse! Escreveu: «Se sou perfeito é porque saio com a deusa da perfeição.»

«É a melhor?»

Gabe escreveu: «Tive saudades tuas esta manhã, Yasmine.»

«Eu também. Sonhei... contigo esta noite.»

«Espero que tenha sido bom.»

«Beijámo-nos.»

«Então, foi muito bom.»

«Era tão real, Gabe. Saboreava a tua boca. Não queria que acabasse.»

Eram sete da manhã e as palavras dela estavam a excitá-lo tremendamente. Envergonhado, cruzou as pernas e escreveu: «Deixas-me a mil. Excitas-me.»

«LOL». Outra pausa. «Não, a sério. Tenho muitas saudades, Gabriel. Sou patética.»

«Não tanto como eu. Estou sempre a pensar em ti. Estar longe de ti é uma merda.»

«Eu sei. Estou desejosa de que chegue sábado. Durante quanto tempo é que os Decker estarão fora?»

«Vão para a sinagoga entre as 9h e as 10h. Estarão fora 4 horas. Assim, teremos muito tempo para estar juntos.»

«Sim! Que vontade!»

Ele escreveu: «Talvez possamos recriar o teu sonho.»

Ela respondeu: «Só se o fizermos várias vezes.»

«Meu Deus! Matas-me!»

«Tenho de te fazer respiração boca-a-boca?»

«És demasiado sensual. Quero que seja sábado. Vem às 10h30 para termos a certeza.»

«Lá estarei... pontual.»

«Sim, claro...», respondeu Gabe, com um sorriso.

«Não, a sério.»

Houve uma pausa entre as mensagens. Depois escreveu: «Merda, tenho de ir. A Daisy está a esmurrar a minha porta para irmos para as aulas. Se não for, vai-se embora sem mim.»

«Maldita irmã. Vai-te embora. Mando mensagem quando puder.»

«Eu farei o mesmo. Vais ter saudades minhas hoje?»

«Estás louca. Claro que terei saudades. Tenho sempre saudades tuas.»

«Posso estar louca, desde que seja a tua louca.»

«Claro que és. Um milhão de beijos e abraços, Yasmine. Tem um bom dia.»

«Um milhão de beijos e abraços para ti, Gabriel. Tens o meu ♥»

O telemóvel ficou em silêncio e ele ficou a olhar para o ecrã preto com a esperança de que voltasse a iluminar-se. Ao ver que não acontecia, deu um beijo ao telemóvel e guardou-o no bolso. Recostou-se e fechou os olhos. Explodia de desejo. O resto não importava. Nem os seus pais transtornados, nem os Decker, nem o professor, nem a audição, nem as competições, nem sequer o seu futuro como pianista.

Só ela.

Só Yasmine.

Capítulo 17

Gabe pensava que tocara bastante bem e, a julgar pela cara do agente, não estava muito enganado. Jeff Robinson tinha trinta e tal anos e era o homem típico de Los Angeles, com o fato escuro, a *t-shirt* de manga curta e os ténis. O cabelo castanho chegava-lhe até aos ombros e tinha os olhos esbugalhados. Mexia-se muito e usava as mãos quando falava.

— Acho que tens um vencedor, Nick — comentou. — É jovem e toca com o brio enérgico da juventude. A sua capacidade de leitura é excelente, domina bem o instrumento e, além disso, tem arte no palco. É divertido olhar para ele. Eu trabalho no negócio do entretenimento e as mulheres, sendo mulheres, sabem do que gostam. Nos eventos privados, usam os músicos como se fossem arranjos florais e, quanto mais bonitos forem, mais vendem.

— O rapaz é mais do que um enfeite, Jeff.

— Certamente. E, se continuar a desenvolver-se, poderia fazer grandes coisas por ele. Já posso fazer grandes coisas por ele.

— Não quero que se exponha demasiado.

Falavam dele como se fosse uma fotografia antiga.

— Estou de acordo, tem de amadurecer. Mas, se continuar a progredir, quando saísse da Juilliard, deveria estar pronto para abordar mais do que a música de câmara em espaços pequenos. — Virou-se para Gabe. — Começas as aulas no outono.

— Em algum lugar — confirmou Gabe.

— O que significa isso? — perguntou Robinson.

Gabe sentiu que corava.

— Eh, aceitaram-me em Harvard...

— Harvard? — Robinson ficou a olhar para ele. — Não estarás a pensar em ir para Harvard.

— Jeff — começou a dizer Nick —, deixa-me tratar disso.

— Aceitaram-te na Juilliard?

Gabe assentiu.

— Então, vai para a Juilliard. Harvard é uma perda de tempo. Porque

haverias de a ter em conta?

— Jeff...

— Quero ouvir o que o rapaz tem a dizer.

Gabe respirou fundo.

— Pensei que seria bom para mim pessoalmente, assim como musicalmente, ir para uma universidade normal.

— Vai para a Juilliard e tira algumas disciplinas na Columbia. Os estudantes fazem-no constantemente.

— Ainda não me responderam da Columbia — explicou Gabe. — Provavelmente, entro...

— Não, não, não. Entendeste mal. Não vais para a Columbia. Vais para a Juilliard e tiras disciplinas na Columbia. — Fez uma pausa. — Responderam-te de Harvard e da Columbia, não foi?

— Em Harvard, candidatei-me para a admissão antecipadamente.

— Não me digas que é obrigatório.

— Não, Harvard não é obrigatório.

Jeff respirou fundo.

— Gabe, deixa-me dizer-te uma coisa. Não tens muito tempo. Se não despoatares entre os vinte e os vinte e cinco anos, nunca o farás.

— Jeff...

— Não digo que não poderá ser músico, mas solista de piano com grandes orquestras em grandes recintos... Esquece.

— Queres deixar que trate disto, Jeff?

— Nick, giro um negócio. Se o rapaz não levar isto a sério, não vou perder o meu tempo a poli-lo.

— Levo-o a sério — afirmou Gabe.

— Não podes levá-lo a sério se estás a pensar em Harvard. E não me digas que o Yo-Yo Ma esteve lá. Tu não és o Yo-Yo Ma. — Ficou a olhar para o rapaz. — Tenho pelo menos cem rapazes por aí que matariam para estar na tua pele, com um talento como o teu, uma cara como a tua e um professor como o Nicholas Mark. E tu queres deitar tudo a perder ignorando quatro anos da tua vida musical para te encontrares?

— Eu não disse que...

— Jeff...

— Porque haveria de pensar que levas isto a sério, Gabe? — Tinha-o literalmente à frente dele. — Convince-me.

— Porque não quero ser músico, tenho de ser músico — respondeu Gabe.
— Não é uma questão de vontade. Não tenho escolha. Quando me sento e toco, é como se... estivesse completo. É a minha maneira de me comunicar, como a fala. — Abanou a cabeça. — A música é a única língua que falo com fluidez. O resto é tudo estrangeiro para mim.

— Então, se é assim — continuou Robinson —, porque estás a pensar em ir para um lugar onde não podes comunicar? Nem sequer sabia que Harvard tinha um departamento artístico.

— Não tem...

— Meu Deus, rapaz! Harvard? Pelo menos, vai para Princeton, que tem um departamento artístico. Como podes pensar seriamente em ir para uma universidade sem opções artísticas? E tenho de acreditar que levas isto a sério?

— Tencionava fazer um programa vinculado ao Conservatório da Nova Inglaterra...

— E esse lugar é bom, Gabriel. Mas não é a Juilliard e Boston não é Nova Iorque.

— Jeff, é muito jovem.

— Não é assim tão jovem.

— É suficientemente jovem para tirar um ano para estudar — comentou Nick.

— Um ano sim, mas não quatro. — Virou-se para Gabe. — Se queres uma universidade, a do Sul da Califórnia é melhor do que Harvard. Pelo menos, poderás estudar com o Nick.

— Jeff, alguma vez te levei pelo mau caminho?

— Nick...

— Responde-me. — Fez-se silêncio. — Pela última vez, deixa-me lidar com isto. Concentra-te em conseguir espetáculos.

— Não tenciono lixar o meu futuro — declarou Gabe, de repente. — Se é má ideia ir para Boston, então, não vou. E sei que não sou o Yo-Yo Ma, mas pensava que, se ele foi, não seria assim tão mau. Mas, se for uma estupidez, não irei para Harvard, está bem?

Robinson suspirou.

— Olha, Gabe, esta é a realidade. Tens capacidades de adulto, mas continuas a ser um pirralho. Eu sei. O Nick sabe. Num mundo perfeito, o Nick e eu adoraríamos proteger-te, mas não podemos. Vais entrar num

negócio adulto. Entendido?

— Entendido.

— Parece-me que não. E não é culpa tua. Não estamos a falar de um recital ou de uma competição ou de um júri que dá notas. Estamos a falar de pessoas normais. Algumas pessoas terão um ouvido decente, a maioria apreciará a música, mas haverá quem não tenha ouvido. Mas todas essas pessoas pagarão dinheiro para te ouvir tocar. Portanto, tens de aparecer e fazer com que valha a pena. E tens de saber que, cada vez que puseres as mãos num teclado, todos te criticarão. Se trabalhares arduamente, se aprenderes um repertório considerável e se praticares sem parar, não tenho dúvida de que serás suficientemente bom para conseguir o sucesso. Faço isto há muito tempo. Depois de algumas peças, sei quem tem o que é preciso e quem não tem. Tu tens potencial e, certamente, tens arte no palco. E talvez chegues a ser suficientemente bom para ter uma carreira como solista. Vão elogiar-te, sim, mas haverá vezes em que te criticarão. Eu serei o teu advogado lá fora. Sou eu que leio as críticas e sublinho os comentários positivos. Se achar que a crítica é uma merda, nunca ta mostrarei. Mas, se achar que estás desinteressado, terei de to dizer e esperar que mudes. Não represento perdedores, entendido?

— Não tenho nenhum problema com isso — declarou Gabe, encolhendo os ombros. — Sem ser arrogante, sei que sou muito bom. Também sei aceitar as críticas. Pergunte ao Nick.

— Tem ego, mas não é teimoso — disse Nick.

— Ainda bem — afirmou Robinson. — É exatamente o que quero ouvir.

— Satisfeito? — perguntou Nick.

— Por enquanto.

— Podemos falar do que poderias oferecer-lhe para este verão?

— Depende de quanto quer trabalhar.

— Quer trabalhar.

Jeff virou-se para o rapaz.

— Queres trabalhar?

— Certamente. É por isso que estou aqui. — Gabe levantou-se. — Já volto.

— Onde vais? — perguntou Jeff.

— Posso ir à casa de banho?

Jeff deixou-o ir.

Gabe saiu para o corredor e respirou fundo. Jeff era difícil, mas também direto. Comparado com Chris, era muito suave. Gabe olhou para o telemóvel e selecionou o número do pai. Chris mudava de número de telemóvel como quem muda de camisa, portanto, Gabe surpreendia-se sempre quando a linha dava sinal. Surpreendia-se ainda mais quando Chris atendia as suas chamadas.

— Estás bem? — perguntou Donatti.

— Sim, estou bem.

— O que queres?

— Acabei de fazer uma audição para um agente.

— Que agente?

— Chama-se Jeff Robinson e organiza eventos de todo o tipo, desde o Carnegie Hall até às salas privadas mais seletas. O Nick está a tentar arranjar-me lugar nos festivais de verão de música de câmara.

— Como está a correr?

— Bom, acho que o Jeff vai arranjar-me lugar. Ainda tem espaços em algumas cidades pequenas no centro do país. O Nick quer que faça seis atuações. Acho que será divertido.

— É um bom começo. Deve haver contratos pelo meio.

— Sim. Tenho alguns. Tu continuas a ser o meu tutor legal, não é?

— A não ser que saibas alguma coisa que eu não sei, continuo a ser o teu pai. Envia-me os contratos. Vou pedir aos meus advogados para os examinarem.

— Está bem. Obrigado.

— Precisas de mais alguma coisa?

— Não. Estou bem.

— Quem é a rapariga?

Gabe ficou em silêncio sem saber o que dizer.

— O quê?

— Não me venhas com essa estupidez adolescente de «quê». Compraste alguma coisa por cento vinte e oito paus numa joalharia de prata de lei. Tu não usas joias, a não ser a cruz da minha mãe. E não és homossexual, portanto, não o compraste para um homem. Portanto, quem é a rapariga?

Gabe tentou pensar numa mentira credível, mas ficou com a mente em branco. Estava demasiado cansado para invenções. Além disso, não era capaz de enganar o pai.

— Uma.

— Sei que é uma, Gabriel. Não acho que seja uma aparição. Diz-me o nome.

— Yasmine.

— Gostas dela?

— Sim.

— Muito?

— Sim.

— Não a engravides.

— Não fomos para a cama juntos.

— Então, és idiota.

Gabe irritou-se.

— Ouve, tu esperaste mais de um ano antes de ires para a cama com a minha mãe.

— E quem diz que não fui um idiota? Olha onde acabei. E desde quando sou o teu modelo a seguir?

Chegados a esse ponto, Gabe pensou que a melhor opção seria não dizer nada.

— Quantos anos tem?

— Catorze.

— Meu Deus, não é de estranhar que não a seduzas. É praticamente uma criança. Já passou a puberdade?

— Não lhe perguntei.

— E não sabes?

Novamente, Gabe ficou calado.

— Portanto, gostas de jovens — troçou Donatti. — Não me diz respeito.

— Para começar, para o caso de não saberes a minha idade, sou apenas um ano mais velho do que ela. Para continuar, não gosto de jovens *per se*, pai. Gosto dela.

— Não fiques à defesa. Não acreditarias na escória com que trabalho.

— Só digo que não é estranho, está bem?

— Se acabares na prisão, conta com o meu apoio.

— Não tem graça. — Sobretudo porque se encontravam às escondidas. — Falaremos depois.

— Não te atrevas a desligar.

— Está bem. Desliga tu.

— Eh, garanhão, calma, estou do teu lado. — O pai deu uma gargalhada.
— Gabriel, alegra-me que tenhas encontrado alguém que te interesse. E deve ser interessante, porque tu não suportas as parvas. Mas certifica-te de que não interfere com a tua música. Isso é que não.

— Ela entende. Além disso, gosta de ópera. Foi assim que nos conhecemos.

— Alegra-me ouvi-lo. Mas fica atento. Achas que tens tudo sob controlo, mas olha para mim. São as hormonas a falar.

Não era assim. Bom, talvez um pouco.

— Tomei nota. Está bem.

— Envia-me os contratos. Os meus advogados vão entrar em contacto com o teu agente. E não te preocupes. Não vou irritá-lo.

— É bastante duro, Chris. De qualquer modo, sei que vai irritar-te.

— Parece-me bem. Eu gosto dos desafios. — O pai desligou o telefone.

De facto, a conversa não fora má. Durante anos, Gabe pensara que a única razão por que Chris o tolerava era a mãe, que a mãe e ele vinham no mesmo pacote. Agora, a mãe já não estava presente e Chris e ele tinham falado mais nos últimos seis meses do que nos catorze anos anteriores. Às vezes, até parecia que o pai se preocupava um pouco.

Sabia que devia voltar para ao pé de Nick e de Jeff, mas falar com o pai deixara-o mais nervoso. Escreveu a Yasmine. «Estás ocupada?»

Durante uns segundos não ouviu nada. Voltou a guardar o telemóvel no bolso e dirigiu-se para o auditório, mas, então, apitou.

«Tudo bem?»

«Posso ligar-te?»

«Eu ligo-te.»

Esperou um minuto. Finalmente, o telemóvel tocou.

— Olá.

— O que se passa?

— Nada. — Uma pausa. — Só queria ouvir a tua voz.

— Onde estás?

— Continuo na universidade.

— Como correu a audição?

— Correu bastante bem. Como correu o exame?

— Foi difícil! Todos pensaram o mesmo.

— De certeza que te saíste muito bem.

— Espero que sim. Estás bem?

— Sim. Está tudo bem.

— A sério?

— Sim. Tenho de voltar a entrar. O meu professor e o agente estão... a discutir o meu futuro.

— O que queres dizer?

— Estão a discutir onde devo tocar, quando devo ser solista, o que devo tocar, para que universidade devo ir. — Ouviu o autoclismo da sanita e sorriu. — Estás na casa de banho?

— Onde mais poderia falar?

Gabe riu-se.

— Obrigado por me ligares. Sinto-me feliz só por ouvir a tua voz. Falamos depois.

— Porque é que o teu professor e um agente falam sobre a universidade para onde vais?

— Porque o agente acha que ir para uma universidade normal é uma perda de tempo para a minha carreira.

— Harvard não é uma universidade normal.

— Não é a Juilliard. Nem sequer tem um departamento artístico.

— Precisas de um departamento de música? Provavelmente, és melhor do que qualquer pessoa que pudessem contratar.

— Vês? É por isso que preciso de ti. O meu ego não pode funcionar sem os teus elogios.

— Só digo o que é verdade. É uma pergunta absurda, mas queres dizer que te admitiram na Juilliard?

— Sim e nada do que dizes é estúpido.

— Diz isso ao meu professor de biologia. Queres ir para a Juilliard?

— Não sei. Provavelmente. Faz mais sentido.

— Mais do que Harvard?

— Não sei. Pensava que seria divertido ir para uma universidade normal, para algum lugar que não esteja obcecado com a música. Também poderia ir para a Universidade do Sul da Califórnia. O Nick está aqui, não em Boston.

— O que queres fazer realmente, Gabe? Isso é a única coisa que importa.

— Não sei. Estou tão habituado a ser guiado que não tinha pensado nisso.

— Ouviu uma campainha ao longe. — Tens de desligar?

— Posso chegar uns minutos atrasada. — Yasmine fez uma pausa. — Sei

como te sentes. Parece que o meu pai já decidiu o meu futuro. Na mente dele, já está sentado na minha graduação na universidade de medicina. Ou seja, talvez queira ser médica, mas seria agradável ter alguma coisa a dizer sobre o assunto.

— Não tenho dúvidas de que poderias governar o mundo se quisesses.

— És o melhor — elogiou ela. — Tenho muitas saudades tuas.

— Eu também. Sonhaste mesmo que nos beijávamos?

— Sim. — A sua voz tornou-se mais baixa. — E não queria que acabasse, mas acordei e não consegui voltar a adormecer. Foi muito frustrante.

— Suponho que tenhas de tornar esse sonho realidade.

— É uma ideia fantástica. — Outra campainha. — É o último toque. Tenho de desligar.

— Obrigado por me ligares, Yasmine. Eu também tenho de voltar a entrar e tocar Chopin. É ótimo. Eu gosto do Chopin. Mas não tanto como de ti, louca.

Houve uma pausa. Sabia que ela estava a sorrir.

— Sabes que te adoro — declarou.

— Eu também te adoro — afirmou Gabe. — Beijos.

— Beijos — redarguiu ela, antes de desligar.

Cada vez que parava de falar com ela, ficava triste. Odiava-o. Não queria que fosse tão importante, mas só conseguia pensar em como gostava dela. Em como se sentia feliz quando estavam juntos. Adorava as suas manhãs juntos, sentados num canto do Coffee Bean, de mão dada por baixo da mesa e a roubar beijos quando ninguém olhava para eles. Da maneira dela de falar de ópera, da escola, das irmãs ou de qualquer outra coisa enquanto lhe apertava a perna. Gostava que lhe permitisse pôr a mão por baixo da saia, deslizar os dedos pela sua coxa nua até quase alcançar o lugar sagrado. Então, ela ria-se e afastava-lhe a mão. E, depois, ele voltava a fazê-lo.

Estava cansado, estava confuso, estava frustrado e estava sozinho. Mas, sobretudo, estava excitado.

Eram as hormonas.

Chris tinha razão.

Bolas!

Capítulo 18

Um céu coberto de nuvens ameaçava Los Angeles com chuva. No entanto, a única coisa que a cidade recebeu foi um clima sombrio: neblina e ar húmido. Os quinze graus de temperatura eram quase motivo para usar um casaco, mas uma boa camisola de malha serviria. A única razão por que Marge usava o casaco de couro era a moda. Comprara-o no ano anterior no *outlet* de Camarillo, um dos seus lugares favoritos para se encontrar com Will, o namorado, que trabalhava em Santa Bárbara. Tinham uma relação à distância que funcionava bem.

A casa de Lisbeth e Ramon Holly era a sua última paragem, antes de Oliver e ela poderem ir para casa. A morada era uma casa ao estilo de um rancho dos anos sessenta dentro de uma vizinhança de construções modestas em parcelas pequenas e sem calçadas. Nos jardins, havia árvores grandes, quase todas sem folhas, exceto os pinheiros e os cedros que se erguiam para o céu plúmbeo. Embora o Natal tivesse ficado para trás há dois meses, algumas das casas ainda tinham as luzes às cores a brilhar no crepúsculo. Eram pouco mais das cinco da tarde e o sol já se pusera. Estava frio. Era deprimente.

A porta foi aberta por uma rapariga pré-adolescente alta, de pele morena, cabelo comprido e escuro e corpo magro. Usava umas calças de ganga justas e uma camisola de lantejoulas e estava a falar ao telemóvel. Uma mulher de trinta e poucos anos, Lisbeth Holly, saiu da parte de trás e convidou-os a entrar. Rondava o metro e setenta e cinco, tinha a pele muito clara e o cabelo despenteado, comprido e loiro. E também tinha um corpo magro e os seios pequenos. Tinha a cara cheia de rugas e usava, pelo menos, quatro *piercings* em cada orelha. Tinha uma rosa tatuada no pulso direito e uma borboleta na nuca. Também usava calças de ganga justas e uma camisola vermelha sem mangas.

Lisbeth apresentou-se e ofereceu uma mão ossuda aos inspetores. Aceitou os seus cartões e, depois, entrou com eles numa pequena sala de móveis cor-de-rosa floreados e com um tapete que outrora fora branco e que envelhecera até se tornar cinzento. A filha, Sydney, continuou a falar ao telemóvel e mal

lhes prestou atenção. Finalmente, desapareceu pelo corredor.

Perplexa, a mulher abanou a cabeça.

— Um dia destes, encontrarão uma maneira de lhes implantar essas malditas coisas no cérebro. Pelo menos assim, não o perderia. Não sei o que se passa com os adolescentes de hoje em dia. Perdem-nos todos. Eu cuidava sempre de tudo o que tinha. Embora não tivesse muitas coisas. Nunca me verão indecisa sobre o que usar de manhã. Não como ela.

Apontou com o polegar para o corredor.

— Mas, bom, sentem-se.

Acendeu um cigarro.

— Sei que encontraram a minha pistola. Importam-se que fume, na verdade?

— Está em sua casa — replicou Marge.

— Sim, mas as pessoas são muito estranhas. Sentem-se, por favor.

Ambos os inspetores escolheram o sofá às flores. Lisbeth ocupou a poltrona a condizer e sentou-se com as pernas por baixo do corpo.

— A pistola roubada era sua? — perguntou Oliver.

— Sim. — Uma nuvem de fumo saiu das suas fossas nasais. — Tenho várias pistolas e são todas minhas.

— Quantas tem? — perguntou Marge.

— Tenho um revólver e uma pistola para a carreira de tiro e uma semiautomática de 5,6 *mm* para me proteger. Para o caso de não terem adivinhado, sou a pessoa que dispara na família. Podem encontrar-me a disparar contra alvos. O Ramon, na sua comunidade... Eles cresciam a disparar contra os outros. Já deixou isso para trás. Continua a saber usar armas, mas já não gosta. Não desde que o irmão morreu.

— Quando foi isso? — perguntou Marge.

— Há cerca de dez anos. O Ramon idolatrava o irmão. O tipo, francamente, era um parasita, mas eu não digo nada. Todos temos uma fantasia a que nos agarramos. A minha é que podia ter sido supermodelo se ela não tivesse aparecido. — Novamente, apontou com o polegar para se referir à filha. — É uma tolice, mas uso-a com o meu marido quando estou irritada com ele.

— E a pistola foi roubada há mais ou menos um ano?

— Sim. A culpa foi minha. Guardo-as num cofre como uma boa cidadã. Tinha acabado de comprar a *Taurus* e a única razão por que comprei uma

pistola de mulher foi porque o comerciante praticamente a oferecia. Continuava em cima da minha cómoda quando foi roubada. Malditos pirralhos.

Oliver olhou para ela.

— Como sabe que os ladrões eram pirralhos?

— Pelo resto das coisas que levaram. O telemóvel da Sydney, o *iPod* e alguns anéis, incluindo o que a avó lhe ofereceu no Crisma. Uma pedra grande e azul. O azul é a cor favorita da Sydney. Tinha uma inscrição, portanto, se alguma vez o encontrarem, já saberão a quem pertence. E, claro, a avó substituiu-o imediatamente. Pensariam que a Sydney teria cuidado depois disso. Mas não...

— Mesmo assim, poderiam ter sido adultos — insistiu Marge. — Os telemóveis e os *iPod* costumam ser objetos roubados frequentemente.

— Tem razão. Mas também levaram os CD da Sydney. Acreditem em mim, só uns pirralhos quereriam esses CD. E, embora me tenham roubado a pistola, não tocaram nas minhas joias. Tinha-as na última gaveta da cómoda, mas não tinham de procurar muito para as encontrar. Quem quer que tenha sido, procurou nas gavetas da minha filha, mas não nas minhas. E é evidente que o ladrão esteve no meu quarto e levou a pistola. Simplesmente, não queria saber das minhas coisas. É por isso que acho que eram pirralhos.

— Talvez o ladrão tenha ficado sem tempo — sugeriu Oliver.

— Então, porque haveria de ir ao quarto da minha filha primeiro? Entendo que levem o telemóvel e o *iPod*, mas porque haveriam de se incomodar em roubar as bijutarias da Sydney se custam menos de um dólar? As coisas boas, se é que as há, estão sempre no quarto dos pais. O quarto dela foi o primeiro em que entraram. O quarto dos pais foi uma reconsideração.

— Devia ter sido inspetora — brincou Marge, com um sorriso.

— Tenho-o no sangue. Venho de uma família de polícias. De Indianápolis. A minha mãe trabalhava no departamento de carros roubados e o meu pai encarregava-se dos assaltos em moradias. O meu avô vestiu o uniforme durante toda a vida. A minha avó criou os meus quatro irmãos e a mim porque os meus pais nunca estavam em casa. E adivinhem o que os meus irmãos fazem. São polícias. Quando me casei com o Ramon, um antigo membro de um gangue, pensei que o meu pai ia ter um ataque. Mas eu tinha razão e eles estavam enganados. Agora, os meus pais gostam dele. E é assim que deve ser. Aguentou-me durante três anos de reabilitação. — Levantou o

cigarro. — Esta é a última coisa que resta do meu «eu» de viciada. — Os olhos dela humedeceram-se. — Esse homem salvou-me a vida.

Apagou o cigarro e acendeu outro.

— Enfim, não vieram para ouvir a minha história triste. Como posso ajudar?

— Sabe quem poderia ter entrado em sua casa? — perguntou Marge.

— Alguém do bairro. A nossa casa não foi a única que assaltaram.

— Houve outros roubos? — perguntou Marge.

— Sim, a nossa foi o terceiro ou o quarto. No fim, fartámo-nos!

— O que fizeram?

— A vizinhança reuniu-se para falar deles. Chegaram à mesma conclusão de que tinham sido uns pirralhos. Por aqui, somos todos humildes, pobres não, graças a Deus, mas também não é que sejamos executivos de Wall Street, creio que me entendem. Quase todos precisamos de dois salários para sobreviver. O que significa dois pais a trabalhar. E, como a maioria de nós tem filhos em idade escolar, isso significa que há muitas casas vazias durante o dia. Foi nessa altura que nos assaltaram.

Levou o cigarro à boca.

— Tivemos algumas reuniões com a polícia local. Intensificaram a patrulha. Além disso, juntámos um pouco de dinheiro e contratámos dois maridos sem trabalho para patrulharem as ruas. Assim, tinham dignidade e alguma coisa para fazer. Não voltámos a ter problemas.

— Há algum candidato específico para o roubo? — perguntou Oliver.

— Não, oxalá. Onde encontraram a pistola?

— Isso é o mais difícil — replicou Marge.

— Merda! Usaram-na num crime?

— Num suicídio — esclareceu Oliver.

— Oh, meu Deus, que horror! Quem? — Lisbeth ficara pálida. — Oh, não! A adolescente do jornal? — Como ninguém falou, levou a mão à boca. — Merda! Desculpem. Isso é... é horrível.

— Conhecia-a? — perguntou Oliver.

— Não. Como se chamava?

— Myra Gelb — disse Marge.

— Não, não a conhecia. Que idade tinha?

— Dezasseis anos.

— Santo Deus! — Acendeu outro cigarro antes de acabar o primeiro.

Quando se apercebeu, apagou um deles. Tinha lágrimas nos olhos. — Lamento. — As lágrimas caíam pelas suas faces. — Sou um coração de manteiga.

Marge deu-lhe um lenço.

— Podem ficar com a pistola. — Lisbeth secou os olhos. — Dá-me más vibrações. Não a quero.

— Obrigada — agradeceu Marge. — Terá de assinar um papel...

— O que for preciso... — Abanou a mão no ar. Continuava alterada.

— Queremos levá-la para o departamento de balística e ver se foi usada noutros crimes — explicou Oliver.

— Meu Deus, espero que não. — Lisbeth fez uma pausa. — O suicídio da rapariga teve alguma coisa a ver com o de há seis semanas?

— Porque pergunta? — quis saber Oliver.

— Não sei. Dois suicídios adolescentes tão próximos? É estranho. Ou seja, não existem as epidemias suicidas, mas sabem como são os jovens. Um deles tem uma ideia estúpida e isso influencia os outros. São como ovelhas.

— Conhecia a primeira vítima? Chamava-se Gregory Hesse.

— Não. Não conhecia nenhum deles. Como é que a rapariga conseguiu a pistola?

— Estamos a investigar — replicou Marge.

— Era...? Não quero dizer uma má rapariga, porque eu vivi essa vida. Saía com as pessoas erradas?

— Ainda mal começámos a investigar — explicou Marge. — E não têm problemas de roubos há um ano?

— Correto. — Voltou a levar o cigarro à boca e apagou-o. — Sabe? Aquilo funcionou melhor do que tínhamos imaginado. Antes dos roubos, só conhecia algumas pessoas da minha rua. Depois, tivemos as reuniões e conhecemo-nos. No verão passado, íamos de festa em festa pelos diferentes quarteirões. É agradável. Às vezes, não nos apercebemos de como estamos sozinhos.

Os olhos dela voltaram a humedecer-se.

— Pobre rapariga! Só Deus sabe como se sentia sozinha.

Capítulo 19

Para Yasmine, as 10h30 eram 11h00.

Quando Gabe abriu a porta, tentou disfarçar a desilusão ao ver que trazia uma amiga, que apresentou como Ariella. Imaginara-a como Ariel, a personagem da Disney, com corpo de sereia e cabelo ruivo. Em vez disso, a rapariga media menos de um metro e sessenta, tinha os seios grandes, o cabelo preto e despenteado e os olhos castanhos. Parecia rondar os dezoito anos, enquanto Yasmine parecia que tinha doze.

Convidou-as para entrar e os três ficaram em silêncio na sala arrumada dos Decker. Yasmine vestia uma saia preta e uma camisa branca e parecia que ia tocar na banda da escola, sobretudo, porque tinha partituras na mão. Ariella usava um vestido de malha vermelho e justo que deixava ver todas as suas curvas. Yasmine descrevera-a como uma mulher selvagem. Agora, Gabe entendia porquê.

— Porque não vamos para a garagem, onde está o piano? — perguntou ele, finalmente.

— Eu não fico. De certeza que é um alívio para ti — declarou Ariella.

— Eu não disse nada.

— Sim, não viste a tua cara quando abriste a porta. — A gargalhada dela era estridente. — Vim para te dizer que, se magoares a minha melhor amiga, mato-te.

— Para com isso! — exclamou Yasmine, rindo-se nervosamente.

Gabe conteve o seu sorriso.

— O aviso fica claro. Prometo-te que preferia morrer a tocar num só cabelo da cabeça da Yasmine.

— Muito bem. Só queria que ficasse claro. — Ariella ainda parecia séria quando se virou para a amiga. — Virei buscar-te à uma e meia.

— São apenas duas horas e meia! — exclamou Gabe.

— Não te preocupes — tranquilizou-o Yasmine. — Ela chega sempre atrasada. — Deu um beijo à amiga. — Vai-te embora.

— Ariella — disse Gabe, quando a rapariga já saía pela porta. —

Obrigado.

Piscou-lhe o olho e foi-se embora.

Fez-se silêncio. Gabe fechou a porta e apoiou-se nela.

— Sabes? Acho que é a primeira vez nas seis semanas desde que nos conhecemos que estamos realmente a sós. — Ela corou. — Posso cumprimentar-te com um beijo?

— Tens mesmo de perguntar?

Gabe tirou-lhe as partituras e beijou-a suavemente nos lábios. Sentiu a eletricidade imediatamente. Rodeou-lhe a cintura com os braços e aproximou-a do seu corpo enquanto lhe rodeava o pescoço. Beijaram-se com paixão durante uns minutos e, depois, afastaram-se de repente. Ele tinha a cara a arder e os óculos embaciados. Não se importava de usar óculos, mas, às vezes, eram incómodos. Limpou-os com a *t-shirt*, tentando conter a excitação evidente, mas notava-se. Pelo menos, ela não disse nada.

— Sabes? Tenho realmente muita vontade de te ouvir cantar.

— Mais tarde. — Yasmine inclinou-se para a frente e pousou os lábios sobre os seus.

Voltaram a beijar-se.

— Acho que estás a tentar adiá-lo.

— Tens razão.

Gabe afastou-se e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Vamos, antes de desmaiar. Vou mostrar-te o meu estúdio. O meu piano partilha o espaço com o *Porsche* do tenente.

Andando com dificuldade, guiou-a até à sala de ensaios improvisada. Era muito mais seguro estar com ela ali do que no quarto. Entregou-lhe a partitura e sentou-se ao piano.

— Queres aquecer?

Yasmine sorriu.

— E eu que pensei que já estávamos a aquecer.

— Estou a tentar ser atencioso e tu estás a matar-me!

— Está bem... Vou cantar para ti. — Yasmine sentou-se ao seu lado e observou aqueles lindos olhos verdes. — Sabes? Nunca te tinha ouvido tocar, exceto na graduação.

Gabe passou as mãos pelo teclado.

— Já comesas a divagar.

— Não, a sério. Quero ouvir-te tocar. — Pôs-lhe a mão no joelho. — Por

favor.

Ele inclinou-se e beijou-a.

— Se continuares a tocar em mim, não conseguirei fazer nada.

— Por favor, toca para mim, Gabriel.

— Está bem. — Respirou fundo e expirou. — O que queres ouvir?

— Não sei. — Pensou nisso por alguns instantes. — Que tal *O Voo do Moscardo*?

Gabe gemeu. Sem olhar para o teclado, começou a tocar.

— Meu Deus, acho que aprendi isto quando tinha cinco anos. — Deitou a língua de fora.

Yasmine deteve-o.

— Então, se não queres essa, toca outra coisa. Gostas de Chopin. Toca Chopin.

— Queres algo rápido ou lento?

— Rápido.

Pensou nisso por um instante e, depois, com um acorde de Dó menor, a mão esquerda começou a descer pelo teclado a toda a velocidade até se juntar com a direita. Falava enquanto tocava.

— *Revolutionary Étude* em Dó menor. Escrito depois de a Rússia invadir a Varsóvia. O Chopin era polaco, portanto, isto é como um hino para a sua pátria, embora fosse mais francês do que polaco. É uma boa obra, mas um pouco grandiloquente.

Parou abruptamente.

— Sabes o que é um étude, não sabes?

— Claro. É um estudo.

— Sim. O Chopin escreveu vários. Este é um dos mais famosos. Eu gosto do *Opus 10, número 5*. — Com a mão direita, começou uma série de conjuntos com diversos matizes. — Se tocares tudo com as teclas pretas, exceto uma nota com as brancas. Não é fácil de tocar, mas é divertido quando controlas os dedos.

Parou de tocar e sorriu para Yasmine. Ela estava com os olhos esbugalhados.

— O que foi?

Ela abanou a cabeça, incapaz de falar.

Gabe encolheu os ombros.

— Vamos tentar a *Grande Valsa Brilhante* Mi bemol maior. Eu gosto

porque é muito vívido musicalmente. Quero dizer que, quando a toco, imagino uma grande sala de baile com os homens com roupa pacóvia e as mulheres com vestidos a dançar. Transporta-me para outra época.

Começou com a introdução, que consistia numa série de acordes que pareciam de uma marcha militar, antes de chegar aos compassos de três quartos. Novamente, falava enquanto tocava.

— Com a música, consegues ver a dança. Tal como imaginas a valsa vienense. Sabes, giro... giro... giro... giro. Todas as cores... O cetim, a renda e a pompa. É uma mistura ótima de imagem e música... não sei... é como uma fotografia de antigamente.

Mexia os dedos pelo teclado sem nenhum esforço.

— Adoro a ligeireza... a elegância... os dançarinos a flutuar pelo ar.

Parou de tocar e olhou para ela.

— Diz-me se te cansares das minhas histórias. Às vezes, começo a falar e não paro.

— Fazes com que a música ganhe vida.

— Tu fazes com que eu ganhe vida. — Gabe parou de tocar, esticou o braço por cima do piano e deu-lhe um pacote embrulhado. — Aqui tens.

Yasmine ficou a observar o presente e os olhos humedeceram-se.

— Para mim?

Gabe fingiu olhar ao seu redor.

— Não há mais ninguém aqui. Suponho que, por eliminação, será para ti. Abre-o.

Yasmine desfez o laço com mãos trémulas e abriu a caixa. Era um relógio de prata de lei. Agradeceu-lhe com um sussurro enquanto as lágrimas caíam pelas suas faces. Embora já tivesse um *Movado* de ouro, tentou pô-lo. Mas tremiam-lhe demasiado as mãos.

— É um presente conceptual — explicou Gabe, com um sorriso. — Talvez, se usares dois, consigas chegar a tempo. — Ela riu-se, apesar das lágrimas. — Porque não guardas o novo na caixa e o usas como relógio para a escola? Acho que, se o teu relógio dourado desaparecesse, os teus pais reparariam.

— Sei que a minha mãe repararia. — Ficou a olhar para o presente. — Adoro, a sério. É do meu estilo.

— Fico feliz por saber.

Ela continuava a olhar para baixo.

— É o mais bonito do mundo. — Olhou para a cara dele. — Acho que és o ser humano mais maravilhoso do planeta.

— A sério?

Yasmine assentiu.

— Obrigado. — Fez uma pausa. — Posso tocar em ti?

Deu-lhe uma palmada no ombro e ele riu-se.

— Por favor.

— Queres tocar nos meus seios pequenos?

— Adoro os teus seios pequenos. Adoro tudo de ti. — Levantou-a e sentou-a no colo para que pudessem estar frente a frente. Rodeou-o imediatamente com as pernas e ele excitou-se. Pôs-lhe a mão por dentro da blusa e, depois, por baixo do sutiã. — Talvez tenhas os seios pequenos, mas és uma maravilha da natureza. Beija-me.

Ela obedeceu e ambos desfrutaram do seu sabor. Beijaram-se durante vários minutos enquanto ela se esfregava no colo dele até Gabe sentir que ia explodir. Sem prévio aviso, Yasmine começou a chorar.

Gabe afastou-se, surpreendido.

— O que se passa? Magoei-te?

Ela abanou a cabeça e soluçou.

— O que fiz?

— Nada — respondeu ela.

— Então, porque estás a chorar?

— Porque... jamais... eu gostarei de outro rapaz tanto como gosto de ti. — Voltou a chorar descontroladamente. — Imagino... dentro de quinze anos... Tu serás um pianista rico e famoso. E eu serei uma dona de casa persa... vestida com fato de treino... A levar os meus dois filhos ao treino de futebol... com um *Mercedes* preto.

Continuou a soluçar. Ele abraçou-a e deixou que chorasse no seu ombro.

— Para começar, ser uma boa mãe não tem nada de mal...

— Tens razão! Eu amo a minha mãe! Sou uma filha terrível!

Começou a chorar novamente.

Gabe deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Eh... Estás... Sabes... Naqueles dias do mês?

— Provavelmente — concedeu ela.

Pelo menos, deixara a puberdade para trás. Era um alívio.

— Não quero cantar para ti! — gritou.

— Não, não, não. — Afastou-a do seu peito. — Não vais livrar-te assim tão facilmente.

— Pensarás que pareço uma cana rachada.

Ele conteve o sorriso.

— Não vais parecer uma cana rachada. E, embora mesmo que fosse assim, não to diria. — Levantou-se, com ela ainda enredada na sua cintura. Deixou-a no chão para que pudesse estar de pé. Começou a rever as partituras. — Muito bem. Aqui está. *Der Hölle Rache*. — Fez uma careta. — É uma ária bastante difícil. Deves ter tido bastantes aulas.

Yasmine assentiu.

— Estás pronta para aquecer?

— Não.

— Vamos.

— Não quero aquecer.

— Queres cantar assim?

— Sim.

— Queres cantar um acorde de Fá com sexta sem aquecer a voz?

— Sim.

— Agora, sei que estás louca. — Ela fez uma careta. Gabe estendeu a partitura por cima do piano. — Muito bem. — Deu-lhe um acorde de Ré menor e fez-lhe um gesto com a cabeça para que começasse.

Não aconteceu nada.

Ficou a olhar para ela.

— E se começares quando estiveres pronta e eu te seguir?

— Não quero cantar.

— Para com isso. — Tocou o acorde em tremolo e esperou. Ela cantou as primeiras notas e começou a chorar outra vez.

— Vais rir-te de mim.

— Não, não vou rir-me de ti. — Suspirou e expirou. — Posso confessar-te um pequeno segredo? — Ao ver que Yasmine não respondia, disse: — Quando um rapaz gosta de uma rapariga como eu gosto de ti, torna-se... idiota. A única coisa que têm de fazer é aparecer e já somos felizes. Portanto, não te preocupes. Tudo o que fizeres vai parecer-me bem. Só tens de cantar com o coração.

— O coração do meu peito pequeno.

— Não vais deixar-me esquecer isso... — murmurou, olhando para ela

com raiva. — Lamento, está bem?

— Não faz mal — tranquilizou-o Yasmine. — São pequenos. Mas nem sempre serão.

— Eu sei. Vi as tuas irmãs. Só espero continuar aqui para ver a transformação.

Ela voltou a bater-lhe.

— Vou ficar com nódoas negras.

— Mereces.

Ele voltou a tocar o acorde em Ré menor.

— Vá lá, pelo amor de Deus!

Ela começou finalmente. Ao princípio, a voz tremia, mas, quando chegou à coloratura, já tinha encontrado as cordas vocais. Quando acabou, Gabe não só estava surpreso, mas estupefacto.

— Meu Deus! — Deixou escapar uma pequena gargalhada. — Tens uma voz linda.

Ela sorriu imediatamente.

— Só dizes isso para ser amável.

— Não sou muito amável no que diz respeito à música. Sou muito crítico. Estiveste... bem.

— A sério? — perguntou ela, com alegria.

— A sério. — Ele abanou a cabeça. — Meu Deus, serás incrível dentro de alguns anos quando as cordas vocais se expandirem e a cavidade peitoral aumentar e, por favor, não faças nenhum comentário sobre os seios pequenos. Falava num sentido positivo.

— Tenho de trabalhar no controlo da respiração.

— Sim, a verdade é que sim. Mas é para isso que servem os professores de voz. — Gabe voltou a abanar a cabeça. — Acertaste em todas as notas. Tens ouvido natural?

Ela assentiu.

— Se tu e eu alguma vez tivéssemos filhos, andariam por aí a tapar os ouvidos com as mãos porque tudo na vida lhes pareceria desafinado. Bom trabalho, Yasmine. Incrível!

Ela estava resplandecente.

— Mais alguma coisa?

— Não, a verdade é que não.

— O que queres dizer com isso? — Yasmine sentou-se ao seu lado. — Sou

crescidinha. Consigo aceitá-lo. — Quando ele não respondeu, continuou. — Em que pensas? Se não me disseres, vou ficar nervosa.

— Bom... Tens de decidir o que fazer com as mãos.

— Certamente. Sei que fico um pouco rígida quando canto.

— Sim. — Gabe pigarreou. — Se tivesse de fazer uma crítica, a única coisa que diria é que... cantaste as notas, mas não as palavras. Quero dizer, a ópera é teatro. Sabes o que estavas a cantar?

— Conheço a tradução.

— *Der Hölle Rache kocht in meinem Herzen*. A vingança do inferno ferve no meu coração. A Rainha da Noite está tão consumida pelo ódio para com o seu rival, o Sarastro, que está disposta a sacrificar a própria filha para satisfazer a sua sede de vingança. Imagino o meu pai a fazer uma coisa assim. A dizer: «Eh, Gabe, dá uma sova a este tipo ou repudio-te.» — Ficou a olhar para ela. — Tens de te transformar numa pessoa assim. Tens de canalizar o ódio sem adular.

Yasmine assentiu.

— Isso não significa que não tenhas cantado maravilhosamente bem. Foi assim. Demasiado bem. Quando ouço a parte do «ah, ah, ah», parece-me sempre uma gargalhada maníaca... não «ah, ah, ah» como uma gargalhada de felicidade.

Ela assentiu com fogo no olhar.

Gabe ficou a olhar para ela.

— Estás irritada comigo.

— Não, não estou.

— Estás, sim. Eu também estaria. Temos o nosso ego. Ninguém gosta de críticas.

— Não estou. — Os olhos encheram-se de lágrimas, que depois caíram pelas suas faces.

«Em que estavas a pensar?», questionou-se Gabe.

— Não devia ter dito nada.

— Alegra-me que o tenhas feito. — Yasmine estava a fazer um esforço para não perder a cabeça. — Pelo menos, sei que és sincero.

— Sou, sim. Senta-te no meu colo. — Quando ela se sentou, Gabe beijou-lhe as lágrimas. — Quero que me prometas uma coisa, está bem?

— O quê?

— Aconteça o que acontecer, continuarás com o teu treino vocal. Tens

demasiado talento para não continuar.

— Prometo.

— Não, Yasmine, falo a sério. Tens de fazer mais do que umas simples aulas. Tens de ter consciência do teu talento, sair, mesmo que isso signifique incomodar alguém. Sei como é difícil desafiar os teus pais. A quem o dizes... Eu tenho medo do meu pai. E nunca te pediria para o fazeres... Nem sequer por mim.

Olhou para ele.

— Temos de o aceitar. Os rapazes vão e vêm, mas uma voz é tua para sempre. É um presente de Deus. Mas o mais importante, não consegues ver a tua cara. Ficas tão feliz quando cantas... Sai-te naturalmente. É o que é.

Yasmine ficou calada.

— Tens de me prometer que continuarás com isso, está bem?

Ela encolheu os ombros.

— O que foi?

— Tu não entendes. As boas raparigas persas não se tornam cantoras de ópera.

— Porquê?

— Porque não. Simplesmente, é uma coisa que não se faz. Lamento que a minha irmã tenha dito alguma coisa sobre um CD.

— Yasmine, ser médica não tem nada de mal. A minha mãe é médica. Sacrificou tudo, incluindo eu, para ser médica. Mas esse era o sonho dela. Talvez me engane, mas não acho que esse seja o teu sonho.

— Eu não sei qual é o meu sonho. — Os olhos dela humedeceram. — Só tenho catorze anos. Agora, o meu único sonho é estar contigo.

Gabe sorriu.

— Sabes? Esse também é o meu sonho. — Aproximou a boca da dela e beijou-a. Numa questão de segundos, as suas línguas enredaram-se. Ele começou a desabotoar-lhe a blusa enquanto ela puxava a *t-shirt* dele, até que ambos ficarem nus da cintura para cima. Sentir os seios dela contra o peito causou-lhe calafrios nas costas.

Yasmine estava sentada em cima da ereção, mudando constantemente de posição e isso piorava tudo. Pensava que ia ter um ataque de coração.

— Dói-te? — perguntou ela.

Gabe estava a lambar-lhe os seios. Duas pérolas escuras como bombons de chocolate.

— O quê?

— Tu sabes... — Voltou a mexer-se. — Dói-te?

Ele levantou a cabeça e deu-lhe um beijo na boca.

— Não, não me dói. Eu gosto. — Deslizou os dedos pelas costas dela e gemeu. — Vai doer-me se não fizer alguma coisa, mas tratarei disso mais tarde.

Continuaram a beijar-se.

— A que te referes? — perguntou ela.

Ele falava entre beijos.

— Com o quê?

— Vais estar com outra rapariga?

Gabe parou de a beijar e ficou a olhar para a cara dela.

— Do que estás a falar?

— Sabes... com tratar disso...

— Meu Deus! — Abanou a cabeça. — Falas a sério? — Ao ver que ela não respondia, disse: — Primeiro, não há outra rapariga. Segundo, mesmo que houvesse outra rapariga disposta, não a desejo. Só te desejo a ti. Terceiro, referia-me a... — Levantou a mão e acariciou o ar.

Yasmine observou o gesto e levou a mão à boca, envergonhada.

— Ah... Entendo.

— Meu Deus, Yasmine, adoro-te! A sério. — Limpou as lentes dos óculos.

— Mas precisas de... irmãos ou algo assim. — Tirou-lhe a mão da boca. — Beija-me.

Beijaram-se durante mais alguns minutos.

— Queres que o faça? — perguntou ela, então.

— Fazer o quê?

— Fazer o que ias fazer mais tarde.

Parou de a beijar e observou-a.

— Oh, isso seria incrivelmente fantástico.

— Não me refiro ao sexo.

— Sei que não te referes ao sexo. Não espero sexo.

Os olhos dela voltaram a humedecer-se.

— Não sei o que devo fazer.

— Não te preocupes. Estou tão excitado agora que não precisarás de muita experiência.

— Não vais pensar que sou uma porca?

— Não.

— Não vais gostar menos de mim?

— Não gostarei menos de ti se o fizeres e não gostarei mais se o fizeres. Adoro-te igualmente, de qualquer modo. — Beijou-a. — A sério, faz o que quiseres.

— Temos tempo?

Gabe olhou para o relógio. Era meio-dia e um quarto.

— Temos muito tempo. — Pressionou o seu peito nu contra a pele dela. — Meu Deus, és perfeita! Quero comer-te. Beija-me.

Yasmine deu-lhe um beijo húmido na boca.

— Está bem. Sou toda tua. Mostra-me o que tenho de fazer.

Gabe apanhou a roupa do chão e levantou Yasmine. Saíram da garagem, ambos seminus, com ela a rodear-lhe a cintura com as pernas.

— Vais levar-me para o teu quarto?

— Sim. — Gabe parou. — Parece-te bem?

— Sim. — Apoiou a cabeça no seu peito nu. — Parece-me muito bem.

Capítulo 20

Na segunda-feira, às oito da manhã, Marge entrou no escritório de Decker com dois copos de café com tampa. Deixou um na secretária e ocupou o lugar vazio.

— Acabei de ter uma conversa inquietante com a Wendy Hesse.

— Às oito da manhã?

— Às sete, de facto. — Abriu a tampa e a sua cara ficou envolta pelo vapor. — Alguém entrou em casa dela ontem à noite.

— Isso é terrível. — Passou os dedos pelo cabelo. — Denunciou-o?

— Não. Não o fez. Mas estava muito incomodada com o que tinham levado, o computador portátil do Gregory.

Decker levantou o seu café e bebeu.

— O que mais roubaram?

— Não parece ter desaparecido nada, exceto o portátil. A única razão por que a Wendy se apercebeu de que não estava lá é porque o tinha posto na mesa da sala de jantar na noite anterior. Tencionava trazê-lo para a esquadra hoje.

— Porquê? — perguntou Decker, antes de beber outro gole.

— O computador continha algumas imagens inquietantes que queria que víssemos. Disse que, em algumas imagens, aparecia o Gregory a brincar com uma pistola, a apontá-la, a virá-la, a apontar para a cabeça...

— Santo Deus! Deve ter sido muito doloroso de ver.

— Chorava ao telefone enquanto falava. Dado que ela não distingue uma pistola de outra, queria que víssemos se era a mesma pistola que usou para se suicidar.

— Porquê agora? Não passou mais de um mês a esquivar-te?

— Sim. Devo ter-lhe ligado três ou quatro vezes até perceber a indireta.

Decker pousou o café e tirou um bloco.

— O Gregory parecia aborrecido, estava a fazer-se de parvo ou parecia estar a representar algum tipo de fantasia estranha?

— Não perguntei, Pete. Supus que o mais sensato seria ter uma conversa

cara a cara.

— E só te falou dessas fotografias?

— Sim. Provavelmente, foram as que mais a incomodaram. Disse que, nas fotografias, o Greg não parecia ele. Parecia drogado.

— Quando vais encontrar-te com ela?

— Esta tarde, às sete e meia. Vem à esquadra.

— Porquê tão tarde?

— Tenho coisas para fazer e ela também. Era o mais cedo que podíamos. Não tens de ficar. O Oliver disse que estaria cá.

— Certifica-te de que lhe perguntas pela câmara de filmar do Gregory.

— Está no topo da minha lista — declarou Marge. — Acho que ambos estamos a questionar-nos quem tirou as fotografias. Não sei se alguém estava a fotografar ou se o Greg tinha uma câmara no computador.

— Devíamos ir buscar o portátil da Myra Gelb — sugeriu Decker. — Para ver se há algo estranho no computador dela.

— Ontem, depois da missa, liguei à Udonis Gelb. Saltou para o atendedor de chamadas e deixei uma mensagem a expressar as minhas condolências. Deixei-lhe o meu número, para o caso de precisar de alguma coisa. Também liguei ao Eric Gelb. E, novamente, saltou para o atendedor de chamadas. Não quero pressioná-los agora. Ligo-lhes dentro de uns dias e organizo qualquer coisa.

— Está bem. Mas continuo preocupado com o portátil. Não acho que seja demasiado intrusivo ligar e dizer-lhe para deixarem o computador da Myra num lugar seguro... Pelo sim pelo não.

— Posso fazê-lo, mas terão de o encontrar primeiro. Não o encontrámos no quarto, lembra-te?

— Ah... É verdade.

— Dois portáteis desaparecidos... — Marge pensou durante um instante. — Dois adolescentes estavam na mesma escola onde os suicídios não são muito frequentes. E ambas as mortes estão relacionadas com pistolas roubadas e talvez portáteis. É estranho.

— E as amigas da Myra? Conseguiu falar com alguma?

— Marquei um encontro com a Heddy Kramer na quinta-feira à tarde, é a única tarde em que os pais não trabalham até tarde. Vêm todos à esquadra às seis.

— Alguma coisa nova sobre o Dylan Lashay e a Máfia da B e W?

— Nada. Não tem antecedentes. Perguntei ao departamento de menores, mas não tinham ouvido esse nome. Não há registos judiciais nem nada. Nem sequer uma multa de estacionamento. Parece estar limpo. Talvez seja um cidadão modelo.

— Ou talvez esteja a fingir — sugeriu Decker. — Ou está limpo ou é cuidadoso. Se for o primeiro, poderemos descartá-lo. Se for o segundo, esperamos que lixe tudo.

A mensagem original chegara há uma hora, às seis e meia. Gabe desligara o telemóvel porque estivera todo o dia sentado ao piano. Passara toda a semana a preguiçar e a pensar no que não devia. Sabia que teria de se esforçar mais, sobretudo, porque tinha trabalhos remunerados no horizonte. Aquele fora o seu primeiro dia de trabalho a sério, com o cérebro e os dedos a trabalhar como uma unidade. Era agradável. Recompensou-se pelo trabalho árduo permitindo-se ler a mensagem.

«A aula foi fantástica. Fiz avanços.»

Gabe sorriu. Talvez aquele fosse o impulso necessário para continuar a trabalhar a voz. Respondeu: «Continuas aí, louca?»

Esperou e o telemóvel voltou a apitar pouco depois.

«Olá.»

«O que se passou?»

«Na aula?»

Sim.

«O meu professor de voz disse que parecia uma verdadeira cantora de ópera pela primeira vez. Que cantei com verdadeira emoção.»

«Fantástico.»

«Obrigada... senhor professor.»

«De nada, aluna. Mas não me processes por assédio sexual.»

«LOL. Queres saber como o fiz?»

«Claro.»

«Pensei em ti com outra mulher.»

«Isso nunca aconteceria, mas usa o que precisares.»

«Será melhor que não aconteça...»

«Igualmente. Não, a sério, continua a trabalhar assim. Sabia que conseguirias fazê-lo... Tens coisas em ti que estão à espera para sair. É por

isso que precisas de cantar.»

«Obrigada?»

«Falo a sério, Yasmine. Tens de cantar. Se não, ficarias deprimida.»

«Fico deprimida quando não estou contigo. Ainda vamos encontrar-nos amanhã?»

«Tens de lá estar às 5h30.»

«Mas só abre às 6h.»

«Chegas sempre atrasada.»

«Prometo que estou lá às 6h... 6h15 no máximo.»

Gabe sorriu. Estava a reduzir os riscos. «Até amanhã às 6h. Vou esperar na esquina, não te atrases!»

«OK.»

«Se me obrigares a acordar tão cedo e te atrasares, pagas o pequeno-almoço.»

«Ofereço-me sempre. Nunca me deixas pagar.»

«Claro que não. Só quando te portas mal.»

«Já me conheces, Gabe. Posso ser muito má.»

«Ah! Estás a matar-me.»

«Pensa em mim esta noite, quando estiveres sozinho.»

«Penso sempre em ti. Sobretudo, quando estou sozinho.»

«A minha mãe está a chamar-me para a ajudar. Tenho de ir. Beijinhos.»

«Beijinhos», respondeu Gabe e, depois, desligou o telemóvel. Rugia-lhe o estômago. Apercebeu-se de que não comia nada desde o pequeno-almoço.

Parecia que, com efeito, a música era a essência da vida.

«Continua a tocar, Gabriel. Continua a tocar.»

Wendy Hesse perdera alguns quilos num mês, mas fizera-o demasiado depressa e o excesso de pele da cara pendia como bochechas desinchadas. Os seus olhos azuis estavam claros em vez de vermelhos e o cabelo crescera e arranjava-o, pois já não se viam as raízes brancas. Era um bom sinal que tomasse conta do seu aspeto físico. Usava uma camisola vermelha, como da primeira vez que fora à esquadra, e umas calças pretas. Marge sentara-a numa sala de interrogatórios e oferecera-lhe uma chávena de café. Oliver juntou-se a elas um minuto mais tarde.

Wendy parecia sentir-se incomodada ali.

— Não é aqui que interrogam os delinquentes?

— Usamos as salas para todo tipo de entrevistas — explicou Marge.

— Quase todos nós temos unicamente cubículos — explicou Oliver. — Isto é um pouco mais íntimo.

— Se preferir, podemos sair e falar lá fora.

— Oh, meu Deus, não! Preciso de privacidade. — Wendy olhou para os olhos inquisitivos de Marge. — Sei que me ligou várias vezes e eu nunca retribuí a chamada.

— Devia ter muito em que pensar.

— E era tudo mau. — Procurou na mala e tirou várias fotografias, mas não as mostrou e manteve-as coladas ao peito. — Depois de acontecer, rebusquei nas gavetas do Gregory com a esperança de encontrar alguma resposta.

Pô-las na mesa e desviou o olhar. Marge manteve uma expressão neutra ao levantar aquelas fotografias tão gráficas. Os traços da rapariga estavam escondidos pelo cabelo comprido e por um primeiro plano de um pénis ereto na boca dela. Havia mais algumas nessa posição e outras duas com uma língua a lambar um testículo. Passou as fotografias a Oliver.

— Obviamente, havia muitas coisas do meu filho que eu desconhecia — comentou Wendy.

— Tem ideia de quem é a rapariga? — perguntou Marge.

— Nem sequer sabia que o Gregory tinha namorada.

Oliver examinou-as várias vezes.

— Não quero que me interprete mal, mas tem a certeza de que é o Gregory? Não se vê a cara.

Wendy virou-se para ele, perturbada.

— Não tenho a certeza. Simplesmente... Presumi. — Suspirou com força. — Talvez seja um dos amigos. Certamente, não parecem obscenidades profissionais.

— Não, é amador — confirmou Oliver.

Wendy roeu a unha do polegar. Pintara-a de vermelho e parte do verniz saiu.

— Suponho que não sabia nada sobre o meu filho. Sinto-me como uma estúpida.

— Não quero parecer despreocupado, senhora Hesse — disse Oliver —, mas estas coisas são bastante normais para um adolescente.

— E, por favor, não se sinta como uma estúpida — acrescentou Marge. —

Quase nenhum rapaz de quinze anos tem a mãe como confidente.

— Mas é surpreendente quando pensamos que conhecemos alguém e, então... — Levantou as mãos.

— Fale-nos das fotografias do computador — pediu Oliver.

— Depois de encontrar estas, senti curiosidade pelo que haveria no computador do Gregory. Contratei alguém para entrar no portátil, porque pensei que sabia a palavra-passe, mas descobri que a tinha mudado. Tinha um pouco de vergonha de invadir a privacidade dele, mesmo que... já não esteja connosco. Mas queria saber mais sobre o meu filho, tentar entender porque fez isso. Em quase todas as fotografias, apareciam os amigos e ele. — Os olhos dela humedeceram-se. — Mas, então, vi outras fotografias como as que vos trouxe. Não imagino o Snapfish a imprimi-las.

— Não. Provavelmente, estas foram tiradas com uma impressora ligada ao computador de casa — explicou Oliver. — O seu filho tinha impressora?

— Eu nunca vi nenhuma. Embora já não esteja connosco, incomoda-me que tenha tirado essas fotografias tão indecentes. E que rapariga no seu juízo perfeito permitiria que a fotografassem a fazer uma coisa tão obscena?

— Não é assim tão incomum... Os rapazes são assim — disse Marge. — Se puder, fale comigo sobre as fotografias do Greg com uma pistola.

— É o que lhe disse ao telefone. Tinha fotografias dele a apontar a arma... — As lágrimas caíram pelas suas faces. — A apontar a arma à cabeça. Fez-me pensar que talvez tenha acontecido um erro terrível.

Marge assentiu.

— Não entendo como um rapaz responsável poderia fazer coisas tão estúpidas.

O paradoxo da adolescência.

— É um milagre que não aconteçam mais tragédias — comentou Oliver.

— Disse-me que o Greg parecia drogado ou bêbado nas fotografias? — inquiriu Marge.

— Tinha uma expressão estranha... As pálpebras caídas, um sorriso retorcido e a cabeça inclinada. Não parecia ele. Mas era ele. É só isso que posso dizer.

Olhou para Oliver e Marge.

— Foi por isso que não retribuí as chamadas. Não queria que descobrissem essas coisas. Mas, quando vi as fotografias da pistola no portátil... Não sei. Pensei que devia dizer-vos, embora não saiba porquê.

— Fez bem em fazer caso ao seu instinto — declarou Marge. — Sobretudo, agora que o portátil foi roubado.

— Como é que o ladrão entrou na casa? — perguntou Oliver.

Wendy observou-o.

— Não sei.

— Havia alguma janela ou porta aberta quando se levantou esta manhã?

— Que me lembre, não. — Ficou calada. — É muito estranho. Estava tão concentrada no portátil que não pensei em como entraram.

— Entraram? — perguntou Marge.

— Não sei se eram vários ou só um.

— E tem a certeza de que não levaram mais nada? — perguntou Marge.

— As minhas joias continuavam na caixa do meu quarto. Portanto, pensei que talvez não tivessem entrado lá. Mas a minha mala continuava pendurada no armário. O dinheiro continuava na carteira. E, além disso, na mesma mesa onde estava o computador, tenho alguns candelabros de prata. Nem lhes tocarem. Não examinei as coisas uma por uma, mas parece que não falta nada, exceto o portátil.

— Encontrou a câmara de filmar do Gregory? — perguntou Marge.

— Não... — De repente, empalideceu. — Acha que poderia haver daqueles filmes? — Quando nem Marge nem Oliver responderam à pergunta, ela abanou a cabeça. — Meu Deus! Sinto nojo só de pensar nisso. — Começou a chorar em silêncio. — Dói-me muito ter sabido tão pouco sobre o meu filho. Talvez, se tivesse visto algum tipo de sinal de aviso, isto se tivesse evitado.

— Talvez não haja sinais de aviso evidentes, senhora Hesse — comentou Oliver.

— Se lhe parecer bem, gostaríamos de examinar a casa — pediu Marge —, incluindo o quarto do Gregory.

— Para quê? — perguntou Wendy.

— Houve um crime. Queremos saber como o ladrão entrou em sua casa.

— Isso faz sentido. Mas porquê o quarto do Gregory?

Marge desviou a pergunta.

— Mostrou-nos essas fotografias. É evidente que quer saber mais sobre o Gregory.

— Ao princípio, pensava que sim — concedeu Wendy Hesse, com um suspiro.

— Suponho que queira certificar-se de que o portátil não cai nas mãos erradas... de algum tarado que ponha coisas desagradáveis na Internet — comentou Oliver.

— Meu Deus, não tinha pensado nisso! — exclamou Wendy. — Sim, é claro. Podem vir quando quiserem. — Olhou para os inspetores com respeito renovado enquanto limpava as lágrimas com um lenço. — Muito obrigada. Farei o que for preciso para vos ajudar. Lamento não ter ligado antes... Antes de acontecer.

— Não pense mais nisso, senhora Hesse — tranquilizou-a Marge. — Podemos ir a sua casa por volta três da tarde de amanhã?

— Eu tenho julgamento, mas, às três, já deve ter acabado — indicou Oliver.

— Parece-me bem — confirmou Wendy.

— Então, encontramo-nos lá. Se puder, esta noite, procure a câmara de vídeo do Greg. — Marge levantou-se. — E, se a encontrar, esconda-a num lugar seguro.

Capítulo 21

Yasmine não suportava que os ponteiros do seu relógio novo de prata indicassem que eram sete e um quarto. Significava que tinha de ir para as aulas.

Era terrível passar tantas horas sem ele. Mesmo que tentasse tirá-lo da cabeça, mesmo que tentasse voltar para como era AG — antes de Gabe —, sentia-se sozinha e perdida sem ele. A semana anterior fora especialmente dolorosa por causa da festa da Páscoa judaica. Toda a família se mudou para casa da tia em Beverly Hills e não o vira durante uma semana. Estava de mau humor e todos se riam dela. A única coisa que desejava era estar com Gabe, como se fosse viciada nele.

Acabou o café e esperou que saísse da casa de banho. Levantou os olhos do seu copo de cartão e surpreendeu-a ver que uma rapariga linda, de cerca de dezoito anos, a observava. Estava à espera do pedido no balcão, com a anca virada e a bota preta a tocar no chão, a mexer-se de um lado para o outro.

Semicerrou os olhos.

Yasmine devolveu a atenção ao café, perturbada. A rapariga usava uma camisola preta de caxemira, calças de ganga justas e, a julgar pela sola vermelha, botas *Christian Louboutin*. As joias de ouro também pareciam verdadeiras. Tinha a pele branca como o leite, os olhos muito azuis e o cabelo loiro até meio das costas. Além disso, tinha os seios grandes.

Meu Deus, oxalá tivesse uns seios assim.

Levantou o olhar e a outra rapariga esboçou um sorriso.

Tinha os dentes brancos e perfeitos. Mas o seu sorriso assustava-a... Parecia perversa. Yasmine questionou-se se a teria ofendido de algum modo, se entrara à frente dela na semana anterior. Ou talvez a rapariga não gostasse de persas. Yasmine sentia-se sempre um pouco incomodada com as raparigas brancas e bonitas, sobretudo, com as que não eram judias. Oxalá Gabe regressasse depressa. Ele sabia de tudo e sentia-se segura ao seu lado. Assim que desaparecia, ela voltava a esconder-se na carapaça e sentia-se minúscula.

Regressou pouco depois, por sorte.

Sentou-se e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Infelizmente, já está quase na hora. — Olhou ao seu redor e beijou-a na boca. — Não quero que chegues atrasada.

— Está bem. — Yasmine levantou o olhar. A rapariga desaparecera.

Gabe ficou a olhar para ela.

— Estás bem?

— Sim, estou bem.

— Pareces... Incomodada, talvez.

— Não, estou bem. — Pigarreou. — É sempre difícil voltar às aulas depois das férias. — Tentou esquecer a rapariga e o seu sorriso malévolo. Não gostava de persas. Esse era o problema. — Nem sequer te perguntei como foi a tua Páscoa judaica.

— A minha? — Gabe riu-se. — Celebrei o *Seder de Pessach* com os Decker na primeira noite. Depois, com todos em casa, era demasiado, portanto, passei o resto da semana com a louca da minha tia, a Melissa, que não é muito mais velha do que eu. É despistada e descuidada, mas consegue ser muito divertida. Mesmo assim, fiquei contente quando me vim embora. Tinha muitas saudades tuas, Yasmine. Esta semana sem ti foi uma tortura.

— Eu também tive muitas saudades. — Ainda se sentia inquieta. — Alegra-me que já tenha passado.

— Como foi a tua Páscoa? — perguntou ele.

— Aborrecida. A minha tia convidou um milhão de pessoas. Eu tive de cobrir a mesa com alface romana.

— Desculpa? — perguntou Gabe.

Ela sorriu.

— Os *seder* persas são diferentes dos *seder* asquenazes. Como cobrir a mesa com *maror*, a erva amarga. Depois, recreamos o Êxodo do Egipto.

— E como o fazem?

— Perseguimo-nos à volta da mesa e batemos uns nos outros com cebolas.

Gabe ficou a olhar para ela.

— E não se magoam?

— Não cebolas, cebolas. Cebolinhas. Fustigamo-nos com cebolinhas.

— Que engraçado! — troçou ele, com um sorriso. — Convida-me para o ano que vem.

Deu-lhe uma palmadinha por baixo da mesa. Depois, ficou séria.

— Tenho de ir.

Gabe deu-lhe um beijo na face.

— Eu tenho de apanhar o autocarro.

De repente, o coração dela acelerou. Sentia-se incomodada.

— Tens tempo para me acompanhar?

Gabe sorriu.

— Queres que passeie contigo em plena luz do dia?

— Cada um irá por um lado da rua.

— Sim. Portanto, continuo a ser o teu segredo obscuro.

— Gabe... — Agora, parecia muito incomodada.

Gabe teve piedade dela. Estava num apuro e ele não parava de o piorar.

— Sabes como gosto de estar contigo. Tu guias-me.

Levantaram-se da mesa e abandonaram o café. Andaram durante um minuto sem falar. O dia estava fresco e o céu limpo. As ruas laterais tinham moradias e a folhagem ainda estava verde para os padrões da Costa Este, mas os sicómoros das calçadas careciam de folhas e muitos dos jardins estavam castanhos.

— Em que pensas, Yasmine?

— Em nada.

— Isso não é verdade. Incomodei-te com as minhas conversas? — Ao ver que não respondia, disse: — Entendo a tua posição com os teus pais. Lamento ter-te magoado.

— Não é isso. — Os olhos toldaram-se. — É que não posso...

— Conta-me. — Parou de andar e agarrou-a pelos ombros. — Não podes o quê?

Yasmine abanou a cabeça.

— Já não podes estar comigo? É isso? — Partiu-lhe o coração, mas tentou escondê-lo. — Diz-me, Yasmine. Não faz mal. Seja o que for, conseguirei enfrentá-lo.

Tinha os olhos humedecidos.

— Estou sempre a tentar esconder-te. Deves sentir-te mal.

— Preferia poder sair contigo abertamente, mas sou crescido. Sei que é igualmente difícil para ti.

— Não entendo porque o suportas — insistiu ela. — Com todas essas raparigas bonitas que há por aí, não entendo porque gostas de mim.

Gabe esperou que dissesse mais, mas não o fez.

— Era nisso que pensavas? — Ela assentiu e ele respirou fundo. — Estás louca.

— És muito bonito, Gabe. És bonito, tens talento e és inteligente e divertido. És perfeito. — Limpou as lágrimas. — Poderias ter qualquer rapariga que desejaesses.

— Mas não desejo qualquer rapariga, só quero estar contigo. — Não havia ninguém em redor, portanto, aproximou-a dele e deu-lhe um longo beijo. — Se pudesses ver-te através dos meus olhos, Yasmine. És incrivelmente exótica... Com esses olhos pretos e grandes, esse nariz perfeito... E os teus lábios... Meu Deus, tens os lábios mais grossos e apetecíveis que alguma vez vi. E esse cabelo preto e ondulado em que quero perder-me. És tão sensual.

— Mesmo com os meus seios pequenos?

Gabe sorriu.

— Está bem. Agora, sei que já te sentes melhor. Está a gozar comigo. — Deu-lhe a mão. — Vais chegar atrasada se não nos mexermos.

Yasmine começou a andar, mas não disse nada.

— Temos uma química incrível, mas essa não é a única razão por que gosto de ti. — Deu-lhe um beijo na mão. — Gosto de ti porque sentes curiosidade por tudo. Enfrentas tudo com inocência. Meu Deus, muitas raparigas atiram-se de cabeça para a vida adulta, mas tu gostas de ser uma criança maravilhosa. Em ti, não há nada forçado.

Passou-lhe um braço pela cintura.

— E ainda por cima gostas de música.

— Gosto, sim — confirmou Yasmine.

— Isso é muito importante para mim. É difícil encontrar alguém da minha idade que saiba falar de música. — Parou de andar e aproximou o seu corpo do dela. — Amo-te. Sabes, não sabes?

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Eu também te amo.

— Preciso de voltar a estar a sós contigo. Quando?

Ela apoiou a cabeça no seu peito.

— Este sábado, convidaram-nos para o *sabbat*.

— E no domingo?

— Temos o casamento de uma prima.

— Quantos parentes tens? — Ela não respondeu. — Deves ter uma festa todas as semanas.

— Mais ou menos. — Yasmine rodeou-lhe o pescoço com as mãos e enredou os dedos no seu cabelo, antes de o beijar. — Pensarei em alguma coisa.

Ele gemeu com desejo.

— Meu Deus, mais te vale, caso contrário, farei algo drástico.

— A escola é a um quarteirão de distância. Posso continuar sozinha.

— Está bem. E não quero mais tolices sobre a razão por que gosto de ti, está bem? Faz com que me sinta mal.

— Está bem. — Yasmine sorriu abertamente. — Amo-te muito.

— Eu também te amo.

Deu-lhe um beijo, afastou-se e começou a correr.

Gabe viu-a a afastar-se. Era divertido vê-la correr. E também observar o seu rabo.

A secretária anunciou que havia alguém na linha três. Decker carregou no botão com a luz que piscava e apresentou-se.

— Fala o Romulus Poe.

— O que se passa, inspetor Poe?

— Só queria dizer-vos que tivemos umas semanas primaveris... É lindo, céus azuis e a majestosidade das montanhas púrpuras. As cataratas são espetaculares com todo o degelo.

— Obrigado pelo guia de viagem.

Poe riu-se.

— Se o Garth Hammerling conseguiu sobreviver ao inverno no bosque nacional, e tenho as minhas dúvidas, devíamos começar a procurá-lo, se conseguirmos atravessar a lama. Temos botas de pescador, mas é tudo muito escorregadio.

— Qualquer ajuda que possam dar-nos seria de agradecer.

— Já lhe disse que tenho as minhas dúvidas. A não ser que o tipo seja um sobrevivente, receio que já esteja congelado.

— O Garth é enfermeiro, portanto, conhece as técnicas médicas de emergência.

— Talvez isso ajude com o frio, mas não com um leão de montanha. E, além disso, os nossos ursos já não hibernam como faziam antes. Os bichos famintos poderiam ver a sua presa como uma entrada apetitosa de sangue

quente. Mas há sempre a esperança de o encontrar.

— Mantereí a fé — declarou Decker.

— Pode fazê-lo pelos dois, inspetor-coordenador. Eu gostaria de ter um pouco de Deus na vida.

A cena do suicídio fora horrível. Depois, tinham tirado a cama do Gregory Hesse e as paredes, antes cheias de pósteres e objetos pessoais, estavam vazias depois de terem sido limpas e desinfetadas para eliminar qualquer resto de matéria orgânica causado pelo tiro e de as pintarem de branco. A alcatifa original fora substituída por algo castanho e liso. A divisão parecia abandonada e sinistra.

— Não entro muito aqui — confessou Wendy Hesse, com os olhos húmidos. Retorcia as mãos e tinha a cara pálida. Usava uma blusa verde e calças pretas de malha. — Não resta muito. — Uma declaração aplicável à sua própria vida.

Oliver olhou ao seu redor. Do quarto original, restavam as mesas de cabeceira, uma secretária e uma cómoda sem nada por cima e uma estante. O quarto tinha um armário. Recordava que queria ter entrado no armário, mas havia tanta gente do departamento forense que fora impossível.

— Oxalá não tivesse rebuscado nas gavetas dele — comentou Wendy. — Acho que esperarei na sala. Querem água?

— Eu estou bem, mas obrigada — agradeceu Marge.

— Eu também não quero — rejeitou Oliver, com um sorriso.

Os dois inspetores calçaram as luvas de borracha e começaram a trabalhar. Primeiro, procuraram na estante, que continha mais CD e DVD do que livros. Havia um suporte para um reproduutor de MP3 com um *iPod*. Tiraram todos os livros e folhearam-nos com a esperança de encontrar algo significativo entre as páginas. Abriram todas as caixas. Examinaram o *iPod*. Nada parecia remotamente sinistro.

Continuaram com as gavetas, esvaziaram-nas lentamente e voltaram a guardá-las depois de examinar o conteúdo. Estava tudo organizado e dobrado: na primeira gaveta, meias e roupa interior; na segunda, pijamas e roupa de ginástica; na terceira, camisas e *t-shirts*; na quarta, calções e mais roupa de ginástica. Nas gavetas da secretária não havia nada. Também não havia nada nas mesas de cabeceira.

No armário, havia polos e várias camisas brancas, calças, *jeans* e casacos. Os sapatos no chão estavam cuidadosamente alinhados. Nas prateleiras interiores, havia camisolas. Examinaram a roupa do armário. Não encontraram a câmara de vídeo. Não encontraram nada.

A prateleira superior parecia vazia. Marge aproximou a cadeira da secretária.

— Certifica-te de que não parto o pescoço.

— Consigo fazê-lo. — Oliver segurou as pernas da cadeira enquanto Marge se punha em cima dela e dava uma olhadela. — Vês alguma coisa?

— Não. — Desceu da cadeira e examinou os sapatos. Eram todos do mesmo tamanho, exceto uns mocassins de couro mais pequenos, algo procedente de um *bar mitzvah* ou de um Crisma. Baixou-se, pôs a mão nos sapatos e tirou um saco de plástico. Trinta gramas de marijuana, que voltou a deixar no sapato.

Endireitou-se.

— Não era tão inocente como a mãe pensava, mas isso não explica porque fez o que fez. Não acho que tenha sentido contar à mãe.

— Estou de acordo contigo — confirmou Oliver. — E a câmara de vídeo não está cá.

— Não. — Marge pensou nisso por uns segundos. — Se a mãe encontrou fotografias de nus, de certeza que escondia a câmara.

— Pensamos nas câmaras de vídeo como aparelhos bastante grandes. Mas, hoje em dia, são muito pequenas. Fáceis de esconder.

— Espero que não a tenha escondido por baixo do colchão — troçou Marge.

— Se fosse assim, as pessoas que limparam o quarto tê-la-iam encontrado e tê-la-iam dado à mãe, não te parece? — raciocinou Oliver.

— Sim, provavelmente. — Marge encolheu os ombros. — Queres fazer outra ronda?

— Porque não?

A meia hora seguinte foi infrutífera.

— A não ser que haja um compartimento secreto nas paredes ou no chão, a máquina fotográfica e a câmara de vídeo não estão aqui — declarou Oliver.

— O Kevin Stanger disse ao Decker que o Greg estava a trabalhar em alguma coisa que poria a Bell e Wakefield de pernas para o ar — indicou Marge. — A primeira coisa que me vem à cabeça é um escândalo sexual,

tendo em conta que tinha fotografias de sexo oral no computador.

— Sim, mas o Kevin também disse que, quando o Greg voltou a falar com ele, já se mostrava menos entusiasmado com o seu projeto secreto.

— Talvez fosse um escândalo sexual entre professor e aluno. Mas, então, alguém pagou ao Hesse com sexo oral.

— Mesmo que fosse assim, teve alguma coisa a ver com o facto do Gregory Hesse se ter suicidado com um tiro? E é assunto da polícia?

— É, se encontrarmos algo ilegal, como um adulto que tem sexo com um menor.

— Isso é verdade — admitiu Oliver. — E agora?

— Alguém roubou o computador do Greg — redarguiu Marge. — Esse é o único crime tangível que temos. Mas vou dizer-te uma coisa. Quando o inspetor-coordenador e eu estivemos em casa da Myra no dia da sua morte, não encontrámos o computador. Talvez não o tenhamos visto... ou talvez não estivesse lá.

— Passaram dois meses entre a morte do Hesse e o roubo — disse Oliver. — Mas o roubo teve lugar apenas duas semanas depois da morte da Myra Gelb.

— Sim, podiam estar relacionados — concordou Marge. — Seja como for, está na hora de ir visitar a Udonis Gelb.

Capítulo 22

Às duas da manhã de quinta-feira, Gabe estava acordado, no Facebook, a ver o perfil de Yasmine, é claro, mas também a ver outras páginas para se demonstrar que, noutra época, tinha amigos. Era-lhe interessante ver quem estava a seduzir quem, quem tomara *ecstasy*, metanfetaminas, *crack* ou até heroína. Escreviam-no em código para que ninguém pudesse acusá-los de nada, mas, como Gabe conhecia as insinuações, sabia do que estavam a falar. Havia fotografias novas e os rapazes pareciam mais velhos e maiores. E, embora Gabe tivesse crescido, continuava a ser magro. Tinha os braços e os dedos desproporcionalmente compridos em comparação com o peito, devido a anos de prática com o piano. Parecia um anoréxico bonito.

Os seus amigos tinham imensos *piercings* e tatuagens. Gabe não gostava de *piercings*, mas não se teria importado de fazer uma tatuagem. O que realmente o aborrecia era que alguns dos mais velhos já tinham a carta de condução. Ele, por ser tão jovem, tinha de apanhar o autocarro numa cidade feita para os descapotáveis.

Com a carta de condução, para os poucos que já tinham feito os dezassete anos, chegavam também os carros. E, com os carros, chegavam as raparigas, portanto, tinham aventuras. Sabia que não voltaria a entrar em contacto com eles, nem sequer se regressasse à Costa Este para estudar na Juilliard. Aquela época ficara para trás.

Antes, costumava queixar-se de todo o sexo que estava a perder. Contudo, agora que Yasmine fazia parte da sua vida, não pensava muito nas festas. Não faziam grande coisa, mas, como estava apaixonado por ela, o que faziam, parecia-lhe incrível. Por muito patético que fosse, preferia fazer pouca coisa com ela a grande coisa com outras. Sabia que estava obcecado com ela. E sabia que nunca a teria. Estava condenado ao fracasso desde o começo e acabaria por ceder. Conseguia enfrentar um desengano, mas enlouquecia a pensar em como a afetaria. Não suportava a ideia de Yasmine se magoar.

Viu uma mensagem instantânea no computador.

«Olá.»

Gabe gemeu. Amava a mãe, mas desejava que deixasse de o aborrecer. As mensagens dela desequilibravam-no.

«Como está a minha irmã?»

«Um pouco resmungona. Está a nascer-lhe um dente.»

Gabe sorriu ligeiramente ao pensar na bebé. Não suportava que a mãe o tivesse abandonado, mas gostava da ideia de ter uma irmã.

«Dá-lhe um abraço e um beijo da minha parte.»

«Assim farei.»

«Podes enviar-me uma fotografia dela?»

«Claro.» Houve uma pausa. «Podes enviar-me uma fotografia tua?»

Gabe quis escrever: «Como se te importasses...» Contudo, no fundo, sabia que a sua mãe o amava e sentia a falta dele. Provavelmente, sentia-se mal com o que fizera.

«Não tenho nada recente. Se me deres o teu número de telemóvel, posso tirar uma e enviar-ta.»

«O Chris paga a tua conta de telemóvel?»

«Sim, portanto, provavelmente, não é boa ideia.»

«Tens conta de Skype?»

«Sim. Queres falar pelo Skype?»

«O Chris tem acesso ao teu computador?»

«Na verdade, não. Se te deixa nervosa, podemos esquecer o Skype.»

Houve uma longa pausa.

«Qual é o teu *nick*, Gabe?»

Gabe deu-lho. Cinco minutos mais tarde, o computador começou a fazer barulho. Carregou no botão para responder com vídeo e, pela primeira vez em quase um ano, viu a cara da mãe. De repente, sentiu-se furioso, mas tentou manter a raiva sob controlo.

— Olá, linda — cumprimentou.

— Olá. — Tremia-lhe a voz e tinha lágrimas nos olhos.

— Tenho de falar em voz baixa — explicou. — São duas da manhã. Fala-me da minha irmã.

— Queres vê-la? — perguntou Terry.

— Claro. — Terry levantou-se e Gabe ouviu-a a falar com alguém fora do ecrã. Segundos mais tarde, voltou a sentar-se. Ele continuou.

— Tens bom aspeto. — Era verdade. Jovem e bonita, com um lindo cabelo cor de mogno e olhos dourados. Claro, sempre fora jovem e bonita com

cabelo cor de mogno e olhos dourados. Mas via-a de outra perspetiva. A mãe era um bombom. Todos os seus amigos costumavam babar-se quando estava por perto, mas não se atreviam a dizer nada inapropriado. Era a esposa de Chris. — Estás bem?

Terry assentiu e passou a mão pelos olhos.

— Porta-se bem contigo? — perguntou Gabe. — Trata-te bem?

Terry voltou a assentir.

— Fico feliz, mãe. Mereces. — Agora, Terry chorava abertamente. Quem era a mãe e quem era o filho? — Por favor, não chores. Eu estou bem. Tenho um professor de piano ótimo e um agente. Vou tocar em festivais de verão de música de câmara. É muito emocionante.

— Isso é maravilhoso. — A mãe ainda falava num tom trémulo.

— Sim, é bastante bom. — Segundos mais tarde, uma bebé ocupou o ecrã. Tinha a cara redonda e o cabelo preto. Estava a babar-se. Decker tinha razão. Era impossível fazê-la passar por filha de Chris. Gabe sorriu sem conseguir evitá-lo. — Olá, Juleen! Sou o Gabe, o teu irmão mais velho.

Juleen ficou a olhar para o ecrã e, depois, deu um grito assustador.

Não tinha jeito para as raparigas.

— Assustei-te? Lamento muito.

— Está incomodada por causa dos dentes. — Terry mexeu-a até a pôr por cima do ombro. Deu-lhe palmadinhas nas costas. — Em geral, é muito boa.

— É um encanto — elogiou Gabe. — Desfruta dela, mamã. Antes de dares por isso, estará a dar-te problemas, tal como o teu outro filho.

— Tu nunca me deste problemas. — Levou a mão à cara. — Tenho muitas saudades, Gabriel.

— Eu também. — Não.

— Pareces tão... mais velho. — Voltava a chorar. — Lamento, querido. Lamento muito.

— Não lamentos — tranquilizou-a. — Fizeste-me um grande favor — declarou, com demasiado entusiasmo.

— Não há um só dia em que não pense em ti — confessou Terry.

Ele mal pensava nela.

— Não faz mal, mãe. Sou feliz. — Sorriu. — Vês? — Fingiu um bocejo. — Tenho de me levantar cedo amanhã... Ou melhor dizendo, hoje. — Era verdade. Ia encontrar-se com Yasmine de manhã. — Preciso de dormir.

Terry assentiu e tentou disfarçar a derrota com um sorriso. Continuava a

dar palmadinhas nas costas de Juleen.

— Fiquei muito feliz por te ver, Gabriel. Amo-te muito.

— Igualmente, mãe. Tem uma boa-noite... Ou um bom-dia. — Despediu-se e desligou a comunicação. Fechou o computador e deitou-se por baixo dos lençóis. No silêncio, os seus pensamentos passaram da mãe para Yasmine. Cada vez que não estava a tocar música, pensava compulsivamente nela. Normalmente, isso bastava para acalmar a angústia. Mas, naquela noite, a tristeza da mãe tirava-lhe o sono.

Duas e um quarto... Duas e meia... Um quarto para as três.

Rendeu-se, levantou-se, vestiu uma *t-shirt* e umas calças de ganga, calçou uns mocassins e foi para o estúdio. Sentia-se mal: ansioso, sozinho, deprimido, furioso por causa do abandono, cego de amor, para além de obsessivo compulsivo nos seus atos e nos seus pensamentos e sempre brincalhão. Mas, por outro lado, era bonito e tinha talento. As pessoas aceitavam tudo numa superestrela.

O apartamento parecia mais espaçoso sem a polícia e as outras pessoas de uniforme. A sala fora arrumada minuciosamente e o cheiro a antisséptico chegava até ao corredor. Udonis Gelb usava um vestido largo e chinelos de andar por casa. Tomara banho e maquilhara-se, com um pouco de *blush* e de batom. Tinha o cabelo encaracolado e grisalho e os olhos castanhos avermelhados e inchados por baixo das pestanas inferiores. Segurava um pedaço de papel, uma lista de coisas para fazer que o filho lhe dera, conforme lhes explicou.

— É a minha Bíblia. Proporciona-me organização para não ter de pensar.

Marge e Oliver estavam sentados no sofá a beber um café morno. Era uma manhã fria e escura de quinta-feira e o céu enevoadado ameaçava chuva durante toda a semana.

— O que há na lista? — perguntou Oliver. Quando lhe entregou o papel, Scott observou a lista. A maior parte era recados: fazer compras, ir ao banco, lavar a roupa, etcetera. Mas havia um item que chamava a atenção.

«Encontrar o portátil da Myra.»

Devolveu o papel à mulher.

— Vai mantê-la ocupada durante algum tempo.

— Talvez. — Fez-se silêncio. — A parte mais difícil do meu dia é

levantar-me. — Observou o seu vestido comprido e os chinelos. — Devia ter vestido algo mais apresentável.

— Está muito bem — tranquilizou-a Marge.

— Tendo em conta as circunstâncias, suponho que seja verdade. — Udonis roeu as unhas. — Quando voltar a trabalhar na semana que vem, terei de me vestir como uma pessoa normal.

— Reparei no décimo quinto ponto — indicou Oliver. — Encontrar o portátil da Myra. Encontrou-o?

— Não o procurei. Não entrei no quarto.

— Alguém entrou no quarto? — perguntou Marge.

— O Eric esteve aqui quando veio o pessoal do serviço de limpeza. Eu não estava em casa. Não sei se o Eric entrou no quarto, mas encarregou-se de tudo por mim.

— O meu inspetor-coordenador e eu estivemos no quarto da Myra no dia do incidente — declarou Marge. — Importa-se se o inspetor Oliver e eu dermos outra olhadela?

Udonis assentiu.

— Estão à vontade. — Oliver agradeceu e ela disse: — Levaram algumas caixas com os seus desenhos.

— Sim, é verdade — confirmou Marge. — Continuamos a examinar os desenhos, mas podemos devolver-lhos, se quiser.

— Não, quando tiverem acabado. — Entrelaçou as mãos. — Por que precisam deles?

— Ajudam-nos a conhecer um pouco a Myra, mostram-nos de quem gostava na escola e de quem não.

— Não gostava de muitas pessoas. Era muito crítica. Quase todos os artistas são.

— Se se sentir preparada, nós gostaríamos que nos falasse um pouco da Myra.

A mãe suspirou.

— Agradeço o seu interesse pela minha filha, mas posso perguntar porque é um assunto policial? É o Gregory Hesse, não é?

— Sim — confirmou Marge. — É verdade que queremos certificar-nos de que não há uma relação entre ambos. Tinha pensado nisso, senhora Gelb? Que os dois incidentes podem estar relacionados?

— Chame-me Udonis. E, sim, passou-me pela cabeça. Também passou

pela cabeça da Wendy Hesse. Ligou-me. Falámos durante uma hora. Em geral, lamentámo-nos por pertencer a um clube a que ninguém quer pertencer.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e demorou um minuto a recuperar a voz.

— Segundo o que conseguimos descobrir, não se conheciam. Além disso, a Myra, que Deus a abençoe, estava deprimida há muito tempo. — Limpou uma lágrima do olho. — Surpreendeu-me quando aconteceu, mas, depois de pensar nisso, talvez devesse ter estado mais atenta. Depois de tentarem pela primeira vez, não acho que possamos voltar a estar descansados.

— Tinha havido mais tentativas? — perguntou Marge, apesar de já saber a resposta, graças a Eric.

— Sim. Há cerca de três anos, tomou comprimidos. Levei-a à terapia e pensava que isso tinha ficado para trás. — Brilhavam-lhe os olhos por causa das lágrimas. — Devia ter estado mais atenta.

— Parecia especialmente deprimida antes de acontecer? — perguntou Oliver.

— Mais deprimida não, mas também não menos. Era simplesmente a Myra: calma, estudiosa, pensativa.

— Fazia vinhetas para o jornal — comentou Oliver, depois de rever as notas. — *As intrigas da B e W*. Sabe se também escrevia para o jornal?

— Não me surpreenderia. A Myra era boa escritora.

— Alguma vez teve aulas de jornalismo? — perguntou Marge.

— Sim, no nono ano. Foi então que começou a desenhar. Gostava do seu professor, o senhor Hinton.

— O Gregory Hesse também gostava do senhor Hinton — comentou Marge.

— Não acho que tivessem aulas juntos — replicou Udonis. — Ela era um ano mais velha. O Gregory trabalhava no jornal?

— Não sei exatamente se era muito ativo, mas sei que, pelo menos, escreveu um artigo.

Udonis bebeu um gole de café e fez uma careta.

— Isto é asqueroso! Não consigo acreditar que vos servi esta porcaria. — Retirou as chávenas e foi à cozinha. Regressou pouco depois. — Acham que isto tem alguma coisa a ver com o jornal da escola?

— Não sabemos — admitiu Oliver.

— Os amigos do Gregory disseram-nos que estava a trabalhar em qualquer coisa — explicou Marge. — Infelizmente, não sabemos do que se tratava. A Wendy Hesse pensava que talvez o portátil tivesse alguma pista, mas roubaram-lho no domingo à noite.

— Roubaram-lho?

— Alguém entrou no apartamento e levou-o — explicou Marge.

— Foi a única coisa que levaram — esclareceu Oliver.

— É por isso que pensámos no portátil da Myra — acrescentou Marge. — Não sabe onde está, pois não?

Udonis assentiu.

— Quando estivemos no quarto, reparámos no telemóvel e no *iPod* da Myra. Sabe se esses objetos continuam no quarto?

— Não estão lá — replicou Udonis. — Estão na gaveta da cozinha. O Eric guardou-os para que ficassem a salvo.

— O Eric é muito sábio — comentou Marge.

— Isso é verdade. — Sem dizer nada, Udonis levantou-se, tirou os objetos e deu-os a Marge. — Se lhes servirem de ajuda, levem-nos. Mas, por favor, devolvam-nos.

— Obrigada. — Marge guardou-os num saco de papel que tinha na mala enorme. — Tenho permissão para rever as chamadas e mensagens da sua filha?

— Sim. Acham que o roubo do portátil do Gregory Hesse está relacionado com o desaparecimento do portátil da minha filha, não é?

— Não sabemos — respondeu Marge. — O telemóvel dela pode ser de ajuda.

— Udonis, tem ideia de como a Myra conseguiu uma pistola roubada?

— Não, inspetor, não sei. — A mulher suspirou. — Sabendo como a Myra estava, nunca teríamos guardado uma pistola em casa. De onde ia tirar uma pistola, roubada ou não?

— O nome do Dylan Lashay é-lhe familiar? — perguntou Oliver.

— Não... — Abanou a cabeça. — Quem é?

— E o Jarrod Lovelace, o Stance O'Brien, o Kyle Kerkin, o JJ Little ou o Nate Asaroff?

— Não reconheço nenhum desses nomes. Quem são?

— Alunos da B e W — esclareceu Oliver.

Marge mudou de assunto antes de fazer demasiadas perguntas sobre a

Máfia da B e W.

— Perguntaremos por aí. Talvez alguém dos Narcóticos tenha algum indício. As pistolas costumam estar relacionadas com as drogas.

Oliver levantou-se.

— Agora, gostaríamos de dar uma olhadela ao quarto, se não se importar.

— Não, não me importo. — A mulher levantou-se também. — Eu vou fazer café para mim. Estará pronto dentro de alguns minutos.

— Acho que estamos servidos, por enquanto. — Oliver pôs-lhe uma mão no ombro. — Mas, se não se importar, quando tivermos acabado, beberei uma chávena.

Udonis assentiu. Os olhos começaram a encher-se de lágrimas e, de repente, deixou escapar um soluço desolador. Agarrou a mão de Oliver e segurou-a com tanta força que as pontas dos dedos do inspetor ficaram vermelhas. Era a sua maneira de se agarrar à prudência, para o caso de essa palavra continuar a ter sentido para ela.

Capítulo 23

No telemóvel de Myra apareciam as cinquenta chamadas mais recentes: recebidas, feitas ou perdidas. Também salvara quarenta mensagens. Na sua maioria, as mensagens e as chamadas correspondiam a seis pessoas: Udonis Gelb, Eric Gelb, Heddy Kramer, Ramon Stephen, Debra Locks e Madison Blakely. Todas essas pessoas estavam na sua lista de contactos. Houve seis números que Marge teve de marcar para descobrir a fonte: dois eram do serviço pré-gravado *Movie Phone*, outros dois iam parar à caixa de correio de voz de Saul Hinton, um deles era das lojas Macy's e o último fora desligado. Essa chamada fora feita há mais de dois meses.

As mensagens eram mais interessantes porque Marge podia lê-las e proporcionavam uma espécie de cronologia dos últimos dois dias de Myra. Uma especialmente interessante era a de Heddy Kramer, datada de dois dias antes de Myra se suicidar.

«Tens de ser mais discreta. As pessoas estão a comentar.»

Myra também escrevera a Saul Hinton para lhe dizer que as suas vinhetas estavam prontas para a última edição mensal de *Intrigas da B e W*: isso fora quatro dias antes do incidente. O resto das mensagens eram de Myra e das amigas a falar da escola, dos exames, de encontros para beber café, de coisas que, em geral, pareciam assuntos de crianças.

Marge pegou no telemóvel. A primeira pessoa a quem ligou foi a Udonis Gelb. Atendeu ao terceiro toque.

— Olá, Udonis, sou a inspetora-chefe Marge Dunn.

— Olá, inspetora. O que se passa?

— Estou a rever as chamadas da Myra. Questionava-me se poderia ajudar-me com um número. Atualmente, está desligado, mas talvez o reconheça. — Leu-lhe os dígitos.

— Não conheço esse número — replicou Udonis.

— Está bem. Posso descobrir de onde vem. E outra coisa, sabe qual é o código da Myra para aceder ao correio de voz?

— Os últimos quatro dígitos do meu número de telemóvel.

Marge pensou que tinha ouvido mal.

— O telemóvel dela?

— Não. O meu número de telemóvel. — Udonis deu-lhe os dígitos.

— Obrigada — agradeceu Marge. — Importa-se que oiça as mensagens do correio de voz?

— Não há problema.

— Muito obrigada. Aviso-a se encontrar alguma coisa. Cuide-se. — Depois de desligar o telefone, Marge procurou o número de Wendy Hesse no seu pequeno bloco preto. Foi diretamente para o correio de voz. — Olá, Wendy. Sou a inspetora-chefe Marge Dunn. Interrogava-me qual era o número de telemóvel do Gregory. Se não se importar, retribua a chamada. Obrigada.

Depois, ligou para o correio de voz de Myra Gelb e introduziu o código. Aguardou com o lápis colado ao papel. No entanto, ouviu a mesma mulher a dizer: «Não tem nenhuma mensagem nova nem mensagens guardadas. Para mais opções, carregue no um.»

Marge desligou o telefone, deixou-o na mesa e cruzou os braços.

Qual era a probabilidade de uma rapariga de dezasseis anos com imensas mensagens de texto não ter mensagens de voz na caixa de correio... Nem sequer uma mensagem guardada?

Teria apagado as mensagens como último gesto de despedida ou teria sido outra pessoa a fazê-lo? E seria possível que alguém tivesse descoberto o código dos dígitos da mãe? A não ser que a mulher tivesse dado o número sob coação.

«Tens de ser mais discreta. As pessoas estão a comentar.»

A coação era sempre uma possibilidade assustadora.

O cabelo da rapariga precedia-a. Os caracóis ruivos e compridos caíam sobre os ombros e as costas de Heddy Kramer, envolvendo a sua cara minúscula como a capa de um toureiro. Tinha os traços pequenos, os olhos castanhos e o queixo pontiagudo. A mãe, Georgette, era um pouco mais alta e tinha o cabelo curto e vermelho. Marge recebeu-as no vestíbulo e acomodou-as numa das salas de interrogatórios. Serviu um copo de água para cada uma.

— Posso trazer-vos café ou refrigerante, se preferirem.

— A água serve — replicou Heddy.

— Eu preferiria uma chávena de café — indicou Georgette.

— Já volto. — Marge foi-se embora e fez um gesto a Oliver. — Estão na sala três. A mãe quer café. Podes trazer-me um, Scotty?

— Já te disse esta manhã que te amo?

— Vais entrar comigo?

— Estou ocupado. O Deck quer estar presente. Bate à porta dele. Podes informar-me depois.

Um minuto mais tarde, Decker e Marge regressaram com o café.

— Estas são a senhora Kramer... — começou Marge.

— Georgette — esclareceu a mãe.

— A Georgette e a filha, Heddy — concluiu Marge. — O inspetor-coordenador Decker pediu para estar presente. Obrigada por se disponibilizarem para virem até aqui.

Decker sentou-se.

— Este deve ser um momento difícil para ti, Heddy. — Os olhos da rapariga encheram-se de lágrimas. — Eras boa amiga da Myra?

— Sim.

— Conheciam-se desde o quarto ano — acrescentou Georgette.

— Mãe, posso responder sozinha — queixou-se Heddy.

— Só digo que... — insistiu Georgette, mas decidiu beber o café.

— Desde o quarto ano é muito tempo. — Decker tirou o bloco. — Conforme soube, a Myra sofria de depressão.

Heddy assentiu.

— Sobretudo, desde que o pai morreu. Estava muito unida a ele.

— Isso foi há três anos?

— Mais ou menos.

— Ouvi dizer que és editora do jornal — comentou Marge.

— Editora júnior. Tenho de estar no último ano para ser editora-chefe.

— Já lhe ofereceram esse lugar para o ano que vem — interveio Georgette.

— Mãe...

— Acho que o que a inspetora-chefe Dunn quer dizer é que estás muito envolvida no jornal da escola — comentou Decker.

A rapariga assentiu.

— Desde o princípio. Fiz jornalismo no nono ano e apaixonei-me. O professor, o senhor Hinton, fazia com que a aula fosse emocionante. Gostava da minha maneira de escrever. Encorajou-me a experimentar no jornal.

— Ele é o assessor?

Heddy assentiu.

— Mas é muito bonacheirão com a edição. Que é exatamente o que precisamos: ajuda, mas não é um mandão.

— Quem introduziu a Myra no jornal? — perguntou Marge.

— Fui eu — redarguiu a rapariga, com orgulho. — Era uma caricaturista ótima. Desenha desde que a conheço, refiro-me a caricaturas engraçadas dos professores e de todos. — O seu sorriso era triste. — Os desenhos dela faziam-me rir.

— No telemóvel da Myra, vimos que tinha o número do senhor Hinton — disse Marge. — Ligou-lhe e também lhe escreveu.

— Eu também tenho o número dele — replicou Heddy. — Isso não é estranho.

— Não queria insinuar que era — tranquilizou-a Marge. — As mensagens eram sobre os desenhos. O que queria dizer é que parece um tipo acessível.

— Oh, é, sim. É fantástico. O senhor Hinton foi escolhido como melhor professor da Bell e Wakefield durante cinco anos seguidos.

— Estivemos a examinar algumas das coisas da Myra, sobretudo, os desenhos. Fazia muitas caricaturas.

— Era o que gostava de fazer.

— Conseguia ser muito mordaz — comentou Marge.

— A Myra conseguia ser muito sarcástica e divertida. Era o que adorava nela. — Os olhos dela voltaram a humedecer. — Tinha um grande sentido de humor e não andava com rodeios.

— Como é que os recetores do seu humor se sentiam? Sobretudo, os desenhos de alguns dos colegas sentados na sanita.

Heddy suspirou e abanou a cabeça.

— Só mostrava esses desenhos às pessoas próximas dela. — Uma lágrima caiu-lhe pela face. — Tenho muitas saudades dela.

Georgette emocionou-se também.

— Foi um choque terrível e uma perda horrorosa.

— Parecia especialmente triste antes de acontecer? — perguntou Decker.

— Parecia... talvez um pouco decaída depois de o Gregory Hesse se suicidar. Sabem, não é?

— Sim, claro.

Desviou o olhar da cara de Decker durante uma milésima de segundo.

— Espero que não tenha tirado ideias disso. Disse-me que entendia o que era estar tão deprimido. — Mordeu o lábio. — Eu perguntei-lhe várias vezes se estava bem. Ela não parava de me dizer que sim e tirava-lhe importância. — As lágrimas caíam-lhe pelas faces. — Devia ter insistido mais.

— Já passámos por isso — replicou Georgette. — Tens de parar de te culpar...

— Claro que me culpo! — Heddy soluçava.

Marge rodeou-a com o braço.

— Não podias ter evitado uma coisa dessas.

— Isso não é verdade! — gritou a rapariga. — Devia ter contado à mãe dela.

— Contaste ao senhor Hinton — comentou Georgette. — Dependia dele.

— Disseste ao senhor Hinton que a Myra estava deprimida? — perguntou Marge.

A rapariga assentiu.

— Devia ter dito à mãe dela. Ela tinha o direito de saber!

— Heddy, a tua mãe tem razão — interveio Decker. — Contaste a um adulto responsável.

— Mas não serviu de nada! — Limpou as lágrimas.

— Às vezes, nada serve, querida, essa é a triste realidade — replicou Marge, embora se sentisse muito confusa. Porque é que Hinton não mencionara nada quando Oliver e ela tinham falado com ele? Ter-se-ia enganado em algum ponto e sentia-se culpado? Isso explicaria a sua hostilidade para com a polícia? — Posso fazer mais algumas perguntas?

— É claro! Seja o que for...

— Revi o correio de voz da Myra. Não tinha nenhuma mensagem, nem pendentes nem guardadas, antes de morrer.

— Que estranho. Eu liguei-lhe algumas horas antes e deixei-lhe uma mensagem.

— E não retribuiu a chamada?

— Não — respondeu Heddy. — O que significa isso?

— Talvez tenha apagado todas as mensagens antes de morrer — sugeriu Decker. — Ou alguém as tenha apagado por ela.

— Alguém manipulou o telemóvel dela?

— Não sei — admitiu Marge. — Mas parece-nos estranho porque as mensagens de texto continuavam lá. Enviaste-lhe uma mensagem a dizer-lhe

para ter mais cuidado, porque as pessoas estavam a comentar. De onde vinha isso?

— Ter cuidado com o quê? — perguntou Georgette.

— Não é nada, mãe.

— Podes falar-nos disso? — pediu Decker.

Heddy voltou a evitar o seu olhar.

— Já disse que a Myra podia ser sarcástica.

— Certamente, não parecia gostar do Dylan Lashay — comentou Decker.

— Porque diz...? Ah, claro, o desenho dele na sanita. Não, não gostava do Dylan, mas não importa, porque o Dylan gosta tanto dele próprio que não precisa de mais ninguém.

— Também não gostas dele?

— Não é mau. — Heddy humedeceu os lábios. — Não é o que pensam. A Myra esteve apaixonada por ele durante anos. Ela e mais um milhão de raparigas. É claro, não era correspondida.

— O Dylan é um rapaz popular?

— É um tipo importante. E tratava-a mal. Consegue ser muito cruel.

— Como? — quis saber Decker.

— Começou a chamar-lhe «vaca». E mugia cada vez que ela passava à frente dele. Então, todos os seus amigos começaram a fazê-lo também. Eu gritava com ele quando o fazia.

— E o que é que ele fazia?

— Insultava-me.

— Dizendo o quê?

Heddy olhou para a mãe.

— Não nasci ontem, Heddy — tranquilizou-a Georgette. — Conta tudo ao inspetor-coordenador.

— Está bem, mãe. Tu é que quiseste. Chamou-me ordinária e porca e disse-me que a única coisa que sabia fazer era chupá-la de pé.

Georgette ficou com a boca aberta.

— Meu Deus! Que nojo!

— E eu disse-lhe que não era o seu dia de sorte porque não gosto de *pickles*.

— Heddy!

— Não foi nada, mãe. A questão é que deixou a Myra em paz durante um tempo. — Fez uma pausa. — Ela devia ter-se zangado finalmente com ele.

Começou a fazer esses desenhos e a mostrá-los por aí. Foi então que lhe disse para ter cuidado. Que ia meter-se numa confusão. O Dylan não só é popular entre os jovens, mas também entre os adultos. Consegue ser encantador e é muito inteligente. Mas, por baixo da superfície, é horripilante.

— Em que sentido? — perguntou Decker.

— Digamo-lo assim. Eu não quereria estar numa sala a sós com ele.

— Entendido. — Marge pensou nisso por um instante e perguntou: — É possível que a Myra se tenha zangado tanto com o Dylan que pensou que era impossível e se interessou por outra pessoa?

Heddy abanou a cabeça.

— Se tivesse encontrado outra pessoa, ter-me-ia contado. Éramos muito boas amigas. Partilhávamos tudo.

— E se encontrou alguém que pensava que tu não aceitarias? — sugeriu Marge. — Talvez alguém mais jovem do que ela. Muitas raparigas teriam vergonha de uma coisa dessas.

— Tem alguém em mente? — perguntou Heddy. — Está a pensar no Gregory Hesse?

— Conhecia o Gregory Hesse? — perguntou Decker.

Heddy pensou nisso durante um bom bocado.

— Uma vez por semana depois das aulas, fazemos uma reunião do jornal. O Gregory apareceu algumas vezes. A Myra também. Mas não se falaram nem nada. Pelo menos, acho que não.

— Se estavam juntos em segredo — começou a dizer Marge —, isso explicaria porque se entristeceu tanto depois da morte do Gregory.

— A morte do Gregory afetou-nos a todos — declarou Heddy. — Mas... — Fez uma pausa. — Sabem? Foi então que começou a fazer esses desenhos asquerosos do Dylan, do Stance, do JJ, da Cam e da Darla... Eram realmente nojentos. Mesmo depois da morte do Gregory.

— É possível que tenha culpado o Dylan da morte do Gregory? — perguntou Decker.

— Não sei — admitiu Heddy. — Não me falou disso. Simplesmente, começou a desenhar coisas muito gráficas.

— Como o quê? — perguntou Decker.

— Tapa os ouvidos, mãe — começou a sussurrar. — Por exemplo, o Dylan a levar no cu ou a Cameron a fazê-lo com um burro.

— Meu Deus! — exclamou Georgette.

— A Cameron Cole? — perguntou Marge. — A presidente das raparigas do conselho escolar.

— Sim. O Dylan e ela saem juntos e estão sempre a acabar. Agora, parece que estão juntos. Ela é bonita e popular, mas muito má. Não lhe basta ser má connosco, tem de fazer com que os outros também sejam. Torturava a Myra porque tinha o Dylan e sabia que a Myra estava apaixonada por ele.

— Como torturava a Myra? — perguntou Decker.

— Cada vez que o Dylan e ela viam a Myra, começavam a beijar-se com a língua. Era asqueroso. É uma verdadeira ordinária.

— Heddy!

— É o que é, mãe. — Uma pausa. — Pessoalmente, nunca tive problemas com ela. — Heddy encolheu os ombros. — Mas, claro, nunca tive nada que ela desejasse.

Capítulo 24

Depois de Heddy e Georgette Kramer abandonarem a esquadra, Marge resumiu o encontro a Oliver.

— É possível que o Gregory e a Myra se conhecessem — informou —, mas não encontramos nenhuma ligação real entre eles.

— Mas disseste-me que a Myra ficou muito deprimida depois da morte do Gregory — indicou Oliver.

— Sim, isso é verdade, mas quem não estaria triste?

— Acho que poderia ser um caso de identificação excessiva.

— A imitação de um suicídio? — perguntou Marge. — Sim, poderia ser.

— Onde é que a Myra arranjou a pistola roubada? — perguntou Oliver.

— Talvez no mesmo lugar que o Gregory. — Ambos os inspetores ficaram em silêncio. Depois, Marge disse: — Temos de voltar a falar com o Saul Hinton. A Heddy falou-lhe da depressão da Myra. Não nos disse nada sobre isso quando falámos com ele.

— Sim, não nos disse grande coisa, ponto final. Acho que não gosta muito da polícia.

— Certamente, mas interrogo-me se fez alguma coisa em relação ao aviso da Heddy. E, se não o fez, talvez se sinta culpado. E, se se sentir suficientemente culpado, isso poderia fazê-lo falar. Quero perguntar-lhe onde é que os estudantes poderiam ter arranjado as pistolas roubadas. Importas-te de voltar comigo à B e W?

— Queres aparecer sem mais nem menos?

— Não — respondeu Marge —, assim, não vou a lado nenhum. Vou ligar ao Hinton e tentar marcar uma reunião para a semana que vem.

— Parece-me bem — concordou Oliver. — Não esperes demasiado.

— Nunca o faço e é por isso que mal me dececiono — redarguiu ela.

Yasmine nunca lhe ligava. A sua principal forma de comunicação sempre fora as mensagens de texto. Portanto, Gabe estava nervoso quando pegou no

telefone. Perguntou-lhe se estava bem e ela começou a chorar. Começou a sentir pânico.

— Estás em apuros?

— Não — respondeu ela, entre soluços.

— Diz-me o que se passa.

— Não sei.

— Podes dar-me alguma pista? — perguntou ele, confuso.

— Estou constipada, tenho o período e estou muito nervosa. — Yasmine fez uma pausa. — E está um tempo horrível lá fora! — Mais lágrimas.

A chuva batia na janela. Nisso, ela tinha razão. Ouviu-a a assoar o nariz.

— Lamento muito.

— E, ainda por cima, estou sozinha.

Gabe sentiu um aperto no coração.

— Durante quanto tempo?

— Toda a noite. A minha família está no casamento da minha prima em Santa Bárbara.

Era domingo, às quatro da tarde. Ele não tinha nada para fazer, exceto praticar, e já fizera isso durante quatro horas.

— Vou para aí.

— Nem penses! Tenho o nariz vermelho e um aspeto horrível.

— Já nos vemos. — Desligou o telefone enquanto ela continuava a protestar, agarrou num casaco e num guarda-chuva e entrou na sala. A lareira estava acesa e Rina e o tenente estavam a ler e a beber vinho tinto. Era a imagem clássica doméstica e ideal.

Rina levantou o olhar. Gabe tinha um casaco *Bomber* e um guarda-chuva. Sabia que, normalmente, dava passeios longos, mas aquilo era ridículo.

— Não estarás a pensar em sair agora...

— Uns amigos ligaram-me — informou Gabe. — Combinei encontrar-me com eles no centro comercial.

— Eu levo-te — ofereceu-se Decker.

— Não, posso ir a pé. — Lá fora, uma rajada de vento atirou a chuva contra a janela. — Não é para tanto — acrescentou, com um sorriso.

— Gabriel, isso é absurdo — queixou-se Rina.

— A que centro comercial vais? — perguntou Decker.

Gabe tentou pensar na zona mais próxima da casa de Yasmine. Sabia que Peter se apercebia de que estava a pensar.

— Parthenia.

— Isso é a, pelo menos, um quilómetro e meio — queixou-se o tenente.

— Com quem vais sair? — Rina questionava-se quem o rapaz conhecia. Ultimamente, deixara de seguir as suas idas e vindas.

— Uns rapazes do departamento de música da universidade. Um deles vive por aqui... Ou seja, os pais. — Parecia um idiota. — Vive no *campus*, mas está de visita em casa dos pais no fim de semana. Portanto, decidimos encontrar-nos.

Meu Deus, mentia tão mal...

— Não pode vir buscar-te? — perguntou Rina.

— Já está no centro comercial — replicou Gabe.

O tenente parecia cético, mas levantou-se e disse:

— Vamos, eu levo-te.

Pegou nas chaves e foram diretos para o *Volvo* de Rina. Uma vez lá dentro, Decker ligou o aquecimento. Para além de chover, estava frio.

Avançaram alguns minutos em silêncio. Gabe olhava para a frente, observando os limpa-para-brisas a mexer-se ao mesmo tempo.

— Quem é a rapariga? — perguntou Decker. Ao ver que não respondia, acrescentou: — Sair com esta chuva. E, além disso, com as lentes de contacto.

Gabe sentiu que corava.

— Alguém que conheço das aulas de piano na universidade.

— Está na universidade?

— Está no primeiro ano. Tem dezassete anos.

— Conduz? — perguntou Decker.

— Sim. Pode trazer-me a casa.

— Porque não podia vir buscar-te? — Gabe não respondeu. — Suponho que não me diga respeito.

— Obrigado por me lewares.

— De nada.

— Só vamos sair, Peter. Provavelmente, vamos jantar.

— Alegra-me que saias. — Decker parou num semáforo. — Sabes, Gabe? A verdade é que não sei muito sobre ti. E suponho que também não me tenha esforçado muito. Lamento muito. Espero que não te tenhas sentido ignorado, mas, se for assim, declaro-me culpado.

— És fantástico. — Falava a sério. — Ambos se portaram muito bem.

Estão presentes e, ao mesmo tempo, não estão, não sei se consigo explicar-me. A minha amiga e eu só vamos sair. Não é para tanto.

— É a segunda vez que o dizes, o que me faz pensar que é para tanto.

— Gosto dela, suponho.

— Espero que sim.

Gabe sorriu, mas foi um sorriso triste.

— É-me difícil aproximar-me de alguém. Sei que tenho de me ir embora em breve.

— Gabe, eu não sou o teu pai, mas vivemos algumas coisas juntos. Sabes que, se tiveres alguma coisa na cabeça, podes contar-me.

— Agradeço, mas estou bem. A sério. Não bebo, não me drogo e, se fosse necessário, sei como usar os preservativos. — Olhou para o tenente. — Por favor, não contes à Rina. É uma coisa de rapazes, não é?

Decker assentiu.

— Tentarei respeitar a tua privacidade. E não vou contar à Rina. Mas insisto que, se alguma vez tiveres um problema, fales comigo. Não tentes resolvê-lo sozinho. Só tens quinze anos.

— Eu sei. O Chris diz o mesmo.

Decker surpreendeu-se.

— Estás em contacto com o teu pai de maneira regular?

— Na semana passada, tive de lhe ligar. Para o meu agente me representar, tenho de assinar um contrato. O Chris tem advogados e não queria incomodar-te. Além disso, acho que ele tem de assinar por mim.

— Continua a ser o teu pai, portanto, é verdade. Como correu a conversa?

— Bem. O Chris foi um pai terrível, mas acho que gosta mais de mim agora que a minha mãe não está. Além disso, não vivo com ele, portanto, suponho que não o deixo nervoso. — Virou-se para Decker. — Alguma vez falas com ele?

— Liga-me de vez em quando para saber como estás.

— E o que lhe dizes?

— Que te adaptaste bem, que eu saiba. São conversas de dois minutos.

— Imagino.

— Preocupa-se contigo, na medida do possível.

— Talvez.

— E a tua mãe também.

Gabe olhou para ele.

— Entrou em contacto contigo?

— De vez em quando, manda-me uma mensagem para o computador para me pedir para cuidar de ti. Suponho que também tenha entrado em contacto contigo.

— Há três dias, falámos pelo Skype. Vi a cara dela pela primeira vez em quase um ano.

— Que aspeto tinha?

— A minha mãe está sempre fantástica.

— Como te sentiste?

— Foi estranho. Eram duas da manhã. A boa notícia é que pude ver a minha irmã. É muito bonita. É bom ter uma irmã.

— Disseste ao Chris que estás em contacto com a tua mãe?

— Não. Nem sequer acho que se importe. — Decker arqueou uma sobrancelha e Gabe apercebeu-se. — Sim, provavelmente, importar-se-ia. Mas não vejo a necessidade de lhe oferecer essa informação. Se me perguntasse, não lhe mentiria. Ou seja, mentiria, se pudesse, mas minto mal.

— Sim, isso é verdade. Nem sequer sei se a rapariga do piano existe, mas estou disposto a confiar na tua palavra.

Gabe ficou calado, mas, por muito que tentasse, não pôde evitar sorrir. Decker decidiu não fazer nenhum comentário.

— Tens o meu número no telemóvel? — perguntou, quando chegaram ao centro comercial.

— Tenho o da Rina, mas não o teu.

Decker sentiu-se culpado. Deixara o rapaz sozinho.

— Vou dar-to. Também quero o teu. Tenho-o escrito em algum lado, mas devia tê-lo na minha agenda.

— Está bem. — Trocaram os números. — Obrigado, Peter. Falo a sério. Sinto-me bem a falar contigo. Só que não tenho muito do que falar. Os meus dias são bastante rotineiros e quase tudo gira em torno do piano.

— Não sei como o fazes — replicou Decker. — A tua disciplina é incrível.

— Adoro o que faço. Nem sempre, mas a maior parte do tempo. A entrada principal é do outro lado.

Decker percorreu o estacionamento, as gotas de chuva ricocheteavam no asfalto como gordura quente. Parou o mais perto que pôde das portas e Gabe saiu do carro.

De dentro do centro comercial, Gabe olhou através das portas de vidro e

viu o tenente a afastar-se no carro. Esperou o tempo necessário, abriu o guarda-chuva e saiu para a rua.

Capítulo 25

Quando bateu à porta, mandou-o embora.

— Yasmine, abre a porta.

— Vai-te embora — repetiu ela.

Gabe sacudiu o guarda-chuva por baixo do alpendre da casa e fechou-o.

— Yasmine, estou encharcado! Pelo amor de Deus, abre a maldita porta!

Ela olhou pela mira. Estava a gotejar água por todo o lado. Abriu-lhe a porta.

— Entra e tira a roupa. Posso pôr tudo na máquina de secar.

Gabe atravessou a soleira e começou a despir-se.

— Já estou a gostar disto.

Yasmine afastou-se com uns chinelos de coelhinhos. Tinha os olhos inchados e o nariz vermelho. Usava um pijama largo vermelho e branco. Parecia um reбуçado. A casa era grande e demorou um minuto a encontrar a lavandaria onde estavam as máquinas da roupa. Ela agarrou na roupa, pô-la na máquina de secar e carregou num botão. O tambor começou a dar voltas. Yasmine pendurou o casaco encharcado em cima da pia e, depois, apoiou-se contra a máquina de lavar roupa de costas para ele. Gabe aproximou-se por trás e deu-lhe um beijo na nuca. Estava nu, à exceção das cuecas.

— Vais ficar doente — avisou ela.

Gabe continuou a beijar-lhe o pescoço. Ela cheirava a hormonas. Algo primário percorreu o seu corpo e, numa questão de segundos, estava excitado.

— Não importa.

Yasmine afastou-se e saiu da divisão sem lhe dar nenhuma explicação. Ele seguiu-a até ao quarto. Ela deitou-se na cama e cruzou os braços. Estava zangada por ele estar excitado quando ela se sentia tão mal. Mas, então, apercebeu-se de que estava a tremer. Suspirou, afastou a manta e ele deitou-se na cama. Ficaram sentados sem dizer nada. *Viene La Sera* ouvia-se pelos altifalantes... Ambos ouviram o dueto arrebatador de amor de *Madama Butterfly*. Gabe rodeou-a com o braço.

— Não devias estar tão perto de mim — avisou ela.

Ele afastou o braço.

— Queres que me vá embora?

Yasmine observou-o com os olhos húmidos.

— Não. — Fez uma pausa. — Lamento estar de tão mau humor.

— Não faz mal. Mesmo assim, adoro-te. — Yasmine tinha lágrimas nas pestanas inferiores. Ele voltou a abraçá-la. Daquela vez, não resistiu.

— É uma constipação horrível, Gabe. Não quero contagiar-te.

— Por ti, seria capaz de me constipar mil vezes.

— Não um milhão?

Gabe riu-se.

— Mil milhões, está bem?

Passou-lhe os dedos pelo cabelo húmido.

— O que aconteceu aos teus óculos?

— Uso lentes de contacto. A chuva não é boa para as lentes dos óculos.

— Eu gosto. — Sorriu astutamente. — Assim, consigo ver esses olhos tão bonitos.

— Obrigado. E, com os meus bonitos olhos, vejo a tua cara bonita. — Começou a beijar-lhe a nuca outra vez. Ao ver que ela não resistia, deslizou para a parte da frente, para o espaço da base do pescoço, e foi descendo pelo peito. Começou a desabotoar-lhe a camisa do pijama devagar. Quando a abriu, deslizou a mão por cima das protuberâncias, que pareciam crescer de semana para semana. Sussurrou: — Lamento que não te sintas bem, mas, mesmo assim, estás sensual.

— Sinto-me horrível. — Gabe afastou a mão. Ela voltou a puxá-la. — Não faz mal.

Voltou a excitar-se. Encostou-a com cuidado até ficar deitada e, então, começou a beijar-lhe os seios. Sabia que se constipava com facilidade. Sabia que o contagiaria. Não se importava.

— Meu Deus, és fantástica!

Deitar-se de barriga para cima fê-la sentir a mucosidade na garganta. Tentou conter a tosse, mas acabou por tossir e teve de se endireitar.

Ambos se riram.

— Bom, isto foi muito sensual... — troçou ela.

— Não importa. — Mas a ereção diminuía. — Podemos falar.

— Sinto-me mal. Nem sequer sei como consegues suportar estar ao meu lado.

— Amo-te. — Começou a beijar-lhe o ombro. — Isto incomoda-te?

— Não.

— Gostas?

— Sim.

— Eu também. — Beijou-lhe o ombro e o pescoço, inalou o seu cheiro almiscarado, saboreou o seu suor salgado e voltou a excitar-se. Tinha a barriga lisa e uma linha escura que descia pelo meio. Percorreu-a com as pontas dos dedos até chegar à cintura das calças do pijama. Deixou a mão aí durante uns segundos, depois, pôs os dedos por baixo e apalpou os pelos.

Ela afastou-lhe a mão e pô-la novamente nos seios. Gabe voltou a beijá-la no ombro.

— Gabe? — sussurrou ela.

— O que foi?

— Alguma vez o fizeste? — Ele não respondeu e ela insistiu. — Vá lá. Quero saber. Alguma vez o fizeste?

Ignorou-a.

— Não. Nunca beijei um ombro tão bonito como o teu.

Yasmine afastou-se e observou a sua cara.

— Fizeste-o! Sei que o fizeste! — Endireitou-se com os olhos esbugalhados. — Como é?

— Não foi tão bom como estar contigo agora. — Ela continuava a olhar para ele. — Porque temos de falar disso?

— Porque sinto curiosidade.

— Porquê? Vai fazer com que te sintas mal.

— Por favor.

Gabe voltou a perder a ereção. Pensar no passado era a melhor maneira de o deprimir.

— Queres mesmo saber? — perguntou, incomodado.

— Sim, quero mesmo saber.

Ele mal controlava a raiva.

— Muito bem. Aqui vai. A resposta é «sim», fi-lo três vezes... Ou, melhor dizendo, com três raparigas. A primeira vez foi como uma iniciação à secundária. Uma rapariga de um ano acima levou-me para o carro e entrou comigo. E pronto, obrigado e até mais tarde. Eu estava adiantado um ano na escola, portanto, tinha treze anos. Foi estranho. A segunda vez foi numa festa. Vivia com pessoas muito precoces e, embora fosse mais novo, os meus

amigos aceitavam-me porque era alto, era o filho do Chris Donatti e tocava piano e guitarra, portanto, era entretido e um íman para as raparigas. Havia sempre muitas festas com muito álcool, droga e sexo. Todos bebiam ou tomavam drogas. Havia muita sedução. Alguns tinham sexo, mas, em geral, as raparigas faziam sexo oral.

— Sexo oral?

— Sim — confirmou, abertamente. — Isso é o que as raparigas fazem quando querem fazer qualquer coisa, mas querem continuar a ser virgens. Faziam sexo oral. E aconteceu muitas vezes comigo, está bem?

Ficou calado.

— E as outras duas vezes? — perguntou Yasmine.

Olhou para ela, irritado, mas ela não pareceu intimidar-se.

— A segunda vez foi numa festa com a irmã mais velha de um amigo. Ela tinha dezasseis anos e estava bêbada. Foi um milagre que não me vomitasse em cima depois. A terceira vez foi ainda mais estranha. Foi a cunhada do meu amigo. O marido, o irmão do meu amigo, estava no Iraque ou no Afeganistão. Supostamente, ia encontrar-me com o meu amigo em casa do irmão, embora não me lembre porquê, mas ficou retido e não conseguiu chegar. Era verão e estava muito calor. A cunhada ofereceu-me uma cerveja antes de ir. Portanto, ali estava eu, sentado no sofá, a beber uma cerveja e, de repente, começou a massajar-me a perna, a inclinar-se para a frente e a mostrar-me o decote. Acabámos por o fazer no sofá com a roupa vestida.

A raiva desaparecera. De repente, sentia-se mais desanimado do que outra coisa.

— Também foi estranho porque não era uma rapariga. Era uma mulher e gostou.

Ficou a olhar para a cara de Yasmine, com o seu nariz vermelho e o seu olhar inquisitivo.

— Saberás que a maioria das raparigas não gosta da primeira vez. Só o fazem para agradar aos namorados.

Yasmine ficou muito calada.

— Perguntaste-me e, agora, já sabes. Contente?

— Fizeste-o com uma mulher casada?

Gabe encolheu os ombros.

— Senti-me mal, mas não demasiado. Era uma comunidade estranha. As mães das minhas amigas tentavam sempre seduzir-me. Com elas, era como

um jogo.

— Fazias isso com as mães dos teus amigos?

— Conta pelos dedos, Yasmine! A primeira vez foi num carro, a segunda foi numa festa e a terceira, com a cunhada do meu amigo. Um, dois e três! Três! Três!

— Estás zangado comigo.

— Não, não estou. — Mas os seus olhos mostravam fúria.

— Lamento ter-te obrigado a falar disso. Não me dizia respeito.

— Não estou zangado. — Estava irritado. — É que não foi... — Estava de mau humor. — Depois de o fazer pela terceira vez, a cunhada perguntou-me que idade tinha. Devia ter-lhe dito que tinha quinze, porque essa era a idade do meu amigo. Mas apanhou-me desprevenido e disse-lhe que tinha catorze. E disse-me: «Catorze? Então, tu não contas.» E sei que o disse para se sentir menos culpada. Mas, mesmo assim, fez-me sentir muito pequeno. E, nesse momento, disse a mim mesmo: «Gabe, tu não és o teu pai. Tens de elevar a fasquia.»

Olhou para Yasmine.

— E então, poucas semanas mais tarde, o meu pai deu uma sova à minha mãe e acabámos na Califórnia. E, seis semanas mais tarde, a minha mãe abandonou-me e foi para a Índia para ter um bebé. Ficou grávida por acidente, o que parece uma constante nela. Desta vez, foi de um médico indiano rico e velho, portanto, mudaram-se para Uttar Pradesh. Então, o meu pai mudou-se de maneira permanente para o Nevada. E eu acabei a viver com uns completos desconhecidos. Portanto, essa é a história sórdida da minha vida. Contenta?

Tocou-lhe no ombro. Tinha os músculos tensos.

— Lamento muito. — Deu-lhe um beijo no ombro e Gabe sentiu uma lágrima na pele. — Por favor, não te zangues comigo — pediu, num tom triste.

— Não estou zangado. — Continuava irritado, mas tentou ignorá-lo. — Foi apenas sexo, Yasmine. Não houve emoções. — Virou-se para ela. — Não é como se nós o fizéssemos. E não estou a dizer que devíamos fazê-lo. Mas digo que, se o fizéssemos, seria diferente.

— Diferente, mas não especial, porque já o fizeste antes.

— Claro que seria especial! — Tentou esconder a irritação. — Seria a coisa mais especial que alguma vez me aconteceu.

— Mas fizeste-o antes.

— Mas não com alguém que amo. Sabes o que foi o sexo, Yasmine? Foi como comer alguma coisa má quando temos fome. O desejo está presente e sabemos que vamos fazê-lo. Mas sentimo-nos mal depois.

— É que... — Não acabou a frase.

— O que foi? — quis saber ele.

— É que, se o fizéssemos, queria que fosse algo que nunca fizeste.

De repente, uma ideia surgiu na sua cabeça, mas expulsou-a imediatamente.

— O que foi? — perguntou ela.

— O quê? — inquiriu ele.

— Em que estavas a pensar?

— Em nada.

— Isso não é verdade.

Gabe não respondeu.

— Gabriel, seja qual for o teu segundo nome, Whitman, estás a mentir. Em que estavas a pensar?

— O meu segundo nome é Matthew.

— O meu é Tamar.

— Tamar?

— Significa tâmara em hebreu.

Gabe começou a beijar-lhe o ombro outra vez.

— Estou a ver. É castanha, doce e quero comê-la.

— Gabriel, em que estavas a pensar?

— Não tem importância.

— Para mim, tem.

Gabe estava cada vez mais exasperado. Fora má ideia ir a casa dela.

— Yasmine, há coisas que dizes a alguém que amas porque amas essa pessoa. E há coisas que não dizes a alguém que amas porque a amas.

Ela aguardou, tamborilando com os dedos.

— Por exemplo... e é uma suposição, se eu visse uma rapariga bonita, não me viraria para ti e diria: «Gostaria de estar com ela.» Isso feriria os teus sentimentos. Portanto, teria de o guardar para mim.

— Era nisso que estavas a pensar há um minuto? Queres estar com outra?

— Disse que era uma suposição, está bem? Sabes o que significa isso?

— Sim, sei o que significa isso! — Acariciou-lhe a face. — Por favor, diz-

me. Em que estavas a pensar?

— Tu é que queres saber. — Ao ver que ela não dizia nada, Gabe abanou a cabeça. — Já sabes o que dizem: algumas raparigas são umas cadelas, mas todos os rapazes são cães. Bom, é verdade.

— O meu pai não é um cão.

— Vi a tua mãe. É um cão.

Yasmine bateu-lhe.

— Somos todos cães, mas é possível treinar-nos. — Fez uma pausa. — Há uma pequena percentagem como o meu pai que não tem remédio. Se o meu pai fosse um cão, seria um *pitbull* raivoso e teria de o abater. E, depois, há outra pequena percentagem como os cães antidrogas dos aeroportos. Põe-lhes um bife à frente do focinho e, aconteça o que acontecer, resistirão. E, depois, há todos os outros. Se o dono estiver a vigiar, ignoram o bife. Mas, se os deixarem sozinhos, começarão a farejar a zona, depois o bife, e finalmente, quando ninguém os vir, darão uma trinca.

— Mas porque haverias de fazer isso se realmente amas a rapariga? — Parecia ferida.

Gabe acariciou-lhe a cara.

— Eu nunca te magoaria. Mas até que ponto é sério se nos encontramos às escondidas? Nem sequer podes contar aos teus pais.

— Queres que conte aos meus pais?

— Não. Porque te proibiriam de estar comigo. Deste modo, pelo menos, podemos fingir que está tudo bem. Além disso, somos jovens. Quero dizer, talvez isto dure para sempre, mas ambos sabemos que temos muitas coisas contra nós. E por isso, embora fosse algo muito especial para mim, não acho que seja o mais sensato.

Uma lágrima caiu pela face de Yasmine.

— Queres fazê-lo com outras raparigas de quem não gostas, mas não queres fazê-lo comigo?

— Claro que quero fazê-lo contigo. Tenho muita vontade de estar contigo. Estou a tentar ser... atencioso com a tua situação. Não entendes o que digo?

— Sim. Não sou estúpida.

— Não digo que és estúpida. — Deixou escapar o ar com um sopro. — Talvez devesse ir.

Os olhos dela humedeceram-se.

— A única coisa que digo é que o faria por ti, porque te amo.

— Eu sei. E amo-te por isso.

— Mesmo que não seja a tua primeira vez.

— O que desejas, Yasmine? Se pudesse ver o futuro, teria preservado a minha virgindade sem hesitar. Três raparigas também não me transformam num garanhão.

Yasmine virou-se para ele.

— Acho que és o maior garanhão do mundo.

Gabe riu-se.

— E tu és uma louca!

— O que estavas a pensar antes que não querias contar-me? Por favor, quero saber.

Gabe suspirou.

— Isto é um erro. — Ela esperou. — Quando disseste que não seria a minha primeira vez, a primeira coisa que pensei foi que não seria a minha primeira vez, mas seria a tua e isso seria excitante. — Esboçou um sorriso tenso. — Contentes?

Ela apoiou a cabeça no seu ombro.

— E seria especial para ti?

— Yasmine, seria sempre especial, mesmo que não fosses virgem, está bem? Amo-te.

— Mas isso seria especial... Se fosse a minha primeira vez.

— Devo admitir que a ideia era excitante, a de ser o primeiro rapaz com quem vais para a cama. E sempre me lembraria de ti por isso.

— Portanto, queres mesmo fazê-lo comigo?

— Meu Deus! — Gabe bateu com a mão na cabeça. — Sim, quero fazê-lo contigo. Mas é um grande passo, Yasmine. Depois de o fazeres, não podes voltar atrás.

Ela ficou calada.

— Não vamos fazê-lo esta noite — continuou ele. — Estás doente, tens o período e, de todos os modos, não vim preparado. — Deu-lhe um beijo na face. — Não tenho proteção. Portanto, vamos esquecer isso, está bem?

— Está bem.

Gabe deu uma pequena gargalhada.

— Acho que... Acabei de dar um tiro no pé.

— Talvez — concedeu ela, com um sorriso.

— Vês como te amo? Venho aqui sem esperar nada senão a tua companhia

e acabo por rejeitar sexo. Podes desejar um namorado melhor?

— Adoro como isso soa... Que sejas o meu namorado.

— Espero ser o teu namorado. Nunca tive namorada. Queres ser a minha namorada?

— Sim, serei a tua namorada. — Assoou o nariz. — Amo-te, Gabriel. Amo-te e faria qualquer coisa por ti.

— Eu também te amo. — Falava a sério e mal entendia. Racionalmente, sabia que havia pessoas que se preocupavam com ele, mas saber isso não aliviava a sua sensação de solidão. Até Yasmine entrar na sua vida, deixara-se levar por uma espiral de pensamentos obscuros, muito perto de um abismo negro de vazio. Olhou para ela nos olhos. — Faria qualquer coisa por ti, Yasmine. Até morreria por ti.

Ela estudou a sua cara em busca de pistas que a ajudassem a entender o seu estado anímico. Às vezes, era difícil saber o que sentia. Sabia que não gostava de falar do seu passado e parecia-lhe mal insistir.

— Gabe, o que te levou a pensar isso?

Gabe deu-lhe a mão.

— É que... significas muito para mim. Quero que saibas que não é apenas sexo. — Esboçou um sorriso. — Embora não possa dizer que não se tivesses um desejo avassalador de...

Bateu-lhe no ombro e, depois, deu-lhe um beijo na face.

— Sabes? Prefiro morrer a deixar que morras. Mas não falemos disso. É um pouco mórbido.

— Bom... — E sorriu. — E do que devíamos falar, namorada?

— Não sei... — Yasmine encolheu os ombros. — A música é sempre um assunto seguro.

— Está bem. O que tens cantado ultimamente, para além de *Der Hölle Rache*?

Ela começou a falar das aulas. Mesmo constipada, a voz dela era rítmica e musical. Foi elevando o tom à medida que falava do assunto e o seu entusiasmo era contagiante e encantador. Passados alguns minutos de monólogo, assoou o nariz e olhou para ele.

— Meu Deus, como te amo... Não consigo falar das minhas aulas de canto com ninguém senão contigo.

Gabe deu-lhe um beijo no cocuruto.

— Encaixamos muito bem.

Yasmine alisou-lhe o cabelo, ainda húmido da chuva.

— Bom... Já que estás em roupa interior, queres que faça alguma coisa?

Esboçou um sorriso tonto.

— Sentes-te preparada?

— Acho que sim. — Sentou-se no seu colo e beijou-o nos lábios. — Ainda que, se continuares a beijar-me, acabe por te pegar a constipação.

Rodeou-lhe a cintura com os braços e mordeu-lhe o lábio inferior com suavidade.

— Hum... acho... — Esfregou os lábios contra os dela. — Que a emoção de te beijar... — As suas línguas encontraram-se. — Faz com que o risco de apanhar uns simples micróbios valha a pena.

Capítulo 26

Los Angeles tinha um clima subtropical, com temperaturas suaves, invernos húmidos e verões secos. Durante quase uma semana seguida, estivera a chover sobre a cidade, encharcando tudo. Marge estava a rever as tarefas do dia com o inspetor-coordenador. Estavam sentados no escritório de Decker. Eram dez da manhã de uma quinta-feira de meados de abril e o céu estava coberto de nuvens cinzentas e ameaçadoras.

— Esta semana, houve uma quebra generalizada de crimes. Nem sequer os delinquentes gostam de se molhar. Os roubos diminuíram... O que mais? — Marge continuou a rever as notas. — Muito bem... Isto tem a ver com os suicídios do Gregory Hesse e da Myra Gelb. Lembras-te de que, há algumas semanas, estivemos a examinar as chamadas da Myra Gelb e havia alguns números desconhecidos? Um deles tinha sido desligado.

— É-me familiar.

— Finalmente, localizámos a Wendy Hesse. Estava fora da cidade a visitar a irmã. O número era o do telemóvel do Gregory Hesse. — Fechou o bloco. — Portanto, é evidente que o Greg e a Myra se conheciam.

Decker endireitou-se na cadeira.

— Quantas vezes é que a Myra lhe ligou?

— Só aparece uma nas chamadas recentes. Foi alguns dias antes de o Greg se suicidar. Pedimos à Udonis uma cópia do histórico telefónico da Myra. Não tinha nada à mão. Depois da morte da Myra, desligou a linha. Acedeu a entrar em contacto com a companhia telefónica para conseguir o histórico da Myra.

— Incrível! Para ela será mais fácil do que para nós.

— Falei com ela na terça-feira. — Releu as notas. — Vou ligar-lhe para ver se já o fez. Se for assim, demoraremos algumas semanas a receber os históricos. E mesmo que tenham falado ao telemóvel algumas vezes e se conhecessem, isso não significa que os suicídios estejam relacionados.

— Entendo que a Myra se suicidasse depois da morte do Greg se houvesse alguma coisa entre eles — comentou Decker. — Mas porque é que o Greg o

fez?

— Só Deus sabe, mas isto poderia ser uma pista. A Wendy Hesse viu fotografias do Greg no computador a brincar com uma pistola. Os adolescentes fazem estupidezes. Talvez o Gregory tenha disparado acidentalmente. — Pensou nisso por um instante. — A Wendy Hesse sentir-se-ia melhor se o médico forense declarasse a morte como accidental?

Decker encolheu os ombros.

— Talvez um pouco.

— Talvez possamos fazer com que o médico forense reconsidere a morte accidental. — Olhou para o inspetor-coordenador. — E talvez devamos deixar de considerar as mortes como jogo sujo. Sem provas, não podemos tirar nenhuma conclusão. Estamos a tentar procurar o que não existe.

— Isso é verdade. E estou disposto a parar assim que souber onde arranjaram as pistolas.

— Sim, esse é um assunto delicado — admitiu Marge. — O Gregory era demasiado jovem para ter roubado a pistola da Olivia Garden. A pistola da Myra era do roubo da Lisbeth Holly. Isso foi há apenas um ano.

— E, nesse roubo, levaram mais coisas, para além da pistola.

— Sim. Algumas bijutarias da filha, o telemóvel e o *iPod* e alguns CD.

— Coisas de pirralhos.

— Exato. — Marge pensou nisso durante uns segundos. — Um dos anéis roubados tinha o nome da rapariga gravado: Sydney. Se encontrarmos o anel, saberemos a quem pertence.

— E não levaram nenhuma das joias da mãe, pois não?

— Correto... É por isso que Lisbeth Holly pensa que foi obra de uns pirralhos. Portanto, é teoricamente possível que a Myra Gelb possa ter roubado a pistola. Mas, no quarto dela, não encontrámos nada que pertencesse à Sydney Holly.

Decker passou as mãos pela cara cansada.

— A câmara de vídeo do Gregory Hesse continua sem aparecer?

— Sim. E também os portáteis da Myra e do Greg.

— Margie, ambos sabemos que há alguma coisa que nos escapa. Mas não sabemos o que é. — Decker tamborilou com os dedos na mesa. — Muito bem. Temos de resolver duas coisas. Os roubos e o lugar onde conseguiram as pistolas. Eu apontaria para o Dylan Lashay para ambas as coisas. Sabemos que o grupo e ele gostam de pistolas. E parece que o Dylan gostava de

torturar a Myra. Imagino-o a vender-lhe uma pistola.

— Sabes que não temos provas, Pete?

— Não gosto dele.

— Nem sequer o conheces.

— Não confio em ninguém que inventa uma máfia e se autodenomina líder.

— Sim, é um pretensioso. Mas suponho que também não gostes dele porque é bonito, rico, popular e inteligente.

— Não. Não gosto dele porque é um abusador.

Marge olhou para ele de cima a baixo.

— Alguma vez foste um abusador na secundária?

— Quando tens a altura e o meu peso com dezasseis anos, não é preciso ser um abusador. As pessoas davam-me espaço de maneira natural. — Isso não era realmente verdade. Decker impunha o seu peso, era estúpido. — Mesmo que o Lashay não segurasse a pistola, seria culpado por associação.

— Na semana passada, liguei ao Saul Hinton para lhe pedir para voltar a encontrar-se connosco.

— O tipo com quem a Heddy Kramer falou?

— É verdade, mas não retribuiu a chamada. Tencionava usar o seu sentimento de culpa para lhe perguntar pelo mercado negro de pistolas e os traficantes da escola. Talvez ele possa dar-nos alguma indicação.

— De que sentimento de culpa estás a falar?

— Por não impedir o suicídio da Myra.

— Como poderia tê-lo impedido?

— Bom, poderia ter falado com ela, com a mãe ou ter avisado os profissionais de saúde mental, mas talvez a Heddy lhe tenha dito e ele se tenha esquecido do assunto — explicou Marge. — Talvez se culpe pela morte da Myra. E, agora que sabemos que houve uma chamada entre a Myra e o Greg, também posso perguntar-lhe pela relação entre eles.

— Está bem.

— Sabes, inspetor-coordenador? — replicou Marge. — Também podia falar com alguns dos amigos do Greg. O Joey Reinhart deu-me alguns nomes. Íamos interrogá-los, mas a Wendy Hesse parou de retribuir as chamadas e, dado que foi o filho dela que morreu, deixámo-lo passar. Mas, agora, parece que volta a cooperar connosco.

— O Oliver e tu podiam examinar a lista de amigos do Greg e ver o que

encontram — sugeriu Decker.

— Incrível! Vou falar com o Saul Hinton e com os amigos do Greg. Mais alguma coisa?

— Adoraria alguns analgésicos.

— Ena, deixei o inspetor-coordenador com dores de cabeça.

Decker despediu-se dela com a mão.

— Podes ir, espertinha!

Marge pôs a mão na mala e tirou duas aspirinas. Depois, agarrou na chávena de café de Decker.

— Parece que precisas de mais.

— Preciso de um cérebro novo.

— Com isso, não posso ajudar-te, grandalhão. Mas, se quiseres um bom *cappuccino*, sou a pessoa indicada.

O que os rapazes tinham em comum era o seu desconforto. Os três: Michael Martinetto, Harold Beezel Frasier e Joey Reinhart. Não se gabavam nem mostravam arrogância. Os três adolescentes pareciam intimidados e envergonhados quando Marge os acompanhou até à sala de interrogatórios. Talvez começassem finalmente a assimilar a perda de um dos seus.

Reinhart era alto e magro, enquanto Harold Beezel Frasier era baixinho e rechonchudo. Beezel tinha a cara redonda, os olhos escuros e o cabelo cortado à tigela, com uma franja que disfarçava a testa coberta de acne. Mikey Martinetto media cerca de um metro e setenta e cinco e tinha os ombros largos. Tinha o cabelo loiro e despenteado, os olhos castanho-claros e ainda usava aparelho. Eram rapazes que se alegrariam quando finalmente chegassem à idade adulta.

Oliver entrou na sala e Marge fez as apresentações. O inspetor entregou uma garrafa de água a cada rapaz.

— Às vezes, a da torneira sabe um pouco mal depois de tanta chuva.

Os rapazes assentiram e abriram as garrafas.

— Está a chover agora? — perguntou Scott.

— A choviscar — respondeu Beezel.

— Supostamente, amanhã será pior — comentou Joey. — Odeio conduzir à chuva.

— Já para não falar de como a escola cheira — acrescentou Mikey.

— A B e W tem goteiras? — perguntou Marge.

— Sim. A B e W tem alguns problemas com o telhado — confirmou Mikey. — A sala de aula do senhor Hinton cheira muito mal.

— A mofo — acrescentou Beezel. — Tenho as alergias ao máximo.

— O auditório Fisher é como um coador — continuou Joey. — Pensaríamos que, com a matrícula que os nossos pais pagam, a escola cuidaria melhor das suas instalações.

— Surpreende-me muito — comentou Marge. — Pensava que a B e W era... como um clube de campo em forma de escola secundária.

Os rapazes sorriram sem alegria.

— Não é um clube de campo a que eu pertencesse — replicou Beezel. — Não paro de dizer aos meus pais que estão a defraudá-los.

— A B e W tem uma grande reputação — comentou Oliver.

— Uma reputação muito longa, mas pouco profunda — indicou Joey.

— Aceita estudantes inteligentes, portanto, cumpre a sua função de os pôr na universidade. Mas os estudantes inteligentes ficariam bem em qualquer lugar.

— E porque estão lá? — perguntou Marge.

— As escolas públicas do meu distrito são uma porcaria — explicou Mikey. — Além disso, os orientadores da B e W têm contactos com as melhores universidades. E é daí que vem a reputação. Em levar os estudantes para as universidades de elite.

— Sim, fazem-no muito bem — acrescentou Joey. — Os orientadores sabem como enfeitar as candidaturas para que tudo pareça bem. Mas é uma estupidez. Porque todas as candidaturas de escolas privadas estão enfeitadas de maneira praticamente idêntica.

— E o que fazem para se destacar? — perguntou Marge.

— É difícil — replicou Beezel. — Nem sequer as notas dos exames oficiais servem para alguma coisa.

— Ou somos os presidentes de tudo ou temos uma habilidade particular que mais ninguém tem — explicou Mikey. — Como, por exemplo, termos tido a nossa própria fábrica de queijo artesanal desde que tínhamos nove anos.

— Ou termos feito uma investigação contra o cancro — disse Joey.

— E termos publicado um artigo a respeito disso — acrescentou Mikey.

— E como é que um tipo como o Dylan Lashay entra em Yale? —

perguntou Marge. Os três rapazes olharam para ela e, de repente, ficaram calados. Passaram uns segundos em silêncio. — O que se passa?

Os rapazes entreolharam-se.

— O que é que o Dylan tem a ver com o Greg? — perguntou Joey.

— Não estamos a presumir que tenha alguma coisa a ver com o Greg — indicou Oliver.

— E porque o mencionam? — perguntou Beezel.

— Estamos a falar de como os estudantes entram nas melhores universidades — replicou Marge. — E sabemos que o Dylan Lashay entrou em Yale. Questionava-me se seria fabricante de queijo artesanal ou o presidente de tudo.

— O presidente de tudo — esclareceu Mikey, com um sorriso.

— E, além disso, tem tradição académica — replicou Beezel. — O padraço.

— E ainda por cima é um rapaz inteligente — concluiu Mikey.

— Não é assim tão inteligente, se precisava que o Greg lhe fizesse os trabalhos de casa — indicou Marge. Joey esbugalhou muito os olhos. — Não foi isso que contaste ao inspetor-coordenador Decker? — perguntou Marge.

— Não exatamente — corrigiu Joey, com hesitação.

Beezel tentou salvá-lo.

— O Greg era um escritor exceccional. Fazia trabalhos para muitas pessoas.

— Isso é verdade — confirmou Mikey. — Com isso, conseguia muita... benevolência.

— O Dylan e companhia deixavam-no em paz — adivinhou Oliver.

Mikey encolheu os ombros.

— Metia-se com vocês? — perguntou Marge.

— Tornámo-nos peritos em não nos atravessarmos no caminho dele — explicou Beezel.

— Desculpe — começou a dizer Mikey —, mas o que é que isso tem a ver com o suicídio do Greg?

— Sabem o que vou fazer? — perguntou Oliver. — Vou dizer-vos exatamente porque vos chamámos e vamos esquecer as adivinhas. Nós gostaríamos de fechar o relatório do Gregory Hesse.

— Porque é que o Greg tem um relatório policial? — perguntou Joey.

— Qualquer morte não natural tem um relatório policial — explicou Marge. — Teríamos fechado o relatório do Greg há muito tempo, mas

tivemos alguns imprevistos. Para começar, a pistola roubada que o Greg usou para se suicidar. Não parecia dos que entram numa casa para roubar armas, portanto, onde arranjou a pistola?

— Há alguma faceta do Greg que não estamos a ver? — perguntou Oliver.
— Era um cleptomaníaco?

— Não me parece — replicou Mikey.

— Portanto, ficarias surpreendido se tivesse roubado a pistola.

— Sim, claro. Mas também me surpreendeu que se suicidasse. Portanto, suponho que não o conhecia tão bem como pensava.

— Ámen a isso — acrescentou Joey.

— O Greg teve de ir buscar a pistola a algum lado — insistiu Oliver.

— Foi por isso que mencionámos o Dylan Lashay — explicou Marge. — O Kevin Stanger disse que o Dylan ou um dos amigos lhe tinha apontado uma pistola uma vez. Portanto, se o Stanger estiver a dizer a verdade, sabemos que esse grupo teve acesso a armas no passado.

— Questionávamo-nos se o caso do Kevin Stanger foi algo isolado ou se o menino Yale tem predileção pelas armas de fogo — comentou Oliver.

— Já disse ao inspetor-coordenador — replicou Joey. — Não sei onde o Greg conseguiu a pistola.

— Eu também não sei — acrescentou Beezel.

A conversa morreu durante uns segundos.

Mikey abanou a cabeça.

— Vamos, rapazes, de onde vem isto? Todos na escola sabem que o Dylan gosta de pistolas. — Beezel e Joey ficaram a olhar para ele com ódio. — É um segredo? Fez um trabalho de turma sobre a história das armas de fogo.

— Trafica armas de fogo? — perguntou Oliver.

O rapaz encolheu os ombros.

— Não posso dizer que sim, mas há rumores.

— Sem confirmar no momento — acrescentou Beezel.

— À exceção do Kevin Stanger — recordou-lhe Marge.

— Que poderia estar a exagerar — indicou Beezel.

— Que tipo de rumores? — perguntou Marge a Mikey.

— Isto é hipotético e, certamente, não de primeira mão, mas... — começou o rapaz. — Se eu quisesse conseguir uma pistola, há algumas pessoas na escola a quem poderia perguntar. Porque essas mesmas pessoas têm reputação de vender muitas coisas.

— E essas pessoas seriam... — encorajou-o Marge.

— Não tenciono dar nomes porque, como digo, não é algo que saiba de primeira mão — explicou Mikey.

— Um deles poderia ser o Dylan Lashay? — perguntou Oliver.

— Já disse o que tinha a dizer — declarou Mikey, com um sorriso. — O resto seria uma especulação baseada nas minhas próprias reflexões.

— E os amigos dele? — Oliver tirou uma lista. — O Jarrod Lovelace, O Stance O'Brien, o Nate Asaroff ou o JJ Little. Eles vendem coisas?

Os três adolescentes encolheram os ombros.

— Muito bem — acedeu Marge. — Depois, abordaremos o assunto das pistolas. Voltemos para o suicídio do Gregory Hesse. Nenhum de vocês viu sinais de que isso podia ser uma possibilidade?

— Nada — respondeu Mikey. — Mas o Joey conhecia-o melhor do que ninguém.

— Eu já disse ao inspetor-coordenador que a morte aconteceu sem prévio aviso — explicou Joey.

— Também disseste ao inspetor-coordenador que pensavas que poderia haver uma rapariga na vida dele antes da morte — comentou Marge.

— Disse que talvez — esclareceu o jovem.

Mikey levantou um dedo.

— Sabem? Nunca tinha pensado nisso, mas digamos que faz sentido.

— Porquê? — perguntou Oliver.

— Começou a cuidar mais dele.

— Isso foi exatamente o que disse ao inspetor-coordenador — concordou Joey. — Que começou a tomar banho.

— Mas não têm ideia de quem era a rapariga — supôs Oliver.

— Nem sequer sei se havia uma rapariga — insistiu Joey. — Certamente, não posso dar-lhe um nome.

— E a Myra Gelb? — perguntou Marge. Continuou ao ver que os três se entreolhavam. — Conheciam-se. Trocavam chamadas com frequência. — Aquilo era mentira, por enquanto, mas, quando recebessem os históricos telefónicos, talvez se tornasse verdade. Esperou que algum deles falasse.

— Isso é novo para mim — comentou Beezel.

— O Greg nunca disse nada sobre conhecer a Myra — indicou Joey. — Porquê? Achar que os dois suicídios estão relacionados?

— Estás a dizer-me que nunca tinhas pensado nisso? — perguntou Oliver.

— Não, não tinha — declarou o rapaz. — Porque haveria de pensar nisso? Não saíam juntos nem nada disso.

— Ambos trabalhavam no jornal — indicou Mikey. Oliver e Marge viraram-se para ele e esperaram que se explicasse melhor. — Quer dizer, eu também estou no jornal. E mais cerca de cem alunos. É uma daquelas estrelas prateadas que pomos na candidatura da universidade.

— O Kevin Stanger disse-nos que o Greg estava a trabalhar em algo grande antes de morrer — informou Marge.

— Isso, não sabia — replicou Joey.

Marge virou-se para Mikey, que parecia o mais disposto a cooperar.

— Achas que poderia ter tido alguma coisa a ver com o jornal? O Greg alguma vez te disse que estava a trabalhar em algo secreto?

Mikey pareceu pensar no assunto.

— Não. Sei que me lembraria se me tivesse dito uma coisa dessas.

— Nunca me falou de nenhum projeto secreto — interveio Beezel. — Mas posso dizer isto. O Greg adorava a câmara de filmar e parecia filmar tudo o que se cruzava no seu caminho. Talvez tenha encontrado acidentalmente alguma coisa que considerou que podia ser uma explosão.

— Foi o que disse ao inspetor-coordenador — indicou Joey.

— Tornou-se um pouco incómodo com isso — continuou Beezel. — Era difícil ter uma conversa real porque filmava sempre tudo para a posteridade ou uma coisa dessas.

— Era um verdadeiro chato — confirmou Mikey. — Eu dizia-lhe que lha partiria na cabeça se não ma tirasse da frente. — Olhou para o teto e os olhos humedeceram. — Não sabia que...

A sala ficou em silêncio.

— Mikey, alguma vez viste a Myra e o Greg a trabalhar juntos? — perguntou Oliver.

O rapaz recostou-se na cadeira.

— Myra não escrevia para *As Intrigas*. Fazia algumas vinhetas. O Greg escreveu alguns artigos e, pelo menos, publicaram um. — Levantou as mãos. — Nunca os vi juntos, mas também não prestava atenção.

— Já vos tinha dito que temos algumas coisas para resolver antes de fechar o caso — redarguiu Oliver. — O primeiro assunto era o da pistola roubada, mas também estamos preocupados com outras coisas. A câmara de vídeo do Greg desapareceu.

— Foi roubada? — Joey estava perturbado.

— Parece que sim — respondeu Marge.

— Quem ia querer a câmara de vídeo do Greg?

— Talvez seja o que o Beezel diz — sugeriu Marge. — Talvez tenha encontrado algo escandaloso por acidente.

— Se foi assim, nunca me mostrou nada — replicou Joey. — A única coisa que víamos era vídeos nossos a fazer de imbecis. Nada escandaloso, certamente.

— A senhora Hesse encontrou algumas coisas no computador do Greg — disse Oliver.

— Pornografia? — perguntou Mikey. Os rapazes entreolharam-se e sorriram. — E isso é estranho porque...

— Não seria estranho se fosse pornografia convencional. Mas encontrou pornografia amadora no portátil do Greg: uma rapariga a fazer sexo oral.

— Sexo oral com o Greg? — Beezel parecia incrédulo.

— Não temos a certeza — declarou Oliver. — Não há caras para associar ao ato.

— Se foi o Greg, nunca me disse que tinha marcado um ponto — comentou Joey.

— Porque haveria de dizer uma coisa dessas? — perguntou Oliver.

— Bom... — Joey riu-se. — Quem não o faria?

— Talvez se preocupasse com a rapariga e não quisesse envergonhá-la — sugeriu Marge.

— Se se importava com a rapariga, porque haveria de a filmar? — perguntou Mikey.

— Talvez as imagens fossem apenas para os seus olhos — comentou Oliver.

— Isso é o que os homens dizem às mulheres. E, no fim, acabam por mostrar a todos — declarou Joey. — Têm o direito de se gabar.

— Mas ele não vos mostrou nada, pois não? — perguntou Oliver.

Silêncio.

— Eh... não digo isto para parecer um estranho — começou a dizer Beezel —, mas, se nos mostrassem as imagens, talvez pudéssemos identificar alguém.

— Já vos disse que não se veem caras. De que serviria? — Oliver levantou o olhar do bloco. — Não só desapareceu a câmara de vídeo, como o

computador foi roubado.

Os três rapazes mostraram um ar de surpresa.

— Têm a certeza? — perguntou Mikey.

— Absoluta — confirmou Marge. — Há cerca de três semanas, a senhora Hesse deixou-o na mesa da sala de jantar antes de ir para a cama e já não estava lá de manhã.

— Ia trazê-lo para a esquadra, não por causa do sexo oral, mas porque o Greg aparecia a brincar com uma pistola. Queria que víssemos se se tratava da mesma pistola que usou para se suicidar.

— Merda! — exclamou Joey. — Isso é estranho.

— É sinistro! — acrescentou Mikey.

— O que quer dizer com estar a brincar com uma pistola? — perguntou Beezel.

— Ela disse-nos que aparecia a virá-la e a apontá-la para a câmara — esclareceu Marge. — Também disse que o Greg tinha as pálpebras caídas, como se estivesse drogado ou bêbado.

— Merda! — exclamou Mikey. — Isto é cada vez mais estranho.

— Certamente, não é o Gregory Hesse que nós conhecíamos — comentou Joey.

— Não tenciono dizer-vos como fazer o vosso trabalho — disse Beezel —, mas é possível que a senhora Hesse tenha mudado de opinião a respeito do computador e vos tenha dito que tinha sido roubado para evitar... Não sei... mais vergonhas para o filho?

— A senhora Hesse tinha parado de nos retribuir as chamadas — explicou Marge. — Quando o computador do Greg foi roubado, assustou-se por alguém ter entrado em casa dela para o levar. Foi por isso que nos ligou. Portanto, sim, acho que o computador foi roubado.

— Talvez a rapariga anónima do sexo oral tenha roubado o computador — sugeriu Joey. — Talvez não quisesse que a polícia revelasse a sua identidade.

— Como é que a rapariga, ou qualquer outra pessoa, poderia saber que a senhora Hesse ia mostrar o computador à polícia? — perguntou Oliver.

— E como é que a rapariga poderia saber que a senhora Hesse tinha descoberto as imagens pornográficas no computador do filho? — acrescentou Marge.

— Talvez a rapariga tivesse acesso remoto ao seu computador — sugeriu Beezel.

— Acesso remoto? — perguntou Oliver.

— Bem pensado — interveio Joey. — Significa que talvez conseguisse controlar o computador de outra localização.

— Não é estranho — explicou Mikey. — Compramos um programa que permite a determinadas pessoas aceder ao nosso computador de outro lugar.

— Para que raios serviria isso? — perguntou Marge.

— Desse modo, se o computador se estragar — explicou Joey —, o técnico pode aceder à distância, o que significa que pode diagnosticar o problema e arranjá-lo sem termos de lho dar fisicamente. Poupa muito tempo.

— Faz-se com frequência — acrescentou Mikey. — A questão é que, para o técnico ter acesso ao computador, o usuário tem de dar uma chave ao técnico. Mas, se soubermos um pouco de computadores, provavelmente, podemos saltar a permissão do usuário e aceder ao computador quando quisermos.

— Isso seria ilegal, claro — comentou Oliver.

— Claro — confirmou Mikey. — Mas... Se tivermos uma motivação para fazer alguma coisa, fazemos, seja legal ou não.

Capítulo 27

Sentado no seu escritório com Marge e Oliver, Decker passou as mãos pelo cabelo e bebeu um gole do café frio. Eram três e meia da tarde. Dentro de algumas horas, Cindy, Koby e os gémeos chegariam a casa para celebrar o jantar do *sabbat*. Já sentia que a sua mente começava a deixar de estar de serviço. Para evitar desligar por completo, examinou as notas.

— E o acesso por controlo remoto ao computador? O que tem a ver com o computador roubado do Greg?

Marge estava a limpar uma penugem da camisola.

— Talvez alguém se tenha apercebido de que o computador do Greg estava ativo e de que estavam a ver as suas coisas pessoais. Alguém teve medo de que as coisas se descobrissem.

— Sobretudo, a rapariga que teve sexo oral com o Greg — indicou Oliver. — Não estaria preparada para protagonizar um filme pornográfico.

Decker mostrou-se cético.

— Acham mesmo que uma rapariga entrou em casa dos Hesse e levou o computador antes de a Wendy conseguir entregá-lo à polícia?

— Ou talvez tenha sido roubado por um futuro estudante de Yale, juntamente com o seu grupo da Máfia da B e W — sugeriu Marge. — Talvez um dos rapazes tenha percebido que, no computador, havia imagens do Greg a brincar com uma pistola roubada.

— A mesma pistola roubada que o futuro estudante de Yale vendeu ao Greg. Um estudante que, agora, estaria preocupado com a possibilidade de se ver envolvido em algo mais sério do que as armas roubadas — conjecturou Oliver. — Algo como um homicídio involuntário, coisa que não fica bem em nenhum relatório académico.

— O problema é que, até termos nomes, não temos nada — comentou Marge.

Decker não estava disposto a render-se.

— E o Saul Hinton? Conseguem tirar alguma coisa dele?

— Esse era o nosso passo seguinte — declarou Oliver, enquanto alisava a

gravata prateada. — Ligámos-lhe esta manhã para lhe pedir para se encontrar connosco na próxima semana, mas não retribuiu a chamada.

— Voltem a ligar-lhe — pediu Decker. — Digam-lhe que querem falar sobre a Myra Gelb. Se não fez nada a respeito disso quando a Heddy lhe falou da depressão da Myra, isso fará com que fique nervoso. Talvez nos conte alguma coisa sobre o Dylan.

Oliver olhou para o relógio.

— As aulas acabam mais ou menos a esta hora — comentou, antes de se virar para a parceira. — E se usarmos a frase: «Passámos por cá a caminho de casa»?

— Não há garantias de que fale connosco, mas... — Marge pôs a mala ao ombro. — Combinei encontrar-me com o Willy em Ventura às oito. Tenho tempo.

— Vamos — disse Oliver, enquanto se levantava.

— Contamos-te se descobrirmos alguma coisa — disse Marge a Decker, antes de sair do escritório com o parceiro. — Tens planos para esta noite, Scott?

— De facto, vou jantar com o meu filho e a minha cunhada.

— Que bonito!

— Sim, será divertido. — Sorriu e perguntou o que era divertido. — É divertido, sobretudo, para eles. Sou sempre eu a pagar.

Assim que viu o distintivo, o guarda da entrada da B e W deixou-os passar sem pigarrear. Deixaram para trás o edifício da administração e, depois, perderam-se enquanto procuravam a sala de aula de Saul Hinton. Perguntaram a um rapaz musculado, que usava um casaco com uma letra impressa, onde poderiam encontrar a sala de aula 26 e o rapaz conduziu-os até à sala correta. Hinton estava a apagar o quadro de costas para a porta quando entraram. Marge pigarreou, o homem virou-se e franziu o sobrolho imediatamente ao reconhecê-los. Mas falou com educação.

— Recebi a mensagem, inspetores. — Continuou a apagar o quadro. — Não tive um só instante para retribuir a chamada.

— Eu sei, senhor Hinton — tranquilizou-o Marge. — Lamentamos incomodá-lo a estas horas. Íamos a caminho de casa.

— Onde vive? — perguntou Hinton.

— A mais ou menos um quilómetro daqui — replicou ela.

— Portanto, vive no mesmo distrito onde trabalha.

— É verdade. E o inspetor Oliver também.

— Suponho que seja admirável. — Hinton parou de apagar. — O que posso fazer por vocês?

— Importa-se que nos sentemos? — perguntou Oliver.

— De modo que vamos demorar um pouco?

Oliver encolheu os ombros.

— Estou velho e cansado.

Hinton corou.

— É claro. Sentem-se onde quiserem. Não têm de perguntar.

— Sente-se bem, senhor Hinton? — perguntou Marge.

— Estou bem. — Hinton escolheu a cadeira de uma das carteiras. — O que desejam perguntar?

— A pistola que a Myra Gelb usou para se suicidar... era roubada.

— Já tinha ouvido alguma coisa sobre isso.

— Foi roubada de uma moradia há um ano, juntamente com alguns CD e um *iPod*. Pensamos que foi coisa de crianças. — Marge aguardou uma reação e conseguiu. Um rubor profundo. — Correm rumores sobre certos estudantes do último ano que gostam de pistolas. E esses mesmos estudantes eram pessoas de quem a Myra não gostava.

— Fazia caricaturas deles — explicou Oliver. — A única razão por que não mencionamos nomes é porque queremos ver se vocês os mencionam primeiro.

— Se conhece alguém na escola que possa estar a traficar armas roubadas, agora, é o momento de nos dizer. Por favor, recorde que duas pistolas roubadas foram usadas em dois suicídios diferentes.

O homem, magro e com braços compridos, pareceu diminuir.

— Provavelmente, estamos a pensar nas mesmas pessoas. Não darei nomes porque tudo o que dissesse seria uma especulação e eu não especulo.

— Nem sequer se pudesse salvar a vida de outro adolescente deprimido?

Hinton desviou o olhar.

— Não posso ajudar. Falem com a administração. Eles são os únicos que podem abrir os cacifos e não o farão sem provas suficientes ou sem uma autorização judicial.

— Portanto, temos de esperar que outro estudante se suicide para obter o

que precisamos?

— Os direitos da Primeira Emenda substituem a possibilidade incerta de uma coisa que poderia acontecer no futuro. — Hinton falou sem muita ênfase.

— Os direitos da Primeira Emenda não se aplicam aos jovens desta escola — indicou Marge. — Sei que os pais e os filhos assinam contratos que permitem à administração examinar os cacifos da escola sem pedir permissão.

— Com provas suficientes.

— Se insinuar que certa pessoa poderia estar a traficar, isso seria prova suficiente — replicou Oliver. — Pense no Gregory Hesse ou na Myra Gelb. Se pudesse fazer alguma coisa para evitar os seus suicídios, sei que o teria feito, não é?

Hinton ficou muito pálido e Marge preocupou-se. Talvez o tivessem acusado demasiado depressa.

— Ficou pálido, senhor Hinton. Sente-se bem?

Ele deixou cair a cabeça entre os joelhos.

— Sinto-me um pouco enjoado.

— Vou buscar um copo de água — anunciou Oliver, enquanto se levantava.

— Há uma garrafa de sumo de laranja na minha mochila — indicou Hinton. — Acho que é uma quebra de açúcar.

Marge tirou a garrafa e deu-a ao professor. Ele bebeu com ânsia. Um minuto mais tarde, conseguiu endireitar-se, embora continuasse pálido.

— Se vos der nomes, e a administração abrir os cacifos baseando-se nas minhas acusações e for um erro, poderiam despedir-me. Pior ainda, poderiam processar-me. Provavelmente, perderia tudo e não poderia voltar a ensinar. Há certos estudantes na B e W que são filhos de pais muito litigantes.

Os inspetores assentiram.

— Dito tudo isso, se eu conhecesse alguém que trafica armas com toda a certeza, teria contado à administração há muito tempo. Seria moralmente reprovável não dizer nada. — Os olhos deles humedeceram. — Se tivesse podido evitar essas mortes, tê-lo-ia feito. Lamento não poder fazer mais.

— A sua sinceridade é evidente — observou Marge, com suavidade. — Espero que não fale por experiência pessoal.

Hinton ficou calado.

— Falaram com a Heddy Kramer, não foi?

— É verdade.

— E contou-vos.

— Contou-nos.

Os três ficaram em silêncio.

— Falei com a Myra — admitiu Hinton, finalmente. — Contou-me que estava triste, mas que, pessoalmente, estava bem. Falámos durante uns vinte minutos. Parecia mais zangada do que qualquer outra coisa.

— Disse com quem estava zangada? — perguntou Oliver.

— Não deu nomes. Pareceu-me que estava zangada com a vida. Portanto, quando se foi embora, liguei à mãe... Deixei-lhe uma mensagem para que retribuísse a chamada e disse-lhe que estava preocupado com a Myra. — Humedeceu os lábios. — Nunca me ligou. E, depois, esqueci o assunto. Agora acho que talvez a Myra tenha intercetado a mensagem e a tenha apagado. Devia ter voltado a ligar. — Fez uma pausa. — Estraguei tudo.

Era o momento de lhe dar um pouco de ânimo.

— Sabe que, se alguém está decidido a suicidar-se... — comentou Marge.

— Sim, eu sei — interrompeu Hinton. — Mas isso não alivia a dor nem a culpa. Está a devorar-me por dentro. Terei de encontrar a minha própria expiação. Caso contrário... — Abanou as mãos no ar. Acabou o sumo. Recuperara a cor nas faces. — Vou dizer-vos uma coisa. Mantereí os ouvidos bem abertos. Se descobrir alguma coisa concreta, serão os primeiros a saber. Prometo-vos que vos ligarei... Mesmo que isso viole todos os códigos morais que me imponho.

— Dizer à polícia que há um rapaz a traficar armas roubadas? — inquiriu Oliver.

— Tenho cinquenta e nove anos, inspetor.

Marge ficou perplexa.

— Parece muito mais jovem.

— Em qualquer caso, são os que tenho — replicou Hinton. — Cresci nos anos sessenta. Os velhos costumes *hippies* não desaparecem com facilidade.

Os bebés usavam pulseiras e era a única maneira de Decker os distinguir. Aaron, o mais velho por quatro minutos, era mais tranquilo do que Akiva, mas nenhum deles era muito nervoso. Eram enormes: acima da média em

peso e altura. Comiam a todas as horas. Cindy dizia que eram máquinas orgânicas de ordenhar. Para além de os amamentar, trouxera meia dúzia de biberões com 250 ml de leite materno. Ao finalizar o jantar, as crianças já tinham acabado tudo.

— Obrigada por me dares de jantar e por ajudares com os teus netos — agradeceu Cindy. — E, como sempre, jantámos incrivelmente bem.

— O cordeiro com caril estava delicioso — comentou Koby. — Acho que comi uma ovelha inteira. Estava tudo ótimo, portanto, comi demasiado.

— Tu e eu, filho — indicou Decker. — Pensaria que, a estas alturas, já teria aprendido.

— Querem levar os restos? — ofereceu Rina.

— Devia dizer que não, mas não o farei — respondeu Koby.

Cindy riu-se.

— A comida caseira no nosso frigorífico escasseou desde que os bebés nasceram.

— Vou guardar os restos — declarou Rina, com um sorriso. — Não precisamos de todas as sobras.

Cindy olhou para Gabe, que estava a levantar a mesa. Apontou para ele com um polegar.

— Podes deixar um pouco de comida para o senhor pianista, já que estás a tratar disso.

— Como muito — confirmou Gabe, deixando uma travessa suja na mesa. — Estou nessa fase sortuda em que nada me engorda.

Cindy aproximou-se dele e passou-lhe o braço pelos ombros.

— Se passar a mão pela tua barriga, podes contagiar-me com a ausência de gordura?

Gabe deu-lhe um beijo na face.

— Estás fantástica. Os teus filhos são sortudos por ter uma mãe tão maravilhosa.

— Obrigada, és um encanto. — Gabe sorriu e Cindy pegou em Aaron ao colo, que estava com Rina. Depois, deu uma palmadinha na barriga plana de Koby. — Algumas pessoas sortudas têm uma boa constituição.

Decker pegou em Akiva ao colo e deu uma palmadinha na barriga.

— Outros nascem com boa constituição, mas recorrem à gulodice. — Virou-se para o neto. — E tu, amigo? Todo esse leite vai alimentar-te bem?

O bebé respondeu bolsando para a camisa de Decker.

— Lamento muito, pai — desculpou-se Cindy, rindo-se.

Decker dirigiu-se ao bebé.

— Isso vai ensinar-me a não pegar em ti ao colo sem um pano.

Koby tirou Akiva do colo do avô.

— Muito obrigado pelo jantar. Acho que estamos a desgastar o tapete por virmos tantas vezes.

Rina regressou com um saco de compras cheio de caixas de plástico com comida. Deu um beijo a Cindy e, depois, a Aaron.

— Cuida da tua mãe, pequenino. É uma boa mulher.

Koby, com Akiva ao colo, disse:

— Obrigado por tudo, Rina.

Rina deu-lhe um beijo na face e depois beijou Akiva.

— Sê bom com os teus pais. São boas pessoas.

— Faz-lhe caso. — Koby brincou com o filho.

— Venham quando quiserem, falo a sério. — Mas, assim que a porta se fechou atrás da família Kutiel, Rina suspirou, aliviada. — Meu Deus, estou a ficar velha.

— Precisas de ajuda? — perguntou Decker, num tom queixoso.

— Por favor, não me venhas com esse tom de «tem piedade de mim» — pediu ela, rindo-se. — Não faz mal, Peter. Estou bem. Vai ler o jornal.

— Não. Não quero deixar-te com o trabalho todo.

— Porque não relaxam os dois? — sugeriu Gabe. — Eu acabo de arrumar. Não fiz nada o dia todo.

— Na verdade, o que fizeste o dia todo? — perguntou Decker.

— Peter! — exclamou Rina.

— Boa pergunta — replicou Gabe, entre gargalhadas.

— Falo a sério — insistiu Decker. — Quero certificar-me de que não te aborreces.

— Não, não me aborreço. — Embora se sentisse sozinho. Respondeu-lhes com sinceridade. — Pratico imenso. Levo-o muito mais a sério agora que toco por dinheiro. Ou vou fazê-lo no verão. Quando não pratico, ouço a música que pratico. É quase tão importante como praticar. Além disso, comecei a compor. Quando não estou a fazer música, leio... dou passeios. — Encolheu os ombros. — Mantenho-me ocupado. Estarei ocupado no ano que vem, portanto, desfruto do tempo livre agora.

— Manténs o contacto com algum dos teus velhos amigos?

— Não. — Fez uma pausa. — Essa parte da minha vida acabou.

Decker percebeu um tom de raiva.

— Falaste com a tua mãe ultimamente?

Gabe voltou a encolher os ombros.

— Estou bem. Se houvesse algum problema, contava-vos, mas não há. Portanto, a sério, vão descansar. Já chega de trabalho na cozinha. — Pôs os auscultadores do *iPod*, foi para a cozinha e fechou a porta. Segundos mais tarde, ouviram a torneira.

— É um rapaz muito sério — elogiou Decker, enquanto se sentava no sofá. — Espero que, em algum momento, arranje tempo para a diversão.

— Acho que é possível que esteja a sair com alguém — comentou Rina.

— Disse-te isso? — perguntou Decker.

— Não, mas sai de casa muito cedo de manhã. Acho que está com alguém antes de ela ir para as aulas.

— Bem pensado. — Decker meditou durante uns segundos. — Não pode ser uma relação muito séria se a única coisa que fazem é ver-se antes da secundária.

Rina deu-lhe uma palmadinha na face.

— Foi por isso que Deus inventou os fins de semana.

— Isso é verdade. Na verdade, não sabemos o que faz quando saímos de casa — comentou Decker. — Devíamos preocupar-nos?

— Era o que pensava — comentou Rina, cruzando os braços —, mas nunca nos deu razões para nos preocuparmos.

Decker pegou no jornal e acomodou-se no sofá.

— Se tu não estás preocupada, eu não estou preocupado. No outono, vai-se embora. Em quantas confusões pode envolver-se em seis meses?

— Se quisesse, poderia envolver-se em muitas confusões — declarou Rina.

— Bom, eu prefiro ser otimista. Já sabes o que dizem. Espera o melhor e, depois, aprende a esquivar as consequências.

Capítulo 28

Bateram à porta muito suavemente. Quando Gabe abriu, encontrou Yasmine com falta de ar.

— Não posso ficar mais de uma hora. Prometi à minha família que iria à sinagoga.

Usava um vestido preto justo e um casaco de pele falsa, para além das meias, da maquilhagem e das joias. Estava perfeitamente penteada. Era evidente que, naquele dia, Gabe não teria sorte.

— Entra e fica o tempo que puderes — disse ele. — Queres café? Estás linda.

— Obrigada. — Entrou na sala dos Decker. — Sabes sempre o que dizer. Como podes ser tão encantador? Praticas à frente do espelho?

— Todos os dias, com o piano. Às vezes, combino-o com tocar piano à frente do espelho.

Yasmine estava muito séria, mas conseguiu sorrir.

— A sério, acabei de fazer café. Os Decker não usam a cafeteira aos sábados. Bebem café instantâneo. É asqueroso.

— Não, obrigada. — Yasmine sentou-se na beira do sofá com as costas muito direitas.

— Fica à vontade. — Gabe levantou-se e foi à cozinha.

Ela levantou o tom de voz para que a ouvisse.

— A sério, tenho de ir em breve, Gabe. Demorarei vinte minutos a chegar à sinagoga.

— Sim, sim. — Gabe regressou com duas chávenas. — Dois cubos de açúcares e uma gotinha de leite desnatado, não é?

— O que vou fazer contigo? — perguntou Yasmine, com um suspiro. — És perfeito.

— Obrigado. Queres seduzir-me? — Ao ver que ficava em branco, acrescentou: — Estou a brincar. — Embora não por completo. — Falaremos. Melhor dizendo, tu falas e eu admiro a tua beleza.

Yasmine corou. Aceitou a chávena de café e bebeu um gole. Continuava

com o casaco vestido. Tinha gotas de suor na cara.

— Porque não tiras o casaco? — perguntou ele.

— Porque não posso ficar muito tempo.

— Já sei, Yasmine. Não significa que tenhas de estar incomodada enquanto estás aqui.

Ela pousou a chávena. Gabe ajudou-a a tirar o casaco, arrastou-a novamente para o sofá e abraçou-a com força.

— Relaxa, está bem? Não vou precipitar-me para cima de ti.

— Estou relaxada.

— Não, não estás. — Deu-lhe um beijo nos lábios e recebeu uma dose generosa de batom vermelho. — Sei o que é estar relaxado e tu não estás. O que se passa, meu amor?

— Acho que a minha mãe começa a suspeitar um pouco.

— Não me surpreende, tendo em conta que saís de casa todos os dias às seis da manhã sem explicação alguma.

— Pensas que é uma brincadeira. — Estava incomodada. — Se descobrir, vai contar ao meu pai. E ele vai matar-me.

— Não vai matar-te, vai matar-me, o que está bem. Prefiro morrer a estar sem ti. — Voltou a beijá-la. — Podemos enrolar-nos? Já te borrei o batom.

— Não sabes?

— Quando tu estás perto, não. — Gabe endireitou-se e suspirou. — Está bem. Vou deixar-te beber o café em paz. — Devolveu-lhe a chávena. — Ah, sabes? Tenho uma coisa para ti. Bom, não é exatamente para ti. É para os dois. Fecha os olhos.

Ela olhou para ele com desconfiança.

— Não. Não é o que pensas. Fecha os olhos.

Ela obedeceu com reticência.

— Será melhor não se tratar de uma brincadeira. Espero que não estejas nu quando abrir os olhos.

— É uma boa ideia.

Yasmine abriu os olhos.

— Ga... abe.

— Fecha os olhos, Yasmine. Coopera, está bem?

Ela deixou escapar um suspiro fingido e fez o que lhe pedia. Gabe tirou a *t-shirt*.

— Muito bem. Abre os olhos.

Ela viu o seu peito nu e zangou-se.

— Gabe, não tenho tempo... — Parou de falar e esbugalhou mais os olhos. Levou as mãos à boca.

Gabe sorriu.

— Gostas?

Sem dizer nada, Yasmine tocou na tinta azul que tinha no braço direito por baixo do ombro. Tatuara dois braceletes: o primeiro era de flores entrelaçadas que emolduravam o nome dela; o segundo consistia em notas escritas em clave de Sol. Yasmine ficou sem palavras.

— Percebeste que é um jasmim? — inquiriu Gabe. — Um pouco literal, mas acho que ficou bem. — Ela continuava sem falar. — Gostas da fita de baixo?

Ela não dizia nada.

— Lê as notas, cabra louca.

Fê-lo. Era a coloratura do *Der Hölle Rache*. Os olhos dela humedeceram.

— Porque... o fizeste?

— Porquê? — Gabe voltou a vestir a *t-shirt*. — Porque te amo. — Ela começou a chorar. — Não faças isso. A maquilhagem vai ficar borrada.

Yasmine secou as lágrimas com os dedos e, depois, apoiou a cabeça no seu ombro.

— Não consigo acreditar que fizeste isso.

— Agora já sabes que, aconteça o que acontecer entre nós, nunca me esquecerei de ti — declarou ele. — Estarás sempre gravada em mim.

— Não suporto a ideia de não voltar a ver-te. — Yasmine começou a chorar outra vez. — Nunca, jamais, amarei alguém como te amo.

— E eu nunca amarei alguém como te amo. — Gabe sentiu o peso no seu coração. Sempre que estavam juntos, sentia-se feliz. Quando ela se ia embora, a depressão invadia a sua alma. O último ano fora de uma solidão insuportável. Os seus vínculos tinham ido desaparecendo um a um. Yasmine fora o único ponto luminoso na sua vida. No fim, os pais descobririam e afastá-la-iam dele. Tentava não pensar nisso, com a esperança de poder aproveitar o máximo de tempo possível com ela antes de ficar à deriva num mar de desolação.

Yasmine levantou-lhe a manga da *t-shirt*, tocou-lhe na tatuagem azul e beijou-lhe o braço.

— Não tens de ter mais de dezoito anos para fazer uma tatuagem?

— Alguma vez viste esses lugares? — Gabe riu-se. — Perguntaram-me se tinha dezoito anos e disse que sim. Sem mais nem menos.

— Doeu-te?

— Não tanto como a dor física. — Levantou-lhe a cara e beijou-a nos lábios. — Não quero que te metas numa confusão. Vai retocar a maquilhagem e vai-te embora.

Ela agarrou-se ao seu braço.

— Sabes que não quero ir, não sabes?

Deitou-se no sofá e deitou-o em cima. Pouco depois, estavam a beijar-se apaixonadamente. Ele estava enjoado de desejo.

— Acho que é melhor ires ou vai acontecer alguma coisa.

Yasmine rodeou-lhe a cara com as mãos.

— Fizeste uma coisa especial por mim. Eu quero fazer uma coisa especial por ti.

— Já o fizeste por seres como és.

— Não é suficiente. — Ficou a olhar para os seus olhos verdes. — Quero fazê-lo, Gabriel.

Gabe sentiu um aperto no coração.

— Sabes que não é uma troca, não sabes? Fiz a tatuagem porque queria fazê-la. Não para conseguir alguma coisa.

— Eu sei. — Yasmine deu-lhe um beijo na ponta do nariz. — E é por isso que quero entregar-me a ti.

— Quando? — perguntou ele, depois de engolir em seco.

— Agora.

— Agora? — Gabe endireitou-se e puxou-a para ele. — Pensei que tinhas de ir.

Ela suspirou.

— Ambos sabemos que os meus pais vão descobrir. Temos o presente. Talvez não tenhamos o amanhã.

— Eu... — Estava nervoso. — Não quero que faças uma coisa de que vais arrepender-te depois.

— É uma decisão minha e não vou arrepender-me. E, se alguma vez o fizer, quem não fez algo de que se arrependeu? — Rodeou-lhe o pescoço com os braços. — Ajuda-me a levantar-me.

Gabe puxou-a até ficarem os dois de pé. Já estava excitado.

— Ajuda-me a desabotoar o vestido.

Gabe pôs-se atrás dela, desabotoou-lhe o vestido e deixou os seus ombros suaves e escuros a descoberto. Adorava os seus ombros. Poderia beijá-los durante horas. Yasmine tirou o vestido e desabotoou o sutiã. Rodeou-a com os braços, apalpou os seus seios pequenos, embora definidos, e um calafrio percorreu todo o seu corpo.

Yasmine virou-se e, seminua só com os *collants* pretos e os saltos, ficou a olhar para ele com descaramento. Quando Gabe a levantou, rodeou-lhe a cintura com as pernas. Levou-a para o quarto, deitou-a no colchão e tirou-lhe os sapatos, os *collants* e as cuecas. Observou a sua nudez, encantado com cada centímetro da pele dela.

Despiu-se também, deitou-se em cima dela e apoiou o peso sobre os cotovelos, com o pénis a escassos milímetros.

— Tens a certeza? — sussurrou.

— Absoluta. — Novamente, rodeou-lhe a cintura com as pernas. — Fá-lo.

Ele fechou os olhos e deixou-se levar pela alegria enquanto entrava noutro universo. A pele dela ao seu redor, quente, húmida e tensa... Tentou saborear o momento, desfrutar dele, mas escapava, cada vez mais depressa, até saber que tudo acabaria demasiado depressa. Com uma grande força de vontade, obrigou-se a afastar-se e ejaculou na barriga dela, com o sangue dela misturado com o seu sémen. Foi então que reparou nela e viu a angústia na cara sem lágrimas.

Endireitou-se, lavou-se e regressou com um pano quente e húmido para a limpar. Depois, tapou-os com os lençóis e apertou-a entre os seus braços. Ela permanecia rígida, sem ceder às suas carícias.

Gabe estava nervoso. Não queria que o odiasse.

— Estás bem?

Yasmine encolheu os ombros e uma lágrima caiu-lhe pela face.

Ele beijou-a.

— Não temos de voltar a fazê-lo, Yasmine.

— É um pouco tarde para isso.

Ficou calado. Ela não parava de chorar.

— Amo-te, Yasmine — sussurrou. — Faria qualquer coisa por ti. O que posso fazer por ti agora?

— Abraça-me.

— É claro. — Envolveu-a entre os seus braços até sentir que o seu corpo se fundia, colado ao dele. O seu pénis começou a excitar-se e ela tentou

afastar-se, mas manteve-a abraçada. — É apenas um reflexo, Yasmine. Não vou fazer nada.

— Doeu-me!

— Lamento muito...

— Muito!

— Lamento que te tenha doido, mas não lamento tê-lo feito.

— Não quero voltar a fazê-lo.

— Está bem. Vou amar-te na mesma.

Yasmine ficou calada durante mais alguns minutos, sentia um grande consolo entre os seus braços. Depois, afastou-se e endireitou-se.

— Ou seja, queres voltar a fazê-lo?

— Eu? — Gabe endireitou-se também e olhou para os seios nus. — Sou um homem. Claro que quero voltar a fazê-lo. Várias vezes. Não me importaria de o fazer até cair aos pedaços.

Esboçou um sorriso.

— Não te doeu?

— Tinha a mente noutro universo. Não me lembro de nada, exceto de um prazer absoluto.

— Sujei os lençóis de sangue. Os Decker não suspeitarão?

— Vou trocá-los e lavá-los quando te fores embora. Lavo sempre a minha roupa.

Ela soprou.

— Os meus pais vão matar-me.

— Não descobrirão se não lhes contares.

— Não é isso. Claro que não vou dizer-lhes. Vão zangar-se porque estou atrasada para a sinagoga.

— Eu ajudo-te a vestir-te.

Mas ela não se mexeu.

— Achas que me doerá da segunda vez?

O coração de Gabe acelerou.

— Suponho que não saberemos se não experimentarmos.

— Devia ir — insistiu ela.

Beijou-lhe o ombro.

— Faz o que quiseres...

— Para de ser tão compreensivo.

— Ena, finalmente, começa a apanhar os meus truques.

Yasmine deixou-se cair sobre a cama e abriu as pernas. Tinha a cara tensa.

— Está bem, fá-lo!

— Está...?

— Fá-lo! — ordenou.

Ele pôs-se entre as suas pernas, daquela vez, com os olhos abertos, e viu como ficava tensa enquanto a penetrava. Com cada movimento, ela ficava mais tensa. De repente, ele endireitou-se, com as pernas estendidas e o pénis a apontar para cima.

— Tenho uma ideia. — Deu uma palmada no colo. — Senta-te em cima de mim.

Ela olhou para o seu pénis com desconfiança. Mas, como era uma boa rapariga, sentou-se no seu colo e guiou-o para que a penetrasse. A meio caminho, fez um ar de dor.

— Dói-te? — perguntou ele.

— Sim.

Gabe pôs-lhe as mãos nas ancas.

— Respira fundo. — Ela obedeceu, ele empurrou as ancas para baixo e levantou as dele. Yasmine deixou escapar um grito de dor. Não era de estranhar. Estava seca e apertada. — Estás bem?

— Na verdade não. — Soprou. — É tolerável se não te mexeres.

— Não vou mexer-me. — Estava completamente dentro dela. — Rodeia-me a cintura com as pernas e beija-me.

— Não vais mexer-te?

— Não, não vou mexer-me. Prometo-te. Beija-me.

Ela beijou-o com receio e o corpo tenso. Como lhe prometera, Gabe não se mexeu e, decorridos alguns minutos, adquiriram um ritmo familiar, com os seus membros enredados e as suas bocas unidas. Ele deslizou as pontas dos dedos pelas suas costas enquanto ela enredava os dela no cabelo dele. Tirou-lhe os óculos e atirou-os para a cama.

E, quando o seu corpo começou a relaxar, ele percebeu que ficava mais húmida e quente. A suavidade da pele dela fez com que se excitasse mais. Ela retorcia-se no seu colo enquanto o beijava. Estava a fazer o trabalho todo.

Gabe abriu os olhos e viu que olhava para ele. Sorriu e ela fez o mesmo.

— Amo-te — sussurrou. Ela imitou-o.

E fora assim que sempre sonhara que seria: a olhar para os olhos da rapariga que adorava, cara a cara, peito com peito, com o corpo colado ao

dela, a fundir-se num só. Quanto mais se beijavam, mais ela se mexia. Gabe sentiu que a respiração acelerava e soube que não duraria muito mais.

— Tens de sair! — exclamou.

— O período chega amanhã — indicou ela. — Provavelmente, não haverá problema.

— Yasmine...

— Amo-te, Gabriel. Não há problema.

— Oh, meu Deus... — o seu corpo convulsionou-se com o êxtase, rodeou-a com os braços e agarrou-se aos seus ombros. Depois, cansado e com falta de ar, acariciou-lhe a cabeça enquanto ela beijava as tatuagens. Manteve-a abraçada e os olhos encheram-se de lágrimas de prazer e de tristeza. Porque soube então que, por muito que o esperasse na vida, por muitos encontros amorosos que o futuro lhe proporcionasse, nunca teria um coito tão perfeito como o que acabara de experimentar.

Capítulo 29

Na terça-feira de manhã, o telemóvel de Gabe vibrou às 5h22, oito minutos antes de tocar o alarme. Procurou os seus óculos, acendeu a luz da mesa de cabeceira e leu a mensagem.

Yasmine escrevera: «Uma insónia terrível.»

Ele respondeu: «O que se passa?»

«Chegou-me o período. Sinto-me mal.»

Yasmine não estava a falar por falar. Embora não tivessem falado disso, ambos sabiam que, até chegar o período, havia a possibilidade, por muito remota que fosse, de acontecer um acidente. É claro, a primeira coisa que sentiu foi alívio. A surpresa foi que também experimentou uma certa desilusão.

«Lamento muito. Posso fazer alguma coisa por ti?»

«Não. É sempre assim.»

«As melhoras. Amo-te. Sonha comigo quando voltares a dormir.»

Houve uma longa pausa. Pensou que teria desligado. Mas, então, o telemóvel vibrou.

«Gabe, o que vamos fazer?»

Ele respondeu: «A que te referes?»

«Estou obcecada contigo. Não é normal.»

«Eu também estou obcecado contigo. É o que acontece quando estamos apaixonados.»

«E o que vamos fazer?»

Gabe escreveu: «O que queres fazer?»

«Não sei.»

«E queres fazer alguma coisa?»

Outra longa pausa.

Yasmine respondeu: «Agora, é diferente.»

Outra mensagem dela: «Sabes o que quero dizer.»

Gabe entendia perfeitamente o que queria dizer. «Arrependes-te?»

«Sim e não.»

Yasmine enviou outra mensagem: «Não quero que as coisas sejam diferentes. Quero que ainda me ames.»

As suas palavras partiram-lhe o coração. Conseguia imaginá-la com lágrimas nos olhos. «Claro que te amo, Yasmine, sempre te amarei. Para mim, não mudou nada, só te amo mais, se isso é possível.»

Uma pausa. «E se não quiser voltar a fazê-lo?»

Gabe suspirou novamente. Ele queria fazê-lo novamente. Nos dois últimos dias, fora a única coisa em que pensara. Desejava-a fisicamente; por dentro e por fora, de cima a baixo. Mas sabia que o sexo não seria sustentável. Yasmine era demasiado boa rapariga e demasiado jovem. Sabia que podia insistir, mas não era próprio dele.

Não importava. Aceitava-a com qualquer condição que lhe impusesse.

«O que quiseres, Yasmine. Com ou sem isso, vou amar-te sempre.» Uma pausa. Depois acrescentou: «Ainda morreria por ti.»

«Dizes isso por dizer. Dá-me más vibrações.»

«Só quero deixá-lo claro.»

«Amo-te muito.»

Gabe imaginava o seu sorriso. «E eu amo-te com mais “os”.»

«Senteste-te melhor?», escreveu Gabe.

«Muito melhor.»

Enviou-lhe outra mensagem.

«Agora, só tenho de me preocupar com a hipótese de a minha mãe descobrir.»

Uma terceira mensagem.

«Talvez não devamos encontrar-nos hoje. Para não sermos evidentes.»

Gabe escreveu: «Agora, estou deprimido!»

Depois acrescentou: «Não podemos estar juntos eletronicamente?»

«Como fazemos isso?»

«Não sei. Por exemplo?»

«LOL.»

«Volta a dormir, Yasmine. As melhores. Amo-te.»

«Eu também te amo. Sempre te amarei. Para sempre.»

«Para sempre», respondeu Gabe, antes de desligar o telemóvel.

Apagou a luz e ficou deitado no quarto escuro, a olhar para o nada. Com os óculos postos, distinguia formas e sombras. Uma parte dele alegrava-se por ter uma hora extra de sono. A outra parte sentia a falta dela. Sentia-se

agradecido por o ter feito, mesmo que nunca mais voltassem a fazê-lo. Pelo menos, teria a lembrança, a sensação dos seus corpos a fundir-se. A imagem ainda lhe causava calafrios nas costas. Já para não falar do que lhe causava por baixo da cintura.

A clareza duraria algum tempo, mas sabia que, no fim, se tornaria imprecisa, como o amor da mãe. Não era que a mãe não o amasse; Gabe sabia que o amava. Mas, sem a presença física e tudo o que isso implicava, o amor era abstrato e, portanto, insignificante para ele. Não lhe proporcionava luz quando estava às escuras e decaído.

Yasmine era o seu farol, mas durante quanto mais tempo duraria?

Para sempre.

Até a mãe descobrir.

Depois de desligar o telefone, Marge levantou-se e bateu à porta aberta de Decker.

Ele levantou o olhar.

— Entra.

— Liguei ao Kevin Stanger. — Marge falava apoiada na ombreira da porta. — Esperava que me desse alguns nomes a respeito da pistola. Mas não quer falar connosco. A mãe não nos permite falar com ele.

Decker fez-lhe um gesto com um dedo para que se aproximasse.

— Podes sentar-te? Vou ter uma câibra no pescoço.

Ela sentou-se do outro lado da secretária.

— Não consigo tirar mais nada a estes rapazes. Sem nomes, não podemos fazer nada. Estou aberta a sugestões.

— Uma pena, porque fiquei sem elas — replicou Decker. — Por muito que deteste admiti-lo, talvez seja o momento de fechar o caso do Gregory Hesse e da Myra Gelb.

— Não exageremos — queixou-se Marge. — Ainda temos o computador roubado do Gregory Hesse como caso aberto. Se encontrarmos provas contra o Dylan ou qualquer outro do seu grupo, poderemos reabrir os suicídios. Então, poderás dizer: «Eu bem te disse.»

— Horroriza-me que penses que procuro vingança — troçou Decker.

— Já sabes o que dizem — replicou Marge. — A vingança é um prato que se serve frio.

— Hum... — murmurou Decker. — Tenho a impressão de que, se comesses a vingança fria, acabarias com uma dor de barriga severa.

Com o seu andar desenvolvido e a pasta por baixo do braço, Gabe sentia-se elegante com o seu casaco de bombazina castanho com bolso de pele, a camisa branca, as calças de ganga pretas e umas botas de pele de serpente de sete centímetros. Gostava especialmente da altura acrescentada, que o deixava no metro e oitenta e sete, apenas menos três centímetros do que o pai de meias. Estava bem vestido, elegante, mas informal. Levantou a mão para ajeitar os óculos.

Então, apercebeu-se: não devia usar óculos.

A audição daquele dia era importante — eram pessoas de uma casa discográfica de prestígio de Nova Iorque — e Nick dissera-lhe para se arranjar. Mudou de direção e correu de volta a casa enquanto amanhecia. Yasmine já devia estar acordada, mas, provavelmente, ainda não teria saído de casa. Pensou em escrever-lhe, mas depois pensou que, como estava sempre atrasada, esperaria que lhe escrevesse.

Por uma vez, seria ele a chegar atrasado. Sabia que ela se meteria com ele. Isso fê-lo sorrir.

Não se viam há dois dias e a expectativa de a ver enlouquecia-o de emoção. Embora tivessem trocado palavras de amor e de paixão, não era nada em comparação com uma pessoa de carne e osso: tocar-lhe na face, acariciar-lhe o cabelo, beijá-la, sentir a sua língua, pôr-lhe a mão por baixo da saia.

Merda, estava a excitar-se outra vez.

Assim era difícil correr.

O desvio e a troca dos óculos para as lentes de contacto significaram um atraso de quinze minutos. Quando estava novamente a caminho, escreveu-lhe uma mensagem.

«Estou atrasado. Não digas nada ou terei de te bater.»

Esperou que o telemóvel vibrasse. Passou um minuto e ela não respondeu, portanto, voltou a escrever.

«Estás aí?»

Passou outro minuto.

Que estranho.

Talvez o telemóvel estivesse estragado. Curioso, porque funcionava na

noite anterior.

O coração começou a acelerar. Como de costume, provavelmente, estaria a exagerar, como fazia com tudo. Pensou que não importava. Estava a apenas poucos minutos do seu ponto de encontro, também conhecido como Coffee Bean.

Talvez até chegasse primeiro do que ela, apesar de um atraso de vinte minutos.

E, é claro, quando chegou, ela não estava. O local acabara de abrir e ele era o único cliente. Ainda era cedo. Mas, passados cinco minutos sem ela aparecer, começou a ter uma sensação estranha. Até examinou as casas de banho e sentiu-se como um perverso.

Nada.

O seu instinto dizia-lhe que alguma coisa não estava bem.

— Olá, Gabe!

Virou-se. Naquele dia, no balcão, estava Joe. Yasmine e ele iam lá com tanta frequência que o pessoal já conhecia o seu nome.

— Olá, Joe! Viste a Yasmine esta manhã?

— Não.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

Eram quase seis e meia. Alguns clientes já tinham entrado e saído. A essa hora, Yasmine costuma dignar-se a aparecer.

Saiu para a rua e olhou para ambos os lados.

Sentia o nervosismo no peito. No fundo do seu coração, sabia o que acontecera. A mãe teria descoberto. E tirara-lhe o telemóvel.

Merda!

Ao princípio, sentiu pena de si próprio, mas, depois, pensou em Yasmine.

Iam dar-lhe uma boa descompostura.

Era o momento de ser um homem.

Tinha de ligar aos pais dela e dizer-lhes que a culpa era dele. Mentira-lhe, enganara-a, seduzira-a, abusara com ela...

Talvez isso fosse demasiado. Também não queria que pensassem que era um violador.

Sabia que, provavelmente, não chegaria tão longe. Sem dúvida, a mãe desligaria o telefone assim que se apresentasse.

Mesmo assim, devia fazer o esforço. Receber o golpe pela equipa.

Então, apercebeu-se de que não sabia qual era o seu número de casa.

O mais inteligente seria ir até lá.

A mãe podia fechar-lhe a porta na cara, mas, pelo menos, daria o passo valente de se comportar com nobreza. Mas, antes de o fazer, decidiu ligar-lhe pela última vez.

A ideia era mais do que deprimente. De repente, toda a vitalidade abandonou o seu corpo. Marcou o seu número com mãos trémulas.

Ouviu que o telefone dava sinal e começou a tocar.

O som parecia proceder de baixo dos seus pés.

Olhou para baixo.

Estava a tocar num dos arbustos?

Aquilo era estranho.

Quando saltou para o correio de voz, o telemóvel parou de tocar.

Avistou um brilho prateado.

Baixou-se.

Era um telemóvel.

Era o telemóvel de Yasmine.

Não era só um telemóvel, mas também o relógio de prata que ele lhe dera.

Confuso e assustado, pegou em ambos os objetos e guardou-os no bolso.

A mãe tê-la-ia apanhado antes de entrar? Tê-la-ia levado de rastos? Yasmine teria perdido o telemóvel no processo?

Conseguia entender que tivesse deixado cair o telemóvel a meio da discussão, mas porque haveria de perder o relógio?

De pé na calçada, começou a procurar qualquer indício do que poderia ter acontecido enquanto o sol começava a nascer no horizonte.

«Yasmine, onde estás?»

Talvez devesse ir a casa dela e...

Porquê o relógio?

«Pensa com lógica, idiota», pensou.

Pensou durante alguns segundos e chegava sempre à mesma conclusão. Yasmine deixara-lhe o telemóvel e o relógio como sinal... com a esperança de que ele os encontrasse. Sobretudo, o relógio, algo tão prezado de que nunca se separaria voluntariamente.

Estava em apuros.

Mas como é que uma rapariga como Yasmine podia meter-se em apuros?

Um assaltante?

Um perverso?

Um sequestrador?

A cabeça trabalhava a mil à hora e o coração acelerava no peito.

E, então, o seu cérebro recordou uma coisa, o motivo que o levava ao Coffee Bean.

O imbecil do Dylan e o seu grupo de seguidores... Ele agia como se fosse o dono do Starbucks e Gabe enfrentara-o.

Mas, sem dúvida, Yasmine não faria nada para ofender Dylan. Não o enfrentaria.

No entanto, não conseguia tirá-lo da cabeça... Sobretudo a loira com quem Dylan estava... Esse olhar que tinha no dia em que se encontraram na paragem do autocarro... A marijuana na mala... A raiva nos seus olhos quando rejeitara ir com ela para casa.

Como se chamava?

Cam... Cameron. Não lhe dissera o seu apelido. Era louca, o tipo de rapariga que procuraria vingança...

De repente, a garganta fechou-se... E se...?

Merda!

«Pensa, imbecil! Pensa!»

Com o coração na boca, deixou cair a pasta com as partituras e deixou-se levar pelo instinto. Começou a correr com umas botas que não tinham sido feitas para isso.

Não importava. Correu a toda a velocidade para a paragem do autocarro.

Capítulo 30

O grupo encontrava-se a um quarteirão da paragem do autocarro, a percorrer Greendale Park e os seus arvoredos. Deviam ser uns cinco, mais ou menos: Gabe ainda não conseguia pensar com clareza. Acelerou pela última vez, precipitou-se contra o grupo e rodeou Dylan e outro rapaz com cabelo comprido e acne com os braços, ambos mais baixos do que ele, sobretudo, quando usava botas com saltos de sete centímetros. Os outros ficaram perplexos.

— Eh, o que se passa aqui? — perguntou Gabe.

Dylan recuperou depressa, pôs distância entre eles e puxou a pequena figura que levava de rastos. Gabe ainda estava confuso, mas apercebeu-se de que Yasmine tinha um revólver apontado atrás dela.

— Isto é o que acontece. — Dylan puxou Yasmine pelo cabelo e virou-lhe a cabeça para que Gabe conseguisse ver a sua expressão de horror. Olharam-se nos olhos, os dela estavam chorosos, a rogar-lhe com o olhar que fizesse qualquer coisa. Então, sentiu algo duro na nuca.

Ouviu aquele clique delator.

E, quando isso aconteceu, uma calma sinistra apoderou-se subitamente do seu corpo, como quando atacara aquele assaltante há um ano... ou como quando o seu pai disparava para que se habituasse ao barulho das balas. O seu cérebro mudou-se imediatamente para uma zona que mal visitava; a do filho do seu pai. Os seus batimentos tranquilizaram-se e viu a situação com outra clareza.

Dylan atirara a cabeça de Yasmine para a frente para que Gabe não pudesse ver-lhe a cara.

— Tu divertiste-te com a minha rapariga — comentou. — Agora, chegou o momento de retribuir o favor. — Cravou a pistola nas costas de Yasmine com mais força. Ela deu um grito de dor. — Tu também podes participar, se quiseres... — Sorriu com malícia. — Podes segurar-lhe os braços enquanto nos divertimos com ela.

Gabe encolheu os ombros para lhe tirar importância. A sua mente

trabalhava mais depressa do que a sua boca. Pensando antes de falar, ouvindo a voz do pai na cabeça.

«Tenho muitos inimigos, Gabe. Tens de ter cuidado. Se alguma vez te vires num apuro e não conseguires localizar-me, começa a pensar num plano. E, quando tiveres um plano, nunca, nunca, penses nas consequências. Simplesmente, age.»

Acelerou o passo e obrigou o rapaz que lhe apontava a arma à cabeça a andar mais depressa. Os outros seguiram-nos.

— A sério, Dylan, não sei do que estás a falar. Eu não fiz nada com a tua rapariga. — Gabe examinou o grupo com o olhar. Eram seis em vez de cinco. Quatro rapazes e duas raparigas: Cameron e uma morena. — Nem sequer sei qual é a tua rapariga.

— Que mentiroso — murmurou Cameron.

— A loira? — Gabe andava cada vez mais depressa. — A que te chamou imbecil?

Dylan tremeu por um instante.

— Olha — continuou Gabe —, eu não sabia que era tua. E, certamente, não estive com ela. Vi a tua miúda duas vezes. Primeiro, quando te conheci e, depois, na paragem do autocarro. — Gabe apontou para a frente. — Naquela paragem de autocarro, de facto.

E o autocarro só passaria dentro de vinte minutos.

«Pensa num plano e age.»

— Eram seis e meia da manhã. — Gabe tentou fazer com que a voz não tremesse. — Eu estava à espera do autocarro. Ela tinha comprado alguma coisa e convidou-me para casa dela para fumar. Aparentemente, os pais dela saem muito cedo para trabalhar.

«Quem ataco primeiro? O que aponta a pistola para Yasmine ou o que aponta a pistola para mim?»

— Disse que a drogaste e a violaste — indicou Dylan.

— Dá-me uma pausa, homem, pareço-te um gajo que tem de violar para ter sexo?

— É um puto mentiroso, Dylan! — gritou Cameron. — Tu próprio viste as marcas.

— Que marcas?

— Quando me ataste...

— Acreditas nessa merda, Dylan? — perguntou Gabe, rindo-se. — Vá lá,

és um rapaz inteligente. Não fui a casa dela, mas não porque queria faltar-lhe ao respeito. Não fui porque tinha uma audição às oito da manhã com um agente de uma casa discográfica importante...

— Violaste-me, imbecil!

— Era a oportunidade da minha vida, homem...

— Prendeu-me e violou-me...

— E não deixaria passar uma oportunidade assim, nem mesmo pela rapariga mais bonita do mundo. — Gabe apercebeu-se de que Dylan estava a digerir aquela informação contraditória. — Podes acreditar no que quiseres, homem, mas nunca lhe toquei. Eu ganho o sexo de forma legal. Violar é para perdedores.

Dylan hesitava com o olhar. Gabe estava praticamente a correr.

— Além disso, se precisar de alguma coisa, o meu pai oferece-me. Porque haveria de violar alguém se posso ter todo o sexo que quiser e quando quiser?

— Sim, já me esquecia — declarou Dylan, com desdém. Talvez não fosse boa ideia falar do seu pai. — És tu que tens um pai proxeneta.

Gabe encolheu os ombros.

— É verdade. Chama-se Christopher Donatti. Algum dos teus amigos deve ter Internet no telemóvel. Procurem-no.

«O melhor será atacares o que aponta a arma para ti. A esta altura, já terá o braço cansado por o ter levantando durante tanto tempo.»

Além disso, não conseguiria ajudar Yasmine se estivesse morto.

— Falo a sério — insistiu Gabe. — Procura na Internet. — Soletrou o apelido. O sol estava cada vez mais alto e eram quase sete, a hora a que o autocarro chegaria. O parque continuava deserto, mas, em breve, começariam a aparecer pessoas para passear os cães e coisas assim. Dylan também devia ter-se apercebido daquilo, de modo que Gabe sabia que tinha muito pouco tempo. Andavam por um labirinto de árvores, ainda meio escondidos.

Um dos rapazes, de cabelo curto e em pé e com o queixo afundado, tirara um *iPhone*.

— Christopher Whitman Donatti — anunciou, em voz alta.

— É ele.

— Filho adotivo do mafioso Joey Donatti, líder do grupo Charino em Nova Iorque e Chicago...

— Adivinha quem ocupou o seu lugar quando o Joey morreu — indicou Gabe.

A voz do rapaz tremeu por um instante, antes de continuar.

— Passou seis meses na penitenciária de Piedmont pelo assassinato da Cheryl Diggs quando tinha dezoito anos e foi posto em liberdade seis meses depois, quando se descobriram novos dados.

— Isso é verdade.

— Detido duas vezes por estar relacionado com as mortes do Leon Graciano e do Paul Lorelli. Foi absolvido da primeira acusação, a segunda acabou com um julgamento nulo devido à morte de uma testemunha e à falta de provas.

«Obrigado, papá, por seres um psicopata.»

Dylan olhava de um lado para o outro. Obviamente, estava a tramar qualquer coisa, mas, mesmo assim, compreendia a importância do que o amigo lhe dizia. Gabe viu que Dylan hesitava, receoso de atacar o filho de um mafioso real.

— Agora, o Donatti tem casas editoriais e numerosas propriedades imobiliárias em Nova Iorque e no Nevada. — O rapaz engoliu em seco. — Aqui, não diz nada sobre prostíbulos.

Gabe suspirou com exasperação.

— És imbecil ou quê? O meu pai é um criminoso, homem. Não pode ter coisas assim. Todos os seus casinos e prostíbulos estão em nome da minha mãe. Teresa McLaughlin Donatti. Também deve aparecer por aí, em algum lado, não é?

O rapaz não respondeu.

— E sabem? Não me chamo Chris. O meu nome é Gabriel. Gabriel Matthew Whitman. E sei que também estou aí, porque procurei o nome do meu pai no Google milhões de vezes. Mais alguma pergunta que possa responder sobre a minha família?

Ninguém disse nada. Então, chegou o seu momento.

Travou e baixou-se, o que fez com que o rapaz que estava atrás de si tropeçasse. A pistola que tinha na mão ficou por cima da cabeça de Gabe. Com um movimento rápido e fluido, Gabe agarrou-lhe a mão, torceu-a e arrebatou-lhe a *Luger 9 mm* semiautomática. Levantou o olhar a tempo de ver como Dylan apontava para o peito dele com a pistola. Ouviu um grito e pensou que podia ser o dele. Yasmine, que se virara quando Dylan parara de apontar a arma para as costas dela, deu-lhe uma cotovelada na mão uma milésima de segundo antes de a pistola disparar.

A bala passou muito perto do seu corpo.

O que não o incomodou muito, apesar do zumbido intenso.

O barulho e o retrocesso fizeram com que Dylan desse um salto para trás e concedesse margem suficiente a Gabe. Num instante, pôs-se atrás de Dylan e apontou a semiautomática para a nuca dele, cravando-lha na pele, orientada para o crânio. Com as botas, Gabe era dez centímetros mais alto do que Dylan.

— Se te mexeres, és um homem morto.

Antes de Dylan conseguir dizer alguma coisa, Gabe tirou-lhe a pistola de 5,6 *mm* com a mão esquerda. Depois, trocou as pistolas. Sentia-se mais confortável a apontar para Dylan com a 5,6 *mm* e a segurar a 9 *mm* com a esquerda. Tinha mais balas, no caso de precisar de a usar. Pelo canto do olho, viu que o tipo de cabelo comprido e acne punha a mão no bolso. Gabe disparou com a mão esquerda e quase lhe acertou no braço. Com a 5,6 *mm* da mão direita, continuava a apontar para o pescoço de Dylan.

— Dei-te permissão para te mexeres? — perguntou ao do cabelo comprido.

O tipo tremia e levou a mão ao braço.

Talvez lhe tivesse tocado no braço com a bala. Melhor.

— Responde-me, filho da puta! — gritou Gabe. Disparou outra vez para perto da cabeça. A sua voz era mais suave daquela vez. — Dei-te permissão para te mexeres?

— Não — sussurrou o outro.

Gabe estava tranquilo.

— Se alguém se mexer, vai transformar-se em adubo para plantas. — Olhou para Cameron. — E isso inclui as damas. Entendemo-nos?

Ninguém falou. De repente, Gabe apercebeu-se da dor que tinha nas costas. Alguém devia ter-lhe batido nas costelas. Olhou para eles, um a um, e apontou para eles ao mesmo tempo com a pistola da mão esquerda, sem parar de se mexer para não perder ninguém de vista. Então, recordou a razão que o levava até ali.

— Foge — indicou a Yasmine.

Ela não se mexeu. Ou se recusava a abandoná-lo ou estava paralisada pelo medo.

— Vai-te embora, Yasmine! Corre!

Em vez disso, Yasmine abanou a cabeça e ficou colada ao chão.

Maldita louca! Era verdade que estava louca, tão louca como ele, e não entendia bem o que significaria cair junto dele. Gabe continuou a apontar para Dylan com a mão direita sem parar de mexer a esquerda de uma pessoa para outra.

Se Yasmine não se ia embora, pelo menos, trabalharia com ela.

— Que horas são, Yasmine?

— Não tenho relógio.

— Certo. Tira o meu telemóvel do bolso. — Mexia a pistola de uma pessoa para outra.

Yasmine obedeceu com rapidez.

— Doze minutos para as sete.

Faltavam dez minutos. Ainda bem que tinha as lentes de contacto. Caso contrário, a única coisa que teriam de fazer seria tirar-lhe os óculos e deixaria de ver.

— Yasmine, tira a mala às raparigas.

— Vão roubar-nos? — perguntou o rapaz de cabelo curto.

Gabe disparou uma bala na sua direção.

— Se voltar a ouvir a tua voz, será a última coisa que vais ouvir na vida. Entendido?

Não houve resposta.

— Tira-lhes a mala — insistiu. Ao ouvir a sua voz, a rapariga começou a mexer-se. Depois de lhes tirar as malas, ele disse: — Muito bem, atira as coisas para os arbustos... Espalha tudo. Atira. Faz o que for preciso.

Yasmine fez o que lhe ordenava.

Quando acabou, Gabe perguntou:

— Que horas são?

— Oito para as sete — respondeu ela.

— Muito bem. Agora, examina as mochilas dos rapazes e espalha as coisas deles por todo o lado, tal como fizeste com as malas. Entendido?

— Entendido.

Yasmine era perfeita. Agir primeiro, perguntar depois. Atirou três *iPhones* e um *BlackBerry*, quatro carteiras, dois cachimbos de *crack*, vários pacotes de mortalhas, vários saquinhos de erva, alguns sacos de metanfetaminas, um saco de *crack* e vários sacos de *ecstasy*, cocaína e comprimidos que Gabe não identificou ao ver, para além de livros e coisas das aulas. Yasmine tirou o dinheiro e os cartões de crédito das carteiras e espalhou tudo, até Gabe ver o

autocarro a aproximar-se pela estrada.

Agarrou no braço de Yasmine com a mão esquerda e ambos começaram a correr para trás. Ele não parava de apontar a arma da mão direita para o grupo.

— Divirtam-se com a caça ao tesouro — murmurou.

Então, viraram-se, guardou as pistolas no casaco e ambos correram como o vento até chegar à calçada. Gabe bateu nas portas do autocarro até se abrirem e Yasmine e ele entrarem. Assim que estiveram a salvo, Gabe sentiu os batimentos do seu coração e a adrenalina que percorria o seu corpo. Tremia com mais força do que Yasmine, que se encarregou de pagar os bilhetes.

Dirigiram-se para a parte de trás do autocarro e encontraram dois lugares vazios. Sem dizer nada, entregou-lhe o telemóvel. Gabe tremia tanto que quase caiu enquanto marcava os números.

Da primeira vez, saltou para o correio de voz.

Carregou no botão verde e voltou a tentar.

«Por favor, atende. Por favor, atende. Por favor, atende.»

E, quando atenderam, Gabe mal conseguia pronunciar as palavras.

— Peter... — Estava com falta de ar. — Peter, estou em apuros.

Decker demorou uns instantes a reconhecer aquela voz com falta de ar.

— Gabe?

— Sim, desculpa. Sou Gabe.

Decker ficou alerta, mas manteve a voz firme.

— Onde estás?

— Estou no... — Gabe respirava com dificuldade. — Estou no autocarro... Meu Deus, nem sequer sei onde estou. Espera... Deixa-me ler o nome da rua. — Deu o nome da rua a Decker, assim como a morada. — Podes vir buscar-nos?

«Buscar-nos?»

— Vou já para aí. — Decker acabara de pôr o carro no estacionamento da esquadra. Fez marcha-atrás e saiu dali. — Corres perigo físico agora?

— Talvez.

Decker ligou a luz vermelha no tejadilho do carro e acendeu a sirene.

— Iminente?

— Não sei. Acho que estamos bem agora. — Ouviu a sirene de fundo.

Nunca um Sol sustenido lhe soara tão bem. — Onde nos encontramos?

— Fica no autocarro e eu vou ter com vocês. Estou a cinco minutos. Mantém-te ao telefone, está bem?

— Sim. Continuo aqui.

Decker ouvia a conversa amortecida: palavras entrecortadas e muitos suspiros. Mesmo com a sirene e as luzes, demorou um pouco mais a alcançar o autocarro devido ao trânsito da manhã.

— Estou mesmo atrás de ti — informou, antes de desligar a sirene. — Sai na próxima paragem.

— Está bem.

Aquele mastodonte avançou mais alguns quarteirões, até parar numa paragem cheia de trabalhadores. Decker saiu do carro, ficou junto da porta do passageiro e esperou. Pouco depois, saíram duas figuras de mão dada do autocarro.

Gabe era muito mais alto do que ela.

Quando a rapariga e ele se aproximaram, Decker viu que ela tinha os olhos vermelhos e inchados e que parecia ter menos de dezassete anos, como Gabe assegurara.

Além disso, era-lhe familiar.

E, então, localizou-a: a rapariga persa da loja, não a que seduzira Gabe, mas a mais nova, que parecia ter dez anos e cantava ópera. E, de repente, tudo encaixou. Abriu a porta de trás e os jovens entraram. Ela tremia e começou a chorar assim que pôs o cinto. Gabe também tremia. Estava pálido.

— O que aconteceu? — perguntou Decker.

O rapaz e a rapariga começaram a falar ao mesmo tempo. Gabe estava com falta de ar. A rapariga falava entre soluços.

— Pensei que um grupo de valentões a tinha raptado... — dizia ele.

— Diziam que iam violar-me... — contava ela, a chorar.

— Encontrei o telemóvel dela e o relógio no chão e soube que se passava alguma coisa...

— E matar-me...

— Alcancei-os e estavam a apontar-lhe uma pistola. Então, um cabrão apontou para mim.

— Ameaçaram-me com... com coisas horríveis. — Chorava tanto que era difícil de entender. — E as raparigas... eram piores do que os rapazes!

— Tirei a pistola ao rapaz e... e acabei com duas pistolas... É tudo um

pouco confuso.

— O Gabe salvou-me a vida...

— Como acabei com duas pistolas? — questionou-se Gabe.

— Um momento, um momento — pediu Decker. — Vamos por partes. Sabem quem são essas pessoas?

— Não! — exclamou Yasmine. — Nunca os tinha visto na minha vida!

— O líder é um rapaz chamado Dylan — explicou Gabe.

— Dylan? — repetiu Decker. O coração acelerou.

— Sim, Dylan. Vi-o uma vez há quatro meses. É um imbecil e adora pistolas.

— De onde o conheces? — perguntou Decker.

— Não o conheço, só o vi uma vez. É uma longa história.

Yasmine esbugalhou os olhos.

— Acho que eu tinha visto a loira uma vez.

— A sério? — perguntou Gabe.

— Sim, no Coffee Bean. Estava... A olhar para mim.

— Quando foi isso? — perguntou Gabe.

— Há dois meses. Usava umas botas *Christian Louboutin*.

— Porque não me disseste?

— Dizer-te que uma rapariga estava a olhar para mim com má cara?

— Meu Deus! — resmungou Gabe. — Provavelmente, viu-nos juntos!

— Lembro-me de que pensei: «Porque me odeia?»

— É tudo culpa minha! — exclamou Gabe.

— Pensei que talvez não gostasse de persas.

— Esperem. Um de cada vez. — O coração de Decker acelerava a toda a velocidade. — Sabem o apelido do Dylan?

— Não — replicou Gabe. — Poderia descrevê-lo. E uma das raparigas chama-se Cameron. A loira. É uma tarada. Dizia que eu a tinha violado. Juro-te, Yasmine, que nunca toquei nela.

— Não acreditei — tranquilizou-o, abraçando-se ao seu braço. — Sabia que era mentira.

Decker tentava fazer com que não se perdessem na história.

— Onde aconteceu tudo isso?

— No Coffee Bean — esclareceu Yasmine.

— Raptaram-te no Coffee Bean? — perguntou Decker.

— Mesmo à porta — indicou Yasmine, antes de se virar para Gabe. — Saí

para te procurar porque estavas atrasado e parecia-me estranho.

— Esqueci-me das lentes de contacto para a audi... Merda! Tenho uma audição dentro de uma hora!

— Não vais a lado nenhum — avisou Decker.

— Deixei as partituras no Coffee Bean. O meu agente vai matar-me se não aparecer!

— Gabriel, não vais a lado nenhum — insistiu Decker.

— Não, tu não entendes! — protestou Gabe. — O Jeff vai matar-me.

— Eu arco com as consequências — tranquilizou-o Decker. Era evidente que o rapaz não pensava com clareza. — E aconteceu tudo em frente do Coffee Bean?

— Não sei de onde a levaram. — Gabe respirava com dificuldade. — Alcancei-os no Greendale Park. — Cada baforada de ar era um esforço. — Peter, talvez ainda continuem lá, porque atirámos todas as coisas deles por lá e, provavelmente, ainda continuam à procura. Pensei que, se espalhássemos as porcarias deles, isso os manteria ocupados enquanto fugíamos.

Decker telefonou a Marge imediatamente.

— O que se passa? — perguntou ela.

— Situação de emergência. Quero-te e a todas as unidades disponíveis no Greendale Park. Detém todos os que encontrarem e mantém-nos lá até eu chegar.

— Todos?

— Todos. Faço uma seleção depois. Tem especial cuidado com qualquer adolescente que encontrares. Podem ter armas.

— Provavelmente, pode prendê-los, tenente — indicou Yasmine. — Todos eles tinham drogas.

Decker dirigiu-se a Marge.

— Se encontrares alguém em posse de armas, drogas ou contrabando ilegal, prende-o imediatamente. Mas, repito, tem especial cuidado. Estão armados.

— Eu tenho as armas deles — indicou Gabe. — Mas talvez tenham mais.

«A Máfia da B e W», pensou Decker.

— Onde estão essas pistolas?

— Onde? — apalpou o casaco. — No bolso. — Deu o telemóvel e o relógio a Yasmine. — Foi uma boa ideia deixar isto no chão para que o encontrasse. És muito inteligente.

— Tinha de fazer qualquer coisa — indicou ela.

— És brilhante.

Decker ainda estava a tentar fazer com que se concentrassem.

— Quantas armas tens, Gabe?

— Duas. Lembro-me de que um rapaz tentou tirar uma pistola para me apontar. Tinha o cabelo comprido e borbulhas. Disparei, mas pode ter uma pistola.

Decker deu a informação a Marge.

— Estou a poucos segundos — informou-o, antes de desligar.

— Queres que tas entregue? — perguntou Gabe. — As armas.

— Sim, quero-as, mas não quero que mas entregues num carro em movimento. Podes dar-mas quando chegarmos à esquadra. — Houve uma pausa. — Sabes se estão carregadas?

— Estão carregadas — confirmou Gabe. — O Dylan disparou.

Decker voltou a marcar o número de Marge. Demorou um minuto, mas, no fim, conseguiu contactar com ela.

— Não deixes que nenhum dos rapazes lave as mãos até teres procurado vestígios de pólvora. Sobretudo, com um rapaz chamado Dylan.

— Dylan? — repetiu Marge.

— Sim, Dylan — confirmou Decker.

— Entendido — disse ela. — Estou a estacionar. — Desligou o telefone.

A cabeça de Decker funcionava tão depressa que era difícil pensar. Conduziram em silêncio durante um minuto.

— Gabe, disparaste alguma das pistolas?

— Sim. A *Luger 9 mm* semiautomática pelo menos duas vezes, mas não me lembro se disparei a 5,6 *mm*.

Decker sentiu um aperto no coração.

— Feriste alguém?

— Não... Pelo menos, acho que não.

— Tens a certeza?

— Não tenho a certeza de nada.

Passaram os minutos. Marge ligou-lhe.

— Encontrámos seis adolescentes a apanhar os seus pertences. É tudo um caos. Ligo-te mais tarde.

— Há alguém ferido? — perguntou Decker, mas Marge já desligara. — Deteve seis adolescentes — informou-os.

— São todos — disse Gabe.

— E tens a certeza de que não feriste ninguém?

— Não matei ninguém — declarou Gabe. Depois, virou-se para Yasmine.

— Estavam todos de pé quando nos viemos embora, não estavam?

— Sim — confirmou ela. — Estavam todos de pé. Não feriste ninguém.

— Tens a certeza?

— Não sei bem.

— Talvez chame uma ambulância, pelo sim pelo não — decidiu Decker.

Gabe recostou-se no banco.

— Talvez devas chamar uma para mim. Sinto-me como se fosse desmaiar.

— A sério? — perguntou Decker.

— Não, não... Estou bem. Um desses cabrões deu-me um murro nas costelas. Talvez tenha partido alguma coisa. — Abriu o casaco e levou a mão a esse ponto. Tinha a camisa quente, húmida e peganhenta. Afastou a mão e viu que estava manchada de sangue. — Devo ter-me cortado — comentou, confuso.

— Meu Deus! — gritou Yasmine levando as mãos à cara. — Gabe, deram-te um tiro!

Decker voltou a pôr a sirene por cima do carro. Deu a volta e dirigiu-se para o hospital.

Capítulo 31

Ligar a Rina primeiro não foi fácil, mas foi canja comparado com a chamada seguinte.

— Será melhor que seja importante! — gritou Donatti, através da linha. — Interrompeste-me num momento muito inoportuno.

— Trata-se do Gabe — esclareceu Decker. — Está bem, mas deram-lhe um tiro. Tens de vir para Los Angeles imediatamente.

O silêncio do outro lado da linha foi agónico.

— É grave?

— Quando o levaram para as Urgências conseguia responder às perguntas. Não tinha perdido os sentidos. Agora foi tirar radiografias...

— Algo vital?

— Não sei.

— A bala continua dentro ou saiu pelo outro lado?

— Isso também não sei.

Outro silêncio interminável.

— O que aconteceu?

— Não conheço os detalhes, mas posso contar-te o que me disse — explicou Decker. — Ligou-me há meia hora e disse-me que estava em apuros. Aparentemente, a namorada tinha sido raptada por um grupo de valentões adolescentes... Sabias que tinha namorada?

— Sim, uma rapariga chamada Yasmine.

Mesmo ao longe, Chris sabia mais sobre Gabe do que ele.

— Segundo consegui entender, alcançou o grupo e conseguiu salvá-la, mas deram-lhe um tiro entretanto...

— Quem disparou? — A voz que o interrompeu parecia tranquila.

— Não sei. É a verdade — replicou Decker. — Detivemos alguns adolescentes, mas nem sequer sei se são os que atacaram o Gabe. A Yasmine está comigo. Iremos para a esquadra quando a Rina chegar ao hospital. Não quero deixar o Gabe sozinho até a Rina... Espera, o médico está a sair. Vou pô-lo ao telefone. — Decker passou o telefone a um médico com roupa

cirúrgica. — Estou a falar com o pai do Gabriel Whitman. Chama-se Christopher Donatti.

— Obrigado. — O médico pegou no telemóvel. — Senhor Donatti, sou o doutor Morland. Primeiro, o seu filho vai ficar bem. Fala e responde com normalidade. Tem uma ferida de bala, mas não atingiu nenhum órgão vital. Recomendo que seja operado imediatamente. Na radiografia, aparece uma bala alojada nas costelas. O osso está partido e, quanto mais depressa a tirarmos, mais fácil será curar-se.

Silêncio.

— Sim? — inquiriu o doutor Morland.

— Sim, continuo aqui — confirmou Donatti. — Está bem?

— Sim, vai ficar bem. Não atingiu os órgãos vitais.

— Tem a bala nas costelas?

— Na nona costela, para ser exato.

— Era de 5,6?

— Perdão?

— A bala — esclareceu Donatti. — Algo de maior diâmetro teria destruído o osso e teria atravessado o corpo dele.

— Provavelmente. — Morland fez uma pausa. — Tenho a sua permissão para o operar?

— Sim, pode operar.

— Pode enviar-me um fax a dizer que dá a sua permissão ao hospital para fazer o que for necessário pelo bem-estar do seu filho?

— Sim, posso fazê-lo.

— Gostaria de falar com ele antes da operação?

— Porquê? Acha que poderia morrer?

O doutor Morland pareceu perturbado.

— Não há razão para isso, senhor Donatti.

— Então, falarei com ele quando sair. Deixe-me falar outra vez com o inspetor-coordenador Decker.

O cirurgião pareceu perturbado, mas passou o telefone a Decker.

— Não quer falar com o filho. Quer falar consigo.

Decker assentiu.

— Do que precisas, Chris?

— O médico diz que está bem. Não parece que tenha de ir agora. Tentarei ir esta noite. Se não conseguir, vejo-o amanhã.

«Frio», pensou Decker.

— O que achares melhor, Chris.

— E a Rina vai ficar com ele? Não quero que fique sozinho.

— Vai ficar com ele até chegares. Mesmo à noite. — Decker deu-lhe toda a informação necessária. O nome e a morada do hospital, o seu número de telemóvel e o de Rina.

— Preciso do número de fax do hospital para lhes dar permissão para operar.

— Vou arranjá-lo. — Decker fez uma pausa. — Lamento, Chris.

— O quê? Não foste tu que disparaste.

— O Gabe estava ao meu cuidado. Sinto-me responsável.

— A mãe e eu estragámos tudo. Além disso, não podes vigiá-lo vinte e quatro horas por dia. É a idade. As crianças que fingem ser adultos com pistolas. Eu era assim tão estúpido quando me conheceste?

— Tu eras inteligente, mas também eras estúpido.

— Sim, gostaria de pensar que era diferente, mas, provavelmente, era um imbecil. A única diferença é que, se eu tivesse disparado contra alguém, esse alguém teria morrido.

Quando Decker entrou com Yasmine na esquadra, ela estava agarrada ao seu braço. Não parara de chorar, ameaçando suicidar-se se Gabe não sobrevivesse. A sala da brigada estava cheia de gente, um caos quase incontrolado cheio de adolescentes, inspetores, agentes da polícia e montanhas de papelada. Normalmente, as coisas eram bastante civilizadas. Naquele dia, parecia um verdadeiro cenário de televisão. A inspetora Wynona Pratt, recém-chegada aos Homicídios, estava sentada no centro da sala a falar com uma jovem de cabelo comprido e escuro. Assim que Yasmine reparou na adolescente, começou a tremer descontroladamente. A morena tremia de igual forma e dirigiu-se a Yasmine.

— Lamento muito, lamento muito, lamento muito, lamento muito.

— Leva-a para uma sala de interrogatórios imediatamente — disse Decker a Wynona.

— Estão todas ocupadas, inspetor-coordenador — indicou a inspetora.

— Então, usa o meu escritório.

— Entendido.

Yasmine continuava agarrada ao braço de Decker, a soluçar. Ele olhou à volta em busca de ajuda. Wanda Bontemps aproximou-se para o salvar.

— Do que precisa, inspetor-coordenador?

— Há alguma outra sala disponível?

— Não. Podemos usar a casa de banho das senhoras.

— Está bem, leva-a para lá. Mas, antes de lhe perguntares seja o que for, tenho de ligar aos seus pais...

— Não! — gritou Yasmine.

— Yasmine, temos de informar os teus pais — indicou Decker, com firmeza. — Deveria tê-lo feito quando estávamos no hospital, mas não tive tempo.

— A minha mãe vai matar-me.

— Garanto-te que, quando souber das circunstâncias, vai alegrar-se por ainda respirares. — Decker virou-se para Wanda. — Esta é a inspetora Bontemps. Vai tomar conta de ti até a tua mãe chegar.

— Acho que vou vomitar — replicou Yasmine, com vômitos.

— Vou levar-te à casa de banho — disse a inspetora, antes de se virar para Decker. — Eu ligo à mãe dela.

— Melhor ainda — disse Decker. Quando Bontemps levou Yasmine, viu Lee Wang e fez-lhe gestos para que se aproximasse. — Tens um minuto?

— Estou com um dos adolescentes.

— Com qual?

— O Jerome John Little, mais conhecido como JJ.

— Onde está o JJ agora?

— Na sala quatro. O Willy está com ele. — Willy era William Brubeck, com mais de trinta anos de serviço. — Tem dezassete anos. Queres que avise os pais?

— Se está a falar, deixem que fale. Se perguntar pelos pais, não temos escolha. Diz ao Willy para seguir em frente. Eu tenho outra tarefa para ti. — Fez um gesto com a mão para Marge enquanto falava com Lee. Entregou-lhe um saco de provas. — Procura estas pistolas no sistema. Há duas; uma *Luger 9 mm* semiautomática e uma *Smith and Wesson* de 5,6 mm. Descobre se estão registadas, quem são os seus donos e se alguma delas foi roubada.

— Não há problema.

Marge soprou.

— Pediste-nos para prendermos todos os que pudéssemos e foi o que

fizemos. Um deles, o Kyle Kerkin, de cabelo comprido, tinha uma arma de fogo. Uma *Glock* 7,65 mm. O Dylan tinha metanfetaminas no bolso de trás. Ao prendê-lo por posse de drogas, perdeu as forças. Então, perguntámos-lhe se podíamos examinar-lhe as mãos para procurar resíduos de pólvora. Estava tão nervoso que disse que sim. E deu positivo.

— Fantástico! Quantos anos tem o Dylan?

— Dezoito.

Decker sorriu de orelha a orelha.

— Melhor ainda!

— A má notícia é que, agora que teve tempo para pensar, quer um advogado.

— Isso não significa que as provas não sejam válidas, sobretudo, sendo adulto.

— Certamente. Além disso, não vai poder livrar-se das acusações por posse de droga.

— Agora, o Dylan tem coisas piores para enfrentar... Como uma tentativa de assassinato.

Marge assentiu.

— Temos muitas acusações com que trabalhar, Pete. Dois dos adolescentes tinham cocaína e metanfetaminas, um deles tinha um cachimbo e um saco que, provavelmente, tinha *ecstasy*. As raparigas tinham erva e compridos e a loira também tinha metanfetaminas. A morena, a Darla Holbein, tem dezassete anos. Dois dos rapazes, o JJ Little e o Nate Asaroff, também têm dezassete. A Cameron Cole e o Kyle Kerkin, juntamente com o Dylan Lashay, têm mais de dezoito.

— E era o Kerkin que tinha a *Glock*?

— Sim. Tinha uma *Glock* e tem mais de dezoito anos.

— Onde está a pistola?

— O Drew Messing está a procurá-la no sistema. Já deve ter acabado.

— Havia mais alguma pistola para além da *Glock*?

— Não.

— O Gabe não sabe quem lhe deu o tiro.

— O Dylan era o único que tinha resíduos nas mãos.

— Tens a certeza?

— Sim. Examinámo-los a todos.

— Falaste com algum dos adolescentes para saber a sua versão da história?

— É claro. Dizem que só estavam a passear quando o Gabe e a rapariga os atacaram.

— E o Gabe deu um tiro a ele próprio?

— Nem sequer sei se sabem que o Gabe foi ferido. Certamente, nós não lhes dissemos nada. Todos se cingem à história do roubo.

— Não encontrámos nada no Gabe nem na rapariga, que se chama Yasmine Nourmand.

— Dizem que o Gabe e a rapariga foram assustados por um bom samaritano. Fugiram a correr e atiraram tudo o que tinham roubado para os arbustos. Até dizem que as drogas eram do Gabe e da rapariga e que eles as tinham guardado como provas para mostrar à polícia. Temos de reconhecer. Tinham os seus álbis preparados, mesmo antes de os determos.

— Algum deles chamou a polícia e denunciou o roubo?

— Que eu saiba, não.

— Alguém do grupo ligou para as emergências?

— Não sei. Todas as unidades que encontrei no parque tinham respondido à minha chamada.

— O Gabe ligou-me imediatamente. Não significa nada... Só que pediu ajuda... Sei que podem dizer que lhe dei instruções... coisa que não fiz. Mesmo assim... — Decker pensou nisso durante uns segundos. — Tu mandas. Eu não posso envolver-me demasiado nisto.

— Não há problema. Já imaginava.

— O Gabe diz que deixou as partituras no Coffee Bean antes de ir a correr procurar o grupo. Envia alguém para as fotografar e para as guardar como prova. Isso vai dar credibilidade à declaração dele.

— Não há problema.

— Quem achas que é o elo mais fraco da Máfia da B e W? — perguntou Decker.

— São muito piores do que pensava — confessou Marge.

— Penso o mesmo.

— O elo mais fraco? — Marge fez uma pausa. — Eu diria que a morena de dezassete anos, a Darla Holbein. Perdeu-se depressa.

— Sim, quando entrei com a Yasmine, não parava de se desculpar com ela. — Decker tirou o bloco e anotou algumas coisas. — O que significa que, se o Gabe e a Yasmine atacaram o grupo, porque é que a Darla pediu desculpas?

— Vou mencioná-lo ao promotor público.

— Quem é o próximo elo mais fraco? — perguntou Decker.
— É um empate entre o JJ Little, que não parou de chorar, e o Kyle Kerkin, que se mijou quando encontrámos a pistola.
— O Kyle Kerkin tem mais de dezoito anos, não tem?
— Sim.
— Perfeito. A Darla está com a Wynona.
— Perguntou pelos pais. Já foram notificados e vêm a caminho — explicou Marge. — O que fazemos com o Dylan, que está a pedir um advogado?
— Deem-lhe um advogado. Ele será o último com quem falaremos. Quando fizermos com que todos os outros o denunciem.

Yasmine entrou a correr na casa de banho. Nem sequer teve tempo de fechar a porta. Demorou alguns minutos a sair, a limpar a boca com papel higiénico. Tremia descontroladamente.

— Não consigo parar de tremer.
— É da adrenalina. — Wanda ajudou-a a sentar-se. — Vou trazer-te um sumo de laranja.
— Continuo a ter náuseas. — De repente, ficou em pânico. — Quero voltar para o hospital.
— Estás ferida?
— Quero ver o Gabe. — Começou a chorar. — Preciso de o ver. Se lhe acontecer alguma coisa, suicido-me!
Wanda contou até três.
— Querida, primeiro, vamos ligar aos teus pais...
— Oh, por favor, não ligue à minha mãe. — Rodeou-se com os braços para tentar parar de tremer. — Vai matar-me! O meu pai vai repudiar-me. Não... entende!
— Vamos começar pela tua mãe. Tem de saber o que está a acontecer.
— Não posso falar com o tenente?
— Agora, está ocupado.
— Por favor, deixe-me falar com ele!
Wanda sentiu pena dela.
— Sim, podes falar com ele, mas, primeiro, tenho de ligar à tua mãe.
Yasmine deu-lhe o número, contrariada.

A chamada não foi fácil. A mulher passava da surpresa aos gritos e exigia falar com a filha, que se recusava a pegar no telemóvel. Depois da conversa, Wanda apercebeu-se de que lhe doía a cabeça.

Yasmine continuava a tremer.

— Posso falar com o tenente?

— Verei se o encon...

— Por favor, não me deixe sozinha.

— Está bem, vamos sair juntas.

Wanda ajudou-a a levantar-se e conseguiu encontrar Decker.

— Quer falar consigo, inspetor-coordenador.

— Está bem, mas leva-a novamente para a casa de banho. Não quero que veja nenhum dos outros que detivemos. — O telemóvel começou a tocar. — É a Rina. Tenho de atender.

Yasmine começou a chorar.

— Quero ver o Gabe!

— O que se passa? — perguntou Decker a Rina.

— Acho que vou desmaiar! — gritou Yasmine.

Wanda sentou-a numa cadeira.

— Preciso de sumo! Já!

Decker correu para o frigorífico sem largar o telemóvel.

— Lamento muito, não ouço bem. Isto está um caos. Podes gritar?

— O Gabe está estabilizado — informou Rina. — Está bem. Vai entrar no bloco operatório dentro de uma hora. Não para de perguntar pela Yasmine. Quer falar com ela. Pode ligar para o teu número e falar com ela?

Decker olhou ao seu redor, mas Yasmine fora-se embora.

— Acho que voltou a entrar na casa de banho. Vou pedir-lhe para ligar ao Gabe quando a vir.

— Não pode usar o telemóvel num hospital — explicou Rina. — Foi por isso que perguntei se pode ligar-lhe antes de entrar no bloco operatório. Não para de ligar para o telemóvel dela, mas não atende.

Decker tirou o pacote de sumo de laranja do frigorífico. Scott Oliver estava a chamá-lo com a mão. Decker levantou um dedo para que esperasse, então, viu Yasmine sentada com a cabeça entre as pernas.

— Espera um segundo, Rina, já a encontrei. — Entregou o pacote e um copo de papel a Wanda. — Tens o teu telemóvel, Yasmine?

Ela levantou a cabeça lentamente e examinou os bolsos.

— Está aqui — replicou, enquanto o tirava.

— Bebe — instruiu Wanda. — Engole devagar.

Yasmine obedeceu.

— O Gabe vai ligar-te. Tens de voltar para a casa de banho com a inspetora Bontemps. Vou ter com vocês assim que puder.

— Quando poderei ver o Gabe? — perguntou ela.

— Não sei — respondeu Decker.

— Vamos, querida — disse Wanda, ajudando-a a levantar-se.

— Quero ver o Gabe!

— Vai entrar no bloco operatório, Yasmine. Vai para a casa de banho com a inspetora Bontemps que ele vai ligar-te, está bem?

A rapariga assentiu com lágrimas nas faces.

— Obrigada pela ajuda — murmurou.

— De nada, querida. Lamento não poder fazer mais nada agora. — Fez um gesto a Wanda, que voltou a levá-la. Então, falou para o telefone. — A Yasmine tem o telemóvel dela — disse a Rina. — Diz ao Gabe que pode ligar-lhe.

— Obrigada, Peter.

— É um prazer ajudar. Tenho de desligar. — Desligou e aproximou-se de Oliver. — Quem estás a interrogar?

— O Kyle Kerkin.

— Perfeito. É o que tem mais de dezoito anos com a *Glock*, não é?

— Sim. A *Glock* pertence ao pai, mas aqui está o lado engraçado. O pai denunciou o seu roubo há oito meses. Portanto, temos acusações por armas roubadas, para além de posse de drogas. O Kyle está com a água até ao pescoço.

— Tenta fazer com que se afogue. Vejamos quem culpa quando perder as forças.

— O Kyle quer falar contigo — explicou Oliver —, e está disposto a fazê-lo sem um advogado.

— Comigo?

— Sim, perguntou pelo inspetor-coordenador. Está prestes a confessar. Não podemos perder esta oportunidade.

— Eu não posso interrogar ninguém, Scott. Estou pessoalmente envolvido no caso.

— Sabe que o Gabe vive contigo.

— Sabe? — Decker estava perturbado. — Como?

— Porque o Gabe lhe disse que vivia com um inspetor-coordenador.

— A sério? Quando?

— Não sei quando, mas sabe que o Gabe tem um pai de acolhimento que é polícia.

— Há alguma coisa que perdi — queixou-se Decker. — Está bem, vamos fazê-lo. Tu fazes as perguntas e consegues a declaração e eu fico lá sentado.

— Perfeito.

— Vou dentro de alguns minutos.

— Quanto mais depressa, melhor.

Decker aproximou-se da secretária de Marge. Ela acabara de desligar o telefone.

— Era a mãe da Darla Holbein. Está furiosa, mas não connosco. A Darla terá de dar explicações.

— Marge, preciso de alguém que elabore uma tabela com fotografias dos adolescentes para que a Yasmine e o Gabe os identifiquem. Quem está livre?

— Talvez o Drew Messing esteja livre — replicou Marge. — Acabou agora com a *Glock*. Roubaram-na ao pai do Kyle Kerkin há oito meses.

— Sim. O Oliver disse-me.

— O Messing está a escrever o relatório.

— Quando acabar isso, pede-lhe para começar com as fotografias, está bem?

— Está bem. E se começarmos com o Dylan, o Kyle e a Cameron, já que têm mais de dezoito anos?

— Boa ideia — concordou Decker. — Tens fotografias recentes deles que possamos usar? Talvez no anuário.

— Provavelmente, posso tirá-las do Facebook. Se não, farei uma busca.

— Muito bem. Depois, preocupamo-nos com os outros. Qual é o apelido do Dylan?

— Lashay — informou Marge, com um sorriso.

Decker teria sorrido se não estivesse tão ocupado.

— Muito bem. Mostra a tabela com a fotografia do Lashay à Yasmine e ao Gabe, antes de o Gabe entrar no bloco operatório.

— Quando será isso?

— Dentro de uma hora.

— Temos pouco tempo. — Fez uma pausa. — Não achas que alguém

devia interrogá-lo?

— Merda, tens razão.

— Eu faço-o quando as fotografias estiverem prontas — ofereceu-se Marge. — Se o Gabe e a rapariga o identificarem, prepararei uma autorização para examinar a casa do Lashay e o cacifo na escola. Direi ao Drew para se encarregar dos outros.

Nesse momento, uma mulher linda e muito magra, com o cabelo preto e apanhado, entrou na sala da brigada, fazendo um barulho enorme com os saltos no chão. O rosto perfeitamente maquilhado de Sohala Nourmand era uma mistura de fúria e pânico.

— Ela está bem, senhora Nour... — começou a dizer Decker.

— Quero ver a minha filha agora mesmo!

— Vou levá-la...

Sohala apontou para Decker com um dedo.

— Vou ligar ao meu marido. Vamos ligar ao nosso advogado. Em breve, terá notícias nossas! Agora, onde está a minha filha para poder levá-la para casa?

Decker tentou manter a calma.

— Nem a senhora nem a sua filha podem sair daqui.

A mulher estava furiosa.

— Vamo-nos embora agora!

— Senhora Nourmand, a sua filha pode estar em perigo e, por muito assustada ou zangada que esteja, não vai pôr a sua segurança em risco! Acho que ambos concordamos nesse aspeto.

A mulher ficou horrorizada.

— Em perigo?

— Não sei o que sabe, mas, segundo ouvi, foi raptada por adolescentes armados. — Decker falava o mais depressa que podia. — O meu filho de acolhimento, que estava com a sua filha nesse momento, conseguiu salvá-la, mas deram-lhe um tiro. O Gabriel vai ser operado. Detivemos várias pessoas que podem ser responsáveis por tentativa de assassinato, mas há a possibilidade de algumas delas saírem em liberdade condicional e quero certificar-me de que a sua filha está protegida no caso de isso acontecer. De modo que devemos elaborar uma estratégia antes de a levar daqui e a expor a este mundo tão cruel.

Sohala ficara com a boca aberta. De repente, revirou os olhos e começou a

cambalear. Falharam-lhe as pernas.

Decker e Marge agarraram-na antes de cair ao chão.

Capítulo 32

— Chamo uma ambulância? — perguntou Marge.

— Não, não, não — sussurrou Sohala.

— Traz-lhe um copo de água. — Decker mediu os sinais vitais. Eram lentos, mas firmes. — Quer que ligue ao seu marido?

— Não! — exclamou Sohala. — Sofre do coração. — Brilhavam-lhe os olhos por causa das lágrimas. — A minha filha foi...?

— Não — tranquilizou-a Decker. — Não sofreu nenhum dano físico.

— Tem a certeza? — sussurrou ela.

Marge regressou com a água.

— Vou tratar das fotografias antes de perderem as nossas testemunhas por causa da operação e da mãe.

— Boa ideia — afirmou Decker.

Sohala endireitou-se e bebeu água. Demorou alguns minutos a recuperar a voz.

— A Yasmine está bem?

— Está bem. Poderá ir vê-la depois, mas, primeiro, ouça-me...

— Isto é um pesadelo. Um pesadelo... Diz que deram um tiro a alguém?

— Ao meu filho de acolhimento, sim.

— Santo Deus... — Olhou para Decker. — Quem é?

— Chama-se Gabriel Whitman — esclareceu ele. — É o rapaz que tocou piano na graduação da Hannah. Conheceu-o no centro comercial há três meses.

— O rapaz alto que vai para Harvard?

— Foi aceite em Harvard. Vive connosco até ir para a universidade.

— É judeu?

— Não.

— Não? Então, o que fazia com a minha filha?

Decker ficou a olhar para ela. Ela recostou-se na cadeira e murmurou alguma coisa em persa. Apontou para ele com um dedo.

— Sabia que se passava alguma coisa estranha com essa rapariga. Gosta de

se esquivar, mas isto já é demasiado! — De repente, estava horrorizada. — E o seu rapaz está bem?

— Vai ficar bem, mas terá dores durante algum tempo.

— Lamento muito. — Tinha lágrimas nos olhos. — Acho que estou muito confusa.

— É demasiado para assimilar — disse Decker.

— Supostamente, ia encontrar-me com a minha filha dentro de uma hora na costureira. Vai casar-se.

— Com o Aaron, o médico.

— Sim. Tenho de lhe ligar. O que lhe digo? Acho que tenho vontade de vomitar!

— Demore o tempo que precisar...

— Isto é demasiado. Não posso fazer tudo. — Estava a chorar. — Sou apenas uma pessoa.

— Entendo como se sente. — Decker estava a tentar não olhar para o relógio.

— O que descobriu sobre a minha filha?

— Perdão?

— O que lhe aconteceu esta manhã? — Parecia exasperada.

— Continuo a tentar encaixar as peças deste caso e precisam de mim com urgência numa sala de interrogatórios. Podemos falar sobre a segurança da sua filha?

— Meu Deus, tenho medo!

— Não tenha medo, temos de manter a calma, está bem?

— Está bem. — Abanou a cara com a mão. — Mas, mesmo assim, tenho medo.

— Senhora Nourmand, eu gostaria que a Yasmine estivesse longe de a zona até ter uma ideia do que se passa. Tem algum parente que viva perto com quem possa ficar?

A mulher empalideceu.

— A situação é assim tão grave?

— Não sei — respondeu Decker. — Agora, só quero tomar precauções.

— A minha irmã vive em Beverly Hills.

— Pode ficar com a sua irmã durante algum tempo?

— Quanto tempo?

— Não sei. Quando tiver uma ideia da situação, digo-lhe.

— Pode ficar com a minha irmã, mas o que digo ao meu marido? É absurdo que a Yasmine se mude sem nenhum motivo.

— Então, talvez deva contar-lhe o que se passa.

— Mas não sei o que se passa. Para começar, preciso de saber. Diz que foi raptada com uma pistola. Isso é muito sério. Estou em pânico.

— É por isso que gostaria que a sua filha ficasse com a sua irmã.

— Isso não é um problema. Mas não sei o que dizer ao meu marido. Não posso dizer-lhe a verdade imediatamente. Vai zangar-se com ela e assustar-se. Não tem coração para sustos.

— Tenho a certeza de que conseguirá explicar-se de maneira delicada, senhora.

Sohala deixou escapar o ar.

— Portanto, o seu rapaz e a minha filha estiveram...

— Acho que estão juntos há algum tempo.

— É grave?

— Como assim?

— Sabe... O que é que fazem?

— Não sei. — Decker encolheu os ombros. — Até que ponto é que uma relação entre dois adolescentes pode ser séria?

— Talvez não seja séria, mas grave. — Ficou calada. — A minha filha é muito ingénua. Espero que não se tenha aproveitado dela.

Decker tentou não se ofender.

— O Gabriel é um bom rapaz.

— Pode ser um bom rapaz, mas é um rapaz. — Abanou a cabeça. — Isto é terrível. Muito bem, já sei. Vou dizer ao meu marido que a Yasmine quer experimentar a secundária YULA. No ano passado, quis ir para lá, mas eu disse que não. É demasiado longe de casa. Agora, amaldiçoo-me por não ter feito caso. Lá, só há raparigas. Depois do que aconteceu, talvez seja boa ideia.

Marge aproximou-se de Decker e entregou-lhe duas tabelas de fotografias. Numa, aparecia Dylan Lashay no lugar número quatro e, na outra, estava Cameron Cole no lugar número três.

— Assim está bem?

— Perfeito.

— Vou dar uma à Wanda para as mostrar à Yasmine. Depois, vou ao hospital. Acabei de falar com a Rina. Adiaram a operação do Gabe por outras

duas horas porque estão a tentar encontrar um cirurgião específico que consiga tirar a bala sem cortar demasiado músculo. Ainda não o sedaram, portanto, quero falar com ele o quanto antes.

— Vai-te embora.

Marge virou-se para a senhora Nourmand.

— Alegro-me por ter corrido tudo bem com a sua filha.

— Obrigada — agradeceu a mulher.

— Vou levá-la para ver a Yasmine — disse Decker, quando Marge se foi embora.

— Lamento o que aconteceu ao rapaz. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. — É terrível.

— De pai para mãe, agradeço as suas palavras.

— O que vai acontecer com o rapaz? Quando sair do hospital, ficará aqui?

— Quer saber se vai viver comigo? — Decker arqueou as sobrancelhas. — Eu também estou preocupado com ele. Quando o Gabe recuperar, provavelmente, tenho de o mandar para casa do pai.

— Onde vive o pai?

— No Nevada.

— Ainda bem. — Ficou a olhar para Decker. — Não tenho nada contra o Gabe, mas isto não pode continuar. — Suspirou. — Até onde chegou? Essa é a pergunta.

— Eu nem sequer sabia que o Gabe estava a sair com a sua filha até ir buscá-los esta manhã.

— Foi buscá-los esta manhã?

— O Gabe ligou-me e disse-me que estavam em apuros. Eu fui buscá-los.

— Então, agradeço-lhe. — Os olhos voltaram a encher-se de lágrimas, mas tentou disfarçar. — Quero vê-la... Quero ver a minha filha.

— Boa ideia, senhora Nourmand — replicou Decker. — Ela pode explicar-lhe o que aconteceu muito melhor do que eu.

Yasmine apontou com um dedo trémulo para a fotografia número quatro. Os olhos dela humedeceram.

— Este.

— Tens a certeza? — perguntou Wanda.

Yasmine assentiu enquanto as lágrimas começavam a cair pelas suas faces.

— Absoluta — declarou, num tom fraco.

— Podes assinalar a fotografia escolhida com esta caneta? — pediu Marge.

Yasmine obedeceu e fez um círculo irregular porque lhe tremiam demasiado as mãos. Marge pegou na segunda tabela de fotografias.

— E este grupo de raparigas? Alguma delas te é familiar?

Yasmine deu um grito abafado e apontou para Cameron Cole.

— Esta! Era horrível!

— Lamento muito, querida. Podes assinalar também essa fotografia?

— Não parava de me dizer que... Ia morrer — explicou Yasmine.

Marge pôs-lhe a caneta na mão e a rapariga conseguiu fazer outro círculo em torno da cara de Cameron Cole. Nesse momento, Decker e Sohala Nourmand entraram pela porta. Yasmine correu imediatamente para os braços da mãe e abraçou-a com tal força que ficou com as mãos vermelhas. Os seus soluços eram profundos e desoladores. Sohala começou a chorar também.

— Estás bem? — perguntou à filha.

Yasmine assentiu sem levantar a cabeça do peito da mãe.

— Mãe, lamento muito. Lamento muito.

— Identificou os dois — disse Marge a Decker. — Vou pedir ao Lee para arranjar autorizações para a casa e para a escola. Agora, vou ao hospital. Faz-me um favor e conta ao Oliver o que se passa.

— Feito. Lembra-te de pedir ao cirurgião para guardar a bala para o médico forense. — Decker olhou para Wanda. — Precisas de alguma coisa?

— Queres que leve o interrogatório a cabo aqui?

— Todas as salas estão ocupadas.

— Não há câmara de filmar.

— Vou buscar um gravador — redarguiu Decker, antes de sair da casa de banho.

— Quero ir para casa! — gritou Yasmine, entre soluços.

— Querida, temos de te fazer algumas perguntas — indicou Wanda.

— Por favor, mamã! Não quero falar com ninguém. Lamento muito. Só quero ir para casa.

Para surpresa de Wanda, Sohala afastou-se dela.

— Yasmine, tens de contar à polícia o que aconteceu.

— Foi horrível...

— Então, conta-lhes.

Decker regressou com o gravador. Alegrou-se por deixar a histeria a Wanda, que começou a preparar o equipamento. Sohala tentou acalmar a filha e agarrou-a pelos ombros.

— Yasmine, o rapaz a quem deram um tiro...

— Meu Deus! — gritou a rapariga. — O meu pobre Gabriel está ferido. E a culpa é toda minha!

— Yasmine, estou preocupada contigo. O inspetor-coordenador Decker acha que corres perigo.

Yasmine olhou para ela com os olhos esbugalhados e cheios de lágrimas.

— Vou mandar-te para casa da tua tia Sofi. Vais acabar as aulas na YULA.

— Porquê?

— Porque o inspetor-coordenador Decker acha que estás em perigo. Ouves-me?

— Mas... E o Gabe? — A voz a Yasmine mal se ouvia.

— Isso não me diz respeito nem a ti, Yasmine. Mas... Vou dizer-te na mesma porque sou um coração de manteiga. O inspetor-coordenador Decker vai mandá-lo para o Nevada para ficar com o pai.

Wanda viu que a adolescente fazia uma careta. Era patético.

Sohala mexeu um dedo à frente dos olhos da filha.

— Para de chorar e conta o que aconteceu à polícia! Depois, falaremos... muito!

A raiva na voz da mãe devolveu Yasmine à realidade. Limpou as lágrimas com a manga da camisa.

— O que queres saber? — perguntou.

— Quero saber tudo! — exclamou Sohala.

— Lamento muito, mamã — sussurrou Yasmine.

A fúria da mãe transformou-se em compaixão.

— Estás bem?

A rapariga assentiu.

— Ninguém tocou em ti?

— Não. Estou bem.

— Isso é o que importa. Fala com a polícia. Depois, pensaremos juntas nas mentiras que vamos contar ao teu pai para que não morra.

— Vais contar ao pai?

— Tenho de lhe dizer alguma coisa. Porque haverias de ir viver com a tia Sofi? Mas, por enquanto, não. Queres que tenha um enfarte?

— Não — respondeu Yasmine, num tom agudo e olhando para o chão. — Obrigada, mamã.

— Faço-o pelo teu pai, não o faço por ti. — Fez uma pausa. — Bom, talvez um pouco por ti, sim. — Os olhos dela humedeceram. — Agora, fala com a inspetora.

Quando Yasmine assentiu, Wanda ligou o gravador.

Enquanto via Oliver a falar com Kyle Kerkin pelo monitor, Decker reparou que o adolescente era muito magro, tinha o peito desenvolvido e os braços muito finos. Tinha o nariz grande, os lábios magros, acne e o cabelo castanho a emoldurar-lhe a cara. Decker não viu desafio na sua atitude. Estava erguido e com as mãos cruzadas em cima da mesa. A sua voz era suave e nasal. Usava um casaco aos quadrados, que descansava numa cadeira, uma *t-shirt* preta, *Levi's* e ténis. Levantou o olhar quando Decker entrou na sala de interrogatórios. Cruzou os braços, recostou-se na cadeira e começou a mexer a perna direita para cima e para baixo.

Decker sentou-se ao seu lado e apresentou-se.

— É o pai de acolhimento do Chris, não é?

— Do Chris? — perguntou Decker, confuso.

— Sim... Bom. O rapaz de hoje. Disse que se chamava Chris. Mas, hoje, disse outra coisa. Não me lembro.

Decker não lhe esclareceu nada.

— Segundo me disseram, querias falar comigo. — O rapaz continuou a mexer a perna nervosamente. — O inspetor Oliver vai falar contigo. Eu só vim ouvir.

— Não sou idiota, sabe? — inquiriu Kyle. — Sei que estou a correr um grande risco. Ainda não liguei aos meus pais, embora saiba que vão descobrir em breve. E sei que é uma estupidez falar com vocês sem um advogado. A questão é que estou a expor-me. Preciso de fazer isto para parar.

Ninguém falou.

— Refiro-me a não parar a não ser que vocês o parem — continuou.

Manteve-se o silêncio.

Olhou para Decker.

— Olhe, senhor, farei o que quiserem. Responderei a todas as vossas perguntas. Quero contar-vos tudo, mesmo tudo, desde que me deixem de

fora. Ou seja, sei que terei de ser testemunha ou uma coisa dessas, porque estava lá. Mas juro por Deus que não fiz nada. Ou seja, sim, peguei na pistola do meu pai e dei-a ao Dylan, mas não tive nada a ver com o que aconteceu esta manhã. Absolutamente nada. Quando apareci, já estava decidido.

Quando o rapaz parou de falar, Decker virou-se para Oliver.

— Leste os direitos ao senhor Kerkin?

— É verdade — confirmou Oliver. — Tenho o comprovativo com a assinatura.

— Estamos aqui para ouvir tudo o que quiseres contar-nos — disse Decker.

— Como já te disse, Kyle — começou a dizer Oliver —, esta é a tua única oportunidade de nos contares a tua versão da história.

— Olhem. — Kyle inclinou-se para a frente. — Vejo *As Primeiras 48 horas*. Sei como isto funciona. Querem uma confissão. Não vim aqui para fazer uma confissão. Eu não fiz nada. Mas estava presente. Digo-vos isso porque não faz sentido negar o evidente. Sei que estou envolvido até ao pescoço. O que vos digo é que farei tudo o que quiserem. Direi o que quiserem. Só quero ficar de fora.

— Porque não comesças pelo princípio? — sugeriu Oliver. — O que aconteceu esta manhã?

— Primeiro, preciso de alguma garantia. Aceitaram-me na Wharton. — Os olhos dele encheram-se de lágrimas. — Não vou deixar que um maldito imbecil me arruíne a vida.

«Demasiado tarde», pensou Decker.

— Quem é o maldito imbecil? — perguntou.

Kyle cerrava os dentes e mexia o queixo sem parar.

— O Dylan Lashay. É um verdadeiro psicopata e não uso o termo levemente. — Fez uma breve pausa. — Suponho que estão a questionar-se porque saio com ele.

— Sinto curiosidade — confirmou Oliver.

Kyle limpou os olhos com a manga.

— Que maldito desastre! Esperava que não se descobrisse até sair de casa. — Olhou para Decker e, depois, para Oliver. Então, cruzou os braços. — Sou homossexual.

— E os teus pais não sabem — supôs Decker.

— Não. Não sabem. — O rapaz olhou para o teto. — É como se tivessem

posto todas as suas esperanças e aspirações sobre os meus ombros. Já é bastante mau que não vá dar-lhes netos. Se for para a prisão, a minha mãe vai acabar por se suicidar. Não é uma mulher estável.

— Ainda não me disseste porque saís com o Dylan — recordou-lhe Oliver. Kyle olhou para baixo.

— Tivemos uma aventura no décimo primeiro ano. Ele filmou. Pareceu-nos divertido, sabem. — Bateu com a mão na cabeça. — Meu Deus, fui um idiota!

Mais silencio. Kyle continuou a cerrar os dentes. Decker ouvia o esmalte a chiar, como unhas numa ardósia.

— Quando ameaçou contar tudo, perguntei-lhe o que queria — continuou o rapaz. — Disse-me que queria pistolas. O meu pai coleciona pistolas. Portanto, dei-lhe uma, apenas uma. Sei que foi uma estupidez, mas não queria que contasse o meu segredo.

Oliver assentiu.

— É evidente que o Dylan não tinha medo de ficar exposto.

— Não sei — respondeu Kyle. — Nunca me atrevi a pô-lo à prova. Ambos fomos para a cama com raparigas. Não sei se gosta de raparigas, se dá para ambos os lados ou se usa o sexo como arma. Na verdade, não tencionava analisá-lo. Só tentava proteger-me. Portanto, capitulei com aquela única pistola e disse-lhe que, se se tornasse ambicioso, eu poderia lixá-lo tanto como ele a mim.

— Mas como? — perguntou Oliver.

— Há muito tempo que faço parte da Máf... do grupo dele. Sei coisas. — Decker fez-lhe um gesto com a cabeça para que continuasse. — Portanto, tínhamos um acordo tácito. As pessoas presumiam que éramos bons amigos e não me importava. O Dylan é um homem importante. Na B e W, era conveniente associar-me com ele. — Olhou para eles com atitude suplicante. — Vão ajudar-me?

— E assim, sem mais nem menos, o Dylan e tu acabaram? — perguntou Oliver.

— Para os outros, tínhamos uma espécie de relação platónica, mas já não era sexual. Quando lhe dei a pistola, acabou.

O cérebro de Decker começou a criar faíscas.

— Não, não acredito em ti.

Kyle ficou à defesa.

— Juro-lhe que é verdade.

— Quando o Dylan e tu tiveram a vossa aventura, foi um ponto de inflexão, Kyle. Quando um homem é sexualmente ativo, já não volta atrás — declarou Decker.

— Engana-se — insistiu Kyle. — Acabou.

— Acabou entre ti e o Dylan, mas não esqueceste o sexo. Encontraste outra pessoa para ocupar o lugar do Dylan.

Kyle desviou o olhar e não respondeu, sem parar de mexer a perna para cima e para baixo. Decker sussurrou o nome de Gregory Hesse a Oliver quando o rapaz não olhava.

Scott arqueou uma sobrancelha e olhou para o inspetor-coordenador com admiração.

— Sabes que vamos apresentar autorizações do tribunal para vos revistar, não sabes, Kyle? — inquiriu, num tom firme. — Quanto tempo achas que demoraremos a encontrar o computador do Gregory Hesse ou a câmara de filmar?

O rapaz ficou branco. Deitou a cabeça para trás e gemeu.

— Foi um acidente.

Oliver pôs-lhe uma mão no joelho.

— Os acidentes acontecem. Conta-nos.

— Não sei, homem. — Kyle tinha lágrimas nos olhos. — Estávamos... drogados.

— Conta-nos o que te lembras. Estamos aqui para ouvir, não para julgar.

— Ele disse-nos que a pistola estava descarregada — explicou Kyle. — Não tinha de acontecer isso.

— Sim, é o que os acidentes têm, rapaz. Todos sabemos. — Oliver inclinou-se mais para ele. — Quem vos disse que a pistola estava descarregada?

— O Dylan! — gritou o rapaz. — Estava a filmar com a câmara do Greg. — Começou a chorar descontroladamente. — Só estávamos a brincar. Têm de acreditar.

— Acredito em ti — disse Oliver. — Acredito, sem dúvida.

— Não devia ter acontecido isso. Quando a pistola disparou, eu fiquei em choque... Estava petrificado. Foi horrível!

— Tenho a certeza de que foi — comentou Oliver.

Kyle olhou para Decker.

— Sabe o que o Dylan fez quando aconteceu?

— O que fez? — perguntou Decker.

— Riu-se! — Kyle abanou a cabeça. — Os miolos e tudo... espalhados por ali e o Dylan... a rir-se!

Capítulo 33

Quando Marge entrou no quarto do hospital, Gabe estava a dormir com um livro aberto por cima do colo. Rina estava a ler na cadeira junto da cama. Cumprimentou Marge com a mão.

— Está a dormir.

— Sedado?

— Não. De puro cansaço.

— Não suporto ter de lhe fazer isto. — Marge levantou as duas amostras de fotografias. — Sabes como são estas coisas. O tempo é crucial.

Rina assentiu e sacudiu-lhe o ombro com suavidade. Gabriel retorceu-se, respirou fundo e franziu o sobrolho.

— Estou acordado, estou acordado. — Abriu os olhos. — O que se passa?

— Lamento acordar-te, querido. — Rina cedeu a cadeira a Marge. — Esta é a inspetora-chefe Dunn.

— Olá. — Gabe endireitou-se e mostrou um ar de dor. — Acho que já nos conhecemos.

— Provavelmente, do casamento do Sammy.

— Sim, estive lá... Juntamente com outras quinhentas pessoas.

— Convidámos todos para o casamento do meu filho — explicou Rina. — Não é rentável criar inimigos.

— Se alguma vez precisares de inimigos, eu posso emprestar-te alguns. — Gabe virou-se para Marge. — O que se passa?

— Eu gostaria de te mostrar umas fotografias. — Marge entregou-lhe a primeira tabela de fotografias com o Dylan Lashay. — Alguém te é fam...?

— Este. — Apontou para a fotografia número quatro. — Este é o Dylan.

— Tens a certeza?

— O rapaz deu-me um tiro. Não poderia ter mais certezas.

— Podes assinalá-lo com um círculo e assinar?

— Claro. — Quando acabou, devolveu-lhe a folha de papel. — O que mais? — Marge mostrou-lhe a folha com as fotografias das raparigas. — Esta é a Cameron. — Agarrou na caneta, fez um círculo na fotografia e assinou.

— O que mais?

— Se quiseses falar disso, eu gostaria de saber o que aconteceu.

— Posso voltar a ligar à Yasmine? — perguntou Gabe, de repente.

— Está a falar com os inspetores, Gabe.

— A mãe está com ela?

— Sim.

— Odeia-me? A mãe, digo.

— Claro que não te odeia — replicou Rina. — Salvaste a vida da filha dela.

— De facto, estava preocupada contigo — comentou Marge.

— Portanto, pensando melhor, talvez seja bom que me tenham dado um tiro. Tenho o fator da pena do meu lado.

— Não precisas do fator da pena para gostarem de ti — indicou Rina. — Acho que a inspetora-chefe Dunn tem de te fazer umas perguntas.

— Apetece-te falar disso? — perguntou Marge.

— Claro — confirmou ele. — Aceito qualquer coisa que me distraia antes que me cortem com o bisturi. Ou o laser. — Olhou para Rina. — Já encontraram o cirurgião?

— Sim. Vem a caminho... — Rina olhou para o relógio. — Dentro de quarenta minutos. — Levantou-se. — Vou apanhar ar. Precisas de alguma coisa?

— Não posso comer antes da operação, portanto, suponho que não. — Mostrou um ar de aborrecimento. — Estou ferido e tenho fome. Que merda!

— Tens razão.

— Rina, podes trazer-me os óculos? Ardem-me muito os olhos.

— Claro.

— Obrigado. E estarás aqui quando o cirurgião vier?

— É claro.

— Obrigado por ficares comigo. Quer dizer, na verdade, não sou da tua responsabilidade.

— Gabriel, claro que és da minha responsabilidade. — Deu-lhe um beijo no cabelo. — E eu adoro que sejas. Não permitiria que fosse de outro modo.

— Podes adotar-me? — perguntou ele.

— Adoraria, mas os teus pais não me deixariam.

— Eles não estão aqui para se opor.

— O teu pai chegará em breve.

— Sim, quando encontrar um momento — murmurou Gabe. — Mas, ouve, não me queixo.

Rina voltou a beijá-lo.

— Vou buscar os teus óculos.

— Obrigado. E a medicação para a acne.

— Claro.

— Ligaste ao Nick?

— Sim, liguei ao Nick. Queria vir, mas disse-lhe para esperar até depois da operação.

— O que disse?

— Estava horrorizado.

— E o Jeff Robinson?

— Não falei com ele. De certeza que também está horrorizado. — Rina parou à porta. — Voltarei dentro de vinte minutos.

Gabe virou-se para Marge.

— O que precisa de saber?

Marge tirou o bloco.

— Interrogo-me se poderei usar um gravador num hospital... não sei se interferirá com alguma coisa.

— Eu não me importo.

— Sim, suponho que, se alguém se queixar, sempre posso desligá-lo. — Pôs a máquina numa bandeja junto da cama. — Porque não comesas pelo princípio?

— É uma longa história.

— Está bem. Dá-me todos os detalhes que conseguires.

Gabe limpou as mãos à bata do hospital.

— Até onde recuo? Até ao dia em que conheci o Dylan?

— Sim, por exemplo — respondeu Marge. — Fala-me da primeira vez que o viste.

— Até hoje, só o tinha visto uma vez. Estava no Starbucks, sem me meter com ninguém... Acho que a ler. O grupo dele entrou pela porta e eu vi-o pelo canto do olho.

— Quando foi isso?

— Há quatro ou cinco meses.

— Está bem. De manhã, à tarde ou à noite?

— Seriam umas quatro da tarde. — Gabe mordeu o lábio inferior. —

Soube desde o começo que me trariam problemas. Tinham esse aspeto, como se procurassem confusão. A questão é que se aproximaram e sabia que iam encurralar-me. Sabes o que é isso, não sabes?

— Mais ou menos.

— Quando um grupo nos rodeia por completo... Normalmente, não nos magoam, mas o objetivo é demonstrar quem tem o controlo.

— Ameaçar — concluiu Marge.

— Exato. Portanto, rodearam-me e, então, o Dylan aproximou-se e disse-me que estava no lugar dele. Como se fosse o seu *makom hakavua* ou uma coisa dessas.

— Perdão?

— Já sabe... O seu lugar especial. — Gabe olhou para ela. — É assim que a Rina chama a poltrona reclinável do Peter.

— Não falo hebreu.

— Eu também não, mas aprendi algumas coisas. A questão é que o rapaz queria o meu lugar.

Marge assentiu.

— E estavam no Starbucks?

— Sim. O local estava vazio! O imbecil estava a meter-se comigo. Portanto, disse-me para me afastar e eu fingi que não o ouvi. Repetiu e, da segunda vez, mostrou-me que estava armado.

— Mostrou-te uma pistola?

— Certamente. E, então, soube que, se cedesse imediatamente e voltasse a vê-lo, estaria lixado. Era um alvo. Mas não tencionava enfrentar o grupo dele. Eram três rapazes.

— Eram três no total?

— E também duas raparigas, uma loira, a Cameron, e uma morena, as mesmas raparigas desta manhã. A questão é que sabia que não podiam magoar-me dentro de um lugar público, mas sabia que se precipitariam para cima de mim assim que saísse se não fizesse alguma coisa inteligente. Portanto, em vez de me intimidar, abri o casaco do rapaz para dar uma olhadela à pistola. Era uma *Beretta 92FS*.

— Sabes de armas, Gabriel?

— Sei um pouco sobre armas e conhecia essa pistola. Portanto, comecei a dar-lhe a minha opinião sobre a arma e começámos a falar de pistolas. Ele continuava de pé e eu continuava sentado, mas, no fim, levantei-me e ofereci-

lhe o meu lugar. Mas fi-lo com as minhas condições.

— De acordo.

— Portanto, o rapaz convidou-me para me sentar com ele e com os amigos. Não queria criar um conflito, portanto, sentei-me. Foi então que descobri que se chamava Dylan. Então, começou a perguntar-me porque sabia tanto sobre armas.

— E o que disseste?

— A verdade. Falei-lhe do meu pai e contei-lhe que vivia com um inspetor-coordenador da polícia. Fi-lo porque tanto o Chris como o Peter são tipos impressionantes e queria assustá-los um pouco.

— Continua.

— Então, o Dylan perguntou-me se queria sair com eles. Como se eles fossem fantásticos. Eu agradeci, mas rejeitei o convite. E foi só isso. Deixei de ir ao Starbucks porque não queria voltar a encontrá-los. Portanto, comecei a ir ao Coffee Bean que há perto da escola da Rina. Foi lá que conheci a Yasmine. Ela aproximou-se de mim.

Gabe olhou para o teto. Suavizou a voz.

— Tinha bilhetes para a ópera. Adora a ópera. — Mostrou um ar de dor. — Supostamente, ia com a irmã, mas a irmã mudou de ideias à última da hora. Ofereceu-mos. Eu aceitei um deles, mas vi que ela ficava dececionada. Portanto, perguntei-lhe se queria vir comigo. — Sorriu para Marge. — Acho que, ao princípio, queria alguém que a levasse. Mas, então, disse-lhe que não conduzia, portanto, fomos de táxi. Nem sequer foi um encontro nem nada. Só estava a fazer-lhe um favor.

Parou.

— Foi um dia maravilhoso. — O seu olhar parecia longínquo. — Quero dizer que a Rina e o Peter são as pessoas mais amáveis do mundo, mas têm as suas próprias vidas e isso é bom. Não preciso de outros pais. Mas passo muitas horas por dia sozinho.

— Deves aborrecer-te muito.

— Tem as suas coisas boas. Pratico a todas as horas. Como resultado, melhorei bastante. Multipliquei o meu repertório por dez. Sou muito melhor do que devia.

— Alegro-me por teres tirado algo positivo da situação.

— A única coisa positiva até a Yasmine aparecer. Foi uma confluência estranha de acontecimentos que a trouxe até mim. Os meus pais

abandonaram-me e eu já não tinha amigos. Não queria sair com esses idiotas do Starbucks. Suponho que não me tinha apercebido de como estava sozinho até ela aparecer. — Fez uma pausa. — É muito engraçada. Cada vez que a vejo, algo em mim... Derrete-se. — Parou de falar e os olhos humedeceram. — Estou a divagar. Perdão.

— Não te desculpes. — Marge aguardou uns segundos e, depois, continuou. — Portanto, estavas sentado à mesa com o Dylan e os amigos no Starbucks.

— Sim.

— Disse-te qual era o apelido dele?

— Não. Só disse que era o Dylan.

— E, depois, falaste-lhe de pistolas, do teu pai e do inspetor-coordenador.

— Exato.

— Como conseguiste ir-te embora?

— Disse-lhes que tinha de ir para casa. Às vezes, a Rina preocupa-se quando não sabe nada sobre mim. É agradável que alguém se preocupe o suficiente connosco para saber se estamos vivos ou mortos. — Os seus pensamentos estavam longe. — Encontrei a rapariga, a Cameron, um ou dois meses mais tarde. Lembro-me de que era terça-feira porque foi nesse dia que fiz a audição para o Jeff Robinson. É o meu agente. Posso dar-lhe a data exata, se desejar.

— Sim, seria de muita ajuda.

— Eram seis e meia da manhã e eu estava à espera na paragem do autocarro para ir para universidade. E aparece esta loira imponente e diz-me: «Chris, Chris...». — Olhou para Marge. — Disse ao Dylan que me chamava Chris. Na altura, pareceu-me conveniente.

— Rapaz inteligente!

Ele encolheu os ombros para tirar importância ao elogio.

— Portanto, a rapariga disse: «Sabes quem sou?» E eu não sabia, mas tinha-me chamado Chris. E, então, lembrei-me. E disse: «Sim, estavas com o Dylan.» E começámos a falar. Eu estava meio ensonado. Não queria contar-lhe nada sobre mim, porque me dava arrepios. Portanto, perguntei o que fazia acordada tão cedo. E mostrou-me a erva que tinha acabado de comprar.

Marge assentiu.

— E, então, disse-me: «Vem a minha casa e fumaremos juntos.» Depois, disse-me que os pais não estavam. E começou a... a seduzir-me... Esfregou-

me o pescoço... Disse-me que tinha de relaxar. É muito bonita, sabe? Noutra realidade, teria sido muito excitante. Em vez disso, a rapariga dava-me calafrios. Eu saía com pessoas assim em Nova Iorque, portanto, conheço-os bem. É uma viciada e uma aventura fácil, mas, além disso, é má. Já há pessoas loucas suficientes na minha vida. Não teria ido com ela nem mesmo que a Yasmine não existisse. Mas não podemos dizer isso a uma rapariga má e muito menos quando está com um rapaz que gosta de pistolas.

— Entendo o que queres dizer.

— Sim. Portanto tentei escapar dela sem a irritar. E disse-lhe que tinha uma audição com o meu grupo o que, em parte, era verdade. E gravei o número dela no meu telemóvel para que não se sentisse rejeitada.

— Tens o número dela?

— Não. Apaguei-o assim que entrei no autocarro. E também lhe dei o meu número. Mas misturei os dígitos. Perguntou-me o apelido e disse-lhe que era Donatti porque, se procurasse no Google, veria com os seus próprios olhos como o meu pai é mau.

— E ela disse-te o nome dela?

— Cam... A abreviatura de Cameron. Não lhe perguntei o apelido.

— Muito bem. Continua.

— Não tenho mais nada para dizer. Esqueci-me dela... até hoje.

— Fala-me do que aconteceu hoje.

— Supostamente, ia encontrar-me com a Yasmine no Coffee Bean. É o nosso lugar habitual. Vemo-nos todas as manhãs antes das aulas há muito tempo. Talvez não seja todas as manhãs, mas quase todas. — Ficou calado.

— Eu vivia para essas manhãs. Acordar deixou de ser uma tarefa para passar a ser algo que desejava fazer. Esta manhã em concreto, ia encontrar-me com uns peixes graúdos de uma casa discográfica de Nova Iorque. O meu agente tinha demorado um mês a organizá-lo. Deus sabe o que o Jeff estará a pensar agora.

— Tenho a certeza de que te deseja o melhor.

— Não, isso não é próprio do Jeff. E duvido que o Nick esteja horrorizado.

— Tenho a certeza de que está preocupado contigo.

— Isso é verdade. O Jeff e ele não querem um cavalo perdedor. Eu sei, eu sei. Sou demasiado jovem para ser tão cínico.

Marge deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Fala-me desta manhã.

— Esqueci-me de pôr as lentes de contacto ao sair de casa, portanto, regresssei, o que me fez chegar atrasado ao meu encontro com a Yasmine. Mande-lhe uma mensagem para a avisar de que estava atrasado, mas não respondia. E é estranho porque, normalmente, responde. Portanto, cheguei ao Coffee Bean e não estava lá. A Yasmine chega sempre atrasada, mas não tão atrasada. E continuava sem conseguir localizá-la, portanto, comecei a sentir-me nervoso. Liguei-lhe, coisa que, normalmente, não faço, porque trocamos mensagens. Mas não me atendeu e, então, fiquei ainda mais nervoso. No fundo, pensei que os pais dela nos tinham descoberto e que estava em apuros. E senti-me mal e muito nervoso. Portanto, saí do Coffee Bean e voltei a ligar-lhe. E o chão começou a vibrar. Olhei para baixo e vi o telemóvel dela. E o relógio que lhe ofereci. E pensei que ela queria que soubesse que alguma coisa estava mal. Por que outra razão deixaria as coisas dela no chão? E fiquei em pânico.

Marge assentiu.

— E pensei que talvez os pais dela a tivessem tirado de rastos do estabelecimento ou que tivesse sido atacada ou qualquer coisa. Peguei no telemóvel e no relógio. E decidi ir a casa dela para ver como estava. Só queria certificar-me de que estava bem.

Levou uma mão à boca.

— Sinto náuseas só de pensar nisso.

— Queres parar um pouco?

— Não, vamos acabar com isto. Portanto, interroguei-me: «Vou a casa dela ou procuro-a?» Tudo numa questão de um minuto. E, então, lembrei-me do Dylan e da Cameron. Foi a sensação mais nauseabunda do mundo. Comecei a correr para a paragem do autocarro porque a Cameron me tinha dito que vivia por ali perto. E, ao longe, vi um grupo de adolescentes a andar juntos. E vi o cabelo loiro da Cameron. Pensei: «Merda!» Comecei a correr a toda a velocidade. Sabe, pura adrenalina. Alcancei-os e pus-me entre eles. E, então, vi a Yasmine. E também vi que o Dylan lhe apontava uma pistola. Uma *Smith e Wesson* de 5,6 mm.

Gabe pestanejou várias vezes.

— O canalha olhou para mim e acusou-me de violar a Cameron. Disse-me que ia violar a Yasmine. O que é absurdo. Eu não toquei nessa ordinária. E, então, ouvi um clique e senti a pistola na cabeça.

Voltou a levar a mão à boca.

— A pistola do Dylan?

— Não, não. Era outro rapaz de cabelo comprido. O Dylan continuava a apontar a pistola para a Yasmine. — Engoliu em seco e virou-se para Marge. — Se me mostrar outra tabela de fotografias como a do Dylan, poderia identificá-los a todos. Vi-lhes bem a cara.

— Está bem — acedeu Marge. — O que se passou depois de alguém ter apontado a arma à tua cabeça?

— Foi estranho. — Gabe ficou a olhar para o vazio. — Fiquei muito tranquilo. Não é que a minha vida estivesse a passar à frente dos meus olhos, mas o pânico desapareceu. Só pensava em como salvar a Yasmine daquilo.

— E o que fizeste?

— Primeiro, tentei ganhar tempo... Mantive-me calmo enquanto me acusava de violar aquela cadela. — Fez uma pausa e levantou um dedo. — Recordo que lhe disse que não fui a casa da Cameron porque tinha uma audição para uma casa discográfica. O Dylan acreditou. No fundo, todos os rapazes querem ser estrelas de *rock*. E ela chamou-me mentiroso. Eu ignorei-a como os rapazes ignoram as raparigas que são más com eles. E o Dylan percebeu que não me preocupava com o que ele pensava, ainda que, por dentro, estivesse a tremer. Não parava de pensar em livrar-me da pistola que tinha na cabeça.

— E como o fizeste?

— Parei de repente, baixei-me e fi-lo perder o equilíbrio. Assim que cambaleou para a frente, agarrei-lhe o pulso, torci-o e tirei-lhe a pistola. O meu pai ensinou-me a fazer isso. É fácil. E, com toda a adrenalina, não foi difícil. Essa pistola era uma *Luger 9 mm* semiautomática.

Parou de falar.

— Agora, torna-se tudo um pouco impreciso. Acho que o Dylan disparou, mas estava tão alterado que não senti nada. Consegui pôr-me atrás dele. Sou mais alto. E apontei a pistola para a cabeça dele. Devo ter-lhe tirado a pistola. — Olhou para Marge. — Acabei com a *Luger* na mão esquerda e a *5,6 mm* na direita, que apontava para a cabeça do Dylan.

— És canhoto?

— Não, destro, mas quase ambidestro. Ah, já me lembro. Queria ter a *9 mm* na mão esquerda porque tinha mais munições e mantinha o grupo afastado com uma única pistola. Não parava de apontar para eles e de lhes dizer para não se mexerem.

Decker examinara as mãos a Gabe, que tinha resíduos de pólvora na mão esquerda. Era hora de verificar se dizia a verdade.

— Disparaste alguma das armas, Gabe?

— A *Luger*. Um dos rapazes pôs a mão no bolso. Disparei uma bala ou duas para o assustar... perto do braço dele. Talvez lhe tenha acertado. Lembro-me de pensar que não queria que se mexessem para poder organizar as minhas ideias. — Respirava com dificuldade. — Isso era o que queria. Que ficassem quietos e com as mãos visíveis enquanto eu pensava em como fugir. Não queria disparar para ninguém, mas tinham de saber que falava a sério.

— Quantas vezes disparaste a arma? — perguntou Marge.

— Não me recordo, inspetora-chefe. Direi duas, mas não tenho a certeza.

— Está bem. Portanto, apontavas a 5,6 *mm* para a cabeça do Dylan.

— Sim... — Gabe abriu os olhos, mas estava a reviver mentalmente a cena. — Apontava para o Dylan com a 5,6 *mm* e ameaçava os outros com a segunda pistola. E pensava em como sair daquilo. E, então, lembrei-me da Yasmine. — Olhou para Marge. — Pedi-lhe para fugir, mas ficara petrificada. Não se mexia.

— Isso foi por causa do medo.

— Do medo, sim — confirmou ele, com um sorriso. — E talvez não quisesse abandonar-me. Porque, quando precisei de ajuda, mexeu-se.

— Como te ajudou?

— Eu pensava no autocarro. Passa por volta das sete da manhã e pensava que, se conseguíssemos entrar no autocarro...

Fez uma pausa.

— Agora que penso nisso, podíamos ter-nos ido embora ou ter ligado para o 911. Eu tinha as pistolas. Talvez não nos tivessem perseguido. Mas não sabia. Tomei as decisões sem pensar.

— Entendo.

— Pensava que tínhamos de estar num lugar público. Portanto, perguntei as horas à Yasmine. Faltavam quinze minutos para passar o autocarro e pensei que tinha de os entreter até então.

— Muito bem. Portanto, era um quarto para as sete?

— Mais ou menos. Disse à Yasmine para espalhar as coisas deles... As malas, as mochilas, as carteiras... Queria alguma coisa que os mantivesse ocupados para que não pudessem seguir-nos.

— E a Yasmine fez o que lhe pedias?

Gabe estalou os dedos.

— Assim, sem mais nem menos. Começou a mexer-se. Foi incrível.

Marge assentiu.

— No fim, apareceu o autocarro e estávamos a meio quarteirão. Agarrei na Yasmine e afastámo-nos a correr. Quase o perdemos. E, então, liguei ao Peter... Ao tenente. — Nesse momento, a pressão sanguínea disparou.

Marge carregou no botão para chamar as enfermeiras.

Gabe estava a tremer.

— Estou bem...A sério. É que pensei na sorte que tivemos e fiquei nervoso.

Rina entrou no quarto e viu Gabe a tremer.

— Vou chamar uma enfermeira.

— Estou bem, estou bem — insistiu Gabe. — Mas fica aqui, está bem?

Marge desligou o gravador e levantou-se.

— Acho que já tenho o que preciso por enquanto. Senta-te, Rina.

Rina sentou-se e deu a mão a Gabe. Assim que o rapaz sentiu a sua mão, os batimentos do seu coração acalmaram-se.

— Digam à enfermeira que foi um erro. Por favor. Não quero que me sedem. Odeio perder o controlo.

— Eu digo-lhe — tranquilizou-o Marge, enquanto acabava de arrumar tudo. — De certeza que terei mais perguntas, mas, por enquanto, já chega. Obrigada, Gabriel.

— De nada.

— Melhora depressa.

— Claro. — Virou-se para Rina. — Tens os meus óculos?

Rina tirou-os da mala. Gabe tirou as lentes de contacto, embrulhou-as num lenço e deu-lhas. Depois, pôs os óculos.

— Ena. Já me sinto melhor. Achas que poderei ligar à Yasmine agora?

— Podes tentar.

Gabe usou o telefone do hospital para lhe ligar. O telefone tocou até ir para o correio de voz.

— Olá, sou eu — disse. — Liga-me. Amo-te. — Segundos mais tarde, voltou a ligar e deu-lhe o número do quarto. Depois, suspirou. — Não vai ligar-me. A mãe deve ter-lhe tirado o telemóvel.

— Tenho a certeza de que a mãe vai deixar que venha visitar-te antes de a

mandar para casa da tia.

— O quê? — perguntou Gabe, endireitando-se de repente.

Rina apercebeu-se de que tinha falado demasiado.

— Acho que o Peter está preocupado com a segurança dela. Vai viver com a tia durante algum tempo.

— Onde vive a tia? — perguntou ele, com pânico na voz.

— Na cidade.

Gabe deitou a cabeça para trás.

— Meu Deus, então, não voltarei a vê-la. — Ficou calado, mas os seus olhos eram janelas para a sua mente. — Talvez quando acabar as minhas aulas na universidade...

— Gabriel, sabes que não podes fazer isso.

— Não consigo evitá-lo.

— Vais meter-te numa confusão. Não quererás fazer isso.

— Podem pôr-me na prisão por a assediar. Não me importo. Amo-a. E ela ama-me. — Tentou cruzar os braços, mas tinha um cateter no braço. — Também não é que seja um delinquente ou um perdedor. Muitas mães gostariam de me ter como namorado para as filhas.

— És maravilhoso...

— Meu Deus, pus a minha vida em perigo por ela. Isso não vale nada?

— Ninguém duvida do teu heroísmo.

— Então, o que se passa?

Rina não se incomodou em discutir.

— Achas que sou um adolescente idiota, mas não sou. Consigo sentir coisas muito profundas, sabes?

— Gabriel, sei que os teus sentimentos são reais. E os sentimentos dela também são reais. Ninguém te chama idiota.

— Exceto o meu pai.

Rina não disse nada e obrigou-se a sorrir.

Gabe olhou para a cara dela.

— O que se passa, Rina?

— Desculpa?

— Passa-se alguma coisa. Por favor, diz-me!

Rina suspirou.

— Se o Peter pensa que a Yasmine é vulnerável, também pensa que tu és. Acho que quer tirar-te do meio durante um tempo.

— Ah... Está bem. — Fez uma pausa. — Se for um assunto de segurança, deixarei a Yasmine em paz. Prefiro sofrer a permitir que lhe aconteça alguma coisa a ela. Amo-a a sério.

Rina assentiu.

— Rina, tens um olhar estranho. O que não estás a contar-me?

— O Peter está muito preocupado com a tua segurança. Quando saíres do hospital, vai mandar-te viver com o teu pai no Nevada até as coisas acalmarem e saber o que se passa.

Gabe ficou com a boca aberta.

— Estás a brincar! — Rina guardou silêncio. — O meu pai está de acordo com isso?

Rina assentiu.

— Meu Deus! — Gabe deixou cair a cabeça na almofada. — Quando pensava que isto não podia ser pior!

— De certeza que será muito pouco tempo antes de começares a universidade.

— Para isso, ainda faltam quatro meses. Preferia enfrentar quatrocentos Dylan a passar quatro meses com o meu pai.

— Se a coisa não funcionar, faz-me saber. Podemos fazer outras coisas.

— Como o quê?

— Quando tudo acalmar, podes voltar a viver connosco. Se as coisas continuarem problemáticas, sempre tens a tua tia. E de certeza que a Cindy adoraria deixar-te viver com ela. Gosta muito de ti.

— Sim, viver com alguém que está a cuidar de dois gémeos recém-nascidos. De certeza que vai adorar-me.

— Amamos-te, Gabe. Faremos o que for preciso. Mas, agora, tanto o Peter como o teu pai consideram que é boa ideia que vás para o Nevada.

— Perfeito, maravilhoso!

Os olhos de Rina humedeceram.

— Lamento muito, querido. Irei visitar-te sempre que quiseres.

Gabe suavizou o tom e deu-lhe a mão.

— Não faz mal... Vou ficar bem.

— Gabriel, não é para sempre. Sempre terás um lar com o Peter e comigo.

— Obrigado, mas isso não me ajudará agora. — Gabe deu uma gargalhada triste. Até isso bastou para sentir dores nas costas. — Faz-me um favor. Depois da operação, diz ao anestesista para não se incomodar em acordar-me.

Capítulo 34

Decker alcançou Marge quando ela chegou à esquadra.

— O Gabe conseguiu identificá-los?

— Tinha tanta certeza que acho que poderia tê-lo feito com os olhos fechados. — Fez uma pausa. — Isso não faz sentido.

O inspetor-coordenador sorriu.

— Quando vai ser operado?

Ela olhou para o relógio.

— Dentro de uma hora. Talvez um pouco menos.

— Ainda bem. O Lee Wang vai a caminho do hospital com as outras quatro tabelas de fotografias. A Yasmine identificou mais duas pessoas. A Darla Holbein e o Kyle Kerkin. Não tinha a certeza com o JJ Little e o Nate Asaroff. Talvez o Gabe consiga identificá-los.

— Esperemos — replicou Marge.

— Isto é o que há. — Decker olhou ao seu redor para se certificar de que não havia nenhum adolescente por perto. — O Oliver e eu acabámos de interrogar o Kyle Kerkin. No fim, pediu um advogado, mas não antes da sua diarreia verbal. A boa notícia é que temos uma relação entre o Dylan Lashay, o Kyle Kerkin e o Gregory Hesse, mas não é exatamente o que pensava.

— Ouço-te — disse Marge, tirando o bloco.

— A resposta breve é que o Kyle Kerkin é homossexual. Ninguém sabia quando o Dylan Lashay e ele tiveram uma aventura. O Dylan acabou com ele e ameaçou contar tudo, a não ser que o Kyle lhe desse pistolas da coleção do pai. Portanto, o Kyle deu uma única pistola ao Dylan e isso pareceu tranquilizá-lo. O Kyle continuou a proteger o seu segredo. Não tenho a certeza, mas acho que o Kyle Kerkin e o Gregory Hesse se conheceram graças ao Dylan. Em troca dos seus serviços, o Gregory Hesse, provavelmente, fazia todos os trabalhos para o Dylan e o Kyle deu-lhe uma pistola. Um bom acordo para todos.

— Portanto, o Gregory Hesse era homossexual? — Marge parecia cética.

— Segundo o Kyle, sim.

— E as fotografias da rapariga a ter sexo oral com o Greg?

— Não se vê a cara, pois não?

— Certo.

— O Kyle Kerkin tem o cabelo escuro à altura dos ombros.

— Sim. Bom, agora, entendo.

— Agora, vem a parte sórdida. Segundo o Kyle, o Gregory Hesse disparou à frente do Kyle e do Dylan Lashay, que estava a filmar o Greg enquanto brincava com a pistola.

— Meu Deus! Isso é doentio!

— Asqueroso. — Decker tremeu. — O Kyle diz que foi um acidente. Que a pistola não devia estar carregada. O Kerkin poderia estar a dizer a verdade ou poderia ser tudo mentira.

— Quem deu a pistola ao Gregory Hesse? — perguntou Marge.

— O Kerkin diz que foi o Dylan. Talvez o Kyle esteja a usar o Dylan como escapatória.

— Mesmo assim, se isso aconteceu, graças a Deus que a senhora Hesse não encontrou a câmara. — Olhou para Decker. — O Kyle tem a câmara?

— O Kyle diz que o Dylan a levou quando saíram de casa do Greg.

— Isso é muito estranho — replicou Marge. — Não encontrámos vestígios com sangue nem nada que sugerisse que havia mais pessoas presentes quando o Greg disparou.

— Talvez estivessem longe e não se tenham sujado. Ou talvez seja tudo mentira. O Kyle só falou connosco porque lhe dava a impressão de que conseguiria livrar-se das acusações. Quando nos perguntou se continuava detido e lhe dissemos que sim, pediu um advogado.

— Pensava mesmo que iam deixá-lo ir?

— Estes rapazes em particular aprenderam a usar a língua. Sabem como comportar-se à frente dos adultos. E, desde que fez dezoito anos, o Kyle é oficialmente um adulto.

— O Kyle estava armado quando o detivemos — observou Marge. — Não tem como escapar.

— Sim, parece que temos provas suficientes contra todos eles, começando pelo sequestro e tentativa de assassinato e passando pelas acusações por posse de armas e de drogas. Seria incrível se localizássemos a câmara de vídeo do Gregory Hesse.

— Pedirei autorizações judiciais para revistar as casas — declarou Marge.

— Se a câmara estiver por lá, vou encontrá-la.

— O Oliver já ligou ao Cruz Romero para as autorizações do Dylan Lashay, da Cameron Cole, do Kyle Kerkin e da Darla Holbein: tanto para a escola como para as casas. Se o Gabe conseguir identificar o JJ Little e o Nate Asaroff, pediremos autorizações também para. Por muito que eu gostasse de lá estar para examinar as casas, não posso. Terás de ser tu a fazê-lo.

— Eu trato de tudo — afirmou Marge. — Quando conseguir as autorizações, irei primeiro à Bell e Wakefield: abrirei todos os cacifos. Enviarei o Willy à casa do Dylan, o Drew a casa do Kyle, a Wanda a casa da Cameron. Quando acabar o meu trabalho na escola, irei às casas e fiscalizarei o resto.

— Perfeito — replicou Decker. — Procuramos pistolas, drogas ou qualquer objeto roubado, sobretudo, coisas relacionadas com o Gregory Hesse.

— Encontrei alguma relação entre a Myra Gelb e a Máfia da B e W?

— Ainda não surgiu, mas estamos agora a começar.

— E qual achas que era a grande exclusiva do Gregory Hesse? Se é que existia.

— Não tenho ideia. — Decker ouviu o seu nome e virou-se. Wynona Pratt chamou-os com a mão. Usava uma camisola verde por baixo de um casaco aos quadrados verdes, com calças castanhas e botas. Parecia prestes a ir à caça e, de certo modo, era exatamente o que ia fazer. — A Darla Holbein está com os pais no seu escritório. Querem vê-lo o quanto antes.

— Perguntaram por mim em concreto?

— Estão no seu escritório e supuseram que é o chefe. O que quer que lhes diga? Falo-lhes do Gabriel ou...?

— Eu vou, apresento-me e explico a situação. Depois, se continuarem a quer falar comigo, é coisa deles.

— Agora? — perguntou Wynona. — Os Holbein são muito religiosos. Não param de dizer à filha que tem de dizer a verdade, que é mais católico e moralmente correto.

— E não pediram um advogado?

— Inspetor-coordenador, têm um advogado com eles, um homem da igreja. Falou com a Darla e, aparentemente, não se importa que a Darla fale connosco. Os pais não param de dizer que é a sua última oportunidade de se

justificar perante Deus. O advogado não para de dizer que a Darla tem sorte porque ainda é menor. Acho que todos esperam que o promotor público não seja muito duro com ela.

— Com a idade dela, não acho que receba uma sentença muito dura. Tudo depende do que tem para dizer. Já vou.

Oliver juntou-se à conversa.

— Acabei de falar ao telefone com o padrasto do Dylan, o Roy Lashay. A esposa e ele vêm a caminho para ver o Dylan com um advogado.

— Onde está o Lashay? — perguntou Marge.

— Enviaram-no para Van Nuys há uma hora — explicou Oliver. — Liguei para o escritório do promotor público para os informar. Mas um de nós terá de estar presente antes de o processarem.

— São muitas acusações e muito pouco tempo — comentou Decker.

— Quando será isso? — perguntou Marge.

— Dentro de algumas horas — respondeu Oliver.

— E as autorizações judiciais para revistar as casas e a escola? — perguntou Decker.

— Vou falar com o juiz — indicou Oliver.

— Quando as tiveres, queres ir à Bell e Wakefield revistar cacifos? — perguntou Marge.

— Sim, claro. — Oliver olhou para Decker. — Um aviso, rabino. O Roy Lashay está furioso. Diz que o Dylan foi atacado pela rapariga e pelo Gabe, a quem não para de chamar Chris.

Marge olhou para Decker.

— Já te disse que, quando os prendemos, decidiram contar a história do roubo.

— Parece-me que nem todos se cingiram ao guião — redarguiu Decker.

— O Lashay mostrou-se muito agressivo. Disse que o seu advogado vai descobrir tudo porque nem tu nem nenhum dos que trabalham para ti são imparciais. Também chamou o pai biológico do Dylan, que é um advogado civil. O Lashay também ameaçou que nos processaria a todos, civil e criminalmente e que, quando acabasse, não restaria nem um centavo.

Decker arqueou uma sobrancelha.

— Obviamente, é um plano de ataque a que não falta mérito. Eu sou vulnerável.

— Quem é o advogado de defesa do Dylan? — perguntou Marge.

— O Sandford Book — esclareceu Oliver.

— É dos bons — comentou Decker.

— E quem é o pai biológico do Lashay? — perguntou Marge.

Oliver reviu as notas.

— O Maurice Garden. Não sei nada sobre ele, mas não conheço muitos advogados civis.

— E porque acho que o conheço? — perguntou Marge.

— Procura no Google — sugeriu Decker. — E, já que estás a fazê-lo, talvez possamos descobrir porque é que o Dylan tem o apelido do padrasto. Tem de haver uma razão.

— Maurice Garden... — Marge introduziu o seu nome no telemóvel. — Meu Deus! — Agarrou Oliver pelo ombro. — Scott! A médica com que falámos. Olivia Garden!

Oliver bateu na testa e virou-se para Decker.

— A pistola que o Gregory Hesse utilizou para disparar foi roubada do escritório da Olivia Garden há seis anos.

O coração de Decker acelerou.

— O Maurice e ela são parentes?

Marge continuou a busca no Google.

— É advogado civil... divorciado há seis anos, casado novamente... com quatro filhos. A esposa atual chama-se Lily. Não diz nada sobre os pais do Maurice.

— Procura o nome da Olivia Garden — pediu Decker.

— Está bem, aqui está... Doutora Olivia Garden... frequentou a universidade de medicina da UCLA... casada... Sim! Tem dois filhos, Maurice e Jonas, ambos advogados. — Marge sorriu. — Acho que temos a relação, rapazes.

— Tanto o divórcio como o roubo foram há seis anos — observou Decker.

— Talvez o pequeno Dylan tenha ido ter com a avó em busca de ajuda — disse Oliver.

— E de pistolas — acrescentou Marge.

— Nessa altura, teria doze anos — indicou Decker.

— Em plena puberdade — avisou Marge. — Quando a testosterona dispara e o cachorrinho mais inofensivo se transforma num *pitbull* raivoso.

O cabelo comprido de Darla tapava-lhe quase toda a cara, mas a parte que Decker via estava cheia de manchas e de lágrimas. Tinha os olhos vermelhos e inchados. Parecia-se com o pai, Dominick, com a sua cara arredondada e os seus olhos azuis. Marie, a mãe, tinha os olhos escuros, as maçãs do rosto marcadas e o cabelo curto e grisalho. Não usava joias nem maquilhagem. O pai usava um fato preto, uma camisa branca e uma gravata azul, quase tal como Cecil Quiller, o representante legal de Darla.

Depois de se apresentar e explicar a situação, Decker imaginou que o advogado se concentraria no assunto da imparcialidade para tirar a cliente dos apuros. Mas foi Marie Holbein que falou.

— O rapaz que foi atacado é o seu filho de acolhimento?

— Tecnicamente, não — redarguiu Decker. — Não recebo dinheiro do estado. O rapaz precisava de um lugar onde viver e a minha esposa e eu decidimos dar-lhe um lar até se tornar independente.

— Portanto, além disso, é um servo de Deus — comentou Marie.

Era bom sinal.

— Simplesmente, estou a fazer um favor ao rapaz.

— Mas tem uma relação pessoal com o rapaz — comentou o advogado.

— Certamente — confirmou Decker.

— E, provavelmente, sente-se mais inclinado a acreditar na versão dele do que na dos outros.

— Eu retirei-me da parte ativa da investigação — explicou Decker. — É por isso que estão com a inspetora Pratt e não comigo.

— O que quer dizer com «parte ativa»? — perguntou Quiller.

Então, interveio Wynona.

— Ele age como um polícia de trânsito. Ponham este na sala um, façam uma tabela de fotografias de reconhecimento, peçam uma autorização para revistar. Coisas assim.

— Eu não interroguei nenhum dos adolescentes de maneira ativa, a não ser que alguém pedisse para falar comigo em concreto.

— E aconteceu?

— Sim, aconteceu.

Marie levantou a mão.

— Não viemos aqui para absolver a Darla em função de um tecnicismo, inspetor-coordenador. Talvez isso funcione com outros pais... Açam que estão a proteger os filhos. De facto, estão a piorar a situação porque o que

fazem está moralmente incorreto. O Dominick e eu não defendemos os nossos filhos a todo o custo. Se o fizermos, não ajudamos a Darla.

— E eu estou totalmente de acordo com a minha esposa — interveio Dominick.

Aquele casal era a fantasia de qualquer polícia... e o pior pesadelo de Darla.

Marie virou-se para a filha com um brilho fervoroso no olhar.

— Darla, se queres ter uma vida moral, deves limpar a tua consciência perante Deus.

Então, o advogado falou.

— Estou de acordo contigo, Marie, do ponto de vista de um cristão praticante. Mas acho que devo agir como advogado e fazer tudo o que puder pela Darla no aspeto legal. — Quiller virou-se para Decker. — Ela é menor. Quero que apaguem os seus antecedentes. Não vai haver prisão, nem sequer num centro de menores. Nem liberdade condicional, nem serviços à comunidade. A igreja vai certificar-se de que paga pelos seus pecados. Mas não pode ver-se afetada por este incidente desafortunado.

— Quer que eu aja como polícia, mesmo que tenha relação com o Gabe e o rapaz viva comigo? — perguntou Decker.

— Se tiver a capacidade de ajudar a Darla — indicou Quiller —, será um prazer trabalhar consigo.

— As acusações são muito sérias — explicou Decker, enquanto se sentava. — Depende do que ela tiver para dizer.

— Eu sei o que tem para dizer, porque já falou comigo. A Darla nunca se meteu em confusões.

— Quando a prenderam, tinha metanfetaminas.

— A Darla tem um problema com o abuso de drogas, coisa que agora sabemos — explicou Quiller. — Como parte do acordo para admitir a sua responsabilidade, garanto-lhe que irá para a reabilitação. Queremos que faça trabalhos comunitários dentro da igreja. Temos um programa em África. Será perfeito para uma rapariga tão brilhante como ela.

— O escritório do promotor público é o responsável por aceitar os acordos desse tipo.

— Mas pode fazer recomendações. Isso é o que pretendo. Além disso, depois de ouvir o que aconteceu, ficará satisfeito com a sua decisão. A Darla pode contar-lhe muitas coisas que seriam de grande utilidade.

Decker olhou para o gravador que havia na mesa.

— Isto funciona? — perguntou a Wynona.

— Sim. Testei-o várias vezes.

— Muito bem — acedeu Decker. — Se quiserem que me envolva, sou todo ouvidos.

Todos olharam para a adolescente. Ela pôs o cabelo atrás das orelhas e mordeu o lábio inferior. Quando finalmente falou, fê-lo num tom fraco.

Capítulo 35

— O Gabe identificou-os?... Sim?... E tem a certeza?... Fantástico! Espera, Lee. — Marge virou-se para Oliver. Iam a caminho da Bell e Wakefield depois de terem ido buscar as autorizações civis para revistar Dylan Lashay, Kyle Kerkin e Cameron Cole. — O Gabe acabou de identificar o Kyle Kerkin, o JJ Little, a Darla Holbein e o Nate Asaroff.

Oliver, que ia a conduzir, deu um murro no volante.

— Em frente — disse Marge. — Pede ao Willy para dizer aos dois advogados que identificaram os seus clientes.

— O que se passa? — perguntou Oliver, enquanto Marge ouvia ao telefone.

— Espera, Lee — pediu Marge —, vou ligar o altifalante para que o Oliver possa ouvir. — Carregou num botão e aumentou o volume.

— Acabei de falar ao telefone com o Willy, que está com o JJ Little — anunciou Wang. — O rapaz agarra-se à história do roubo, diz que foi a vítima e o Gabe, o agressor. O seu advogado descobriu que há uma relação entre o Gabe e o inspetor-coordenador e defende o argumento da parcialidade. Portanto, o Willy está a seguir o protocolo passo a passo. Vai preparar uma tabela de seis fotografias com uma fotografia do Gabe.

— Boa ideia por dois motivos — replicou Marge. — É bom se o JJ Little identificar o Gabe, sobretudo, porque a Yasmine não conseguiu identificá-lo. Desse modo, o JJ não poderá voltar atrás depois e dizer que não estava lá.

— Isso é o que tencionamos fazer. Situar todas as partes ofendidas na cena do crime e, depois, deixar que as provas esclareçam tudo. O JJ e o seu advogado não sabem que o Gabe foi ferido. Quando descobrirem, talvez mudem de estratégia.

— Olha, Lee, para não parecermos parciais, quero que alguém vá a casa dos Decker e reviste o quarto do Gabe. Faz com que o inspetor-coordenador te dê permissão para o exame e com que o advogado do JJ também vá.

— Está bem, farei isso. E a rapariga?

— Primeiro, vamos encarregar-nos do Gabe. Se estiver limpo, é provável que não seja necessário fazer o mesmo com a rapariga. Já passou por coisas suficientes. Não quero traumatizá-la mais.

— O Gabe consome drogas?

— Não sei, mas, pelo menos, seremos congruentes. E o Nate Asaroff?

— O advogado quer um acordo.

— O Asaroff é menor de idade?

— Sim. E, que eu saiba, estava lá, mas não fez nada.

— O que tinha quando o prendemos?

— Alguns gramas de marijuana e alguns comprimidos. Ele poderia cantar, dependendo do que tiver para nos dizer.

— Quem está com o Nate agora?

— O Drew Messing.

— Vou ligar ao Drew assim que desligar esta chamada — informou Marge.

— O que estão a fazer agora? — perguntou Wang.

— Temos autorizações para revistar as coisas do Lashay, da Cole e do Kerkin — anunciou Oliver. — Vamos para a Bell e Wakefield para ver os cacifos.

— Querem que vos ajude? — perguntou Wang.

— Eu gostaria que nos encontrássemos lá — respondeu Marge. — Podes ir buscar a autorização para revistar a casa do Dylan Lashay e começar com isso.

— Não há problema. Qual é a morada da escola?

Marge deu-lha antes de desligar. Depois, ligou para a esquadra. Um minuto depois, Andrew Messing pegou no telefone.

— O Gabe Whitman acabou de identificar o Nate Asaroff — explicou Marge. — Conforme penso, o advogado dele quer um acordo.

— E pensa bem, inspetora — confirmou Messing. — O inspetor-coordenador chamou alguém do escritório do promotor público para vir falar com os pais. Os adolescentes estão a mudar as suas versões.

— O que é que o advogado do Asaroff quer?

— Que retirem todas as acusações contra ele em troca da sua versão. Também assinalou que o Nate é menor. Faltam dois meses para fazer os dezoito anos.

— Podíamos julgá-lo como adulto. Quanto às acusações, depende do que tiver para dizer e do que o promotor público pensar. Volta a ligar-me quando tivermos a gravação.

— Assim farei.

Marge desligou o telefone quando Oliver entrava no estacionamento dos visitantes. Procurou um lugar.

— Aqui vamos. — Pôs o carro num dos lugares e desligou o motor. — Acho que o Martin Punsche não vai achar muita graça à nossa visita inesperada.

— Talvez se irrite.

— Interrogo-me como explicará esta reviravolta dos acontecimentos aos pais que pagam as matrículas da B e W.

Ficaram em silêncio durante uns segundos.

— Já sei — anunciou Marge.

— Conta-me.

— O que os adolescentes fizeram não foi uma tentativa de sequestro — explicou, com um sorriso. — Foi uma representação para um projeto de arte.

— Perfeito. — Oliver abriu a porta do carro. — É uma pena que o Dylan não tivesse uma câmara de vídeo. Aposto que muitos museus teriam dado tudo para ter esse vídeo.

Antes de chegar ao departamento de homicídios, Decker lidara com muitos casos como inspetor, concretamente, seis anos no Departamento de Menores e Crimes Sexuais, com Marge Dunn. Interrogara centenas de delinquentes adolescentes cujo estado emocional ia desde o atrevimento até à ingenuidade fingida. Mas, em todos esses anos, Decker nunca conhecera uma rapariga tão arrependida como Darla Holbein. Começou o interrogatório com a seguinte declaração:

— Mereço arder no inferno.

Marie Holbein, a mãe, não se alterou.

— Se não te comportares, Darla, será isso que acontecerá. Deixa-te de dramas e conta ao inspetor-coordenador o que aconteceu esta manhã.

A rapariga resmungou alguma coisa e o pai pediu-lhe para falar mais alto.

Darla limpou os olhos.

— Só quero dizer que lamento muito. Se a rapariga quiser ver-me e gritar

ou bater-me ou... Estou disposta. Também me alegraria por fazer serviços comunitários na organização de beneficência que ela escolher. E, se quiser que vá para a prisão, também posso fazer isso. Não tenho medo da prisão, porque posso fazer a minha penitência lá. Tenho medo de Deus.

— Ámen — afirmou Marie.

— Ámen — repetiu Dominick, o pai.

— Aceito a responsabilidade de todos os meus atos. — As lágrimas brotavam dos seus olhos sem cessar. — Agradeço muito que Jesus me tenha dado a oportunidade de me arrepender e de me redimir. O nosso Senhor morreu na cruz pelos nossos pecados. Só quero que todos saibam.

Marie mordeu o lábio e os olhos humedeceram.

— Jesus vai perdoar-te se realmente fizeres a tua penitência. Portanto, começa por contar aos inspetores o que aconteceu.

Agora, mãe e filha choravam em silêncio.

— Dormi em casa da Cam — começou a Darla. — Temos um projeto da aula de formação cívica em que trabalhávamos juntas. Tínhamos de o entregar hoje. Foi por isso que dormi em casa dela. — Olhou para Wynona e, depois, para Decker. — Quando temos trabalhos de grupo, trabalhamos sempre juntas, embora eu faça quase todo o trabalho. Não me queixo, só digo as coisas como são.

— A Cameron é uma boa amiga? — perguntou Wynona.

Darla olhou para a mãe.

— Conhecemo-nos há muito tempo. Conhecemo-nos quando éramos crianças, na igreja. Íamos juntas a todos os eventos. É muito divertida. Além disso, é linda e chama a atenção dos rapazes.

— Ser demasiado bonita é obra do diabo — murmurou Marie. — Olha para os problemas que te trouxe.

— É popular, sim, mas não só pelo seu aspeto, mãe. É carismática. Todos se aproximam dela. Pode ser divertido ser amiga dela.

Retorceu as mãos.

— Há seis anos, os pais dela deixaram de ir à igreja. — Olhou para a mãe para o confirmar. — Seis anos, não é?

— Sim. Mais ou menos.

— Primeiro, os pais deixaram a igreja. Depois, poucos meses mais tarde, separaram-se. Foi muito difícil para a Cameron. Então, a mãe encontrou um namorado mais jovem e o pai, uma namorada muito mais jovem. Os pais dela

perderam a cabeça. A Cameron dizia que começaram a beber muito... à frente dela.

— A minha filha não me tinha contado — defendeu-se Marie. — Caso contrário, teria chamado aos serviços sociais.

«Foi precisamente por isso que não lhe contou», pensou Decker.

— Portanto, a Cameron tinha cerca de doze anos quando isso aconteceu?

— Sim — confirmou Darla. — Estávamos no sétimo ano. A certa altura, viviam todos juntos na casa. Os pais e o namorado e a namorada. Foi muito difícil para a Cam. Acho que foi então que começou a fumar erva. Eu pedi-lhe para parar, que as drogas eram obra do diabo, mas não me fez caso. Refugiava-se na erva.

— Devias ter-nos contado imediatamente — replicou Marie. — Podíamos tê-la ajudado.

— Mesmo que a lei não interviesse — acrescentou Dominick —, a igreja poderia ter ajudado.

— Agora, compreendo, pai, mas era uma criança.

— Continuas a ser uma criança — indicou Quiller. — Se disseses a verdade, tenho a certeza de que a lei o terá em consideração.

— Estou a dizer a verdade — garantiu Darla. — Mentir não só é pecado, mas também é difícil. — Esfregou os olhos. — Supus que o melhor que podia fazer pela Cameron era ser amiga dela e tentar fazer com que voltasse para a igreja.

— Está bem — disse Decker.

— A situação em casa dela durou cerca de um ano e meio. Então, a meio do oitavo ano, os pais da Cam decidiram voltar a estar juntos.

Darla levou a mão à boca.

— Mas aconteceu uma coisa importante. A Cameron não me disse, mas tenho a certeza de que teve a ver com o namorado da mãe. Passou de o odiar a gostar dele. Tornaram-se muito... íntimos. Era preciso ser idiota para não perceber o que se passava.

As lágrimas começaram a brotar.

— Mudou. A Cameron sempre tinha sido boa estudante quando se aplicava. Mas deixou de se aplicar. É inteligente, mas não o suficiente para tirar boas notas e drogar-se ao mesmo tempo. Começou a seduzir os rapazes inteligentes para a ajudarem. Foi assim que conheceu o Dylan. Apesar do que possam pensar do Dylan, é muito inteligente.

— Não tenho dúvida — comentou Decker.

— Era estudioso quando ela o conheceu. Estava apaixonado por ela. Ao longo do nono ano, seguia-a como um cachorro. Ela iniciou-o no sexo e nas drogas. Mas, em algum momento do décimo ano, as coisas mudaram. O Dylan começou a fazer exercício. Tornou-se mais alto. E ficou muito musculado.

— Esteroides? — perguntou Wynona.

— Sim. Esteroides também. O Dylan tornou-se popular entre os rapazes e entre as raparigas. Começou a cultivar a sua imagem de rapaz mau. Atraía um grupo leal de seguidores. As drogas faziam parte do conjunto. O Dylan tinha dinheiro. Comprava drogas e começou a distribuí-las de graça. Depois, começou a pedir dinheiro por elas, não demasiado ao princípio, só para cobrir os gastos. Dizia que não estava a ganhar dinheiro. Mas, mais adiante, começou a cobrar mais dinheiro, sobretudo, pelas metanfetaminas. — Afastou o olhar. — Quando estamos viciados nas metanfetaminas, é difícil mudar de rumo.

Os olhos dela humedeceram.

— A Cameron sabia que eu não tinha dinheiro suficiente para... conseguir o que precisava. Empréstou-me algum, mas disse-me que havia outras maneiras de ganhar dinheiro. — Olhou para baixo. — Portanto, eu fazia o que me pedia para fazer. Precisava realmente daquilo. — Cerrou os dentes com uma careta de dor. — Era muito humilhante.

Começou a soluçar. A mãe pôs-lhe uma mão na cabeça e inclinou-se para lhe dar um beijo na face.

— Deus vai amar-te se realmente te arrependeres.

— Arrependo-me, mãe, arrependo-me a sério. Mas preciso de ajuda.

— Já vê que a rapariga precisa de reabilitação, não de prisão — interveio Quiller.

— Jesus ama-nos a todos, Darla, santos e pecadores — indicou o pai.

Darla limpou os olhos e disse:

— Ámen.

— Deves confessar os teus pecados.

— Assim farei, pai, juro-te.

— Se te arrependeres realmente, Deus perdoará — insistiu Marie. — Mas parte da redenção consiste em admitir os teus pecados. Deves contar aos inspetores o que aconteceu esta manhã.

«Ámen a isso», pensou Decker.

— Chegámos à parte em que ficaste a passar a noite em casa da Cameron porque tinham de trabalhar juntas num projeto — indicou.

Darla assentiu e voltou a limpar olhos.

— A Cameron estava de mau humor esta manhã. Tinha conhecido esse rapaz... — Olhou para Decker. — Chamava-se Chris, mas, esta manhã, disse que se chamava Gabriel e que o pai dele era um mafioso a sério. — Olhou para Decker para que o confirmasse, mas ele não disse nada.

— Continua — pediu Wynona.

— A Cameron gostava muito dele. Era bonito e alto... Mais alto do que o Dylan. E gostava disso. O Dylan tem boa constituição, mas é baixinho. Mas a verdadeira razão por que a Cameron gostava dele era porque tinha enfrentado o Dylan. Sabia muito mais sobre pistolas do que o Dylan. O Dylan acha que é um perito em armas. — Virou-se para Decker. — Como é que o seu filho de acolhimento sabe tanto sobre pistolas?

— Isso não te diz respeito, Darla — indicou a mãe. — Continuemos com isto para podermos resolver o teu futuro.

Darla suspirou.

— A questão é que gostava dele, mas não fez nada a respeito disso. Então, um dia, encontrou-o numa paragem de autocarro. Interpretou-o como um sinal de que devia ser assim. Não sei o que significa isso, mas foi o que me contou. Disse-me que tocava num grupo de *rock* e que, algum dia, seria famoso. Tinha-o convidado para casa dela para tomar drogas, mas ele rejeitou-a e disse que tinha uma audição importante. Eu pensava que era mentira, mas não disse nada. — Olhou para Decker. — Toca num grupo de *rock*?

— Darla, para de fazer perguntas e conta tudo aos inspetores — pediu o pai.

A rapariga corou.

— A questão é que não foi a casa dela, mas pediu-lhe o número de telefone. Ela também lhe pediu o dele. Esperava que lhe ligasse, mas nunca o fez. Mandou-lhe uma mensagem, mas o número não estava correto. A Cam depressiu-se muito. Pensou que estava a rejeitá-la e não está habituada a isso. Então... Meu Deus... Viu-o com outra rapariga. Uma morena feia e estúpida, foi assim que a Cam a descreveu. Viu-os a beijar-se. Estava claro que eram um casal. Estava furiosa porque ele mentira. Mais do que isso, odiava que

preferisse a morena a estar com ela. Foi ódio imediato.

Wynona assentiu e encorajou-a a continuar.

— Eu pedi-lhe para esquecer o assunto. Obviamente, o rapaz era um idiota, mas a Cam insistia. Então, teve uma ideia «brilhante». Disse ao Dylan que o Chris a tinha violado e que queria que vingasse a sua honra ou uma estupidez semelhante. O Dylan é muitas coisas, mas não é idiota. Não acreditou. Riu-se dela. Mas a Cam insistiu. Violou-me, violou-me, violou-me. Até um dia... Eu estava ali... O Dylan virou-se para ela e disse... — Olhou para a mãe e para o pai. — Será melhor taparem os ouvidos.

— Darla, conhecemos os palavrões — tranquilizou-a Marie. — Mas escolhemos não os usar. Continua.

— Está bem. — Respirou fundo antes de continuar. — O Dylan disse à Cameron: «O que se passa, ordinária? Foste para a cama com ele e, agora, queres que fique ciumento.» E, então, abanou as mãos e riu-se. Como se não se importasse. E talvez fosse assim. Portanto, a Cam disse: «Sim, fui para a cama com ele e é muito maior do que tu.» — Virou-se para Decker. — Isso enfureceu o Dylan. Portanto, no fim, aconteceu o que ela queria. O grupo decidiu encurralar a rapariga. Só para a assustar. Portanto, a Cam ligou ao Dylan esta manhã e disse-lhe que hoje era o dia. Não sei porque escolheu o dia de hoje, mas foi assim. Provavelmente, porque estava de mau humor.

Regressaram as lágrimas.

— De modo que combinámos encontrar-nos no lugar onde a Cam tinha visto o Chris com a rapariga. E vimo-la a entrar pela porta. Pegou no telemóvel e, antes de conseguir fazer a chamada, o Dylan aproximou-se por trás e pôs-lhe uma pistola nas costas. A Cam tirou-lhe o telemóvel e atirou-o para os arbustos. Depois, rodeámos-la e dissemos tolices.

— Que tipo de tolices? — perguntou Wynona.

Darla falava entre soluços.

— Era tudo uma brincadeira para a assustar. Íamos deixá-la ir.

— Que tipo de tolices?

— O Dylan disse que ia... Sabem. — Silêncio. — Que ia levá-la e... — Desviou o olhar. — Que ia... e, então, a Cam disse qualquer coisa sobre... qualquer coisa sobre... violação em grupo...

A mãe deu um grito abafado.

— Não iam fazê-lo — insistiu Darla. — Era apenas para a assustar.

— Para a assustar com uma pistola? — perguntou Wynona.

— Não estava carregada! — insistiu Darla.

— Ameaçaste disparar?

— Não me lembro do que disse. — Mais lágrimas. — A Cameron e o Dylan estavam a dizer-lhe todo o tipo de coisas. E a ideia de usar a pistola foi do Dylan. Adora pistolas.

— E pareceu-te que estava bem ameaçá-la com uma pistola? — perguntou Wynona.

— Não, não está bem. É terrível! — Começou a chorar. — Foi mau, mas eu sabia que não estava carregada, portanto, não tinha medo por ela.

— Não estava carregada?

— Depois, descobrimos que estava quando o Chris disparou. Mas juro que não sabia de nada até esse momento. Nunca teria... — Olhou para os pais. — Juro que não sabia.

— Mas viste o Dylan a tirar uma pistola.

— Sim.

— O que fez com ela?

— Apontou-a para as costas dela para a assustar. Mas juro que não sabia que estava carregada.

— Está bem — disse Wynona. — Portanto, encurralaram a rapariga e o Dylan apontou-lhe uma pistola às costas. O que aconteceu depois?

— Começámos a andar.

— Onde iam?

— Para casa da Cameron. Os pais dela vão trabalhar muito cedo.

— O que tencionavam fazer à rapariga em casa da Cameron?

— Só queríamos assustá-la um pouco.

— Como?

— Sabe...

— Não, não sei. Conta-me.

— Dizendo-lhe coisas.

— Coisas sobre violá-la entre todos?

— Ninguém ia magoá-la realmente. Eu não teria participado numa coisa dessas.

— Portanto, estavam a encurralar a rapariga, o Dylan apontou-lhe uma pistola às costas e iam para casa da Cameron — resumiu Wynona.

Darla assentiu.

— Está bem. E depois?

— Aconteceu tudo muito depressa — redarguiu a rapariga. — Chegámos a Greendale Park e o Chris apareceu do nada. — Reapareceram as lágrimas. — O Chris e o Dylan começaram a falar... e a Cam disse ao Dylan que o Chris a tinha violado.

— E tu sabes que isso é mentira.

— Sim, claro que é mentira.

— Continua.

— Portanto, o Chris disse ao Dylan que nunca lhe tinha tocado. E o Dylan e ele começam a discutir... Trocaram acusações... E, então, a arma disparou e... de repente, o Chris está a apontar uma pistola para a minha cara, a ameaçar dar um tiro a todos. Direi uma coisa com sinceridade. O Chris era mais assustador do que o Dylan porque ele disparou a pistola. Fiquei paralisada. — Olhou para Wynona e, depois, para o advogado. — O único que disparou uma arma foi o Chris.

— E tens a certeza.

— Absoluta!

— E foi então que te apercebeste de que a pistola do Dylan estava carregada?

— Exato.

— Darla, sabes que, se acontecer alguma coisa, se a pistola disparar e alguém for ferido, és responsável pelo tiroteio, mesmo que pensasses que a pistola não estava carregada.

Darla assentiu com solenidade.

— Ninguém foi ferido.

— Tens a certeza?

— Absoluta. Como digo, o único que disparou a arma foi o Chris. E nenhum de nós foi ferido, portanto...

— O Chris chama-se Gabriel — explicou Wynona.

— Gabriel... Chris... O que importa?

Wynona olhou para Decker e assentiu.

— Sabes que o Gabriel está no hospital? — perguntou a inspetora.

A mãe de Darla ficou branca.

— O que se passou?

— Deram-lhe um tiro.

— Não! — exclamou Darla. A mãe ficou com a boca aberta. O pai parecia perplexo. — Isso é impossível. Quando se foi embora, estava bem!

Quiller levantou as mãos para que se calasse.

— É grave?

— É uma ferida de bala — esclareceu Wynona.

— É possível que o rapaz se tenha magoado sozinho?

— É bastante improvável — interveio Decker. — Pelos resíduos de pólvora da ferida, dispararam de uma distância de setenta centímetros.

— Não pode ser! — Darla estava a tremer. — É impossível.

— Viverá? — perguntou Marie.

— Está no bloco operatório — respondeu Decker.

— Meu Deus! — Virou-se para o marido. — Temos de rezar por ele.

— Mais tarde. — Quiller virou-se para Wynona. — Quem disparou?

— Isso é o que estamos a tentar descobrir — indicou ela.

— O que vos disseram?

— Até que ponto é que a sua cliente está disposta a cooperar? — perguntou Wynona.

— Se cooperar, o que podem fazer por ela? — perguntou Quiller.

— Desde que não tenha sido ela a disparar...

— Eu nunca disparei uma pistola! — exclamou Darla. — Já me examinaram as mãos.

— Não encontraram nada — explicou Quiller.

— Talvez tenha lavado as mãos — sugeriu Wynona.

— Juro que não disparei contra ninguém. — A rapariga estava histérica.

— Se cooperar e não for a responsável, o que podem fazer por ela? — insistiu Quiller.

Wynona olhou para Decker e ele assentiu.

— O que tem em mente?

— Sabem que é menor.

— Tem dezassete anos. Podíamos julgá-la como adulta por sequestro e tentativa de...

— O quê? — gritou Darla.

— Acalma-te, Darla! — tranquilizou-a Quiller. — O que podem recomendar ao promotor público?

— O que quer?

— Antes de mais nada, tem de ir para a reabilitação por causa abuso de substâncias — explicou Quiller. — Tempo numa clínica de reabilitação em vez de num centro de menores.

— Não sei se posso fazer isso.

— Bom, isso é um pré-requisito para cooperar. Além disso, se aceder a ser testemunha, quero que retirem todas as acusações. Como disse, irá para a reabilitação imediatamente por causa do abuso de substâncias e, depois, a igreja imporá quinhentas horas de serviços à comunidade.

— Eu pensava em liberdade condicional e duas mil horas de serviços comunitários — replicou Wynona.

— Sem liberdade condicional. Não quero que tenha antecedentes. Têm de retirar todas as acusações.

— Não sei se posso fazer isso — insistiu Wynona. — As acusações são graves.

— Que tal cinco mil horas de serviços à comunidade? Ordenadas pela igreja.

— Não posso responder pelo promotor público. Além disso, o tribunal tem de ter provas de que está a cumprir com as suas obrigações comunitárias.

— Quanto são cinco mil horas em dias? — perguntou Marie.

— São entre três e quatro anos a trabalhar a tempo inteiro — esclareceu Wynona.

— Isso seria bom — declarou Marie. — A igreja está envolvida em vários programas de beneficência em África. Vou enviá-la para lá imediatamente depois da reabilitação.

— E a viagem de fim de curso e a graduação? — perguntou Darla.

— Estás a brincar comigo? — inquiriu a mãe, com ironia.

— Eu gostaria de assistir à cerimónia de graduação. Despedir-me de todos.

— Enlouqueceste? Não podes pôr um pé nesse lugar. Terás sorte se a Bell e Wakefield aceder a graduar-te! Quando isto se souber, espalharão rumores sobre ti!

— Se se tornar testemunha do estado — começou a dizer Wynona —, o promotor público quererá saber onde está a cada momento. Além disso, terá de regressar de África se alguma das partes envolvidas for a julgamento.

— Muito bem. — Quiller olhou para Wynona. — E, da nossa parte, não há nada garantido até estar por escrito.

— Acho que estamos de acordo nisso — interveio Decker, com um sorriso. — Mas saberá que uma garantia por escrito funciona para ambos os lados.

Capítulo 36

O que não estava no cacifo de Dylan Lashay: pornografia, trabalhos amarrotados, lápis ou canetas, réguas partidas, compassos, pedaços de papel, pacotes de comida ou fruta podre, meias de ginástica suadas ou *t-shirts* velhas.

O que estava no cacifo: livros de texto e cadernos, dois revólveres, duas semiautomáticas incluindo uma velha *Raven MP-25*, conhecida usualmente como Especial de Sábado à Noite, e uma pistola elétrica. Também havia vários sacos de metanfetaminas, dois cachimbos de *crack* usados, quatro caixas de munições, duas caixas de preservativos, um rolo de fita-cola, fio de pesca, duas máscaras de esqui pretas, uma caixa de luvas de látex e uma caixa de sacos do lixo azuis.

Marge levava uma câmara de filmar consigo para filmar tudo o que encontrassem. Fora uma boa decisão. Foi filmando e narrando enquanto Martin Punsche cortava o cadeado. Foi filmando e narrando enquanto Martin Punsche abria a porta do cacifo. E foi filmando e narrando enquanto Oliver ia tirando os objetos do interior do cacifo. Quando Scott acabou, havia um arsenal em cima de uma série de toalhas brancas. Depois, ambos começaram o processo árduo de guardar as provas.

— Os alunos de Yale não sabem a sorte que têm — comentou Marge.

Martin Punsche ficou enjoado durante o processo, suava enquanto tiravam uma arma atrás da outra, murmurando de vez em quando.

— Não... Não sei o que dizer.

— Não tem de dizer nada. — Marge agarrou na Especial de Sábado à Noite e descarregou-a.

— Isto é assustador — comentou Oliver.

Tinham passado as fitas amarelas no corredor. Apesar dos esforços do corpo docente para manter os estudantes afastados, havia uma multidão de mirones.

O vice-diretor apertou a gravata.

— Estou... perplexo.

— Quando é que o diretor voltará? — perguntou Marge.

— Está na Europa.

— Deveria avisá-lo imediatamente — indicou Oliver. — Quererá saber.

— Vou fazê-lo quando acabarmos aqui — declarou Punsche.

— Isto vai demorar algum tempo — explicou Oliver.

— Apercebo-me disso, mas tenho de fiscalizar o procedimento para me certificar de que não acrescentam nada que não estava lá. — Ao sentir o ódio no olhar de Oliver, Punsche acrescentou: — Sem querer ofender.

— Não me ofende — redarguiu Marge. — Queremos que tudo se faça de maneira correta. Vamos filmar todos os objetos enquanto os guardamos. E o inspetor Oliver está certo quando diz que demoremos algum tempo.

Tanto tempo que Marge ligou a Decker e explicou-lhe o que tinham encontrado.

— Sei que não podes fazer nada que te envolva de maneira direta, mas não vejo porque não podes ligar para o tribunal e perguntar a que horas será a leitura das acusações do Dylan Lashay.

— Fá-lo-ei.

— Quem é o promotor público do caso do Lashay?

— A Nurit Lake.

— É um osso duro de roer — comentou Marge. — Exatamente o que precisamos. Devia vir aqui e ver todas as provas que temos, antes de apresentar as acusações. Vendo o que este rapaz juntou, eu também devia estar presente.

— Acho que a Nurit vai a caminho da B e W agora mesmo. Vou ligar para o tribunal. Alegro-me por poder fazer alguma coisa.

— O Lee falou contigo sobre o exame da tua casa?

— Sim. Dei-lhe a minha permissão por escrito. O advogado do JJ Little vai com ele.

— O Gabe consome drogas?

— Que eu saiba, não.

— Pede ao Lee para me ligar quando acabar.

— Assim farei. O que mais?

— Preciso que alguns inspetores venham até cá para gravar e guardar as provas que tirámos do cacifo do Lashay. Não posso deixar tudo isto a meias enquanto revistamos os outros cacifos e, se tivermos de guardar e etiquetar todas as provas, demoraremos uma eternidade.

— Espera. Deixa-me dar uma olhadela para ver quem está disponível. — Regressou pouco depois. — Vou enviar o Whittiger, o Katzenbach e o Marin, do Departamento de Roubos.

— Obrigada. Seria perfeito.

Vinte minutos depois, apareceram os três inspetores, que permitiram a Oliver e a Marge concentrar-se nos cacifos pertencentes a Cameron Cole e Kyle Kerkin.

— Vamos ao do Kyle primeiro — decidiu Marge.

Foi Oliver que filmou daquela fez. Quando abriram o cacifo, Marge deu uma olhadela antes de tocar em alguma coisa. Havia um cheiro estranho procedente dali. Não havia armas à primeira vista. Havia vários sacos de marijuana a julgar pelo aspeto e pelo cheiro. Em geral, o conteúdo tinha a ver com as aulas ou com a comida.

— Muito bem, aqui vamos.

Oliver começou a narrar enquanto Marge ia tirando os objetos. Havia livros, trabalhos e muito lixo. Antigos trabalhos de turma, comida podre e uma *t-shirt* amarrotada que tapava uma dúzia de revistas de pornografia homossexual. Demoraram outra hora a acabar de verificar o cacifo de Kyle. Voltaram a pôr tudo em cima de toalhas à espera que o trio de roubos acabasse de catalogar as coisas de Lashay e passasse para a próxima tarefa. Pelo menos, o cacifo de Kyle não continha nada mortal.

O telemóvel de Marge vibrou.

— Dunn.

— A leitura de acusações do Lashay será por volta das seis da tarde — informou Decker. — Mas é uma estimativa. Talvez seja mais tarde.

Marge olhou para o relógio. Já eram três e meia.

— Obrigada.

— Continuarei a fazer chamadas. Aviso-te se houver alguma mudança.

— O Lee Wang e o advogado do Little já revistaram o quarto do Gabe?

— A Rina acabou de me ligar. Estão a acabar. O rapaz tornou as coisas fáceis porque é muito organizado. O mais difícil foi revistar o lixo que os meus filhos tinham deixado para trás.

— Havia algum problema?

— Não. Mas levaram o computador do Gabe.

— É o normal. Nós acabámos de examinar o cacifo do Kyle Kerkin. Droga e pornografia homossexual, mas nada de armas. Vamos ver o da Cameron

Cole. Sei que o Lee voltou para a esquadra com as autorizações para revistar as casas. Quem se encarrega do quê?

— O Brubeck está com o Lashay, a Wanda está com a Cameron Cole e o Messing, com o Kyle Kerkin. O Holbein e o Asaroff estão na prisão de menores. Os seus advogados estão dispostos a fazer acordos, portanto, estamos à espera que o promotor público assine. Há mais ou menos uma hora, o advogado do Little descobriu que deram um tiro ao Gabriel. Exige saber quem disparou. Acho que deduziu que o Dylan era o único com resíduos de pólvora nas mãos. Só quer ouvir-nos a dizer isso.

— Quando a Wanda recuperar a bala, saberemos com certeza se se trata do calibre 5,6 *mm* e, então, o Dylan será culpado — redarguiu Marge. — Mas não é isso que vou dizer ao advogado do Kerkin, porque há sempre a possibilidade de a *Luger* do Kerkin ou a *Glock* terem disparado por acidente. O rapaz tinha duas armas de fogo.

— Não é de estranhar que o Kerkin queira um acordo.

— Merece uma condenação — disse Marge.

— E terá uma. Temos muitas coisas contra o Kerkin. O advogado agradecerá qualquer acordo que lhe ofereçamos.

— Em que estás a pensar?

— Podíamos tentar qualquer coisa, desde assalto e rapto até posse ilegal de armas de fogo, em troca do seu testemunho e de um tempo na prisão limitado. O Dylan é mais complicado. Se a bala for de 5,6 *mm* e combinarmos isso com os resíduos na mão do Dylan, podemos acusá-lo de tentativa de assassinato. E se, a isso, juntarmos o que o Oliver e tu encontraram no cacifo, podemos acabar com ele.

— Muito bem.

— Uma coisa a favor do Kyle Kerkin é o que nos contou sobre o suicídio do Gregory Hesse. Encontraram a câmara de vídeo?

— Ainda não.

— Seria bom se o Kyle não tivesse mentido.

— Um rapaz em posse de duas armas de fogo ilegais poderia ter um problema de veracidade — observou Marge. — Não foi ele que apontou a arma para a cabeça do Gabe?

— Sim e é grave. Temos de ver o que o Kyle está disposto a dar-nos e até onde o Chris Donatti quer chegar.

— Não ficará satisfeito com algo que não seja a pena capital — comentou

Marge.

Decker não respondeu. Chris tinha uma maneira própria de se encarregar dos assuntos. Naquele momento, o lugar mais seguro para Kyle Kerkin e Dylan Lashay era a prisão.

— Aviso-te se houver mudanças na hora da leitura das acusações — prometeu Decker.

— Obrigada. Agora, vamos revistar o cacifo da Cameron. Depois, digo-te o que encontrámos.

— Muito bem. Precisas de mais alguma coisa?

— Gosto muito de todo o poder e da deferência que me concedes — troçou Marge.

— Sou um homem idoso. Algum dia, terei de me reformar.

— Quando tu fores, velho, eu vou contigo.

A espera, desde que entrou no bloco operatório até regressar ao quarto, depois de passar pela reanimação, foi de três horas e meia. Gabe estava sonolento quando o passaram para a sua cama e adormeceu imediatamente. Da primeira vez que se mexeu, eram seis da tarde. A sua cara registou a dor quando se mexeu e Rina chamou a enfermeira.

— Vamos ver se conseguimos pôr-te mais confortável — replicou.

Ele tentou fixar-se na cara de Rina. Estava tudo impreciso. No seu interior, sentia sacudidelas elétricas e palpitações.

— Rina? — sussurrou.

— Sim, sou eu.

— Posso ir para casa?

— Acho que querem que fiques aqui esta noite.

— Que merda! — Custava-lhe demasiado olhar ao seu redor. Fechou os olhos. — Odeio a minha vida!

— Lamento muito, Gabriel. — Rina apertou-lhe a mão e ele não resistiu. — Prometo que as coisas melhorarão.

Poucos minutos mais tarde, entrou uma enfermeira de cor de quarenta e tal anos a ler o processo de Gabriel.

— Muito bem, juvenzinho, vejamos o que podemos fazer por ti.

— Dar-me um tiro.

A enfermeira ignorou-o e pôs-lhe um novo saco de soro.

— Depressa começarás a sentir-te melhor.

Gabe não respondeu. Custava-lhe demasiado falar.

Rina sentou-se com ele e o rapaz ficou ensonado. Dez minutos mais tarde, entrou Wynona Pratt.

— Está tudo bem?

— A operação correu bem — informou Rina.

— Ouvi dizer que a fizeram com fibra ótica ou...

— O cirurgião usou a trajetória da bala para a extrair.

Wynona levantou um saco de provas.

— Tenho-a.

Gabe abriu os olhos e inquiriu:

— De que calibre?

— Perdão? — perguntou Wynona.

— A bala.

— 5,6 *mm*.

— A pistola do Dylan — murmurou. — Diga ao inspetor-coordenador.

— É o que farei — tranquilizou-o Wynona. — Concentra-te em recuperar.

— Desta posição privilegiada, só posso ir para melhor — troçou Gabe.

— Tens um sentido de humor muito retorcido, filho — comentou Rina, com um sorriso.

Gabe nem sequer conseguia sorrir. Começou a adormecer e voltou a acordar, daquela vez, por causa de uma voz de homem. Abriu os olhos. Não distinguia os traços da cara, mas o tipo era demasiado baixo para ser o seu pai. Não sabia se estava fisicamente melhor, mas estava muito mais feliz.

— Nick? — murmurou. — És tu?

— Sim, sou eu. — O professor de piano, com o seu cabelo apanhado numa trança, tinha cinquenta e tal anos. Aproximou-se da cama de Gabe. — Como estás?

A pergunta pareceu incomodá-lo.

— Não sei. — Fez uma pausa. — Sinto-me um pouco... drogado.

— É bom. As melhoras — disse Nick. — A chamada desta manhã tirou-me dez anos de vida.

— Aos dois — acrescentou Rina. — Foi... um grande susto.

Gabe quis alcançar os seus óculos, mas fez um ar de dor. Rina deu-lhos.

O rapaz sorriu para o professor.

— Nick, Nick, Nick. — E riu-se. — Lixei tudo, não foi?

— Estás numa nuvem, rapaz — respondeu Nick.

— Acho que sim, amigo. Acho que sim.

— *Demerol* — esclareceu Rina.

— Lamento ter lixado tudo. — Gabe riu-se novamente. — O Jeff deve estar muito irritado!

— O Jeff, tal como eu, está preocupado com o teu bem-estar, Gabriel.

— Então, ainda bem. — Gabe levantou as mãos e mexeu os dedos. — Vês? Não há danos colaterais.

Nick deu-lhe um beijo na testa.

— As melhoras.

— Ah... — murmurou o rapaz. — Preocupas-te.

Nick sorriu.

— Claro que me preocupo. Talvez seja um professor severo, mas tenho coração.

— Que maravilha! — exclamou Gabe, com um sorriso palerma. — A Rina expulsou-me de casa. Posso viver contigo?

— Isso não é verdade nem justo — queixou-se ela, antes de lhe dar um beijo na mão. — Não, não podes viver com o Nick. Já falámos com o teu pai.

— Precisas de alguma coisa, Gabriel? — perguntou Nick.

Gabe pensou em dizer alguma coisa, mas parou. Yasmine entrara pela porta com a mãe. Ainda usava o uniforme daquela manhã. A mãe usava uns *leggings* por baixo de uma túnica brilhante e sapatos de salto. A mãe parecia irritada. Sorriu para Yasmine.

— Olá!

— Olá! — A rapariga tinha lágrimas nos olhos. — Como te sentes?

Ele deixou escapar um risinho.

— É tolerável desde que não me mexa. — Ela corou. «Oh, oh», pensou ele. «Não devia ter dito isso.» Mas não conseguia controlar o que dizia. — És linda! — exclamou, para ninguém em particular. — És sensual!

Nick ofereceu a mão à mãe de Yasmine.

— Sou o Nicholas Mark, o professor de piano do Gabriel.

— Sohala Nourmand — apresentou-se, com um sorriso tenso. Só disse «olá» a Rina.

— Gabe, esta é a minha mãe — murmurou Yasmine, em voz baixa. — Já a conhecias.

— Olá, mãe — disse Gabe, com um sorriso retorcido. — Tem uma filha

linda!

— Muito obrigada por a ajudares — agradeceu Sohala. — Nunca esquecerei a tua valentia e a tua amabilidade.

Gabe continuou a olhar para Yasmine.

— É tão bonita! Tão sensual! — Olhou para Sohala. — Amo-a!

— Espero que melhores muito em breve — limitou-se a dizer Sohala.

Gabe voltou a olhar para Yasmine.

— Amo-te. — Sorriu. — Amo-te... muito. — Mas, em vez de se alegrar, Yasmine começou a chorar. Gabe percebeu que os olhos dele também se humedeciam. — Oh, não chores, louca. Está tudo bem!

— Por favor, recupera, Gabriel — disse Sohala. Segurava a mão da filha com muita força. — Lamento que tenhas dores. Foi um dia muito longo. Devemos ir.

— Tão cedo? — perguntou Gabe, num tom apagado.

— Mais um minuto, mamã — rogou Yasmine. — Por favor!

— Lamento muito, mas a minha família está à espera e temos muito para explicar — anunciou Sohala. — Voltaremos noutra altura.

Mas Gabe sabia que não haveria «outra altura».

— Mamã, por favor! — suplicou Yasmine.

Mas Sohala estava decidida e não soltou a mão da filha.

— Despede-te, Yasmine! Agora!

Yasmine conteve as lágrimas.

— Amo-te, Gabriel.

Gabe ficou sério.

— Eu também te amo, Yasmine. — Sohala levou-a de rastos. — Adeus — despediu-se ele, para a porta vazia. As lágrimas caíam pelas suas faces. — Bela merda!

— Lamento — desculpou-se Rina.

— Não tanto como eu.

Fez-se silêncio até Nick falar.

— Venho visitar-te quando saíres do hospital.

Gabe estava a olhar para o vazio.

— Vou para o Nevada, lembras-te?

Nick virou-se para Rina.

— Sendo realistas, quanto tempo será?

— Não sei, Nick. Depende do inspetor-coordenador e do pai do Gabe.

Nick assentiu.

— Se for necessário, Gabriel, viajarei até ali de duas em duas semanas para te dar aulas.

— Isso seria fantástico! — exclamou Rina.

— Se continuar vivo — murmurou Gabe.

— Para de dizer isso — pediu Nick. — Lamento muito o que aconteceu, mas não esqueçamos o mais importante. Estás vivo, as tuas mãos ficaram ilesas e continuas a ter um talento enorme.

— Que sortudo...

Nick acariciou-lhe a cabeça.

— Vejo-te antes de ires para o Nevada. Cuida de ti, Romeu.

— Sim, não te preocupes comigo. Eu fico bem — replicou Gabe, quando Nick saiu do quarto. Depois, olhou para Rina. — Quanto tenho de te pagar para me fazeres um *Kevorkian*?

Beijou-lhe a testa. Tinha-a quente e suada. Provavelmente, teria febre.

— Pareces um pouco cansado. Porque não tentas dormir?

— Sabes quando o meu pai virá?

— Não, lamento muito, não sei. Posso ligar-lhe, se quiseres.

— Não. — Ardiam-lhe os olhos. — Não te incomodes. Virá quando vier.

— Deixou escapar o ar e mostrou um ar de dor. Apertou-lhe a mão. — Uma sesta não me soa mal. Esperarás aqui enquanto durmo?

— É claro.

— És a melhor pessoa do mundo.

— Pergunta por mim aos meus filhos quando eram pequenos. De certeza que te darão outra imagem. Mas obrigada pelo elogio. — Voltou a beijar-lhe a testa. — Descansa um pouco, está bem?

Gabe já fechara os olhos quando assentiu. Havia muitas coisas em que pensar. Por sorte, os remédios não lhe deram a opção de se manter acordado.

Capítulo 37

Segundo a lista dos casos, a leitura das acusações, programada para as seis, fora mudada para as oito. Marge estava sentada a uma mesa num canto do café, a comer uma salada grega sem muito entusiasmo. Vinte minutos mais tarde, Nurit Lake juntou-se a ela com um café na mão. Nurit media um metro e setenta e oito e era magra como uma cegonha. Usava a sua cor favorita, cor-de-rosa choque, com um casaco e calças pretos. Os seus acessórios eram grandes e vistosos. Tinha o cabelo ruivo, os olhos escuros e tinha os lábios pintados de vermelho.

— De onde tiraste isso? — perguntou, referindo-se à salada de Marge.

— Acho que ainda têm algumas, mas eu já não quero mais, serve-te se quiseres.

— Tens a certeza?

— Sim. — Marge entregou a embalagem de plástico à advogada. — Serve-te. Vou buscar café. Queres mais?

— Obrigada. Agradeço-te.

Quando Marge regressou, Nurit estava a devorar os últimos pedaços de alface murcha.

— Não comi todo o dia.

— Queres mais alguma coisa?

— Não, isto chega. — Aceitou a chávena de café. — Obrigada pela oferta. Marge sentou-se e bebeu. O café sabia a queimado.

— Queres rever todas as acusações para estarmos no mesmo ponto?

— Parece-me bem.

— Os três adolescentes de dezassete anos... Um momento. — Nurit começou a rebuscar na mala. — O JJ Little, a Darla Holbein e o Nate Asaroff... Sabem que podíamos levá-los a tribunal como adultos.

— Todos deviam cumprir condenação, mas temos um peixe maior para apanhar.

— Entendido. Só o dizia... — Nurit reviu as suas notas. — Acabei de falar com o Jack Leandro. Os pais chegaram a um acordo. A rapariga, a Darla

Holbein, terá de fazer três mil horas de serviço comunitário para a igreja em África e mais outras mil horas nos Estados Unidos, depois de passar pela reabilitação, em troca de testemunhar contra a Cameron Cole. A Darla pode declarar que iniciar o sequestro foi ideia da Cameron. Quando acabar a sua parte, fecharemos o seu caso e ficará em liberdade.

Marge assentiu.

— Para os outros dois menores, vou pedir prisão num centro de menores e, depois, três anos de liberdade condicional.

— Quanto tempo na prisão?

— Sessenta dias. Têm de acabar a secundária de qualquer forma.

— A Bell e Wakefield vai dar-lhes o diploma?

— Isso faz parte do acordo: os três receberão os seus diplomas assim que passarem nos exames finais em troca de se manterem calados. Nenhum deles pode falar de nada. A escola quer livrar-se deles com a mínima repercussão possível.

— E os advogados acederam ao mesmo tempo na prisão?

— Aos sessenta dias, não. Estou disposta a reduzir a condenação para metade. Sei que aceitarão. Mas vou insistir na liberdade condicional e em cinco mil horas de serviço comunitário. Depois das suas declarações ao estado nos julgamentos dos outros três, no caso de ser necessário um julgamento, e depois de cumprirem as suas respetivas sentenças, os seus antecedentes criminais serão apagados e poderão fingir que isto nunca aconteceu.

Marge assentiu.

— Demasiado fácil, se quiseses a minha opinião. Sobretudo, para a Darla. Talvez ela não tenha começado o sequestro, mas também não tentou dissuadir a Cameron.

— Eu sei. Mas será uma testemunha credível contra a Cameron.

— Como já disse, precisamos dela. Não precisamos de tantos testemunhos contra o Lashay e o Kerkin. Com tal quantidade de armas e de drogas, estão lixados.

— Do que vais acusá-los?

— De tudo, desde posse ilícita de drogas e armas de fogo até sequestro e tentativa de assassinato.

— Eh, Margie! — Era Oliver, que tinha uma expressão tensa. Segurava um saco de provas. Agarrou numa cadeira e sentou-se junto das duas mulheres.

— Alegro-me por vos encontrar.

— Como estás?

Oliver respirou fundo e expirou.

— Bem do ponto de vista policial. Como pessoa, estou devastado. Revistámos o quarto da Cameron Cole. Numa das gavetas da roupa, encontrámos um punhado de bijutarias, incluindo um anel com uma água marinha com o nome da Sydney.

Marge endireitou-se.

— Meu Deus! Encontraste o anel da Sydney Holly.

— O quê? — perguntou Nurit.

— A Myra Gelb suicidou-se com uma pistola que tinham roubado da casa da Sydney Holly — explicou Oliver. — A pistola pertencia à mãe, mas o anel era dela.

— Agora, podemos relacionar esse roubo com a Cameron Cole — esclareceu Marge.

— Que disse que o Dylan Lashay lhe ofereceu o anel.

— Isso pode ser verdade.

— E, se for, provavelmente, foi a única verdade que saiu da sua boca — disse Oliver.

Nurit tirou um bloco.

— Vou escrever tudo.

— Essa não é a grande notícia — continuou Oliver. — Encontrámos o computador e a câmara de vídeo do Gregory Hesse.

— Onde? — perguntou Marge, com tensão.

— O Brubeck encontrou-os, juntamente com mais armas de fogo, num pequeno armário que havia no roupeiro do Dylan Lashay. O computador tem conteúdo sexual, mas o mais nojento está na câmara de vídeo. Tenho-a no saco. Precisamos de um lugar privado porque tem áudio. O meu carro está estacionado do outro lado da rua.

— O meu está lá em baixo — informou Nurit.

Os três desceram para o estacionamento subterrâneo. Oliver ocupou o banco da frente e as duas mulheres sentaram-se atrás. Ele calçou uma luva de látex e tirou a câmara de vídeo do saco de provas.

— Procuraram impressões digitais. — Entregou umas luvas a Marge e, depois, a câmara. — Não há maneira de te preparar para isto. Carrega no botão quando estiveres pronta.

— Qual é?

Oliver virou-se e carregou no botão. Marge e Nurit ficaram a olhar para o ecrã. Mesmo num ecrã pequeno, as imagens eram muito nítidas e precisas. Gregory Hesse aparecia recostado na cama com uma cabeça de cabelo comprido e castanho a tapar-lhe o sexo. Quando a câmara se aproximou, viu-se um primeiro plano do pénis de Hesse a entrar e a sair de uma boca. Via-se barba incipiente e acne no queixo.

O narrador disse:

— Sim... fá-lo, fá-lo, fá-lo.

— Quem é esse? — perguntou Nurit.

— Um momento — pediu Oliver.

Mais trinta segundos de sexo oral, até Gregory chegar ao clímax. A figura de cabelo comprido desapareceu de plano e Gregory Hesse puxou as calças. Tinha os olhos frágeis e as pálpebras semicerradas. Parecia drogado, apesar do que tinham visto no relatório toxicológico.

— Tu és o homem — declarou o narrador.

— Sou o homem — afirmou Gregory Hesse, com dificuldade.

— Queres mesmo ser o homem? — perguntou o narrador.

— Sim... Sou o homem — repetiu Hesse.

— Não, tens de ser o homem — insistiu o narrador. Gregory Hesse pareceu confuso. — Isto significa ser um homem.

Ouviu-se um clique na gravação. Havia muitas coisas que faziam aquele barulho, mas Marge achava que sabia de onde aquele procedia. Sentiu um nó no estômago.

— É a tua vez — disse o narrador.

— Falas a sério? — perguntou outra pessoa.

— Vamos, KK — queixou-se o narrador —, não sejas criança.

— Estás louco! — exclamou KK.

— Estou louco, mas sou o homem. Já o demonstrei. É a tua vez.

Uma longa pausa. A câmara passou de focar Gregory Hesse para Kyle Kerkin, que segurava uma 5,6 mm.

— Está carregada? — perguntou Kyle.

— O que achas? — perguntou o narrador.

— Não sei, imbecil, é por isso que pergunto.

— Vá lá, KK. Mostra os teus tomates quando não estão a chupá-los.

Kyle levou a pistola à têmpora. Estava a suar. Apertou o gatilho.

Clique.

Ouviu-se um suspiro. Kyle entregou a pistola a Gregory.

— É a tua vez.

O rapaz parecia completamente confuso ao agarrar no revólver com a mão. Não parava de olhar para a câmara.

— Se queres ser um homem a sério, tens de o provar — insistia o narrador.

— Está carregada? — perguntou Hesse.

— Já descobrirás.

— Vá lá, Dylan — interveio Kyle. — Não sejas assim.

— O que te parece? — perguntou Dylan.

Houve uma pausa.

— Claro que não está carregada — esclareceu Dylan.

— Não tenho a certeza — murmurou Gregory.

— Vá lá, homem — insistiu Dylan. — Não vai acontecer nada. Ficaré incrível na câmara.

— Não está carregada? — perguntou Gregory.

— Não, não está carregada! — exclamou Dylan. — Achas mesmo que ia dar-te uma pistola carregada?

Silêncio.

— Vá lá, Greg — continuou Dylan. — Ficaré muito bem.

Gregory apontou a pistola para a cabeça.

Embora ambas as mulheres soubessem o que viria depois, o barulho do tiro fê-las dar um salto. O ecrã ficou salpicado com uma nuvem de sangue, miolos e ossos enquanto uma figura sem vida e com os olhos esbugalhados caía para trás na cama.

— Merda! — gritou alguém. — Merda! Merda! Merda!

De fundo, alguém se ria.

Dylan ria-se sem parar.

— Ups... — murmurou, entre gargalhadas.

Ficou tudo negro.

A figura estava na cadeira junto dele, inclinada para a frente e com as mãos cruzadas entre os joelhos. Normalmente, os olhos eram os de um tubarão, frios e sem emoção. Naquele dia, eram neutros. Pela janela minúscula do hospital só se via escuridão, em contraste com o interior, que gozava de uma

iluminação intensa.

— Olá, companheiro de quarto, o que se passa? — perguntou Gabe, mas o pai não respondeu. — Dás-me os óculos?

Donatti pegou nos óculos e deu-os ao filho.

Gabe endireitou-se ligeiramente e sentiu dores por todo o corpo. Chris usava um polo amarelo e um casaco de camurça castanho. Tinha trinta e cinco anos e parecia ter entre vinte e sessenta, dependendo do que bebia. Naquele dia, parecia mais jovem.

Gabe reparou na mesa de cabeceira, concretamente, na bandeja com a comida.

— O que é isso?

— Acho que é o teu jantar — respondeu Donatti, enquanto inspecionava o conteúdo. — Tens compota de maçã, sumo de arandos, gelatina e algumas fatias de pão branco.

Gabe interrompeu-o com um gemido.

— Acertaram-me nas costelas, não no estômago.

Donatti pôs a mão na mala e tirou um hambúrguer.

— Come devagar.

Gabe deu uma trinca, que caiu no seu estômago como uma bola de chumbo. Deixou-o na mesa de cabeceira.

— Quando poderei ir-me embora daqui?

— Depois de mijares e cagares.

— Falo a sério.

— Eu também. Foi o que o médico disse. Podes ir-te embora depois disso.

— Fez uma pausa. — Na verdade, disse que podias ir depois de urinares e limpares os intestinos, mas acredito na brevidade das palavras.

— Como posso cagar se não comi todo o dia?

— Come, merda...

— Dá-me a compota. — Donatti revirou os olhos e Gabe apercebeu-se. Ia ser uma estadia muito longa no Nevada. Quando Chris lhe passou a compota, ele disse: — Obrigado.

— De nada.

— Quando chegaste?

— Há uma hora.

— Que horas são?

— Não paras de perguntar. — Chris olhou para o relógio. — Quase onze.

— Lamento ter-te incomodado.

— Não foi um incómodo — contradisse Donatti. — Acabei o que tinha de fazer antes de vir.

— Podes voltar, se quiseres. Posso viajar sozinho para Elko, se for necessário.

— Gabriel, não sejas imbecil. Estou aqui porque quero estar aqui. Se não quisesse, não teria vindo. Deixa de tentar provocar-me para que perca a cabeça e possas odiar-me. Não funcionará.

— Não te odeio.

— Sim, sim. Na verdade, enviei uma mensagem à tua mãe e disse-lhe que te tinham dado um tiro.

— A sério? — Gabe olhou para ele com os olhos esbugalhados. — Porquê?

— Pensei que devia saber.

— Disseste-lhe que vou ficar bem?

— Não.

Estava a usar o seu sofrimento para lhe devolver a mãe. Devia ter-se surpreendido, mas não foi assim.

— Podes voltar a escrever-lhe e dizer-lhe que estou bem?

— Fá-lo tu.

— Não tenho o computador.

— Então, suponho que tenhas de esperar.

— És um canalha!

— Diz-me algo que não saiba.

Gabe olhou para a cara do pai e, depois, baixou a cabeça. Estava demasiado dorido para ficar nervoso.

— Deixa-me perguntar-te uma coisa, Chris. E se a bala me tivesse atravessado a mão e ma tivesse devastado? — Olhou para o pai nos olhos. — O que terias feito?

— Não é o que eu teria feito, Gabe, é o que tu terias feito.

— Continuarias a deixar que vivesse contigo?

Donatti olhou para ele com severidade.

— Do que estás a falar?

— Quero dizer que já não poderia ser pianista.

— E...

— E sei como é importante para ti... A minha carreira.

— Achas que isso é importante para mim? Que te tornes pianista?

— Sempre me pressionaste.

— Sim, pressionei-te. Porque querias que te pressionasse. Mas, se quiseses parar, é uma decisão tua. Não queres ir para a Juilliard, vai para Harvard. Não queres ir para a universidade, vai para o Nevada e poderei ensinar-te a gerir os bordéis. Queres andar por aí na cama com tudo o que se mexa, também te apoiarei. Faz o que quiseses fazer, e se não souberes o que fazer, também não faz mal.

Ambos ficaram calados durante um minuto. Gabe continuava a olhar para o colo.

— Desejo-o. A música é a minha vida.

— Tens talento para chegar ao topo, Gabriel. Agora, é uma questão de força.

Gabe suspirou e isso causou-lhe dores. Pesava-lhe demasiado o coração.

— Nem sequer pude despedir-me dela — murmurou.

— O quê?

— Da Yasmine. Não pude despedir-me dela. A mãe levou-a. — O pai ficou a olhar para ele com uma expressão impávida. — Esquece.

— O que queres que diga?

— Por exemplo, «bela merda».

Donatti encolheu os ombros.

— Deram-te um tiro e perdeste a namorada no mesmo dia. Isso é uma merda.

Curiosamente, as palavras do pai fizeram com que se sentisse melhor.

— Sei que pensas que sou um pirralho estúpido, mas gosto realmente dela.

— Acredito em ti — disse Donatti. — Oxalá pudesse fazer-te sentir melhor. Se não fosses menor de idade, deixaria que ficasses com as minhas prostitutas. Mas não posso arriscar. Quando fizeres dezoito anos, conseguirei qualquer rapariga que desejes. Qualquer tipo de corpo, cor de cabelo, de olhos, qualquer raça, qualquer etnia, o que quiseses. À medida. Enquanto isso, és um rapaz bonito. Não devias ter problemas em encontrar uma rapariga. Quando fores para a universidade, passará.

Gabe ficou a olhar para o pai, mas não disse nada.

Donatti encolheu os ombros.

— Não me olhes assim. Já devias conhecer-me. Não posso identificar-me com uma coisa que não possa seduzir. Não é que não tenha sentimentos.

Tenho-os. Mas estão entrelaçados com o sexo e é assim que funciono. Sim, é uma merda que tenhas perdido a tua namorada. Mas a minha perspetiva seria: estou lixado porque já não posso ir para a cama com ela. Então, se não posso ir para a cama com ela, procuro outra. Falo-te como gostaria que me falassem se estivesse na tua situação. Seria assim: «Chris, não podes tê-la, portanto, aqui está o plano “B”.»

Gabe olhou para o pai.

— Podes passar-me o hambúrguer? — perguntou.

— Claro.

— Obrigado. — Comeu em silêncio. Então, apercebeu-se de que morria de fome e comeu a gelatina e o pão. — De certeza que não te importas que viva contigo?

— Sabes que poderias ter ido viver comigo quando a tua mãe se foi embora. Pensei que estarias melhor com os Decker. Mas, agora, não estás. Se o Decker disse que é melhor tirar-te da cidade, tenho de o levar a sério. Fim da história. Vigia as tuas maneiras e afasta-te do meu caminho quando não estiver de bom humor. Assim, não haverá problemas.

— Não pode dizer-se que não sejas sincero.

— Nem sequer sou sincero. Sou um mentiroso patológico.

— És, sim — concordou Gabe, entre gargalhadas.

— Cuidado. Eu posso dizê-lo. Tu não. E, já que nos confessámos, deixa-me dizer-te uma coisa. No futuro, se alguma vez puseres a tua vida em perigo quando não é necessário, mato-te com as minhas próprias mãos. Não quero voltar a receber esse tipo de chamada. Se tiveres de escolher entre ti e ela, escolhe-te a ti. Não vale a pena morrer por uma rapariga. Está claro?

— Voltaria a fazê-lo sem hesitar.

— Então, és idiota. — Fez uma pausa. — Por outro lado, é bom que saibas lidar com situações difíceis. Nenhum pai quer um filho fraco. — Donatti deu o sumo de arando a Gabe. — Bebe. Se tiveres de mijar para sair daqui, fá-lo o quanto antes.

— Acho que conseguiria ir à casa de banho agora.

— Fá-lo. Tens de o fazer num urinol.

— O quê? Porquê?

— Não sei porquê, Gabe. Foi o que a enfermeira disse. Quando mijares, tens de o fazer num urinol. Talvez tenhas alguma coisa muito importante que devam analisar. Talvez o médico seja um perverso. Fá-lo no urinol e eu

levo-o à enfermeira.

— Meu Deus! — Estava tão enojado que não tinha palavras para o descrever. Levantou-se devagar. A cabeça dava-lhe voltas, portanto, demorou uns segundos a certificar-se de que conseguia andar sem desmaiar. O peito ligado limitava-lhe a mobilidade, mas conseguia mexer os braços. Levou o suporte do soro com ele até à casa de banho, com a bata do hospital aberta por trás, deixando o rabo à mostra. O pai ficou a olhar para ele, sem se incomodar em oferecer ajuda. Regressou vários minutos mais tarde com um urinol cheio de urina. — Isto é degradante!

A enfermeira entrou no quarto e pegou no urinol.

— Lindo menino...

— E onde está o meu chupa-chupa? — murmurou ele.

A enfermeira ficou a olhar para ele. Donatti sorriu e disse:

— Muito obrigado.

— De nada. — A enfermeira agarrou no braço de Gabe e ajudou-o a deitar-se na cama. — Como te sentes?

— Dói-me.

— Verei o que o médico pode dar-te. — Olhou para a bandeja do jantar vazio. — Comeste. Muito bem. Queres mais alguma coisa?

«Que tal um tiro na têmpora?», pensou.

— Estou bem, por enquanto, obrigado. — Quando a enfermeira se foi embora, Gabe pediu: — Chris, tira-me daqui.

— Já mijaste. Agora, caga.

— Isto é degradante!

— Sim, os hospitais são nojentos. O que fizeste no braço?

Gabe arregaçou a manga da bata.

— Algumas tatuagens. — Donatti sorriu e abanou a cabeça. — Eu sei, sou um idiota.

— Que ingénuo!

— Queria fazer alguma coisa por ela e, agora, foi-se embora.

— E ficaste com o nome dela tatuado no braço — indicou Donatti.

— Bom, mesmo assim, gosto. — Suspirou. — É a única coisa que me resta dela.

— Volta a arregaçar as mangas. O que são essas notas que tens por baixo do nome?

— *Der Hölle Rache.*

— Tatuaste a ópera no braço? — Donatti ficou a olhar para ele. — Quem és?

— Sou tu, se fosses um estudioso.

Donatti riu-se espontaneamente.

— Estás a superar-me, sabias?

— Se cagar, prometes-me que posso ir-me embora?

— Farei o possível, mas eu não mando.

— Sabes conquistar as pessoas.

— Chama-se sorriso deslumbrante e armas de fogo — indicou Donatti. — Provavelmente, só vão deixar-te sair amanhã, portanto, tenta relaxar.

— É muito fácil para ti dizê-lo — replicou Gabe. — Tu não estás preso a um tubo, ligado como uma múmia e com uma bata que deixa o rabo a descoberto.

Donatti encolheu os ombros.

— Deram-te um tiro. Podes viver com o rabo ao ar.

— Tens mais alguma coisa na mala?

— Tenho uvas, uma maçã e uma sandes de salada de ovo. Come o que quiseses.

— Quero umas uvas.

Donatti tirou uma caixa de plástico com uvas verdes sem grainhas. A enfermeira regressou e mediu os sinais vitais de Gabe. Depois, injetou qualquer coisa no acesso.

— Isto vai ajudar-te a dormir.

— Obrigado. — Gabe pôs uma uva na boca. — Lamento ter respondido mal antes.

A enfermeira sorriu e virou-se para Donatti.

— Educou-o bem.

— Obrigado — agradeceu. Assim que a enfermeira se foi embora, pai e filho desataram a rir-se.

— Meu Deus, dói-me! — Gabe levou a mão às costas.

— Quando nomeiam o Pai do Ano? — Chris continuava a sorrir. — Diz-me, em que estavas a trabalhar antes de te darem um tiro?

Gabe começou a falar de música: o tema por defeito entre o pai e ele. Falou das aulas, dos exercícios de composição, das peças que estava a praticar... Antes de dar por isso, comeu as uvas todas e passou uma hora. Chris ouvia sempre como se realmente se interessasse pelo que estavam a contar-lhe. O

tipo tinha magnetismo e carisma. As raparigas aproximavam-se, não só porque era encantador, mas também porque era bonito como uma estrela de cinema. Os homens também disputavam a atenção de Chris, todos queriam ser o seu melhor amigo. Chris não tinha nenhum melhor amigo. Não tinha amigos, ponto final. Tinha escravos. Gabe sentiu que perdia a energia.

— Parece cansado — observou Donatti.

— Talvez um pouco. — Sentia que lhe pesavam as pálpebras. — Deve ser a medicação. Onde vais passar a noite?

— Aqui.

— Não é necessário.

— É meia-noite. — Donatti bocejou, tirou os sapatos e apoiou os pés na cama do hospital. — Mesmo que tivesse reserva em algum lado, sou demasiado preguiçoso para me mexer. É tarde e estou cansado. Dorme.

Gabe ficou calado. Depois, disse:

— Talvez tente ir à casa de banho.

Donatti deitou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Está bem.

— Tenho de o fazer numa arrastadeira?

— Ninguém disse nada sobre a tua merda. Mas não te preocupes com isso, filho. Mesmo que puxes o autoclismo, a vida acabara por ta repor.

Capítulo 38

Apesar dos protestos da promotora Nurit Lake, o juiz estabeleceu uma fiança de cinco milhões de dólares para Dylan Lashay e ordenou que entregasse o seu passaporte. Numa questão de três dias, o jovem ficou livre e celebrou a sua liberdade com um *Audi* novo.

O advogado de Kyle Kerkin chegou a um acordo com o escritório do promotor. O rapaz testemunharia contra Dylan Lashay pelo assassinato de Gregory Hesse em troca da redução das acusações por homicídio involuntário, rapto e posse de armas. O acordo incluía uma sentença de dezoito meses de prisão na prisão de San Luis Obispo (nível II) com a possibilidade de uma redução de condenação dependendo do seu comportamento.

Cameron Cole não estivera envolvida no assassinato de Gregory Hesse, mas foi acusada de tentativa de assassinato e sequestro, juntamente com posse de mercadoria roubada. Também chegou a um acordo de um ano de prisão na prisão de mulheres de Chowchilla.

Apesar dos esforços de Decker, não conseguiu encontrar uma relação entre Dylan Lashay e o suicídio de Myra Gelb. Para Decker, estava claro que Dylan roubara a pistola de casa dos Holly. (Acusação desprezada). Decker também estava convencido de que Dylan vendera a arma a Myra Gelb. (Outra acusação desprezada). Mas, dado que o espólio da casa dos Holly fora encontrado em casa de Cameron, não de Dylan, a mercadoria roubada foi objeto do clássico debate «ele disse, ela disse». E, como ambos pareciam mentirosos hábeis, para além de psicopatas, o juiz considerou que seria mais fácil seguir o caminho da menor resistência. Lashay foi acusado de muitas coisas, mas o roubo e a morte de Myra Gelb não estavam entre elas.

Não encontraram nenhuma relação pessoal entre Gregory Hesse e Myra Gelb, exceto as poucas chamadas telefónicas enquanto trabalhavam no jornal da escola. Talvez Myra tivesse tido a ideia do suicídio depois da morte de Gregory. Sabia onde encontrar uma pistola, tal como todos na B e W. Myra tivera problemas antes e era possível que a morte de um colega a tivesse feito

perder a razão. Mesmo assim, Decker não conseguia esquecer que, se se tivesse esforçado mais, se tivesse cavado um pouco mais, talvez tivesse conseguido encontrar qualquer coisa: a maldição do inspetor. Mas havia sempre o futuro. Nenhum caso ficava completamente fechado.

O que realmente o preocupava era a liberdade de Dylan enquanto esperava o julgamento. Contou as suas preocupações a Marge num dia quente de agosto, três meses e meio depois de darem um tiro a Gabe. O ar condicionado da esquadra era um desastre e ambos estavam sentados no escritório a abanar-se com folhas de papel, embora Decker tivesse uma ventoinha elétrica de secretária que movia o ar quente.

— O Dylan está em liberdade há três meses — replicou Marge. — Porque continuas a pensar nisso?

— Porque sim.

— Não podes permiti-lo, Pete. Se o fizeres, ele ganha. — Marge limpou a cara com um lenço. Apesar de usar roupa de linho e algodão, estava a suar. O calor e a humidade do vale de San Fernando naquela época do ano eram cansativos. — Continuas preocupado com as crianças?

— Sinceramente, acho que estão bem. No entanto, vou sentir-me melhor quando o Lashay estiver atrás das grades — declarou Decker. — O Gabe está bem. O Chris cuidará dele. Nem sequer me preocupo com a Yasmine, porque a família se mudou para a cidade.

— Trata-se da Wendy Hesse? Sei que, de vez em quando, vem à esquadra para te trazer biscoitos. Sentes-te responsável por ela?

— Foi ela que começou tudo e, sim, quero que se faça justiça.

Ficaram calados.

— Mas é mais do que isso — acrescentou Marge.

— Vi o Lashay por aí. Conduz esse *Audi* vermelho R8. Foi acusado de assassinato, de tentativa de assassinato e de sequestro, já para não falar de posse de armas e de drogas, e nem sequer se incomoda em passar despercebido. O que se passa com os pais dele?

— De certeza que os enganou como enganou todos os outros.

— Uma coisa é a negação e, outra, a estupidez — indicou Decker.

— Eu sei. Mas porque pensas nisso agora? — perguntou Marge.

— A Nurit Lake ligou-me ontem. O Sandford Book, o advogado do Dylan, quer vê-la na semana que vem.

— Ah... Achas que vão chegar a um acordo para que o Dylan admita a

culpa.

— Por que outra razão é que o Book ligaria à Nurit? — perguntou Decker.

— Aposto que quer trocar o assassinato premeditado pelo homicídio involuntário.

— Isso não vai acontecer. Não com o Dylan a rir-se daquele modo no vídeo.

— Sim, mas, na câmara, nem sequer se via a cara dele. — Decker parecia atormentado. — Estou preocupado.

— No vídeo, o Kyle chama «Dylan» à pessoa que não aparece na câmara.

— Sim, mas, sem o vermos, poderíamos tirar uma conclusão diferente.

— Como qual?

— Algo estúpido. Podiam dizer que o Dylan estava em choque e era por isso que se ria. Ou que, na verdade, não era o Dylan na câmara. Ou que o Kyle estava a tentar envolver o Dylan para o lixar por alguma razão... porque o Dylan lhe partiu o coração.

— Isso seria demasiado rebuscado.

— Isso é o que os advogados de defesa fazem. Dão a volta à verdade.

— A Nurit é uma grande advogada — indicou Marge. — Não tem medo de se arriscar.

— Isso é o que me preocupa. Supõe que se arrisca e perdemos.

— Não com essas acusações.

— Espero que tenhas razão. — Decker encolheu os ombros. — Quero esquecer tudo, claro. Não depende de mim.

— Exato. Deixa que os advogados lutem por isso. Mesmo que declarassem o primeiro assassinato como homicídio involuntário, com as outras acusações por tentativa de assassinato, rapto e posse de armas roubadas e droga, eu diria que o Dylan passará muito tempo na prisão.

— Eu costumo ser otimista — murmurou Decker. — Mas tenho um mau pressentimento com isto.

Marge ficou calada durante alguns segundos.

— As tuas férias são dentro de pouco tempo, não são?

— Dentro de duas semanas.

— Incrível. Onde vão?

— À fantástica ilha tropical de Manhattan. Vamos a Nova Iorque para ajudar a Hannah a instalar-se em Barnard e o Gabe na Juilliard. Depois, iremos visitar os meus pais a Orlando.

— A Florida é agradável — replicou Marge.

— No verão, não — queixou-se Decker. — Um dia destes, a Rina e eu iremos de férias a sério. E, quando o fizermos, é possível que nunca mais regresse.

Quando Decker descobriu que o inspetor Romulus Poe da polícia do Novo México lhe ligava, pensou que, pelo menos, receberia uma boa notícia.

Enganara-se.

— Não há sinal do Garth Hammerling — informou Poe —, mas temos uma rapariga morta.

Decker sentiu um nó no estômago enquanto Poe lhe descrevia a cena daquele assassinato psicosssexual.

— Têm a certeza de que é o Hammerling?

— Não, não temos a certeza. Mas a rapariga tem ADN e vocês têm ADN. E pensava que, se o nosso ADN for o mesmo que o vosso ADN, saberei quem procuro.

— Vou enviar-lhe o perfil que temos.

Poe ficou calado durante uns segundos.

— Estou muito irritado com isto — queixou-se. — Sinto que me deram este tipo numa bandeja de prata e que eu lixei tudo.

— Não lixei tudo, mas sei como se sente.

— Estava no meu radar. Não sei como conseguiu fugir.

— Não se martirize — tranquilizou-o Decker. — Fugiu da Califórnia, fugiu do Nevada. Se os testes de ADN coincidirem, terá uma ordem de busca e captura noutro estado. — Fez uma pausa. — Parece que se dirige para o este. Se continuar assim, a próxima paragem será o Texas.

— Oxalá o Hammerling seja detido lá — declarou Poe. — Lá, têm a pena capital e não têm medo de a usar.

A advogada Nurit Lake apareceu na esquadra sem avisar com um casaco de algodão cor-de-rosa choque e umas calças de linho pretas. Tinha o cabelo bem arranjado, mas a maquilhagem precisava de alguns retoques. Não parecia muito contente. Quando Decker se aproximou por trás e lhe deu uma palmadinha no ombro, ela deu um salto.

— Perdão — desculpou-se. — Estava à minha procura?

— Não tem de se desculpar. Estou perturbada. E, sim, estava à sua procura.

— A reunião não correu bem — supôs Decker.

— Podemos falar em algum lugar privado?

— É assim tão grave?

Esboçou um sorriso forçado. Acompanhou-a até ao escritório e fechou a porta.

— O que se passa?

— O Dylan não apareceu.

Decker inclinou-se para a frente na cadeira.

— Devia estar lá?

— Sim, devia estar lá — confirmou Nurit. — O Book queria chegar a um acordo para lhe reduzirem a condenação. O Book estava lá, a secretária estava lá e os pais do Dylan estavam lá. Depois de meia hora de espera, ligaram-lhe. Não atende e ninguém parece saber onde se meteu.

— E o carro?

— Continua na garagem. — Nurit retorcia as alças da mala, nervosa.

— Muito bem — disse Decker. — Quando foi a última vez que alguém o viu?

— A mãe diz que o viu poucas horas antes da reunião.

— Enviarei uma ordem de busca e captura. Farei com que os meus agentes liguem para as linhas aéreas, as linhas de autocarros e os serviços de táxi e de aluguer de carros. Não terá conseguido chegar muito longe se se foi embora poucas horas antes da reunião.

Nurit continuou a retorcer as alças da mala.

— Não acreditas na mãe, pois não?

— Não.

— Mesmo que a família se arrisque a perder cinco milhões?

— Não acredito nela.

— Portanto, achas que o Dylan se foi embora há muito tempo.

— Sim. Acho que se foi embora assim que o Book decidiu chegar a um acordo. Um sinal de que Dylan teria problemas no tribunal. O facto de o carro estar na garagem significa que não foi uma fuga impulsiva, mas algo planeado.

— Portanto, o Dylan poderia estar em qualquer lugar.

— Sim.

— Meu Deus! Primeiro, o Hammerling e, agora, o Lashay. O suficiente para alguém fazer justiça pelas próprias mãos. — Muito bem. Abriremos uma investigação. A primeira coisa que temos de fazer é tentar recuar.

— Meu Deus, estou tão zangada.

— Eu também. Vou de férias esta sexta-feira. A Marge vai tomar conta disto. De todas as formas, tem chefiado o caso desde o começo.

— De facto, liguei-lhe antes de vir para aqui. Não atende.

— É verdade. Está no tribunal. Sairá dentro de algumas horas. — Pegou no telefone. — Se me desculpares, tenho de fazer algumas chamadas.

— Vais ligar aos familiares?

— Sim, é o que vou fazer. Tenho de lhes dizer.

— Meu Deus, não o invejo.

Decker olhou para ela e marcou o código do Nevada. Escolheu Donatti primeiro porque sabia o número de cor.

A visita ao consultório de Olivia Garden foi feita sem aviso prévio e, como a médica não esperava a visita da polícia, os inspetores tiveram de esperar até ter uma vaga entre os pacientes. Dez minutos mais tarde, a secretária da médica conduziu-os até ao seu escritório. E, outros dez minutos mais tarde, a médica entrou com a bata branca e fechou a porta. Sentou-se atrás da sua mesa e esfregou a cara com as mãos. Tinha uma atitude profissional.

— O que posso fazer por vocês?

— Trata-se do seu neto, Dylan Lashay — explicou Marge.

— Como se não soubesse... — O seu olhar tornou-se muito triste. — Estou irritada com tudo isto. Irritada!

— Doutora Garden, entendo o amor entre um neto e a avó — começou a dizer Oliver. — É uma relação muito profunda baseada na devoção. Eu tenho netos e acho que é a única razão para ter filhos. Mas devo dizer-lhe uma coisa. Se está a esconder o Dylan, está a esconder um fugitivo. Está a infringir a lei. Tem a sua vida feita. Não a ponha em perigo por um homem acusado de assassinato, de tentativa de assassinato e de sequestro.

— Meu Deus! — exclamou a médica. — Oxalá pudesse ajudar, inspetor. Mas há anos que não vejo o Dylan. Quando o padrasto o adotou, o Dylan saiu da minha vida por insistência da mãe.

— O que é que o seu filho pensava disso?

— É complicado — respondeu a mulher.

— Quando viemos visitá-la da primeira vez, suspeitava que o Dylan tinha roubado a pistola? — perguntou Marge.

— Não. Não suspeitava de nada! — Olivia mostrava-se firme. — Quando descobrimos tudo, juntei as coisas. Fiquei doente!

— O Dylan tinha acesso à pistola?

— Suponho que deve ter tido. — Suspirou com força. — O meu filho não é o pai do Dylan. Eu descobri isso depois. Quando se divorciou da Crista, a mãe do Dylan, o Maurice pensou que o Dylan precisava de passar algum tempo no consultório. Pensava que estar perto de mim seria um paliativo para os nervos do Dylan. Sempre fomos unidos e, quando anunciaram o divórcio, o Dylan parecia muito vulnerável.

— Acha que estava a fingir?

— Não, não acho que estivesse a fingir. O Dylan era um rapaz tranquilo, com a mãe sempre a gritar por uma coisa ou por outra, portanto, quem haveria de dizer?

— O que quer dizer com o seu filho não ser o pai do Dylan?

— A Crista tinha problemas de infidelidade.

— Quem é o pai biológico? — perguntou Oliver.

— Segundo a lei, é o Maurice porque estava casado com a Crista quando ficou grávida. Segundo o teste de paternidade, era o cirurgião plástico da Crista.

— Como é que o seu filho descobriu? — perguntou Oliver.

— O Maurice começou a suspeitar quando descobriu as numerosas aventuras da Crista. A coisa chegou ao seu apogeu quando a Crista ficou grávida do filho do Roy, que tem seis anos agora. O acordo era que o Roy adotaria o Dylan e o Maurice não diria que não era o pai biológico do Dylan. O Roy também se ofereceu para se encarregar da pensão do menino. Ao princípio, o Maurice recusou-se. O Dylan era filho dele, embora não houvesse um vínculo biológico. Mas a Crista fez com que continuar a relação fosse muito difícil. Passado um ano, o Dylan já não mostrava interesse no Maurice, sobretudo, depois de o meu filho ter voltado a casar-se. Foi uma daquelas situações que simplesmente evoluem. Quando o Roy voltou a oferecer-se para adotar o menino, algo que tanto o Dylan como a nova esposa do Maurice desejavam, o Maurice aceitou.

— Como se sentiu? — perguntou Marge.

— Devastada. Era o meu primeiro neto. — Limpou uma lágrima do olho.

— O meu pequeno era carinhoso, divertido e muito inteligente. Pensei que estudaria medicina. Se houve sinais de aviso, eu não os vi. Não era cruel com os animais, não acendia fogos... Molhou a cama até aos seis anos, mas isso não é estranho nas crianças. Parecia-me um menino maravilhoso e brilhante.

— Continua a ser brilhante — indicou Marge. «Provavelmente, ia sair-se bem na prisão», pensou. «Se alguma vez o encontrarem.»

— Tem ideia de onde possa estar escondido?

Os olhos da médica voltaram a humedecer-se.

— A verdade é que não sei onde está. Como já vos disse, há anos que não falo com ele. Mas a outra verdade é que, mesmo que soubesse onde está, não sei se vos diria.

Marge olhou para a médica e decidiu que acreditava, que verdadeiramente não sabia onde Dylan estava. O que Marge sentia ia para além da pena. Olivia Garden estava a sofrer algo que ela não conseguia imaginar.

— Obrigado por falar connosco. — Oliver entregou-lhe o seu cartão. — Se lhe ligar... Já sabe o que tem de fazer.

— Eu sei.

Mas Marge e Oliver não esperavam voltar a saber dela. Marge poderia ter acrescentado qualquer coisa como agente da polícia, que era o seu dever comunicar se descobrisse alguma informação. Ao fim e ao cabo, Dylan causara a morte de um jovem com uma pistola que ele roubara da sua secretária. Mas de que teria servido a reiteração?

De modo que Marge não disse nada.

Uma coisa era atirar sal para a ferida. Outra coisa era ser cruel.

Capítulo 39

Gabe estacionara a dois quarteirões de distância da escola para raparigas daquela vizinhança de casas pequenas e jardins bem cuidados. Embora fossem oito da manhã, havia pessoas na rua: algumas mulheres idosas com gorro que arrastavam carrinhos de compras, mães jovens de nariz cor-de-rosa que empurravam carrinhos de bebé, adolescentes de cor a jogar basquetebol numa parcela de asfalto que, noutro tempo, devia ter sido um parque. Trouxera consigo uma pilha de livros e o seu *iPod* para se entreter enquanto esperava.

Todo aquele assunto poderia não dar em dada, porque não voltara a ter notícias de Ariella. Ela era a suposta mensageira entre Yasmine e ele, a razão por que estava preso no carro durante Deus sabe quanto tempo num dia frio e toldado de janeiro.

Não soubera nada de Yasmine nos últimos oito meses. Que ele soubesse, podia ter desaparecido da face da Terra. Não havia número de telefone, nem endereço de correio eletrónico para o qual enviar mensagens e o seu Facebook fora apagado. De maneira que Gabe usara o método tradicional para entrar em contacto com ela. Escrevera-lhe cartas, todas elas sem resposta. Ariella era o seu último recurso para tentar entrar em contacto com ela.

«Já não a vejo, Gabe», dissera-lhe ela. «Os seus pais mudaram-se e vive na cidade. Está noutra escola e perdemos o contacto.»

«Por favor, por favor, tenta, por mim», rogara ele. «Diz-lhe que estarei à frente da escola todo o dia.» Deu-lhe a morada do sítio onde estaria estacionado e a descrição e a matrícula do seu carro. A sua segunda posse mais apreciada depois do seu *Steinway*.

«Não sei se conseguirei localizá-la», dissera Ariella.

«Tenta. Diz-lhe que estarei lá. Se vier, vem. Se não... Bom, então, saberei.»

Passou a manhã inteira. A meio da tarde, começou a deprimir-se. Às quatro, quase decidiu sair do carro e ir procurá-la. Mas isso devastaria o seu

propósito.

«Se vier, vem. Se não... Bom, então, saberei.»

Às cinco da tarde, doía-lhe o estômago. Não comera nada, exceto uma maçã. Na verdade, não era para tanto. O jejum não era algo novo para ele. Perdera dez quilos nos últimos oito meses.

«Como está?», perguntara a Ariella.

«Já te disse que perdemos o contacto.» Uma pausa através do telefone. «Não muito bem.»

«Já somos dois», pensou ele.

Já quase escurecera. Sentia que um poço sem fundo de tristeza se abria no seu peito. Esperaria mais meia hora. Nessa altura... Bom, então, já saberia com certeza.

Recostou-se no banco do seu *Bimmer*, ouvindo Brahms através do *iPod*, e fechou os olhos. Parecia que tinham passado apenas uns minutos, mas devia ter adormecido porque as pancadinhas o acordaram. Viu-a através da janela e o coração acelerou. Abriu a porta, ela sentou-se no banco do passageiro e fechou a porta.

— Só tenho dez minutos. — Não olhou para ele quando falou, tinha o olhar fixo no seu colo. Tinha o cabelo apanhado numa trança e deixava o maxilar marcado a descoberto. Estava extremamente magra, apesar de usar uma camisola larga e a saia comprida aos quadrados do uniforme.

— Obrigado por vires. — Não houve resposta. — Como estás?

Ela encolheu os ombros.

— Como estão as aulas?

— Bem. — Voltou a encolher os ombros. — Não são más. Não há rapazes.

— Não gostas de rapazes?

— Odeio os rapazes.

Gabe esfregou os olhos por baixo dos óculos e pôs o cabelo atrás das orelhas. Deixara-o crescer até lhe tocar nos ombros. Transformara-se na sua identidade nas aulas.

— Espero que não odeies todos os rapazes. Espero que não odeies este rapaz. Porque este rapaz continua a amar-te muito.

Não houve resposta. Nem sequer uma lágrima.

Gabe suspirou.

— Yasmine, olha para mim e diz-me que acabou. Diz-me. Diz-me, «Gabe, acabou». Se acabou, acabou. Ficarei devastado, mas, pelo menos, poderei

tentar seguir em frente. — Fez uma pausa. — Qualquer coisa é melhor do que estar no limbo.

Olhou para a cara dele.

— Pareces um fantasma.

Ele cerrou os punhos e, depois, cruzou os braços.

— Muito obrigado, Yasmine, eu também me alegro por te ver.

Silêncio.

— Não sei porque disse isso — sussurrou ela. — Lamento.

Ele não respondeu.

Yasmine engoliu em seco antes de falar.

— Alegro-me por te ver.

— Sim, pareço um fantasma.

— Não, não é verdade.

— É, sim. A minha alcunha na escola é Espectro. Meço um metro e oitenta e cinco e peso cinquenta e oito quilos. Chamar-me saco de ossos seria um elogio.

— Estás fantástico.

— Estou horrível. É o que acontece quando passo seis horas por dia fechado numa sala de ensaio depois de um dia inteiro de aulas. Em vez do sol da Califórnia, em Nova Iorque, temos chuva e neve. Portanto, acabo branco, com borbulhas na testa e olheiras. E isso é nos dias melhores.

— Gabe, por favor. Lamento muito.

— Não tens de te desculpar. É verdade. Devias ver-me nas aulas, a levitar pelo corredor com o cabelo gorduroso, o olhar intenso... como um fantasma drogado. Acho que os meus colegas esperam que comece a ter visões no fim do ano.

— Por favor, para. — Os olhos de Yasmine humedeceram. — Lamento, a sério.

— Acho que me veem como um Glenn Gould moderno. Não sou tão bom como o Glenn Gould, claro. Mas os meus colegas de piano acham que sou bom; um pouco estranho, mas tenho talento para o compensar. E, de facto, não é mau. O facto de, na Juilliard, considerarem que tenho talento é muito mais difícil do que pensava que seria.

Olhou para ele e, depois, voltou a olhar para o colo.

— Tenho a certeza de que és o melhor.

— É como se... — Gabe descruzou os braços e voltou a cruzá-los. —

Sempre me disseram que era um génio, que era o melhor. E, depois, quando fiz cinco anos e comecei a competir, percebi que era realmente o melhor. E, depois, fiz dez e continuei a ser o melhor, mas há outros que não estão muito atrás de mim. E, quando fiz os dezasseis, os outros adversários medíocres ficaram para trás, os que eram bons, mas não o suficiente, os que eram suficientemente bons, mas tocavam porque os pais insistiam. Ninguém pode obrigar-nos. Temos de o desejar.

Ela assentiu sem parar de olhar para o colo.

— E, então, chega a Juilliard — disse Gabe. — E, de repente, percebo que os meus colegas também o desejam. Portanto, tenho de o desejar mais. E é por isso que pratico seis horas por dia... O que não é mau, a sério, porque quero certificar-me de fico sem forças. Desse modo, quando caio na cama à noite, adormeço imediatamente e não tenho tempo para pensar.

Yasmine recusava-se a olhar para ele.

— Não é demasiado bom pensar, sabes?

Ela não disse nada. Olhou para o relógio, o seu *Movado* de ouro, e Gabe apercebeu-se.

— Se tiveres de ir, Yasmine, então, vai. Não quero que te metas numa confusão. E, certamente, não quero que estejas aqui se não desejares estar.

Mas não se foi embora. Em vez disso, falou. A sua voz era monótona.

— Quando foste para o Nevada, a minha mãe e eu falámos muito. Disse-me que eras um rapaz admirável, que eras bonito, inteligente e com talento. Provavelmente, chegarias muito longe. E que entendia que me tivesse apaixonado por ti. E também disse que entendia porque gostavas de mim. Porque, quando eu cheguei, tu estavas muito sozinho. E era bonita e simpática e sentia paixão pela música, como tu. Portanto, entendia o que tinha acontecido.

Finalmente, uma lágrima brotou dos seus olhos.

— Mas, então, disse-me que agora estás na universidade. E que não estás tão sozinho. E que estás a conhecer outras pessoas que são como tu... Que gostam da música como tu. E, como és tão bonito, tão inteligente e tens tanto talento, vais gostar de muitas raparigas. E elas gostarão de ti. E não é culpa tua. És um adolescente. E que é isso que os adolescentes fazem. Gostam das raparigas.

Limpou os olhos.

— Também me disse que os adolescentes são demasiado jovens para amar

as raparigas. Que acham que as amam, mas que o que realmente querem é ter sexo com as raparigas. E não é culpa tua se tiveres sexo com raparigas. Porque é isso que os adolescentes fazem. Têm sexo com raparigas. E, quando eu lhe disse que não, que tu me amavas a sério, ela disse que, se me amasses, terias entrado em contacto comigo. E disse-me para te esquecer, para me livrar de tudo o que me fizesse pensar em ti. E, para me ajudar, tirou-me o telemóvel. Portanto, já não tinha as nossas mensagens nem todas as fotografias que te tirei com o meu telemóvel. E também me tirou o computador e apagou todas as minhas mensagens, para que não tivesse as mensagens que trocámos. E, depois, cancelou a minha conta do Facebook para que nem sequer pudesse ligar-me e ver as tuas fotografias e as tuas atualizações. Não devia restar nada pessoal entre nós. Ela queria que tudo o que me fizesse pensar em ti desaparecesse... Que fosse destruído.

Voltou a chorar.

— Mas continuava a ter o meu relógio, o meu lindo relógio de prata com o mostrador azul de que tanto gostava. Portanto, todas as noites, agarrava nele e chorava até adormecer, a pensar em como te amava. Mas, um dia, quando estava fora, ela entrou no meu quarto e levou-o. Portanto, agora, não tenho nada.

Os seus choros tornaram-se audíveis.

— Portanto, agora, quando choro até adormecer, não só o meu coração está vazio, como também as minhas mãos. Não resta nada a que me agarrar. E a única coisa em que penso antes de dormir é em ti... a ter sexo... com outras raparigas.

Yasmine tapou a cara com as mãos e soluçou.

Gabe esticou o braço e afastou-lhe os dedos da cara.

— Olha para mim.

Ela não queria.

— Yasmine, não vou para a cama com outras raparigas... nem com outros rapazes, já que estamos a falar disso. — A sua brincadeira pareceu deslocada.

— De manhã, custa-me a levantar-me da cama.

— Estás a mentir! — gritou ela.

— Não estou a mentir! — Tentou fazer com que olhasse para ele, mas ela recusava-se. — Nunca te menti, nunca. Retira-o! — Nada. — Falo a sério. Retira-o.

Ela continuou a soluçar.

— Não sou um imberbe — declarou Gabe. — O assunto foi muito traumático. Continuo a ter pesadelos terríveis. E, a julgar pelo que acabaste de dizer, parece que te acontece o mesmo.

Yasmine continuava a chorar.

— É... horrível! — Esfregou os olhos. — E retiro... As mentiras.

Gabe sorriu e abanou a cabeça.

— Estás a falar com alguém que possa ajudar-te?

— Tentei durante um tempo. — Limpou os olhos e assoou o nariz com a camisola. — Mas parei. Não gostava.

— Meu Deus, eu não conseguiria viver sem o meu terapeuta — replicou Gabe. — Tu és mais forte do que eu.

— Não me deram um tiro.

— Não me raptaram.

Silêncio.

— Yasmine, não quero que estejas zangada com a tua mãe, está bem? Só te digo isto para que saibas a verdade. Escrevi-te pelo menos seis cartas. De facto, escrevi-te cinquenta, mas rasguei-as quase todas. A tua mãe deve tê-las tirado do correio antes de as veres.

Ela continuava sem olhar para ele, mas, de repente, ficou furiosa.

— Não te zangues com ela — insistiu Gabe. — Só está a ser uma mãe. Sei que não podes perguntar-lhe porque, então, terás de lhe explicar que estiveste comigo. Mas juro-te que é a verdade. A última vez que te vi foi depois da operação e estava meio drogado. Nem sequer me lembro do que falámos, só que disse algumas coisas lascivas que fizeram com que corasses.

Ela não disse nada, mas, pelo menos, já não chorava.

— Sentia-me muito mal. — Encolheu os ombros. — Lamento ter-te envergonhado.

— Acho que aquele foi o pior dia da minha vida. — Yasmine olhou para ele. Era um começo. — Nunca tens medo?

— Referes-te aos nervos? Sempre.

— Não. Refiro-me ao medo... Se tens medo. Medo de que ele volte.

— Referes-te ao Dylan?

Ela tremeu só de ouvir aquele nome.

— Sim. Não tens medo?

— Não, não tenho medo. Irrita-me, mas não tenho medo. — Fez uma pausa para tentar organizar os seus pensamentos. — Vivi com o meu pai

durante quatro meses antes de me mudar para Nova Iorque. De facto, foram três meses, porque, em julho, estive de viagem. A questão é que o meu pai é um verdadeiro louco. Mantive-me afastado do seu caminho e correu tudo bem. — Mordeu o lábio. — O meu pai fez três coisas importantes por mim enquanto vivi com ele. Comprou-me um piano, comprou-me um carro quando tirei a carta e disse-me que me protegeria. Preocupo-me com muitas coisas, mas o Dylan Lashay não é uma delas. O meu pai está atento, Yasmine. Garanto-te que sabe exatamente onde o Lashay está a cada momento.

— Disse-te?

— Não é preciso. Conheço o meu pai. Não te preocupes com o Dylan Lashay. Prometo-te que não voltará a incomodar-nos.

— Então, se não te preocupas com o Dylan, porque tens pesadelos?

— O meu pesadelo não é sobre ser magoado, mas sobre não conseguir encontrar-te até ser demasiado tarde. — Olhou para ela, mas ela olhava para outro lado. — Sobre o que são os teus pesadelos?

— Sobre não me encontrares até ser demasiado tarde.

— Parece que, de noite, ocupamos a mesma mente — indicou ele.

Ela sorriu ligeiramente, mas continuou sem levantar o olhar.

— Às vezes, é tão vívido — continuou Gabe —, que acordo com suores frios. O alívio que sinto quando percebo que é um sonho é avassalador. Meu Deus, que desastre!

Finalmente, Yasmine reuniu a coragem necessária para olhar para ele.

— Bom — começou a dizer, em voz baixa —, és o desastre mais bonito que alguma vez vi.

— Obrigado por dizeres isso. — Gabe sentiu que a garganta se fechava. — Sabes, Yasmine? Nem sempre serás assim tão jovem. — Engoliu em seco. — Se me prometeres que, quando fizeres dezoito anos, irás procurar-me a Nova Iorque e poderemos estar juntos e ter uma oportunidade, então, juro que esperarei. E sabes uma coisa? Nem sequer será difícil. Tal como o Jacob trabalhou pela Raquel, os anos parecerão dias porque a recompensa será perfeita.

Acariciou a face de Yasmine.

— Promete-me que irás. Não quero continuar assim. Ambos estamos numa situação má agora. Façamo-lo juntos.

Yasmine demorou um instante a falar.

— Prometo-te, Gabriel — prometeu, finalmente. — Quando fizer dezoito anos, irei para Nova Iorque para estar contigo.

— Juras?

— Juro. — Passou-lhe os dedos pelo cabelo. — E vais esperar por mim?

— Juro-te que vou esperar. — Gabe agarrou-lhe a mão e cobriu-a de beijos. — Continuo a amar-te loucamente. Quanto mais afastado estou de ti, mais me apercebo.

— Eu também te amo — declarou ela, com um sorriso amargo.

Gabe respirou fundo, aliviado.

— De todas as formas, é bom ter aulas em Nova Iorque. Há imensas universidades.

— Os meus pais nunca pagarão para ir para a universidade em Nova Iorque.

— Arranja a bolsa que conseguires que eu pagarei o resto. Tenho dinheiro.

— Não aceitarei o teu dinheiro.

— Porque não nos preocupamos com isso dentro de três anos?

Yasmine pensou nisso por um instante.

— Talvez pagassem para me mandar para a Barnard. É uma escola de raparigas.

— A Barnard seria fantástica. — Gabe olhou para ela. — Sabias que têm um programa de música com a Juilliard e a Escola de Música de Manhattan? Poderias estudar canto. — Fez uma pausa. — Ainda cantas?

Ela abanou a cabeça.

— Isso é um crime. Tens de ir, Yasmine. A Hannah está na Barnard. Adora.

— Vês a Hannah?

— Sim, vejo-a mais ou menos uma vez por mês. Tenta dar-me de comer. Se fores para lá, ela pode mostrar-te tudo.

Yasmine assentiu e, depois, suspirou com tristeza.

— Os meus pais vão repudiar-me.

— Não, não vão.

— Vão, sim.

Gabe voltou a beijar-lhe a mão.

— Yasmine, quando chegar o momento, tem um pouco de fé. — Olhou para a cara dele. — Dá-me a oportunidade de os conquistar. Posso transformar-me. Sei um pouco de hebreu, mas posso aprender até falar com

fluidez. Posso aprender persa. Posso comer *kebab* e arroz persa com tomate assado. Posso chegar atrasado e celebrar festas ridículas em que não se começa a comer até às onze da noite.

Yasmine riu-se, apesar das lágrimas.

— Eu nunca te pediria para te converteres.

— Porquê? — perguntou Gabe. — Devias pedir-mo, porque é importante para ti. As pessoas não param de se reinventar. Ou seja, não posso mudar a cor da minha pele e não renunciaria à música por ninguém, mas tudo o resto na minha vida é negociável.

— Serias capaz de te converter por mim? — perguntou ela, tímida.

— Claro. O meu programa está cheio de asiáticos, russos e judeus. Seria bom juntar-me a um grupo. — Olhava para a cara dela. — Mais do que isso, adoraria fazer parte de um Deus e de uma cultura que tiveram como fruto uma rapariga tão maravilhosa como tu.

Ela começou a chorar sem conseguir controlá-lo, com soluços profundos que saíam do seu peito. Gabe deitou o banco para trás e abriu a porta do condutor.

— Anda cá, louca.

Yasmine saiu do carro, fechou a porta do passageiro, deu a volta ao veículo e caiu no seu colo para chorar sobre o seu ombro ossudo. Gabe fechou a porta e rodeou-a com os braços. Pela primeira vez em quase um ano, pôde respirar sem sentir uma dor física e psicológica.

— Amo-te, Yasmine.

— Eu amo-te imenso — declarou ela, com suavidade.

Ele tocou-lhe nos lábios com os seus e ela retribuiu o beijo com outro húmido. A sua reação foi imediata. «Aleluia», pensou. «Sim, continuo vivo.»

Ela riu-se ao sentir a ereção.

— Como podes ver, nada mudou — declarou ele.

Yasmine voltou a rir-se.

— Parabéns pelas tuas críticas magníficas de verão. — Gabe ficou perturbado. Deu-lhe um beijo na face. — Procurava o teu nome no Google na biblioteca.

— Está bem. — Ele também a beijou. — Não eram umas críticas assim tão boas...

— A mulher do jornal do Oklahoma disse que eras um pianista excitante e vibrante.

— Essa foi a exceção. Um deles disse que prometia muito, outro disse que era prometedor e, outro, que era adequado. Bom, mas não estelar. Demora o seu tempo. O mais importante é que te interessasses por mim. Isso vale mais do que mil críticas fantásticas.

— Nunca deixei de te desejar algo bom, Gabriel — indicou Yasmine. — Nunca, jamais.

— Meu Deus, sentia a tua falta! E lamento muito que a tua mãe te tenha tirado o relógio. Parece que terei de começar outra vez. — Carregou no botão do porta-luvas e tirou uma caixa embrulhada. — Feliz aniversário atrasado. Enviei-te um cartão, mas é evidente que não o recebeste.

Ela olhou para ele com um sorriso amplo e abriu o presente. Lá dentro, havia uma pulseira de ouro branco com diamantes. Levou-a ao coração.

— Adoro!

— A sério?

— Sim, é o presente mais perfeito do mundo. É linda! — Apoiou a cabeça no seu peito. — Mas, a sério, ficaria contente apenas com a caixa. Alguma coisa tua a que possa agarrar-me de noite.

— Muito bem. Então, devolvo a pulseira e ficas com a caixa — brincou ele.

Nesse momento, o telemóvel de Yasmine vibrou.

— É o meu carro partilhado...

— Tens telemóvel?

— A minha mãe ofereceu-me um na Chanucá, mas continua sem confiar em mim. Revê diariamente as minhas mensagens e chamadas. Sabe qual é o teu número, portanto, não podes ligar-me.

— Bom, dá-me o teu número na mesma. — Ela deu-lho. — Embora não possa ligar-te, é agradável voltar a ter-te na minha lista de contactos. E sempre posso mudar de número de telemóvel. Até posso conseguir um código de área 310 e, assim, fingiremos que sou uma das tuas amigas da escola.

Yasmine não disse que sim, mas também não disse que não.

— Será melhor ir-me embora antes de enviarem a patrulha de busca.

— Escureceu.

— Então, acompanha-me até à esquina — pediu ela.

Ambos saíram do carro de braço dado.

— Ouve, não disseste nada sobre o meu carro elegante.

— Um *Cabriolet* VW cinzento prateado com interior de couro preto, quadro de comandos de grafite de carbono. Muito bonito. Aprovo.

— Não te escapa uma — replicou Gabe, com um sorriso.

— Desde que tu não me escapes. — Abraçou-o com força. — E tu não disseste nada sobre o que eu tenho.

— O que tens? — perguntou ele, perplexo.

Yasmine levou-lhe a mão ao peito, por cima da camisola.

— Tenho peito!

Gabe riu-se com tanta força que lhe tremeram os joelhos.

— Teremos de as explorar com atenção algum dia. — Andaram um quarteirão até chegarem à frente da escola. Quando o semáforo ficou verde, ela ficou parada. Gabe deu-lhe um beijo na face. — Vai-te embora. Não espero saber de ti de maneira regular. Mas, se conseguires escrever-me de vez em quando, assim poderei aguentar muito tempo.

— Prometo-te que o farei. Amo-te, Gabriel. Tens o meu coração.

— Eu também te amo, Yasmine, para sempre. — Voltou a beijá-la. — Vai-te embora.

Enquanto atravessava a passadeira, Yasmine gritou por cima do ombro:

— Vai para casa e come um bife!

Quando chegou ao outro lado, despediu-se com a mão e afastou-se aos saltos, rindo-se e dançando até desaparecer.

Era a sua própria valsa vienense.

Capítulo 40

A estrada de asfalto era apenas uma via de duas faixas cheia de buracos e de areia que atravessava o deserto. As estradas nos subúrbios eram uma merda, pensava Dylan, quase todas estavam cheias de buracos e pedras que estragavam os carros e os pneus. Mesmo nas grandes cidades, as infraestruturas eram más. Embora não passasse muito tempo nas cidades. Já não era perigoso, mas Dylan perdera o gosto pelos engarrafamentos. O lugar onde vivia era bastante isolado, tal como a estrada que percorria. Estava quase vazia, à exceção de algum carro que passava de vez em quando.

Demorara algum tempo, mas pensava que estava bem, estava a ajustar-se, na medida do possível. O tempo avançava muito devagar. Ao princípio, estava tão aborrecido que achava que morria. Mas depois, com metanfetaminas suficientes nas veias e prostitutas suficientes para o satisfazer, bom, habituara-se.

Era primavera, o que significava vento, pó e um aumento das temperaturas. Havia duas estações lá em baixo: a do calor e a do calor asfixiante. Naquele dia, estava suficiente fresco para conduzir com as janelas abertas. O carro tinha ar condicionado que funcionava tão bem como tudo o resto; quer dizer, não funcionava. Pelo menos, era melhor do que a porcaria que tivera assim que chegara lá. O seu veículo atual ainda fazia barulho e vibrava, mas avançava um pouco mais depressa. E tinha rádio.

Dylan planeava ficar lá todo o ano, a fumar, a ter sexo e a passar o tempo. Depois, o seu espanhol já seria fluído e iria para o sul, outra vez para as grandes cidades: talvez Buenos Aires ou até para o Rio de Janeiro, embora não falasse muito português. Mas e então? Com o seu novo nome e o seu novo passaporte, sabia que não lhe custaria começar de novo.

Mas teria de voltar a ficar em forma: perder os vinte e cinco quilos que engordara com tanto amido. No fim, iria para a universidade e faria o que poderia ter feito nos Estados Unidos se aqueles malditos idiotas não tivessem levado a sua avante.

O seu carro novo, o seu plano de tirar um ano sabático para percorrer o

mundo, o seu curso em Yale. Tudo desaparecera por causa de alguns idiotas. Da próxima vez, não confiaria em ninguém. Da próxima vez, seria muito mais inteligente: dispararia primeiro e perguntaria depois. Mesmo assim, um interlúdio de drogas e prostitutas não era assim tão terrível.

Ao princípio, só pensava na vingança, em voltar aos Estados Unidos e liquidá-los a todos. As fantasias adquiriram um prazer sexual. Cada vez que uma rameira punha os lábios no seu sexo, pensava na pistola a disparar e a rebentar caras. Para o sentir realmente, pensava na cara de Gregory Hesse a rebentar, porque isso fora real. Depois, começara a extrapolar. Primeiro, era Cameron que morria, depois Kyle e, depois, os outros. Pensava constantemente em violar a rapariga persa e, depois, dar-lhe um tiro na cara.

Mas, depois, passado algum tempo, a fantasia desapareceu e descobriu que, na verdade, não se importava com nenhum deles... Exceto, talvez, Gabe. Por alguma estranha razão, ainda gostava dele.

Era um bom homem.

Era bonito.

Bom. Era a altura de esquecer o passado e pensar no futuro.

O momento de não pensar em nada, porque havia sempre o amanhã.

Deu um salto ao ouvir a explosão e tirou a pistola. Naquelas estradas, havia sempre bandidos e traficantes de drogas. Tinha de ter cuidado. Mas, então, o carro começou a vibrar e soube o que acontecera.

Merda!

Parou na berma, saiu e começou a praguejar imediatamente. Protegeu os olhos do sol com a mão para observar a estrada. Não havia nenhum carro à vista.

Olhou para cima. Um céu sem nuvens e um sol abrasador. Olhou para o horizonte; argila vermelha, areia e mais nada. Tinha outro pneu no porta-bagagem, mas a sua habilidade para mudar pneus não era boa. Em qualquer caso, ou esperava que alguém passasse ou era autossuficiente.

Tentaria ser autossuficiente primeiro. Se isso não funcionasse, esperaria. Viajava sempre com comida, água e uma pistola. Ali, era algo obrigatório.

Abriu o porta-bagagens, rebuscou e tirou o pneu e a caixa de ferramentas. Depois, baixou-se para examinar o dano. A jante do pneu da frente direito quase tocava no chão. Semicerrou os olhos e observou as ferramentas. O macaco, a alavanca e as porcas. Estava a estudar a situação com tal intensidade que nem sequer ouviu a mota a aproximar-se até a ter quase em

cima dele.

Dylan levantou o olhar quando o homem tirava o pé de cabra. Usava um capacete completo com óculos, casaco de couro e luvas pretas.

— Precisa de ajuda?

A voz era profunda.

— Sim, homem. Muito obrigado. — O homem baixou-se e observou o pneumático, mas não disse nada.

— Acho que foi um furo.

— Parece que sim. Não é para tanto. — O homem desviou o olhar do pneu furado e reparou nas costas do rapaz, concretamente num espaço de cinco centímetros de pele a descoberto entre a cintura dos calções e a bainha da *t-shirt*; um bom pedaço de pele torrada na região lombar.

O lugar perfeito.

A operação durou uns trinta segundos.

O homem cravou uma faca nas costas de Dylan, entre as vértebras do rapaz, cortou os tendões e chegou até ao osso. Vários movimentos de um lado para o outro e, numa questão de segundos, cortou a medula espinal. Cortar nervos, sobretudo a medula, não era fácil: a raiz era grossa, forte e fibrosa. Era preciso força para a partir ao meio. O rapaz teve sorte por o homem ser forte e hábil para a cortar rápida e limpamente. Aconteceu antes de Dylan se aperceber do que se passava. Com os olhos esbugalhados e a boca aberta, caiu ao chão e emitiu uma espécie de gemido gutural.

Se os paramédicos não demorassem a chegar, o rapaz teria uma oportunidade de viver. Mas as suas pernas seriam apêndices inúteis, uma lembrança do que perdera.

Mas o mais importante era que o seu sexo ficaria imprestável.

A lesão era suficientemente para cima para Dylan perder a sensibilidade e a função motora da metade inferior do seu corpo. E era o que Donatti queria.

Sem dizer nada, tirou-lhe a carteira e esvaziou-a. Naquela parte do país, o roubo era sempre o motivo principal de um crime.

Deixou o rapaz deitado no chão, sentou-se na mota e afastou-se para o seu destino, não muito longe dali. Percorridos alguns quilómetros em direção a sul, mudou abruptamente de direção até chegar a pleno deserto. Teria conseguido encontrar o lugar sem ajuda, mas, com o GPS, foi muito mais simples.

O *Cessna* de dois motores estava à espera.

Saiu da mota e apressou-se a tirar-lhe os pneus e o guiador. Depois, tirou o casaco, as luvas e o capacete. Guardou tudo no compartimento da bagagem da avioneta.

Quinze minutos mais tarde, estava no ar.

A avioneta voava baixo, mas evitava facilmente os radares enquanto seguia uma rota cuidadosamente planeada. Fizera dois percursos de teste e sentia-se seguro. Quando aterrou na pista privada três horas mais tarde, finalmente, respirou findo. A aterragem não foi fácil — era uma franja de relva entre os penhascos da serra — e foi a parte mais difícil de todo o procedimento. Comprara cem hectares de bosque há cinco anos, especialmente porque incluíam aquela extensão plana para deixar a avioneta. Para os negócios, Donatti viajava em primeira classe com linhas aéreas comerciais ou num jato. A avioneta era apenas para o seu proveito pessoal ou para os seus assuntos secretos.

E, certamente, aquele era um assunto secreto.

Tirou a mota do compartimento, voltou a montá-la e verificou as horas.

Faltavam duas horas para a reunião.

Não havia pressa.

Vestiu o casaco, calçou as luvas e pôs o capacete. Sentou-se na mota e conduziu até chegar à autoestrada principal. Talia, a fiel secretária e amante, encontrou-se com ele no lugar combinado meia hora mais tarde. Entregou-lhe as chaves do seu *Aston Martin*.

— Tens a certeza de que consegues conduzir a mota? — perguntou Donatti.

— Não há problema, Chris.

— És um encanto. — Deu-lhe um saco de tecido. — Põe a faca lá dentro, lava-a e ensopa-a em ácido. Depois, examina-a com o luminol. Nada pode brilhar. Certifica-te de que lavas tudo bem durante dez minutos. E fá-lo várias vezes. Depois, tritura o que restar do metal e espalha os restos pelo bosque nacional. — Tirou o casaco, o capacete e as luvas. — Destrói toda a minha roupa e a mala. Totalmente. Ensopa o capacete com a solução que te dei e usa o luminol. Depois, se não houver vestígios, guarda-o no meu armário.

Talia pôs a roupa toda no saco. Depois, abriu o porta-bagagens do *Aston Martin* enquanto Donatti se despia. Ela tirou o fato, a *t-shirt* preta, os mocassins de camurça e roupa interior limpa.

— Tens a certeza de que queres ficar com o capacete?

— Vivemos muitas coisas juntos. Se não brilhar, quero ficar com ele. Mas, se brilhar, livra-te dele.

— O que faço com a mota? — perguntou Talia.

— Podes dá-la ao Mason. Ele cuidará dela. Encarregaste-te do meu telemóvel?

— Ficou destruído pela água, portanto, ninguém pôde localizar-te esta manhã. Comprei-te um *iPhone* novo e tens um número novo. — Entregou-lhe o telemóvel. — Aqui tens.

— Obrigado. — Vestiu-se e guardou o dispositivo no bolso do casaco. — Repete-me para onde vou.

— O que farias sem mim? — queixou-se ela. — Para o edifício Barker.

— Isso. E sobre o que é a reunião?

— É uma reunião com o teu corretor da Bolsa de Utrich, SL. — Entregou-lhe uma pasta e deu-lhe um beijo na face. — Toda a informação relevante está aí dentro.

— Linda menina...

— Chris, fiz o que me disseste e liguei para denunciar o acidente de uma fonte remota.

— Levaram-no para o hospital a tempo?

— Estava vivo quando o encontraram. A última coisa que soube foi que estava em estado crítico.

— Esperemos que recupere depressa. — Donatti deu-lhe um beijo na face. — Com sorte, viverá o suficiente para se aperceber da massa patética em que se transformou e suicidar-se-á.

Donatti sentou-se ao volante, abriu a capota e afastou-se a toda a velocidade até chegar à autoestrada. Pôs *heavy metal* no rádio e sentiu os batimentos tranquilos do seu coração. Mesmo horas mais tarde, continuava a sentir a terra na boca. Não importava que se protegesse, a areia arranjava sempre forma de entrar. Talia deixara-lhe uma garrafa de água no banco do passageiro. Alcançou-a e bebeu-a. Uma vez hidratado, enquanto percorria a autoestrada e com vinte e dois graus de temperatura... sentiu que a vida estava bem.

Ninguém se metia com o seu filho sem haver consequências.

Essa era a explicação dissimulada.

A verdade era que passara muito tempo sem fazer nenhum trabalho e queria saber se continuava a ter manha. Ainda tinha de se encarregar de

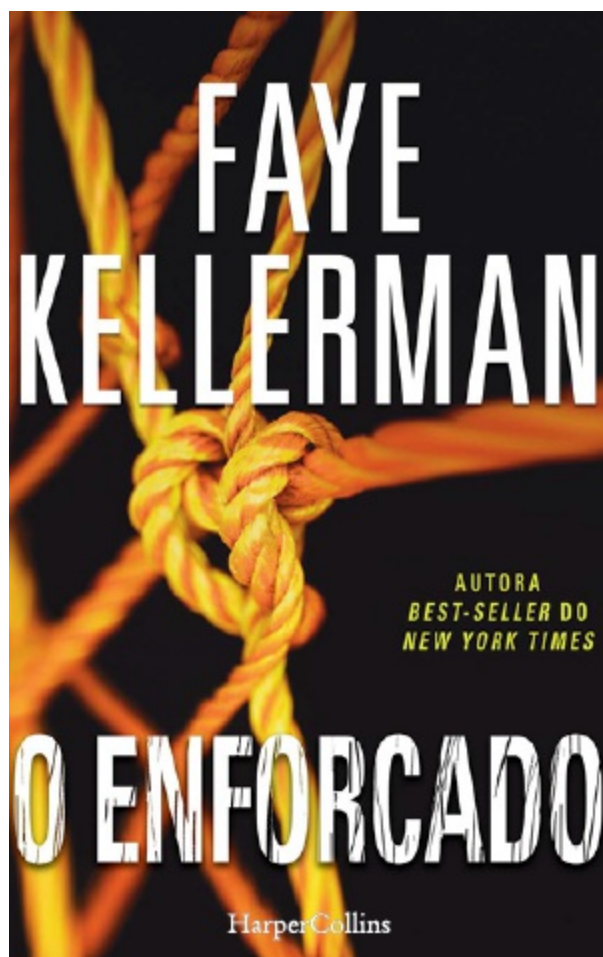
alguns detalhes — fazer os pagamentos, tratar do velocímetro da avioneta —, mas, depois da reunião, teria tempo para isso.

Foi riscando pontos da sua lista mental. Já fizera quase tudo.

Sorriu sem conseguir evitá-lo.

Continuava a ser um profissional.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.



www.harpercollinsiberica.com